

Dornelles Vissotto Junior (Org.)
Fábio Alexandre Marcelino Navarro
Kauana Yrina Avila Barbosa Vissotto



*EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS: Uma
abordagem participativa*

PROEC/UFPR
1ª Edição

Dornelles Vissotto Junior (Org.)



*EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS: Uma
abordagem participativa*



PROEC/UFPR



© 2017 Dornelles Vissotto Junior (Org.) & PROEC/UFPR
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte.

Dornelles Vissotto Júnior (Autor Organizador)
Fábio Alexandre Marcelino Navarro (Autor)
Kauana Yrina Ávila Barbosa (Autora)
Camila Izis Ávila Barbosa Paul (Autora Colaboradora)
Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello (Autora Colaboradora)

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Ciências Florestais e da Madeira - UFPR

Educação financeira nas escolas municipais : uma abordagem
participativa

/Dornelles Vissotto Junior (Org.). - Curitiba, c2017.

375 p., il. color., grafs.

Inclui bibliografias.

ISBN 978-85-88924-25-3.

1. Educação financeira. 2. Ensino fundamental. 3. Prática de
ensino. 4. Finanças. I. Vissotto Junior, Dornelles. II. Título.

CDD: 658.15

Bibliotecária: Berenice Rodrigues Ferreira – CRB 9/1160

Parceria



Apoio



Realização



Projeto de incentivo à pesquisa para os professores da RME



COORDENAÇÃO DE POLÍTICAS DE | FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Agradecimentos

Este trabalho é fruto da ação dos professores da rede municipal de educação da Prefeitura de Curitiba envolvidos e da equipe de professores formadores, tutores e coordenador do projeto na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Porém, ele não seria real se não fosse a parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura Municipal de Curitiba com a UFPR através da Coordenação de Políticas de Formação de Professores (COPEFOR), pertencente a Pró-reitoria de Graduação e Educação Profissional (PROGRAD), com a realização do Projeto EduPesquisa, e a ação da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) com a realização do Curso de Extensão as quais agradeço incondicionalmente.

Lista de ilustrações

Figura 1.1 – Resultado de brinquedos danificados.	37
Figura 1.2 – Percepção da importância da Educação Financeira infantil pelas famílias	38
Figura 1.3 – Gasto médio da família com aquisição de brinquedo	39
Figura 1.4 – Incentivo da família a preservação do brinquedo	39
Figura 1.5 – Preocupação financeira da família para adquirir um brinquedo	40
Figura 1.6 – Percepção da família com relação ao incentivo de consumo pela mídia	40
Figura 1.7 – Destinação que as famílias dão aos brinquedos sem uso	41
Figura 1.8 – Qual a importância que a família dá para a preservação do brinquedo no ambiente escolar	41
Figura 1.9 – Como a família percebe que a Educação Financeira na escola influenciará as finanças do filho no futuro	42
Figura 1.10 – O diálogo das famílias com os filhos sobre as condições financeira para aquisição de brinquedo	43
Figura 1.11 – Percepção ecológica da família para adquirir um brinquedo.	43
Figura 2.1 – Controle dos gastos da população brasileira	52
Figura 2.2 – Mudanças no hábito financeiro	53
Figura 3.1 – Resultado da aprendizagem de educação financeira.	67
Figura 3.2 – Divisão aproximada dos gastos do setor público.	68
Figura 3.3 – Principais mudanças nos hábitos financeiros dos alunos do projeto.	68
Figura 3.4 – Principais mudanças nos hábitos de consumo consciente dos alunos do projeto.	69
Figura 5.1 – Tabela de orçamento familiar do BPC.	104
Figura 6.1 – Tempo de atuação como educador na rede municipal.	118

Figura 6.2 – Nível de formação.	119
Figura 6.3 – Investimentos realizados na formação.	119
Figura 6.4 – Periodicidade com que frequentam atividades culturais.	120
Figura 6.5 – Atividades de complementação de renda.	121
Figura 6.6 – Capacidade de manutenção das contas regularmente em dia.	122
Figura 6.7 – Capacidade de acompanhamento mensal do orçamento familiar.	122
Figura 6.8 – Auto avaliação da vida financeira.	123
Figura 7.1 – Progressão do Salário Básico dos Profissionais de Educação da Prefeitura de Curitiba entre 2008 e 2015.	135
Figura 8.1 – Comprometimento da renda mensal.	150
Figura 8.2 – Planejamento do consumo.	151
Figura 8.3 – Reservas para imprevistos.	152
Figura 8.4 – Investimento em previdência.	152
Figura 8.5 – Controle de gastos mensais.	153
Figura 9.1 – Comprometimento da renda mensal com empréstimo consignável.	163
Figura 9.2 – Uso do crédito do empréstimo consignável.	164
Figura 10.1 – Faixa etária dos docentes.	182
Figura 10.2 – Estado civil dos docentes.	182
Figura 10.3 – Número de habitantes nas residências dos docentes.	183
Figura 10.4 – Nível de escolaridade dos docentes.	183
Figura 10.5 – Renda salarial individual dos docentes.	184
Figura 10.6 – Renda salarial familiar dos docentes.	184
Figura 10.7 – Motivação de consumo dos docentes.	184
Figura 10.8 – Comprometimento da renda dos docentes com dívidas parceladas.	185
Figura 10.9 – Pontualidade dos docentes no pagamento das dívidas parceladas.	186
Figura 10.10 – Realização do controle orçamentário pelos docentes.	186
Figura 11.1 – Proposta de temas transversais em educação financeira.	206
Figura 14.1 – Avaliação pelos professores da importância de se ter educação financeira na escola para os estudantes.	254
Figura 14.2 – Avaliação pelos pais da importância de se ter educação financeira na escola para os seus filhos.	255
Figura 14.3 – Avaliação pelos estudantes da importância de se ter educação financeira na escola.	256
Figura 15.1 – Avaliação pelos professores da importância de se ter educação financeira na escola para os estudantes.	268
Figura 17.1 – Controle de gastos dos funcionários CMEI Vila Leão.	299

Figura 17.2 – Poupança financeira dos funcionários CMEI Vila Leão. . .	300
Figura 17.3 – Consciência financeira dos funcionários CMEI Vila Leão. . .	301
Figura 17.4 – Restrição financeira para lazer dos funcionários CMEI Vila Leão.	302
Figura 18.1 – Segurança para tomar decisões financeiras.	311
Figura 18.2 – Planejamento de consumo.	311
Figura 18.3 – Comprometimento da renda mensal com dívidas.	312
Figura 18.4 – Dificuldades no trabalho por causa das dívidas.	313
Figura 18.5 – Divide a situação financeira com a família.	313
Figura 19.1 – Análise do comprometimento da renda e do planeja- mento financeiro.	327
Figura 19.2 – Análise do investimento em lazer e da perspectiva futura de tranquilidade financeira.	329
Figura 19.3 – Análise da base de educação financeira e do compro- misso de mudança de hábitos.	330
Figura 19.4 – Análise da satisfação com a atual situação financeira. . . .	330

Lista de tabelas

Tabela 6.1 – Percentual de endividamento familiar	112
Tabela 7.1 – Levantamentos das pesquisas realizadas	137
Tabela 9.1 – Bancos e Taxas de Juros de Empréstimos Consignado para servidores da Prefeitura Municipal de Curitiba	166

Sumário

Equipe do Projeto	15	
Introdução	19	
I	PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA COM ALUNOS E FAMILIARES	23
1	A CONSCIENTIZAÇÃO DA PRESERVAÇÃO DOS BRINQUEDOS	25
2	A EDUCAÇÃO FINANCEIRA ATRAVÉS DA TECNO- LOGIA NA ETNOMATEMÁTICA	47
3	PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O CONSUMO CONSCIENTE	59
4	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA PEDAGÓ- GICA DE JOVENS E ADULTOS	75
5	ORIENTAÇÃO FINANCEIRA PARA FAMÍLIAS COM BENEFÍCIO DO BPC	93
II	QUALIDADE DE VIDA NAS FINANÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	105
6	A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O IMPACTO NA QUALIDADE DO TRABALHO	107
7	A EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DE CASO	127

8	O HÁBITO DE CONSUMO E A QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSORES	141
9	FUNCIONÁRIO PÚBLICO E O EMPRÉSTIMO CONSIGNÁVEL	157
10	ENDIVIDAMENTO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CURITIBA	173
III	DIRETRIZES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA AS ESCOLAS	193
11	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL	195
12	A ESCOLA COMO MEDIADORA DE GERAÇÕES SUSTENTÁVEIS	211
13	IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	227
14	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO AINDA NECESSÁRIA	245
15	EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM MOVIMENTO PARA O CONSUMO CONSCIENTE	259
IV	EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL	273
16	CONHECIMENTO DOS DIREITOS DO CONSUMIDOR PARA RELAÇÕES SAUDÁVEIS DE CONSUMO.	275
17	COMO MUDAR SEUS HÁBITOS DE CONSUMO DE MANEIRA INTELIGENTE	295
18	EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PLANEJAMENTO PARA A QUALIDADE DE VIDA	305

19	MELHORAR AS FINANÇAS PESSOAIS PARA OBTER MAIOR QUALIDADE DE VIDA	321
20	O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO PERFIL DO ALUNO CONSUMIDOR	335
V	REFERÊNCIAS CONSOLIDADAS	351

Equipe do Projeto

A EQUIPE do Projeto Edupesquisa de Educação Financeira e Qualidade de Vida: Formação de uma sociedade sustentável, que participou da edição deste livro contou com a seguinte composição técnica:

UFPR

Coordenador

Dornelles Vissotto Junior

Professores Formadores e Orientadores

Camila Izis Avila Barbosa Paul

Dornelles Vissotto Junior

Fábio Alexandre Marcelino Navarro

Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello

Kauana Yrina Avila Barbosa Vissotto

Tutores

Felipe do Valle

Fernando Augusto Silveira Armani

Lucas Emílio Bernardelli Hoeltgebaum

Tiago Osório da Silva

PREFEITURA DE CURITIBA

Professores da Rede Municipal

Cursistas e Autores

Adriana Galvão Patriota Jonsson
Alcioni Dassie de Souza
Aliriam Dias Stangue de Lara
Ana Lúcia Avelleda Chornobay
Carla Eleonora Duarte Soares
Cirlene Maria da Costa Ruthes
Cristiane Sentone Pereira
Cristina Aparecida Jordão
Danieli Juliana Corrêa
Danielle Dalke Werner
Dolores Ferreira de Lima
Dulcinéia Martins
Elisangela Aparecida dos Santos Gziboski
Eloina Alves dos Santos Suss
Gabriela Rosales Schemmer
Graziela Tatiana Jardim
Irene Diogo Apolinário
Irene Zangalli
Isabel Cristina Bressan
Jocilene Ferreira de Souza Moraes
Kellen Cristina Saviski
Lorena Datsch Rodrigues
Luiza Bernardo da Silva Dalsasso
Mara Simone Moreira e Silva
Marcia Aparecida Linartevis
Marcia Maria da Silva Santos Lisovski
Marcia Regina Gaspar Bueno Ribas
Maria Quitéria Barros de Oliveira
Maria Teresa Almeida Cerqueira

Melanie Bordignon da Cruz
Mellina dos Santos Tetto
Mirian Rodrigues Senra
Patricia Zeni de Sá
Rosane Terezinha Draghetti
Rosenilda Pereira do Nascimento
Silviane de Oliveira
Telma Mari Doroche

Autores externos

Ana Carolina Stedile dos Santos
Diogo Grande

Introdução

ESTE DOCUMENTO faz parte dos produtos do projeto de extensão 768/12 - Aprendendo e Crescendo com a Educação Financeira da UFPR (2012-2016), e destina-se a servir de modelo para composição e diagramação de práticas educacionais e de pesquisa para os profissionais do ensino fundamental, resultado do Curso de Extensão Educação Financeira para a Qualidade de Vida: Formação de uma sociedade sustentável.

Em geral, qualquer material disponível sobre educação financeira pode fornecer as informações necessárias para a produção de um material didático para ser trabalhado em qualquer ambiente de ensino, e para qualquer faixa etária. Diversas organizações disponibilizam este conteúdo na internet, principalmente a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF ¹, que é uma iniciativa do Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF).

A Estratégia Nacional de Educação Financeira foi instituída por decreto presidencial ² e tem como objetivos:

- promover a educação financeira e previdenciária;

¹ <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>

² Decreto nº. 7.397, de 22 de dezembro de 2010; Deliberações CONEF nº. 1, nº. 2 e nº. 3, de 26 de maio de 2011.

- aumentar a capacidade do cidadão para realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos; e
- contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.

Com a ENEF, a educação financeira passa a ser uma política de Estado, de caráter permanente, envolvendo instituições, públicas e privadas, de âmbito federal, estadual e municipal.

Atendendo as diretrizes da ENEF, o projeto de extensão teve como objetivo levar à comunidade o conhecimento necessário para se obter uma vida de equilíbrio financeiro dentro de horizontes de curto, médio e longo prazo de acordo com a faixa etária focada em cada etapa do projeto. A ideia central é a de transformação de ideologias financeiras através de linguagem direcionada e simples de tal forma que tenhamos como resultado uma sociedade de potencial econômico relevantemente superior ao encontrado nos dias de hoje e que, por consequência, tenha oportunidades futuras de desfrutar da melhor forma os resultados oriundos de sua disciplina financeira atingindo níveis culturais superiores à atual média desta mesma sociedade.

Como uma das ações do projeto, a equipe participou do edital EduPesquisa e ofereceu o curso de extensão para promover a formação continuada dos profissionais da educação da Rede Municipal de Ensino de Curitiba por meio de pesquisas na área de educação financeira visando capacitar docentes a gerar interesse e estímulo para o desenvolvimento profissional e acadêmico através da incorporação de conceitos de educação financeira para a qualidade de vida e para a

promoção do ensino de educação financeira através de práticas em sala de aula.

Este livro é resultado parcial do curso EduPesquisa - Educação Financeira para a Qualidade de Vida: formação de uma sociedade sustentável, uma parceria da Prefeitura Municipal de Curitiba através da Secretaria Municipal da Educação com a Universidade Federal do Paraná – UFPR, para a capacitação dos professores da Rede Municipal de Educação.

O tema Educação Financeira e Qualidade de vida foi trabalhado por meio de um Curso de extensão da UFPR vinculado ao projeto de extensão da UFPR 768/12 - Aprendendo e Crescendo com a Educação Financeira. Neste Curso, uma equipe de professores formadores e tutores trabalhou com os professores da rede municipal de educação no desenvolvimento de pesquisas sobre o tema.

Como resultado final do curso os professores da rede municipal de educação, divididos em grupos, foram orientados pela equipe de professores formadores e tutores para a realização de artigos de pesquisa sobre o tema relatando a experiência acadêmica e a prática diária com a educação para a construção de uma nova concepção de formação para a qualidade de ensino e para a valorização de cada profissional.

Cada capítulo é o resultado de um artigo de pesquisa trabalhado pela equipe do projeto abordando os seguintes temas em educação financeira:

1. Práticas de educação financeira com alunos e familiares;
2. Qualidade de vida nas finanças dos profissionais de educação;
3. Diretrizes de educação financeira nas escolas municipais;

4. Educação financeira para uma sociedade sustentável.

Este trabalho foi composto pela experiência prática de professores do ensino fundamental que após capacitação em educação financeira aplicaram seus conhecimentos à realidade de seus ambientes educacionais. Sem a pretensão de servir como um manual de práticas pedagógicas, este livro busca estimular o conhecimento em educação financeira, bem como estimular que os professores atores destas práticas sejam também autores de trabalhos acadêmicos, artigos, teses e dissertações, que convertam e publiquem seus trabalhos em forma pública de disseminação do conhecimento.

Este livro deve ser utilizado como um complemento dos materiais de práticas pedagógicas produzidos pela ENEF.

Parte I

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO
FINANCEIRA COM ALUNOS
E FAMILIARES

CAPÍTULO

1



**A CONSCIENTIZAÇÃO
DA PRESERVAÇÃO
DOS BRINQUEDOS**

Irene Diogo Apolinário

Felipe do Valle

Kauana Yrina A. B. Vissotto

Dornelles Vissotto Junior

RESUMO

Falar em Educação Financeira poderia ser considerado um tabu para muitas pessoas, acreditando que deveria ser tratado somente por especialistas em finanças. O presente trabalho aborda um tema considerado novo no que diz respeito à sociedade brasileira, esse assunto foi se tornando muito mais habitual e vemos que hoje é tratado como básico em qualquer situação, seja empresarial, comercial e familiar. Para uma boa compreensão desse estudo, foi feito um breve relato da história da Educação Financeira no Brasil, quando tratamos também da Conscientização da Preservação do Brinquedo, como forma de aplicar a Educação Financeira na Educação Infantil. Ainda foi, abordada a influência da mídia, da família e das instituições de ensino como responsáveis pelo consumo e suas consequências. Em se tratando da realidade atual da sociedade brasileira, onde é de suma importância o “ter” e não o “ser” somado ao capitalismo e a influência da mídia que cada vez mais se aproveita do despreparo da sociedade, incentivando o consumo de forma desenfreada e, contando com o despreparo e inocência das crianças, utiliza todos os seus recursos, e cada vez mais com o propósito de persuadir e formar um caráter mais consumista, principalmente em relação aos brinquedos, sem se preocupar com o futuro, tampouco se a criança e a família vão saber lidar com dinheiro, mantendo assim, uma sociedade cada vez mais consumista. A falta de uma Educação em relação à preservação do brinquedo gera consumo, que gera despesa, o que para a sociedade brasileira de uma maneira geral, pode ser drástica no orçamento familiar, sem levar em consideração o real impacto econômico deste tipo de despesa, geralmente feita de forma inconsciente. Diante do exposto podemos verificar cada vez mais a importância de estudos sobre a Educação

Financeira, tendo por base que desde bem pequena a criança pode ser instruída para ter responsabilidade financeira, levando-a a ser parte consciente e atuante na sociedade futura, criando uma expectativa mais promissora de pessoas que saibam administrar com mais responsabilidade os recursos financeiros adquiridos.

PALAVRAS-CHAVE: Comprometimento, Preservação, Educação, Economia, Brinquedo.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em Educação Financeira, nunca imaginamos que através de atitudes simples, estamos ensinando valores que podem ser fundamentais para o desenvolvimento da criança, no que se refere à uma educação financeira. Temos que pensar na importância que ela tem na construção do indivíduo, formando um ser humano mais crítico, menos consumista e mais preocupado com o futuro econômico, bem como com a qualidade de vida.

Sabendo que situações que envolvem dinheiro e a criança são questões ligadas à ética e autocontrole, pode-se dizer que no Brasil ainda há muito que se descobrir sobre a Educação Financeira, que não está presente nem no universo familiar, muito menos nas escolas já que a sociedade brasileira não está habilitada a lidar com finanças corretamente. Isto posto verifica-se a real importância da Educação Financeira, e faz-se necessário o presente trabalho, para identificar a importância do assunto.

Na fase de desenvolvimento infantil, o impulso consumista atual leva as crianças a terem um exagerado número de brinquedos, o que acaba desestimulando os cuidados quando se pode ensinar e conscientizar quanto à sua preser-

vação, o que está intimamente ligado à Educação Financeira, pois. Quanto menos se consome brinquedos, mais se economiza e melhora a qualidade de vida da sociedade, que sendo menos consumista, descobre outros valores e encontra outras formas de suprir suas carências e desejos. Pode ainda se utilizar de outras formas de aquisição de brinquedos, como o escambo, a doação e o reaproveitamento.

O objetivo deste trabalho é estimular as crianças do ensino infantil do Centro Municipal de Educação Infantil CMEI Eonides Terezinha Ferreira, sito bairro Santo Inácio, no Município de Curitiba, para que adquiram a consciência sobre a preservação dos brinquedos e com isto possam se reeducar financeiramente e obtenham hábitos de consumo consciente no que tange o universo dos brinquedos (BAUER; GASKELL, 2002).

DESENVOLVIMENTO

A Educação Financeira no Brasil, antes da Constituição Federal de 1988, era considerada inexistente, pois as creches, denominação utilizada na época, eram compostas de profissionais não habilitados, ou seja, geralmente eram voluntários que, sem vínculo, não ficavam muito tempo, ou de profissionais sem formação acadêmica. As creches eram oferecidas somente para as mães de família que realmente precisavam trabalhar. Na mesma época, no entanto, as escolas particulares que tinham profissionais gabaritados se resumiam em oferecer uma base de ensino voltada ao social, emocional e religioso.

Após a Constituição de 1988 a Educação passa a ser vista como um direito de todos e dever do Estado, conforme o ar-

tigo 208, inciso IV. – “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado em 1990, inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos, determinando a criação de Conselhos para traçar as diretrizes políticas, tutelares e educacionais, assegurando o direito a creches e pré-escolas. Destaca-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, que regulamentou a Educação Infantil e a inseriu como primeira etapa da Educação Básica, definindo também que a finalidade da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade.

Desse modo, verifica-se um grande avanço no que diz respeito aos direitos da criança pequena, uma vez que a educação infantil, além de ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, embora não obrigatória, é um direito da criança e tem o objetivo de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, como o desenvolvimento físico, motor, emocional, social, intelectual e a ampliação de suas experiências (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Dessa forma, pode-se concluir que houve considerável avanço na Educação Infantil do país, tanto com relação ao aspecto legal quanto na aplicação prática. Ressalta-se que os desafios impostos ao efetivo cumprimento dos direitos assegurados pela legislação podem ser resumidos em dois grandes pontos: a questão do acesso e a questão da qualidade do atendimento. A Educação Financeira aplicada no ensino infantil gera uma interpretação confusa por parte da sociedade que geralmente confunde a Educação Financeira à busca de riqueza.

A educação financeira é o processo pelo qual consumido-

res e investidores melhoram sua compreensão sobre conceitos e produtos financeiros e, por meio de informação, instrução e orientação objetiva, desenvolvem habilidades e adquirem confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos financeiros, para fazerem escolhas bem informadas e saberem onde procurar ajuda ao adotarem outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar e a sua proteção (OCDE, 2005b, p. 13).

Com base neste conceito pode-se verificar a importância da Educação Financeira com o objetivo de formar cidadãos mais conscientes e preparados, tendo assim como consequência uma melhor qualidade de vida.

Atualmente as crianças crescem com o ambiente voltado à extrema valorização do dinheiro e sua importância, bem como os prazeres por ele trazidos. No Brasil o tema de Educação Financeira Infantil é relativamente novo, visto que historicamente os brasileiros não têm o hábito nem um tipo de planejamento, muito menos no que se refere a finanças.

Por muitos desses motivos pode-se culpar a história recente do Brasil que passou por oito trocas de moeda em 52 anos, sendo que seis aconteceram em um espaço de apenas vinte anos. A instabilidade econômica fez parte da vida dos brasileiros por muitos anos, o que inviabilizava qualquer tentativa de planejamento financeiro, além de ter implantado a mentalidade do “comprar agora”, já que eram verificadas mudanças de preços em períodos muito curtos (às vezes até no mesmo dia).

Foi a partir da década de 90, portanto, que os indivíduos e suas famílias passaram a exigir mais informações e conhecimento, objetivando tomadas de decisões mais conscientes quando se fala em planejamento financeiro. A Educação Financeira tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões entre os profissionais atuais, incentivando o estudo e o aper-

feiçãoamento dos mesmos, com o objetivo de transformar a sociedade despreparada na qual vivemos.

A influência da mídia na relação de consumo infantil

A rapidez tem se caracterizado como o símbolo da nossa época e a linguagem televisiva talvez seja seu maior emblema. Rápida, precisa e objetiva, podemos perceber que ela vem exercendo uma influência sobre os seus telespectadores, especialmente sobre as crianças. Sabe-se que há uma deficiência enorme na programação televisiva, pois faltam programas que transmitam algum conteúdo educativo e de qualidade. Além disso, as crianças passam horas e horas assistindo a esse tipo de conteúdo e sendo bombardeadas por muita informação que não condiz com um desenvolvimento adequado. Tal fato pode acontecer principalmente se elas não forem acompanhadas devidamente por algum adulto enquanto veem televisão.

O ato de assistir TV é apontado, geralmente, como uma atividade que não proporciona o desenvolvimento crítico das pessoas, porque não há como haver interação entre elas e as programações apresentadas. Contudo, possui uma imensa capacidade de atingir as diversas faixas etárias e classes sociais. Pensando então nessa influência exercida sobre as crianças, que são passíveis de absorver todo tipo de conhecimento que lhe é fornecido, esse passatempo, utilizado de maneira descontrolada e não supervisionada pelos pais, causa diversas transformações nas crianças. Todos sabem que elas não são mais as mesmas de antigamente, mas essa fase retrata, tão somente, a realidade de uma forma bastante superficial.

Uma das principais razões expostas pelas quais a Educação Infantil vem ganhando espaço é o fato de que a mídia passou a explorar a fragilidade e a inocência das crianças para

estimular o consumo. O estabelecimento de regras e limites ajuda na criação de responsabilidades, e com paciência pode-se obter futuramente, adultos mais equilibrados e maduros em relação ao dinheiro.

Outro fator determinante é a facilidade na informação com o uso da internet e redes sociais onde se massificam o consumo e facilita-se a aquisição de bens com a oferta de escolha de modelo, cor, acessórios, entre outras. Oportunidade farta de compra e entrega sem deslocamento passa a ser fator determinante neste tipo de gasto, que muitas vezes tem valores bem mais convidativos, o que gera um consumo desenfreado, levando um conflito com a Educação Financeira e comprometendo o orçamento familiar.

Observa-se que as empresas estão cada vez mais aplicando recursos neste tipo de mídia e nos diferentes modelos de venda, onde o consumidor tem mais liberdade de escolha. Também há a comercialização de jogos e aplicativos com a finalidade de fidelização do cliente. Entretanto não se pode culpar totalmente a internet já que o principal vilão ainda é a mídia televisiva que tem a maior influência no consumo de brinquedos e objetos infantis.

As crianças gostam de escolher produtos e pedir aos pais o objeto de desejo, mas, segundo [Karsaklian \(2000\)](#), o fato de a criança exigir um produto não torna um consumidor, mesmo essa escolha sendo coerente e bem estruturada. É preciso que, além desses fatores, a criança compreenda o valor do dinheiro e o preço dos produtos. Também se destaca a necessidade dela saber administrar um orçamento, ou seja, que faça repartições do dinheiro nas despesas de curto prazo, despesas de longo prazo e economias.

Porém, deve-se ter cautela quanto à liberdade concedida às crianças para as suas decisões de consumo. De acordo com [Limeira \(2008\)](#), as crianças não pensam da mesma forma que

os adultos, além disso, interpretam as informações de forma diferente. Assim, os pensamentos e o comportamento das crianças se revelam de formas distintas, na compreensão e no comportamento diante do mundo. Para [Linn \(2006\)](#), as crianças são seres multifacetados, cujo desenvolvimento é ameaçado quando os seus valores como consumidores ultrapassam os seus valores como pessoas.

A importância da família na preservação do brinquedo

A Educação Financeira deve começar o mais cedo possível, deve ser ensinada nas escolas e pelos pais. Isso porque, segundo algumas instituições, incluir a Educação Financeira como parte do Currículo Escolar Infantil seria uma ferramenta eficiente no sentido de aumentar os conhecimentos financeiros e estabelecer um processo de longo prazo no qual as crianças adquirem conhecimento e habilidades para construir um comportamento financeiro consciente e responsável ao longo de cada etapa da Educação.

A abordagem escolar é importante nesse processo porque os pais podem não ter a disposição ou o conhecimento necessários para estabelecer esse aprendizado de longo prazo. No entanto, para que a abordagem de Educação Financeira Escolar seja efetiva, é preciso que ela seja parte de uma estratégia nacional direcionada à capacitação financeira da população, e não uma estratégia isolada.

Uma forma importante é a capacitação das famílias, e uma maneira simples de começar esta importante mudança, onde podemos nos basear na preservação dos brinquedos utilizados pelas mesmas, pois, uma vez que está sendo bem executada à família, passa a diminuir despesas com a aquisição de novos brinquedos, bem como, futuramente, repa-

sar os brinquedos bem conservados para adquirir novos, de acordo com a evolução da criança.

É importante que a criança esteja inserida em todo o processo, desde a conscientização da preservação até o resultado, sendo ele na forma de venda ou em forma de doação, e perceba o impacto que esse tipo de atitude gera financeiramente para as famílias. As crianças, começando cedo a aprender sobre esse assunto, percebem que existe um valor financeiro que pode ser economizado, gerando uma melhor qualidade de vida. Mesmo quando a família pode abrir mão dessa economia, o importante é a consciência social de doação para instituições ou para qualquer outra pessoa.

Partindo deste objetivo, a criança cresce com responsabilidade Financeira, se preparando para um futuro com melhor qualidade de vida e com uma consciência social, tornando-se um cidadão melhor.

A importância da instituição de ensino na preservação do brinquedo

A educação escolar nos Centros Municipais de Educação Infantil ainda é vista por muitos como uma educação assistencialista, voltada ao cuidar e ao educar, desempenhando o papel de família.

O fato é que as Instituições de Ensino Infantil, além de oferecer assistência e cuidado á criança pequena, contribuem para o desenvolvimento infantil, na cultura de origem de cada criança e também, ao mesmo tempo, atua no âmbito de uma política sócio-educativa e apoio às famílias, sendo que a socialização deve possuir um espaço fundamental nos objetivos da Instituição, garantindo a inserção da criança na cultura adulta, cumprindo um papel socializante e não voltada a algum tipo de aprendizado.

As crianças tem contato físico e afetivo umas com as outras, de forma que vem a compartilhar brinquedos e brincadeiras, o que é de suma importância no contexto da educação infantil, visto que nos dias atuais, era tecnológica e consumista, o ter segue em detrimento do ser.

Nos CMEIs (Centro Municipal de Educação Infantil) onde a realidade não é a ideal em termos financeiros, a limitação na aquisição de bens tecnológicos está longe de ser uma realidade, ou até mesmo a aquisição de brinquedos novos é muito limitada. Por isso, podemos verificar que a Educação Financeira neste ambiente, possui uma relevância considerável, pois cada economia feita pode gerar algum tipo de benefício futuro para a Instituição, que reverte em benefício do educando.

Um fator determinante é o comprometimento dos Professores de Educação Infantil, que ensinando de maneira pedagógica a preservação dos brinquedos, principalmente com o apoio das famílias e da comunidade, pode apresentar um resultado surpreendente em longo prazo, gerando uma economia fundamental para a instituição de ensino, e futuramente uma economia para a família.

A preservação do brinquedo é somente uma maneira, dentre muitas, que podem ser elaboradas com o intuito de aplicar a Educação Financeira na Educação Infantil, com o objetivo de formar pessoas mais preparadas para as condições econômicas adversas preparando o cidadão para um país melhor, com maior qualidade de vida.

Metodologia

O presente trabalho de campo realizou um desenvolvimento com as crianças do Maternal III, na faixa etária de 3 a 4 anos de idade, do Centro Municipal de Educação Infantil de Curi-

tiba, CMEI Eonides Terezinha Ferreira, de uma forma coletiva. Através de uma roda de conversa, abordou-se a conscientização da preservação dos brinquedos, aonde foram separados em uma caixa 90(noventa) brinquedos em boas condições de uso, e trabalhando com elas a conscientização da preservação durante um período de 1 (um) mês e meio, mostrando como é mais interessante ter um brinquedo em boas condições de uso.

Isto foi feito para refletirem que quando é cuidado o brinquedo sempre vai poder ser utilizado, podendo ser aproveitado e compartilhado com os colegas. Isto aplicado foi medido o grau de comprometimento do objetivo, onde, dos 90(noventa) brinquedos, 20 (vinte) estragaram. Posteriormente, foi realizado uma abordagem individual com cada um de seus familiares, aplicando questionários, com a finalidade de obter informações para uma tabulação qualitativa.

O questionário contava, com 10 (dez) questões, de modo a apresentar um resultado que nos forneça uma base de construção do melhor modelo para influenciar as famílias na importância da preservação do brinquedo na vida econômica, social e ambiental. As amostras foram distribuídas para as famílias da turma específica do maternal III, que por conveniência, julgou-se ser a idade de maior participação.

Os questionários pré-elaborados, apresentaram perguntas específicas. Foram distribuídos 60 questionários contendo 10 perguntas cada, sobre as despesas médias, bem como valores médios dessas despesas, qualidade dos produtos adquiridos e a influência da mídia no consumo infantil. Não foram levadas em consideração as datas festivas.

Buscando responder às perguntas da pesquisa e dar as bases para as conclusões, o estudo foi dividido de forma a primeiramente mostrar que a Educação Financeira tem papel fundamental nas relações dos indivíduos com o dinheiro,

oficializando que crianças com uma melhor Educação Financeira se tornam adultos mais responsáveis e conscientes no que diz respeito ao *trade-off* “consumir X poupar”.

Adultos financeiramente educados agem com maior consciência frente às alternativas de crédito e de investimento e possuem comportamentos mais adequados em termos de postura financeira. Dos 60 questionários enviados às famílias, 32% não foram respondidos.

RESULTADO OBTIDO NAS PESQUISAS

O gráfico na figura 1.1 apresenta o resultado dos brinquedos danificados após o trabalho efetuado com as crianças em um período de aproximadamente 1 (um) mês e meio, no qual foi realizada uma roda de conversa com as mesmas, com o objetivo de demonstrar a importância da preservação do brinquedo de uma forma lúdica para um desenvolvimento mais harmonioso, com a finalidade de obter os melhores resultados possíveis.

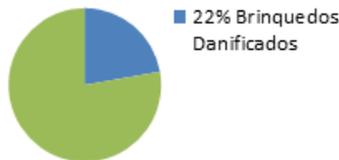


Figura 1.1 – Resultado de brinquedos danificados.

O resultado apresentado pelo gráfico na figura 1.1 demonstra uma sequência didática elaborada, com o objetivo de conscientização das crianças na preservação do brinquedo, onde se obteve resultado satisfatório. Define-se, que pode e deve ser aplicada Educação Financeira na Educação

Infantil, apresentando melhor resultado, formando uma sociedade menos consumista e mais preparada financeiramente.

Em anexo, os resultados da pesquisa efetuada em um grupo de famílias pré-determinado, conforme a tabulação feita em forma de gráfico para maior compreensão dos resultados obtidos e, formando ainda uma base sobre a importância da Educação Financeira dentro das famílias, procurou-se mostrar por onde pode ser iniciada uma conscientização econômica na sociedade, valorizando o ser em detrimento do ter.

Questão 01 – Você acredita ser importante a Educação Financeira a partir da Educação Infantil?

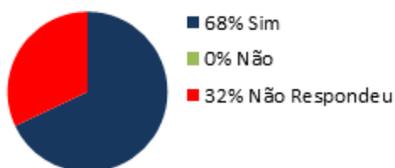


Figura 1.2 – Percepção da importância da Educação Financeira infantil pelas famílias

Com base nas respostas obtidas e mostradas graficamente na figura 1.2, verifica-se que a maioria das famílias tem uma preocupação com a Educação Financeira desde a Educação Infantil, e isso remete a que tem-se que elaborar cada vez mais maneiras de aplicar o tema, com a finalidade de começar a formar uma sociedade mais consciente, economicamente.

Questão 02- Quando adquire um brinquedo novo para seu filho, qual a média de valor da compra?

Com o gráfico na figura 1.3, verifica-se que existe uma desvalorização da moeda, mas que as famílias têm uma média

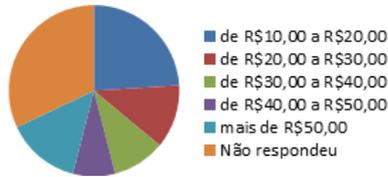


Figura 1.3 – Gasto médio da família com aquisição de brinquedo

de valor considerado pequeno para este tipo de despesa, levando em consideração não se tratar de datas específicas ou de maior apelo infantil.

Questão 03 – A família tem o hábito de orientar seu filho quanto à preservação do brinquedo?

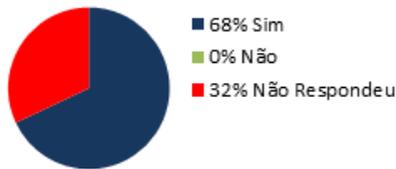


Figura 1.4 – Incentivo da família a preservação do brinquedo

Uma resposta bem positiva é visualizada no gráfico na figura 1.4 e demonstra que as famílias tem comprometimento com a preservação do brinquedo, mas sem anda consciência do que isso representa.

Questão 04 – Ao adquirir um brinquedo novo para seu filho, você tem o cuidado com a sua condição financeira no momento?

Foi Observado no gráfico na figura 1.5 que as famílias, hoje em dia, têm muito mais cuidados com a sua condição financeira do que alguns anos atrás, mas a sociedade ainda é

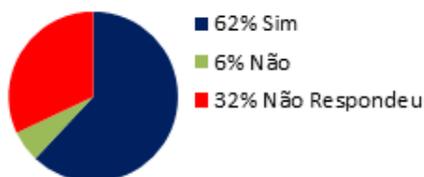


Figura 1.5 – Preocupação financeira da família para adquirir um brinquedo

extremamente consumista, mas, com base na resposta da pergunta, podemos estar caminhando para uma nova realidade econômica.

Questão 05 – Você acredita que nos dias atuais a mídia incentiva o consumo exagerado de brinquedos?

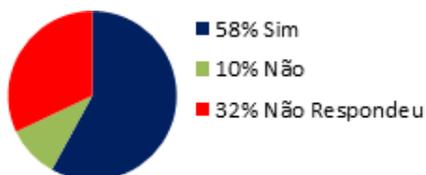


Figura 1.6 – Percepção da família com relação ao incentivo de consumo pela mídia

Visualizando o gráfico na figura 1.6, como não culpar a mídia, sendo ela quem mais influencia no consumo de tudo que pode ser adquirido, vendendo uma imagem de que somos inferiores se não possuímos tal bem de consumo? Imagine como as crianças, que são tão influenciáveis com relação a brinquedos, que chamam a atenção por seu interesse em tecnologia e mesmo na facilidade em lidar com ela, o que resulta em sofrerem uma grande influência para o consumo exagerado.

Questão 06 – Geralmente quando um brinquedo não tem mais utilidade, qual o seu destino?

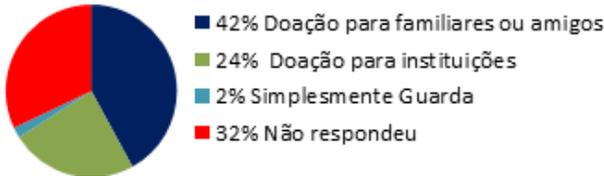


Figura 1.7 – Destinação que as famílias dão aos brinquedos sem uso

Verifica-se no gráfico na figura 1.7 a importância da preservação do brinquedo, pois, quanto mais preservado, mais pode ser passado adiante, independente do destino escolhido, gerando uma economia a alguém, sem levar em consideração a importância social deste tipo de atitude.

Questão 07 - Dê uma nota para a importância da preservação do brinquedo no ambiente escolar?

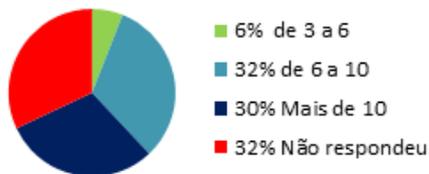


Figura 1.8 – Qual a importância que a família dá para a preservação do brinquedo no ambiente escolar

As respostas visualizadas no gráfico na figura 1.8 mostram que o ambiente escolar ideal está muito longe de ser uma realidade, mas, com o apoio das famílias na conscientização de preservação de brinquedos e demais objetos e ambientes, a escola pode começar a se tornar o ideal que sonhamos.

Questão 08 - Você acredita que a Educação Financeira no ambiente escolar pode refletir na maneira do filho gerenciar gastos no futuro?

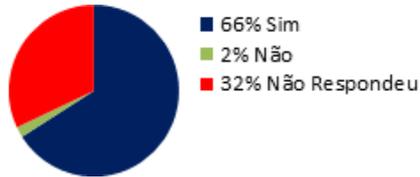


Figura 1.9 – Como a família percebe que a Educação Financeira na escola influenciará as finanças do filho no futuro

Analisando o gráfico na figura 1.9 pode-se concluir que as famílias sabem à importância da Educação Financeira de um modo geral e que esta influencia na vida adulta, e principalmente, que se pode melhorar cada vez mais essa condição, seja na implantação de novas formas de se aplicar a Educação Financeira, seja em melhorar a conscientização a respeito da preservação do brinquedo, aplicando-se isso com maior ênfase e como o apoio das famílias, o que é de suma importância.

Questão 09 – Caso não tenha condições financeiras de adquirir o brinquedo que seu filho deseja você explica para ele os motivos?

Verifica-se, no gráfico na figura 1.10, que as famílias têm procurado explicar para as crianças a realidade econômica e, dessa forma, controlar o consumismo como modo de Educação Financeira, preparando estes pequenos indivíduos para um futuro melhor.

Questão 10 – Você costuma adquirir brinquedos ecologicamente corretos?

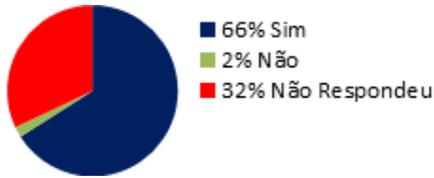


Figura 1.10 – O diálogo das famílias com os filhos sobre as condições financeira para aquisição de brinquedo

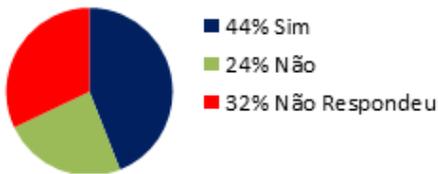


Figura 1.11 – Percepção ecológica da família para adquirir um brinquedo.

Observa-se no gráfico na figura 1.11 que a sociedade de forma geral está cada vez mais ligada aos temas sobre meio ambiente e esse está em todos os lugares, sendo muito difundido pela mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira, nos dias atuais, é de suma importância na prática pedagógica dos Centros Municipais de Educação Infantil. Com a pesquisa realizada, conclui-se, que podem ser definidas diversas formas de se trabalhar esse tema na Educação Infantil, desde que em conjunto com as famílias. Lançando mão de uma forma lúdica e que apresente re-

sultados em longo prazo, formando pessoas com consciência menos consumista, mas, voltada à sua realidade econômica, preparando a sociedade para um futuro com mais responsabilidade.

O objetivo geral do trabalho foi atingido, pois pode se verificar pelos resultados que as atividades realizadas levaram os alunos a repensar suas posições com relação a preservação dos brinquedos. Esta mudança de atitudes levará, em um prazo de tempo maior, a uma consciência sobre a preservação dos brinquedos e sobre o comportamento perante o consumo.

Analisando os gráficos resultantes dos questionários aplicados às famílias, verificou-se que a realidade da Educação Financeira está mais em evidência do que esperávamos, ou seja, as famílias pesquisadas compreenderam a real importância de se começar a trabalhar o tema, desde a Educação Infantil, seja com a preservação dos brinquedos ou qualquer outra iniciativa que mostre resultado a curto, médio ou longo prazo, pois, à partir desta conscientização pode-se definir melhores formas de se trabalhar com o dinheiro, de diminuir o consumo, formando uma sociedade mais comprometida com o seu bem estar, não só financeiramente, mas em outros vários aspectos, incluindo valores e cuidado, utilizando os recursos conforme os ganhos, sendo mais responsável e economicamente feliz.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. Citado na página 28.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Diretrizes Curriculares Nacionais*: Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998. Vol. I, II e III. Citado na página 61.

CALDAS, S. *Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no Dia das Crianças*. 2011. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/posts/2011/outubro/pais-e-maes-enfrentam-o-consumismo-infantil-no-dia>>. Acesso em: 25 Jan. 2015. Nenhuma citação no texto.

D'AQUINO, C. *A importância da educação financeira*. 2013. Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br>>. Acesso em: 17 Dez. 2014. Citado na página 147.

KARSAKLIAN, E. *Comportamento do consumidor*. São Paulo: Atlas, 2000. Citado na página 32.

LIMEIRA, T. M. V. *Comportamento do consumidor brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2008. Citado na página 32.

LINN, S. *Crianças do consumo: a infância roubada*. São Paulo: Instituto Alana, 2006. Tradução: Cristina Tognelli. Citado na página 33.

NICÁRIO, A. *Educação financeira para crianças e adolescentes*. 2011. Disponível em: <http://istoe.com.br/156745_EDUCA CAO+FINANCEIRA+PARA+CRIANCAS+E+ADOLESCENTES/>. Acesso em: 17 Dez. 2014. Nenhuma citação no texto.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 30, 110 e 146.

PASCHOAL, J.; MACHADO, M. C. História da educação infantil no Brasil: Avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 33, p. 78–95, 2009. ISSN 1676-2584. Citado na página 29.

PEREIRA, D. H. et al. *A educação financeira infantil e seu impacto no consumo consciente*. Monografia — Curso de Administração, 2009. Nenhuma citação no texto.

CAPÍTULO

2



**A EDUCAÇÃO
FINANCEIRA ATRAVÉS
DA TECNOLOGIA NA
ETNOMATEMÁTICA**

*Kellen Cristina Saviski
Dornelles Vissotto Junior*

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida com uma turma composta por 32 alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Curitiba/Pr. O objetivo central deste estudo foi verificar como a Etnomatemática aliada à tecnologia poderá educar as crianças financeiramente para que, desde cedo, elas aprendam sobre o valor das coisas e como consegui-las com responsabilidade. Para este estudo, a abordagem inicial foi através da utilização de diferentes instrumentos educacionais motivadores, seguidos posteriormente da construção de um blog, focando planejamentos a curto, médio e longo prazo. A exploração dos conhecimentos adquiridos durante o trabalho foi de maneira concreta, contextualizada, com olhares críticos frente às problemáticas evidenciadas. A perspectiva sociocultural funcionou como um guia para a elaboração e desenvolvimento destas atividades com conteúdos práticos da Educação Financeira, colaborando para o desenvolvimento da cidadania dos alunos. Dentre as contribuições deste trabalho, teve-se como resultado a evidência das atitudes, valores construídos de uma forma consciente quanto à utilização do dinheiro como instrumento útil e benéfico para o desenvolvimento pessoal, principalmente. A comunicação presente neste processo propiciou o envolvimento maior dos alunos no ambiente escolar em questão. Essa abordagem proporcionou que a Educação Financeira viesse a exercer um papel importante no desenvolvimento da criança; evidenciado através do valor do dinheiro; para que aprendam a fazer boas escolhas com as possibilidades que terão na vida, tudo de forma lúdica nas ações educacionais e significativa para cada faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Etnomatemática, Educação Financeira, Ambiente Escolar e Tecnologia.

INTRODUÇÃO

No universo escolar, educar financeiramente as crianças é proporcioná-las a oportunidade de aprenderem a lidar de maneira correta com o dinheiro, evitando assim graves consequências na vida adulta.

A Etnomatemática surge neste trabalho como uma forma significativa para o desenvolvimento da aprendizagem da Educação Financeira, a partir da busca do exercício da valorização dos conceitos trazidos pelos alunos em relação às finanças, proporcionando-lhes uma educação eficaz, ou seja, levando-os à descoberta, compreensão e construção dos conhecimentos desta área através dos contextos advindos dos diferentes meios tecnológicos de condução da informação.

Mas o porquê da escolha da relação Etnomatemática na tecnologia com a Educação Financeira no ambiente escolar?

A Etnomatemática propõe um enfoque epistemológico alternativo utilizado para encontrar explicações da realidade e vencer as dificuldades que surgem no seu dia-a-dia, na construção da responsabilidade social e da cidadania; de maneira natural, cognitiva, com fundamentação cultural diversificada voltada à ação pedagógica, e tendo como base um cenário com tecnologia.

Nessa perspectiva, e nos valendo desses embasamentos mencionados, busca-se então responder a seguinte problemática: Como a Etnomatemática aliada à tecnologia poderá educar as crianças financeiramente para que, desde cedo, elas aprendam sobre o valor das coisas e como consegui-las com responsabilidade?

Diante deste questionamento se procurará exercer um compromisso com os alunos no ambiente escolar, e agora, com você leitor em busca da resposta a esta respondermos juntos a esta descoberta.

DESENVOLVIMENTO

Os conteúdos a serem trazidos, transmitidos e contextualizados no ambiente escolar, pelo docente; deve partir de pressupostos inseridos do cotidiano do público alvo que se quer alcançar: os alunos.

Ensinar não é uma tarefa fácil, para tanto, conta-se com uma ferramenta indispensável, para que o educador possa explorá-la em sala com os alunos, tendo como cenário as situações reais advindas do dia-a-dia de todos. Trata-se da Etnomatemática, que segundo [D'Ambrósio](#):

“[...] a verdade, diferentemente do que sugere o nome, etnomatemática não é apenas o estudo de “matemáticas das diversas etnias”. Para compor a palavra etnomatemática utilizei as raízes **tica**, **matema** e **etno** para significar que há várias maneiras, técnicas, habilidades (tica) de explicar, de entender, de lidar e de conviver (matema) com distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (etno).” ([D'AMBRÓSIO, 1996](#), p. 111-112).

O enfoque dado aos conteúdos ligados à Educação Financeira permite orientar os alunos a se tornarem cidadãos críticos e atuantes desde cedo, que conseguem interpretar o que está sendo enunciado em diferentes redes de comunicação, proporcionando-lhes argumentar ativamente em relação a seus direitos e deveres, por exemplo.

Para isso conta-se com um trabalho de conscientizar e praticar o aluno inserindo a Educação Financeira em um universo pedagógico direcionado à aprendizagem através da tecnologia. De acordo com [Ponte et al.](#):

“[...] o saber é construído no decorso da própria atividade matemática, cabendo aos alunos um

papel de participação ativa e ao professor um papel de organizador e dinamizador de aprendizagem.” [Ponte et al. \(1997, p. 117\)](#).

Nesse dinamismo que surgirá, também existe a necessidade de haver o encontro das velhas tecnologias, como lápis e papel, com novas tecnologias, como os computadores, afinal,

“[...] valorizar as tecnologias é essencial para um indivíduo ser atuante no mundo moderno, incorporando a elas valores de humanidade, sintetizados numa ética de respeito, solidariedade e cooperação.” ([D'AMBRÓSIO, 2009, p. 43](#)),

ou em outras palavras,

“[...] a proposta pedagógica da Etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo (agora) e no espaço (aqui). E, através da crítica, questionar o aqui e o agora.” ([D'AMBRÓSIO, 2009, p. 46](#)).

A Etnomatemática surge neste cenário como uma forma de instrumentalizar os alunos com ferramentas que os ajudam a entender o mundo em que vivem, para que assim possam adquirir um dos requisitos básicos à sua inserção no meio social.

A matemática tem um caráter instrumental, e deve ser entendida pelos alunos como um conjunto de estratégias e técnicas que podem ser aplicadas em diversas áreas do conhecimento.

Foi o que aconteceu quando se procurou mostrar aos alunos dados extraídos de diferentes fontes de comunicação (Gráfico da figura [2.1](#)).

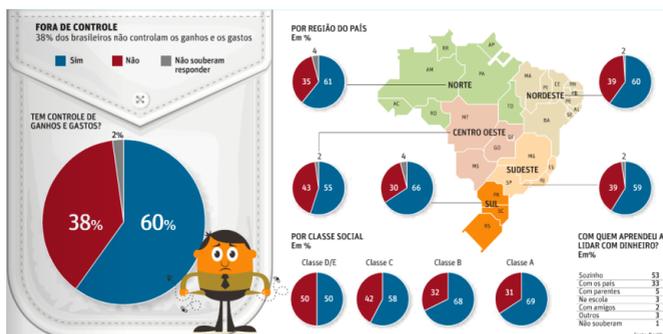


Figura 2.1 – Controle dos gastos da população brasileira

Logo, partindo dos princípios que norteiam o uso da educação financeira que são a contextualização e a interdisciplinaridade, **Maia** complementa que estes estão relacionados à integração do conhecimento, das competências ou conceitos das diversas áreas do conhecimento e prossegue:

“[...] A perspectiva interdisciplinar implica reconhecer que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de complementação, de negação, de ampliação e de iluminação de aspectos não distinguido.” **Maia (2000, p. 34).**

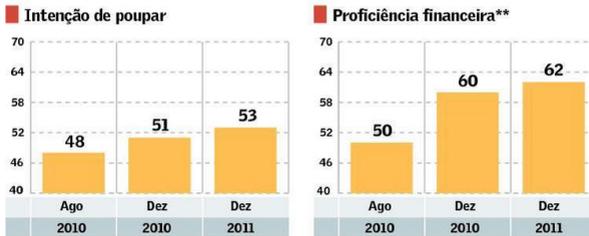
Com isso, as estratégias e técnicas aplicadas nas diferentes áreas do conhecimento permitem interagir o aluno ao que ele está aprendendo, ao mesmo tempo em que o significado desta relação contextualizada torna-se uma estratégia que tem como meta a inserção crítica do jovem na sociedade.

A Educação Financeira é trabalhada neste contexto com o foco de proporcionar aos alunos uma visão mais ampla para que venham planejar suas vidas, suas metas e acima de tudo,

transmitam estes saberes adquiridos construtivamente para outras pessoas na sociedade os quais estão inseridos. Veja-mos o que o gráfico na figura 2.2 possibilita trabalhar no desenvolvimento desta ideia.

Mudança de hábito

Os primeiros resultados da Estratégia Nacional de Educação Financeira*



Fonte: Enef e Banco Mundial * Notas atribuídas de acordo com sistema de avaliação desenvolvido com escala entre 0 e 100 pontos; **Medida do conhecimento financeiro dos participantes do projeto

Figura 2.2 – Mudanças no hábito financeiro

De acordo com as diretrizes curriculares nacionais,

“[...] assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.” (MEC/SEF, 1997, p. 46).

Os alunos precisam perceber, desde cedo que a Matemática está relacionada com o contexto em que vivem, caso contrário, o entusiasmo pelo aprender perde força, acarretando

diretamente na formação de “cidadãos mirins” críticos e reflexivos, capazes de agirem nas decisões do grupo o qual pertencem em busca da transformação da sociedade.

Partindo desse princípio, muitos pesquisadores contribuíram e contribuem para o desenvolvimento da pesquisa em Etnomatemática. Aqui se destaca Ubiratan D’ Ambrósio, que é considerado o mais “importante teórico e filósofo nesse campo de estudo” (ROSA; ÖREY, 2005, p.13). Destaca-se que o termo Etnomatemático pode ser definido por meio da etimologia:

“[...] etno (é) referente ao contexto cultural e, portanto, inclui considerações como linguagem, jargão, códigos de comportamento, mitos e símbolos; **matema** que vai na direção de explicar, de conhecer, de entender; e **tica** que vem do *techné*, que é a mesma raiz de arte e de técnica. Assim, [...] a Etnomatemática é a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais. (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 5).

Dessa maneira, partindo do princípio de que o estudo da construção histórica do conhecimento matemático possibilita maior compreensão da evolução dos conceitos, é importante enfatizar as dificuldades epistemológicas inerentes aos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 12). Sintetizando, a Etnomatemática pode ser considerada como sendo

“[...] um programa que visa explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimento em diversos sistemas culturais e as forças interativas que agem nos e entre os três processos.” (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 7).

Portanto a “Etnomatemática se aproxima de uma teoria de conhecimento, ou seja, [de] uma teoria da cognição” (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 6).

Porém existe a necessidade de que também se entenda a denominação Programa Etnomatemática, que tem caráter dinâmico e “mais condizente com a postura da busca permanentemente proposta pela transdisciplinaridade” (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 17). É importante “entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizado em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações” (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 17).

Dessa maneira, a Etnomatemática pode ser considerada como “um programa de pesquisa em história e filosofia da matemática com óbvias implicações pedagógicas” (D’AMBRÓSIO, 2009, p. 27), que tem como objetivo caminhar “juntamente com uma prática escolar” (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 5). Então o Programa Etnomatemática pode implicar:

“[...] conceitualização muito ampla do etno e da matemática. Muito mais do que simplesmente uma associação a etnias, [pois] etno se refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo, sociedades nacionais, tribais, grupos sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc., e inclui (a) memória cultural, (os) códigos, (os) símbolos, (os) mitos e até (as) maneiras específicas de raciocinar e inferir. Do mesmo modo, a matemática também é encarada de forma mais ampla que inclui contar, medir, fazer contas, classificar, ordenar, inferir e modelar.”

(D’AMBRÓSIO, 1998, p. 18).

No contexto dessa asserção, pode-se afirmar:

“[...] (a) Etnomatemática se situa numa área de transição entre a antropologia cultural e a matemática que chamamos academicamente institucionalizada, e seu estudo abre caminho ao que poderíamos chamar de uma matemática antropológica.” (D'AMBRÓSIO, 1998, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que o trabalho com a Educação Financeira no ensino fundamental, não apresentou dificuldades para criar, aplicar e avaliar as atividades, mas a prática de sala de aula evidenciou a deficiência dos alunos em relação à Educação Financeira. A coleta de dados foi feita de modo que despertasse o interesse dos alunos, ao utilizarem exemplos concretos nas suas próprias vidas, ao mesmo tempo em que puderam transformar este tema em algo prazeroso, mediante uma dose de muito esforço.

A temática criada dentro da abordagem da Etnomatemática serviu para aproximar os alunos de conceitos ligados à economia como prática social, e revelaram-se excelentes ferramentas para a aprendizagem (como a construção do blog e utilização de planilha de controle de gastos para crianças do Portal EduFin ¹).

Com o direcionamento da construção do conhecimento sobre a importância da educação financeira desde cedo, estimulam-se atitudes na formação de adultos conscientes quanto à utilização do dinheiro como instrumento útil e benéfico para o desenvolvimento pessoal, principalmente.

¹ <<http://www.edufin.com.br/edukids/2013/06/14/minha-primeira-planilha-financeira/>>

Enfim os objetivos foram alcançados, na medida em que os alunos conseguiram compreender a realidade social na qual estão inseridos, e viam que tal realidade é passível de ser transformada, evidenciado através do valor do dinheiro, para que pudessem fazer boas escolhas com as possibilidades que terão na vida, tudo de forma lúdica e significativa para cada faixa etária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. d. Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Ed.). [S.l.]: EDIPUCRS, 2004. cap. Seguindo pressupostos da pesquisa na aula expositiva. Nenhuma citação no texto.

BIGODE, A. J. L. *Matemática hoje é feita assim - 8ª série*. São Paulo, SP: FTD, 2000. Nenhuma citação no texto.

BONJORNO, J. R.; BONJORNO, R. A.; OLIVARES, A. *Matemática fazendo a diferença*. 1ª. ed. São Paulo, SP: FTD, 2006. Coleção: livro da 5ª série. Nenhuma citação no texto.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 53, 205 e 233.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação matemática: da teoria à prática*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. Citado na página 50.

D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1998. Citado 3 vezes nas páginas 54, 55 e 56.

D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática - elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009. Citado 3 vezes nas páginas 51, 54 e 55.

MAIA, E. *A reforma do ensino médio em questão*. São Paulo: Editora Biruta, 2000. Citado na página 52.

PONTE, J. P. et al. *Didática da matemática: Ensino secundário*. Lisboa: ME/DES, 1997. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.

ROSA, M.; OREY, D. C. Raízes históricas do programa etnomatemática. *Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática*, Ano 12, n. 18–19, p. 5–13, 2005. Citado na página 54.

TOLEDO, J. C. *Tendências em Educação Matemática*. São João del Rei, MG: UFSJ, 2009. Notas de aula. Nenhuma citação no texto.

VERGANI, T. *Educação etnomatemática: o que é?* Natal, RN: Flecha do Tempo, 2007. Nenhuma citação no texto.

VIANNA, C. R. História da matemática na educação matemática. In: UEL. *Anais do IV Encontro Paranaense de Educação Matemática*. Londrina, 2000. p. 15–19. Nenhuma citação no texto.

CAPÍTULO

3



**PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO
FINANCEIRA PARA O
CONSUMO
CONSCIENTE**

Patricia Zeni de Sá

Diogo Grande

Ana Carolina Stedile dos Santos

Dornelles Vissotto Jr.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a aprendizagem e a mudança de atitude de alunos do 8º ano do ensino fundamental, após participarem do Programa de Educação Financeira para o Consumo Consciente realizado na Escola Municipal Prof. Herley Mehl (Curitiba/PR). A metodologia utilizada foi dividida em três etapas. A primeira etapa consistiu em um diagnóstico por meio de questionário qualitativo para professores de matemática, a segunda, aplicação do Programa de Educação Financeira e Consumo Consciente e a terceira, a avaliação do mesmo, através de questionário qualitativo aos estudantes a fim de verificar o conteúdo aprendido e a mudança de atitude. O questionário foi aplicado para seis professores. Destes, quatro responderam, e foram eleitos dois professores que já trabalhavam o tema. O Programa de Educação Financeira para o Consumo Consciente foi aplicado para 106 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. Destes, 83,96% responderam o questionário. O resultado da questão: “O que você aprendeu após as aulas de Educação Financeira”, confirmou o acréscimo de informações, pois mais da metade dos estudantes, precisamente 57%, responderam que aprenderam a economizar dinheiro nas suas residências. Em relação ao consumo consciente 78% dos estudantes passaram a economizar água e luz nas suas casas, fato que demonstra a mudança de atitude e a efetividade do Programa. Neste sentido, também apareceram vários relatos dos alunos: - “Diminuímos o consumo de água”, “Passei a apagar a luz quando não estava utilizando”. O Programa apresentou significativos resultados em relação ao acréscimo de conhecimento e a mudança de perfil no gerenciamento financeiro e consumo consciente do aluno, mas é necessário um Programa contínuo de Educação Financeira e Consumo Consciente para que os estudantes se

tornem cidadãos responsáveis, que valorizem seu dinheiro, verifiquem as vantagens e desvantagens das promoções e sejam consumidores conscientes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira, Consumo Consciente, Escola, Professores, Alunos.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação Financeira é pouco abordada no âmbito familiar e no universo escolar. Desta maneira, os estudantes apresentam dificuldades de compreensão e interação das relações financeiras as quais estão inseridos (D'AQUINO, 1996).

Corroborando com esta dificuldade, ocorre, ainda, com todo o desenvolvimento atual em termos de Educação Financeira, o pensamento de que o responsável por educar financeiramente é o professor de matemática e cabe apenas a ele inseri-la em sala de aula e no cotidiano dos estudantes. De acordo com Ballejo e Kroetz (2013), cabe a todos os componentes curriculares abordarem o tema, pois a educação financeira trabalha com mudanças de atitudes, planejamento, costumes e comportamento, envolvidos no seu meio socio-político e cultural. Ballejo e Kroetz ainda evidenciam:

“Educação Financeira deveria ser iniciada em casa, com a família, desde os primeiros anos de vida. Questões acerca de como a família obtém dinheiro e como fazer para poupá-lo são relevantes para que as crianças desde cedo compreendam o valor da moeda e o funcionamento do sistema financeiro.” (BALLEJO; KROETZ, 2013).

Desde a década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC/SEF, 1998) já descreveram a importância das

ações voltadas a Educação Financeira com o intuito de compreensão, avaliação e decisão de situações corriqueiras por meio da resolução de problemas, destacando-se os impostos e as aplicações de juros.

Assim, o Programa de Educação Financeira teve o escopo de valorizar o dinheiro, promover a percepção das vantagens e desvantagens das promoções e valorizar o consumo consciente. Todo o programa foi desenvolvido de uma maneira interdisciplinar (SANTOMÉ, 1998) com a parceria entre os professores de Matemática e Ciências.

O tema Consumo Consciente foi inserido, pois a sociedade atual, muitas vezes, é classificada pelos seus bens de consumo. Com isso, algumas pessoas consomem mais do que podem e acabam com problemas financeiros. Nesse sentido, a Educação Financeira tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida de toda a população (PIVA; BORGES, 2012). Os padrões insustentáveis de consumo, além de gerarem problemas financeiros, provocam o aumento da pobreza e o desequilíbrio ecológico (ONU, 1992).

A Política Nacional do Meio Ambiente (MMA, 1981) visa à compatibilização do desenvolvimento econômico-social com a preservação da qualidade do meio ambiente e do equilíbrio ecológico.

Para manter o equilíbrio ecológico, surgiram vários conceitos. Dentre eles, pode-se citar o Consumo consciente e o Consumo sustentável, onde os dois se complementam.

O Consumo Consciente é a aquisição de produtos ou serviços levando em consideração o equilíbrio entre a necessidade e a satisfação pessoal, bem como os efeitos ambientais e sociais do consumo (AKATU, 2015). O Consumo Sustentável envolve a escolha de produtos que utilizaram menos recursos naturais em sua produção, e que serão facilmente reaproveitados ou reciclados (MMA, 2015).

Deste modo, a Educação Financeira e o Consumo Consciente andam lado a lado. Além disso, considerando que a partir de um comportamento diferenciado em relação à necessidade do produto e a possibilidade financeira que o indivíduo tem para adquiri-lo, formam um novo padrão comportamental de reflexão sobre o consumo.

Ambos auxiliam o indivíduo a comprar produtos “ecologicamente corretos”, ou seja, ajudam o consumidor a pensar antes de adquirir um item, verificando sua durabilidade, utilidade e descarte, bem como contribuem para a sustentabilidade, observando sempre se a empresa possui uma preocupação ambiental e se seus produtos são explorados de maneira correta. Tudo isso reflete num novo padrão de comportamento, ou seja, de um indivíduo mais crítico e consciente de suas reais necessidades e do impacto que gera no mundo.

O objetivo desta pesquisa é analisar a aprendizagem e a mudança de atitude de alunos do Ensino Fundamental que participaram do programa de Educação Financeira para o Consumo Consciente. O Programa foi realizado durante os meses de fevereiro a abril totalizando 23 aulas. Foi aplicado para 106 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prof. Herley Mehl (Curitiba/PR).

DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, realizou-se um diagnóstico com os professores de Matemática por meio de questionário qualitativo com o objetivo de verificar o ano que leciona, se trabalha o tema “Educação Financeira” e a “Educação Financeira para o Consumo Consciente”, em quantas aulas aborda o tema e o conceito de “Educação Financeira para o Consumo Consciente”.

O questionário foi aplicado para seis professores. Des-

tes, quatro responderam. As respostas foram analisadas, verificando-se quais professores trabalham o tema “Educação Financeira”, em qual turma e quantas aulas utiliza para trabalhar o conteúdo. Posteriormente, foram eleitos dois professores que já trabalhavam o tema “Educação Financeira para o Consumo Consciente”.

Coincidentemente, no mesmo período da pesquisa, estes professores já desenvolviam o tema Educação Financeira com as turmas do 8º ano. De acordo com o planejamento trimestral, os conteúdos trabalhados foram: Razões percentuais; Matemática Financeira (valor percentual de quantidade, acréscimos e descontos, juro simples e noções de juros compostos); Abordagens sobre Economia Matemática na resolução de problemas; Caracterização de gráficos de setores e dados numéricos apresentados em textos. De forma suplementar, integrando o planejamento com a integração do Programa, foram inseridos os temas: Consumo consciente e Pegada ecológica.

Os conteúdos foram transpostos de maneira que o estudante desenvolva a seguinte concepção de aprendizagem: importância real e cotidiana do tema abordado, conceituação, prática e, por fim, a síntese que contempla o rol de informações de cada conteúdo necessário a seu crescimento sócio intelectual.

As aulas foram expositivas, interativas e sequenciais, sempre contextualizando o conteúdo com a prática cotidiana, discutindo e solucionando problemas de situações reais. Com isso, tem-se a aquisição de maiores habilidades de ações e tomadas de decisões com o aperfeiçoamento de seu raciocínio lógico, principalmente no trabalho aritmético-algébrico desenvolvido.

Especificamente, no desenvolvimento do trabalho com Educação Financeira, todas as práticas que os estudantes vi-

venciaram e vivenciam no seu dia a dia, foram, de forma elementar, o direcionamento do trabalho em sala de aula. Por meio de experiências vantajosas e desvantajosas relatadas, os temas principais de discussão e análise deram forma e foco ao estudo qualitativo em Educação Financeira.

As orientações e encaminhamentos metodológicos foram embasados nos livros didáticos de duas coleções específicas: Matemática Bianchini (BIANCHINI, 2011) e A Conquista da Matemática (GIOVANNI JR., 2012) o qual apresenta uma seção específica nomeada Educação Financeira para o trabalho no ensino fundamental de 6º ao 9º ano.

Para trabalhar o assunto Consumo Consciente, utilizou-se o documentário a “História das coisas” (STUFF, 2008), onde é descrito de que maneira é explorada a matéria prima, como são fabricados os diferentes produtos, seu descarte e destino final. Após assistirem o documentário, os estudantes foram convidados a observar e refletir, durante uma semana, em sua residência, sobre o consumo, desperdício e destino final dos resíduos produzidos. Posteriormente a esta reflexão, ocorreu uma mesa redonda onde os discentes relataram suas experiências, discutindo os problemas e soluções diagnosticados nas suas casas.

Com o objetivo de calcular o percentual qualitativo do estilo de vida de cada aluno e a sua relação entre meio ambiente e o cotidiano, utilizou-se a metodologia Pegada Ecológica (INPE, 2012). Os alunos utilizaram o site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) para calcular qual é a sua “Pegada Ecológica”. Em seguida, escreveram no caderno seus resultados. Após uma semana, os mesmos discutiram com sua família e relataram dez problemas ambientais e suas respectivas soluções. Por fim, foi aplicado um questionário para os alunos com o intuito de verificar o conteúdo aprendido e suas respectivas mudanças de atitudes.

Desta maneira, o Programa de Educação Financeira e Consumo Consciente envolveu a participação de 106 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. Destes, 83,96% responderam o questionário. Na pergunta: Você aprendeu nas aulas de Educação Financeira? Após analisar os questionários, verificou-se que 89,88% dos alunos, a grande maioria, responderam que aprenderam nas aulas, demonstrando a efetividade do Programa para o desenvolvimento do cidadão.

Neste sentido, os autores [Amara e Rosseti \(2012\)](#) descrevem que constituir escolas com propostas voltadas a formação por meio da práxis é papel fundamental da educação no desenvolvimento dos cidadãos e das sociedades na atualidade.

Ainda, afirmam que o trabalho com Educação Financeira envolvendo a realidade dos estudantes e das suas famílias promove destaque importante na construção da cidadania e da plena participação social, formando estudantes críticos que dão significado real aos conceitos apreendidos ([AMARA; ROSSETI, 2012](#)).

Os resultados da questão: “O que você aprendeu após as aulas de Educação Financeira”, que tem por finalidade averiguar o conhecimento adquirido pelos alunos após participarem do Programa de Educação Financeira e Consumo Consciente pode ser visualizado no Gráfico da figura 3.1.

Pelo Gráfico da figura 3.1 constata-se que mais da metade dos estudantes, precisamente 57%, aprenderam a economizar em suas residências. Outro resultado que chamou a atenção foi que 16% dos alunos responderam que aprenderam sobre os impostos, tema que demonstraram desconhecer durante as aulas.

O assunto imposto foi trabalhado com o auxílio de um slide (figura 3.2), o qual foi discutido e teve como objetivo de evidenciar de que forma o dinheiro retorna até nós em ter-

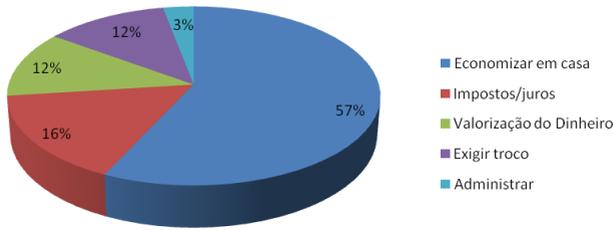


Figura 3.1 – Resultado da aprendizagem de educação financeira.

mos de serviços elementares (saúde, educação e segurança). A surpresa e a indignação dos estudantes foram expressivas quando perceberam que, tomando-se como base o valor de R\$100,00, são investidos, em média, R\$15,00 em saúde e saneamento, R\$13,00 em educação e apenas R\$3,70 em segurança, conforme evidencia a Figura 3.2.

Durante o período do desenvolvimento de todas as ações do Programa, os reflexos e comentários dos alunos das mudanças realizadas em suas famílias e residências foram intensos nas discussões. As respostas à pergunta “Que atitudes mudaram após o trabalho desenvolvido com o tema Educação Financeira?” estão sintetizadas no Gráfico da figura 3.3. Pode-se constatar que praticamente 80% dos estudantes passaram a economizar, pesquisar e avaliar a oferta antes da aquisição dos produtos de interesse. É, também, fato evidente e alarmante que somente 2% dos estudantes participam ativamente das compras de sua residência de forma conjunta no supermercado, auxiliando os pais na aquisição de produtos.

O segundo tema, que trata sobre Consumo Consciente e Pegada Ecológica, também apresentou bons resultados, mas estes foram um pouco abaixo do esperado em relação ao tema específico de Educação Financeira. Dos 89 estudan-

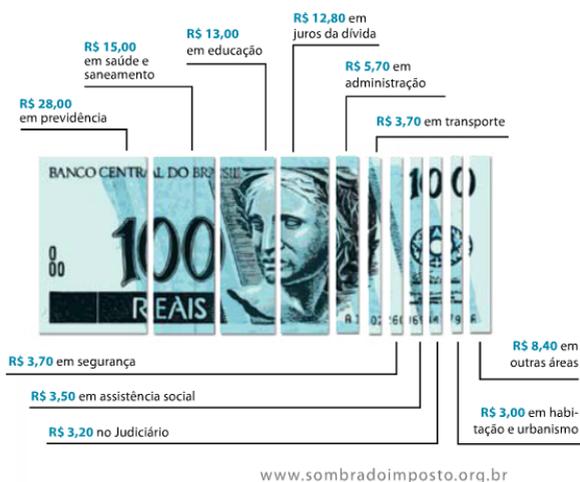


Figura 3.2 – Divisão aproximada dos gastos do setor público.

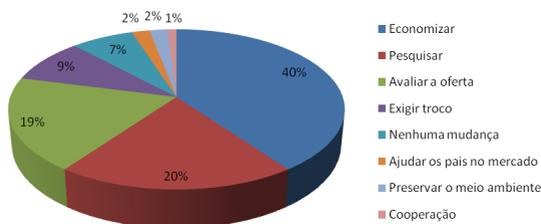


Figura 3.3 – Principais mudanças nos hábitos financeiros dos alunos do projeto.

tes que responderam o questionário, 77,52% escreveram que aprenderam sobre o assunto, enquanto que 22,47% responderam que não aprenderam. Tal resultado pode estar relacionado ao número de aulas que os estudantes participaram.

Já em relação à mudança de atitude após as aulas de con-

sumo consciente, respondendo a pergunta “Na sua casa, que atitudes mudaram após as aulas de consumo consciente e pegada ecológica?” (Gráfico da figura 3.4) evidencia-se que 78% dos estudantes passaram a economizar água e luz após o Programa, além do destaque às ações de preservação e cuidado ambientais tornando-se mais intensas à realidade consciente de cada família.

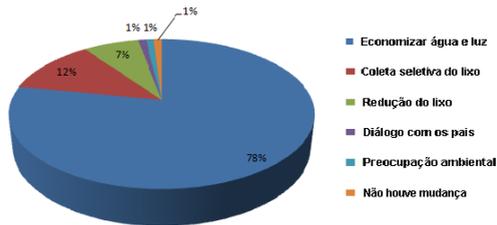


Figura 3.4 – Principais mudanças nos hábitos de consumo consciente dos alunos do projeto.

Por fim, diante das ações exploradas no Programa, destacou-se a motivação e as imediatas modificações de conduta quanto à valorização do dinheiro. Fato que segundo (VENTURA, 2009), demonstra que a população está cada vez mais exigente e consciente de seus direitos, onde cada produto adquirido deve corresponder às expectativas e a qualidade exigida para um consumo adequado e econômico.

Para Modernell (2011) a Educação Financeira deve ensinar a viver dentro do seu padrão econômico, eliminando desperdícios, valorizando o próprio patrimônio e atingindo a independência financeira.

Por meio destes pressupostos e analisando os relatos de alguns alunos, verifica-se que os mesmos aprenderam sobre a “Educação Financeira”: “Eu aprendi a economizar mais e

administrar melhor o meu dinheiro, a não sair comprando sem saber o preço”; sobre os “juros abusivos que ocorrem no comércio”; “Devemos dar mais valor ao nosso dinheiro”; “Sempre conferir o troco”, “Que o nosso dinheiro virará lixo”, “Vai tudo para a presidência e eles não utilizam o dinheiro para nos ajudar”.

Observando os resultados ficou evidenciado que muitos alunos mudaram a atitude em relação ao consumo consciente. Esta mudança aparece nas respostas do questionário, como segue: “Diminuímos o consumo de água”, “Passei a apagar a luz quando não estava utilizando”, “Compramos frutas em outros lugares não somente no mercado”, “Começamos a separar o lixo”, “Paramos de comprar tanta roupa” e “Jogamos menos comida”.

Esta mudança de atitude demonstra que o Programa teve um resultado satisfatório, pois, de acordo com [Depresbiteris \(2006\)](#), a mudança de atitude deve ser o foco principal na avaliação da aprendizagem de um projeto, pois a análise não pode ser atribuída exclusivamente aos conteúdos, mas é necessário considerá-los num processo contínuo de acompanhamento da integração dos conhecimentos na prática diária.

O Programa apresentou bons resultados em relação ao acréscimo de conhecimento e mudança de atitudes, mas os resultados de um processo educativo não são consequências de uma só atividade, mas de uma ação prolongada por anos ([TOMAZELO; FERREIRA, 2001](#)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se cada vez mais comum a manifestação de comportamentos individualizados e egoístas quando se trata de aquisi-

ção de produtos, investimento financeiro e conscientização do que se aproveita, gasta e consome. As famílias, atualmente, diante das atividades e atribuições diárias, dão destaque à praticidade dos atos, descuidando da conservação, economia e valorização mútuas na manutenção sustentável e responsável de um lar. Com isso, leva à promoção de atitudes percebidas como comuns às novas gerações.

Com o objetivo de mudar este cenário o Programa de Educação Financeira e Consumo Consciente apresentou bons resultados em relação à aprendizagem e mudança de atitudes. Os alunos evidenciaram a aquisição de hábitos sustentáveis diante da valorização do dinheiro e consumo consciente.

O saber financeiro foi adquirido e aperfeiçoado no desenvolvimento reflexivo de práticas corriqueiras vividas pela família. Mostrando-se evidente às modificações de atitudes no que diz respeito à valorização do dinheiro e análise de propostas vantajosas e desvantajosas.

Juntamente, o Consumo Consciente também fez parte integrante fundamental dessa prática, valorizando o equilíbrio entre satisfação pessoal, as possibilidades ambientais e os efeitos sociais nas decisões de cada estudante.

Tais resultados comprovam que a metodologia utilizada com aulas expositivas, interativas e sequenciais, sempre contextualizando o conteúdo com a prática cotidiana, discutindo e solucionando problemas de situações reais, permeada por diálogos e debates de práticas positivas, é uma ferramenta importante para a Educação Financeira.

Os Programas de Educação Financeira e Consumo Consciente devem ser contínuos e permanentes para que os estudantes se tornem cidadãos responsáveis e críticos, que valorizem seu dinheiro, verifiquem as vantagens e desvantagens das promoções e sejam consumidores conscientes.

REFERÊNCIAS

AKATU. *O que é consumo consciente*. 2015. Disponível em: <<http://www.akatu.org.br/>>. Acesso em: 15 Fev. 2015. Citado na página 62.

AMARA, G. P.; ROSSETI, H. J. Educação matemática financeira: construção do conceito de moeda nos últimos anos do ensino fundamental público. In: UEL. *Anais do XVI EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática*. Londrina, 2012. ISSN 2237–8448. Citado na página 66.

BALLEJO, C. C.; KROETZ, K. Imposto de importação: uma proposta de educação financeira no ensino fundamental. In: *Anais do XIX EREMATSUL – Encontro Regional de Matemática da Região Sul*. Santa Maria: [s.n.], 2013. Citado na página 61.

BIANCHINI, E. *Matemática*. 7ª. ed. São Paulo: ONU, 2011. Citado na página 65.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Diretrizes Curriculares Nacionais: Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília, 1998. Vol. I, II e III. Citado na página 61.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). *Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981*.: Política nacional do meio ambiente. Brasília, 1981. Citado na página 62.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). *Responsabilidade Socioambiental: Consumo Sustentável*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/>

responsabilidade-socioambiental/ producao-e-consumo-sustentavel/ conceitos/consumo-sustentavel>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado na página 62.

CENTRO DE CIÊNCIA DO SISTEMA TERRESTRE (INPE); REDE CLIMA (MCTI); INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA MUDANÇAS CLIMÁTICAS (INCT). *Teste Sua Pegada Ecológica*. São José dos Campos, 2012. Disponível em: <<http://www.suapegadaecologica.com.br/>>. Acesso em: 15 Abr. 2015. Citado na página 65.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (ONU). *Agenda 21: Mudança dos Padrões de Consumo*. [S.l.], 1992. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado na página 62.

D'AQUINO, C. *O que é educação financeira*. 1996. Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/513>>. Acesso em: 11 Mar. 2015. Citado na página 61.

DEPRESBITERIS, L. A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. (Ed.). [S.l.]: RiMa, 2006. cap. Avaliação da Aprendizagem na Educação Ambiental – uma Relação Muito Delicada, p. 1–12. Citado na página 70.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ (FIEP). *Sombra do Imposto*: Cartilha. Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.fiepr.org.br/sombradoimposto/cartilhas-1-14466-135007.shtml>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

GIOVANNI JR., J. R. *A Conquista da Matemática*. São Paulo: Editora FTD, 2012. (8º ano). Citado na página 65.

MODERNELL, A. *Por que educação financeira para crianças*. 2011. Disponível em: <<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 69.

PIVA, A. L.; BORGES, P. R. S. Educação Financeira e seus benefícios. In: *VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica*. Campo Mourão. Paraná: [s.n.], 2012. Citado na página 62.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: [s.n.], 1998. Tradução: Cláudia Schilling. Citado na página 62.

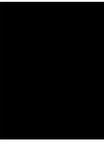
THE STORY OF STUFF PROJECT (STUFF). *The Story of Stuff with Annie Leonard: A História das Coisas com Annie Leonard* (dublado). [S.l.], 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xBCoc842FV8>>. Acesso em: 14 Abr. 2014. Citado na página 65.

TOMAZELO, M. G. C.; FERREIRA, T. R. C. Educação ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos? *Ciência & Educação*, v. 7, n. 2, p. 199–207, 2001. Citado na página 70.

VENTURA, R. *Mudanças no perfil do consumo no Brasil: Principais Tendências nos Próximos 20 anos*. 2009. Disponível em: <<http://macroplan.com.br/documentos/artigomacroplan2010817182941.pdf>>. Acesso em: 0 Mai. 2015. Citado na página 69.

CAPÍTULO

4



**EDUCAÇÃO
FINANCEIRA NA
PRÁTICA
PEDAGÓGICA DE
JOVENS E ADULTOS**

*Cristina Aparecida Jordão
Fábio Alexandre Marcelino Navarro*

RESUMO

O trabalho busca elucidar a contribuição da abordagem de questões financeiras no processo de aprendizagem dos estudantes de Educação de Jovens e Adultos. Para isso, primeiramente explica o histórico da modalidade e quais as suas particularidades. Nota-se, aí, que o EJA surgiu com intuito de alfabetização e inserção de mão de obra qualificada no mercado de trabalho, estando o adulto em segundo plano, mas na verdade este adulto frequentemente apresenta insegurança com a escola, os quais precisam ser solucionados com base no diálogo e na inserção de assuntos relativos à vida pessoal, que garantam sua autonomia, entre o conteúdo da aula. Em um segundo momento, o artigo aborda o papel do professor, da escola e da prática pedagógica, e de que maneira deve haver a adaptação ao EJA. Aqui, nota-se que o professor desta modalidade deve deixar de lado a função tradicionalista da educação e passar a incluir o estudante no processo de planejamento e prática pedagógica, pois isso combate a desigualdade, aumenta a confiança do discente e contribui para que o professor assegure seu papel transformador. A seguir, o trabalho explica a importância do tema educação financeira, antes de apresentar a pesquisa-ação realizada na Escola Municipal Araucária, em Curitiba (PR), para abordar a importância de se aliar o assunto educação financeira e a prática pedagógica no ensino de matemática na EJA. A educação financeira mostrou-se um tema essencial para garantir a autonomia e aumentar a autoconfiança do estudante, enquanto a discussão posterior sobre o conteúdo trabalhado, além de reforçar estes itens, possibilitou a melhoria da prática pedagógica, com a proposta de novas atividades que corroboraram ainda mais na formação do aluno da EJA. Percebeu-se, com a pesquisa, que o uso dos materiais didáticos e as experi-

ências proporcionadas pela prática pedagógica ajudaram no processo de desenvolvimento educacional dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos, Escola Municipal Araucária, Prática Pedagógica, Educação Financeira.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada a pessoas que, independente do motivo, não concluíram o ensino fundamental e/ou médio na idade apropriada. É uma forma de incentivo aos jovens e adultos retornarem às salas de aula. Os estudantes da EJA geralmente sentem-se inseguros, apresentando resistência em suas tentativas assertivas. Para fazê-los adquirir maior confiança, tornar as aulas interessantes e ajudar a combater a desigualdade, faz-se necessário que o professor deixe de lado a educação tradicional e passe a aderir ao diálogo com a turma, a considerar suas vivências e necessidades, além de estar sempre se atualizando e autoavaliando, a fim de melhorar a prática pedagógica.

Um exemplo de conteúdo que se encaixa como útil e necessário à vida pessoal dos estudantes, ao mesmo tempo em que garante que a função do educador seja alcançada é a educação financeira. Ela se mostra uma ferramenta poderosa, possibilitando avanços na autonomia do estudante e com isso aumenta sua autoconfiança, além de trazer novos conhecimentos.

Este trabalho pretende, por meio de uma pesquisa-ação realizada na Escola Municipal Araucária, apresentar a Educação de Jovens e Adultos e suas peculiaridades, para, a partir daí, defender a importância do tema educação financeira

para jovens, adultos e idosos estudantes. A prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos, relacionada à Educação Financeira, instiga os estudantes notarem a importância da sua supervisão em suas finanças contribuindo com suas escolhas?

DESENVOLVIMENTO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta muitas modificações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Analisando a trajetória histórica da EJA (STRELHOW, 2010), percebe-se que nunca houve esforço ou interesse para o desenvolvimento de políticas públicas. O que ocorre é que a demanda do mercado de trabalho e o desenvolvimento da indústria, interesses de crescimento mundial, fizeram com que governantes diagnosticassem a importância de se criar programas para a “erradicação” do analfabetismo. Sendo assim, nunca houve uma formação para docentes pautada, de fato, no ensino para o adulto (andragogia), conforme explica Hamze:

“Andragogia é a arte de ensinar aos adultos, que não são aprendizes sem experiência, pois o conhecimento vem da realidade (escola da vida). O aprendizado é factível e aplicável. Esse aluno busca desafios e soluções de problemas, que farão diferenças em suas vidas. Busca na realidade acadêmica realização tanto profissional como pessoal, e aprende melhor quando o assunto é de valor imediato. O aluno adulto aprende com seus próprios erros e acertos e tem imediata

consciência do que não sabe e o quanto a falta de conhecimento o prejudica. Precisamos ter a capacidade de compreender que na educação dos adultos o currículo deve ser estabelecido em função da necessidade dos estudantes, pois são indivíduos independentes autodirecionados.” (HAMZE, 2015).

O que a autora aponta, assim, é que o indivíduo que busca o EJA é independente e já possui formação por outras fontes que não a escola. Assim, sua educação não é com o intuito de “moldar”, mas de buscar auxiliar em questões práticas cotidianas.

Ademais, como afirma Freire (1998), ensinar só será uma prática emancipadora a partir do momento em que os estudantes são percebidos como sujeitos com conhecimentos prévios, histórias de vida que precisam ser consideradas. O processo de ensino-aprendizagem precisa ser dialogado, discutido com todos os sujeitos que o envolvem.

Partindo desse contexto, o educador assume o papel de mediador, aquele que orienta a discussão sobre as questões acerca do contexto social, cultural, econômico no qual os sujeitos da EJA estão inseridos. Provoca a construção da consciência crítica, auxilia na aquisição do conhecimento formal para a superação das desigualdades, das injustiças, da dicotomia presente no conceito de igualdade (FREIRE, 1998, p. 11).

Esta tomada de consciência não é um processo simples, mas ocorre gradualmente, por meio de um processo complexo de desconstrução e construção de novos saberes. A tarefa é árdua e exige do sujeito o ato de humanizar-se, fazer o reconhecimento do outro e estabelecer com ele uma relação dialética:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p. 93).

Assim, atingir um EJA de qualidade implica a necessidade de uma prática pedagógica significativa, com novas estratégias de planejamento e de avaliação, bem como uma formação pautada na construção coletiva, onde exista ética, respeito e a vivência permanente da relação teoria-prática.

A Educação de Jovens e Adultos precisa elaborar um planejamento voltado à qualidade das tarefas e adaptado à turma a que se destina. Isso ocorre porque, entre os estudantes, é comum a insegurança, e em vários momentos este estudante manifesta suas vontades, escolhas, receios, situações problemáticas, fazendo com que o professor precise replanejar a prática pedagógica.

Ademais, é comum que a história pessoal dos alunos da modalidade EJA envolva dificuldades econômicas, situações de exclusão social e experiências negativas com a escola. Sua visão de escola é baseada, também, no ensino tradicionalista, onde o professor é o detentor do saber e o estudante precisa receber informações variadas para ser moldado.

Procurar a instituição de ensino não é algo fácil para estas pessoas: elas precisam de encorajamento, romper com alguns paradigmas e a escola precisa ter consciência disto para que ele seja acolhido, e não excluído novamente. Neste contexto, torna-se inerente a formação contínua do educador, para assim mudar as histórias de vida nas salas da EJA. Uma maneira de sensibilizar os estudantes é demonstrar o interesse por cada um deles, dando o direito de expressão, es-

cutando e atendendo suas solicitações de forma a contribuir com o seu aprendizado.

É papel fundamental do educador conhecer individualmente cada estudante, elaborando situações de vivências diferenciadas e diversificadas ao contexto do educando, além de oportunizar debates que os leve a refletir e desenvolver opiniões pessoais a respeito os conhecimentos adquiridos. O processo deve ser um hábito diário, para a preparação do estudante dentro e fora do ambiente escolar.

Vale ressaltar que o ambiente escolar é um meio de grande importância para o sujeito construir outras formas de saberes e formar opiniões críticas e autônomas. Conforme explica [Soek e et al \(2009\)](#), a função da escola é oportunizar momentos desafiadores e levar sempre à reflexão, elaborar diversas maneiras de aprender e contextualizar os temas com as experiências de vida, pedindo ao estudante que argumente sobre as situações colocadas:

O educando precisa ser diariamente instigado, desafiado. Ele tem que entender que o conhecimento não está pronto e acabado. Desta forma, cabe ao educador problematizar, mediar, com base no diálogo, e tornar a sala de aula um espaço aonde os sujeitos irão se constituir através de suas interações com os outros. Nesse processo de constituição da identidade do educador e do educando da EJA, uma condição básica é romper com a lógica escolar homogeneizante, discriminatória, classificatória ([SOEK; et al, 2009](#), p. 32).

Deste modo, parte-se da premissa que o conhecimento tem que ter significado para o educando e que ambos, educador e educando, constroem a prática pedagógica, pois esta precisa ser dialogada e interativa. A escola deve ser um local onde todos têm vez e voz e a participação se dá num movimento ativo e reflexivo.

Precisa-se considerar que o próprio educador, ao inserir-

se na Educação de Jovens e Adultos, também pode trazer concepções do ensino tradicionalista, e romper com as práticas pedagógicas anteriores não é algo imediato. [Freire \(1996\)](#) considera a formação do docente como um processo permanente de pensar de maneira crítica a própria prática:

Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me ([FREIRE, 1998](#), p. 11).

Assim, o educador, de maneira geral, mas em especial aquele da modalidade EJA, precisa trabalhar a autocrítica e o autoconhecimento da própria prática pedagógica de maneira constante, para desenvolver meios de romper a barreira entre aluno e escola e levá-lo à integração efetiva e a adquirir confiança e conhecimentos.

A Educação Financeira é considerada por [Pinheiro \(2008\)](#) apud [SANTOS, 2012](#) como “a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida”. De acordo com [Claudino, Nunes e Silva](#), trata-se de um processo:

“[...] em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendação claras, possam desenvolver as habilidades e a confiança necessária para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando o seu bem-estar financeiro.” ([CLAUDINO; NUNES; SILVA, 2009](#), p. 3).

Ou seja, trata-se de um processo de discussão da impor-

tância do dinheiro, e desenvolvimento de meios eficientes para administrá-lo, especialmente pela poupança e pelo investimento, com consequente tomada de consciência e melhora da situação financeira do indivíduo.

Nas situações pedagógicas da EJA, os educadores devem adequar as ocorrências relacionadas a questões financeiras no cotidiano dos estudantes, proporcionando novos conceitos e estratégias a este respeito e assim possibilitando o desenvolvimento de uma visão crítica e ampla para a construção mais consciente e próxima à sua realidade, ampliando o aprendizado.

Neste sentido, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico lista uma série de recomendações sobre o tema, nos quais inclui a educação financeira, afirmando que sua abordagem deve começar na escola, de modo a inserir as pessoas neste processo precocemente (KERN, 2009 apud OCDE, 2005a). No EJA, porém, os estudantes passam por este processo de aprendizagem de maneira tardia, e aplicam as questões financeiras ao mesmo tempo em que as aprendem, e que já precisavam lidar anteriormente com o assunto e resolver situações-problema sem o conhecimento prévio dado em sala de aula.

Devido à falta de informações precocemente a este assunto nos ambientes familiares e escolares nota-se na EJA o não planejamento financeiro, as insatisfações e inseguranças na organização dos orçamentos domésticos, a falta de valorização nos investimentos, colaborando assim com trabalhos exaustivos, com carga horária extensa, salários mínimos, compras a prazo, falta de investimentos, de diálogo e interesse financeiro.

Ensinar matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. Letrar-se matematicamente

significa aprender a utilizar com compreensão as diferentes linguagens matemáticas, estabelecendo relações significativas entre elas e mobilizando conhecimentos na solução de problemas relacionados ao mundo do trabalho, da ciência, da vida cotidiana e escolar (MEC/CNE, 2006, p. 257).

Apresentar informações de Educação Financeira aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos possibilita uma visão de mundo atualizada identificando questões sociais, políticas e econômicas no contexto escolar construindo no individual e coletivo, novos conceitos que vem a ser aplicados na prática diária.

Dessa maneira, os estudantes são educados e preparados como seres críticos, atuantes e capazes de refletir sobre diversos assuntos. Eles desenvolvem a autoconfiança, organização, concentração, atenção, raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo, desenvolvendo a socialização e aumentando as interações do indivíduo com outras pessoas possibilitando novos meios de aprender, bem como instrumentos tecnológicos disponíveis.

Este projeto consegue envolver inúmeros aspectos pessoais e sociais que vão ao encontro dos objetivos próximos aos estudantes. Torna-se um processo de aprendizagem que oferece autonomia, à medida que fundamenta o conhecimento dos conteúdos escolares com a consciência de vida dos estudantes em sua vida financeira.

A metodologia utilizada no projeto de pesquisa é a pesquisa-ação, sendo o objetivo transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações.

A escolha da metodologia se justifica, uma vez que esta é inerente ao habitus do professor, pois é essencial à sua prática para a construção do conhecimento e para a elaboração de uma proposta imediata de reflexão e ação:

Somente uma formação, que leve o professor a

comprometer-se, é capaz de dar uma resposta positiva à escola. Com comprometimento e autonomia, podemos chegar a mudanças nas práticas dos professores e na constituição do profissional autônomo, leitor, escritor, reflexivo, crítico e colaborador. As escolas precisam de profissionais que indagam, refletem e investigam continuamente sua prática.

Deste modo, a pesquisa-ação corrobora a função social do professor e a sua formação, uma vez que garante a percepção de problemas e o desenvolvimento de soluções no cotidiano em sala de aula.

PESQUISA E RESULTADOS ALCANÇADOS

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Araucária, no Bairro Alto, região norte da cidade de Curitiba, Paraná. A escola conta com apenas uma turma de EJA, no período noturno, a qual possui 20 alunos, sendo 12 mulheres e 8 homens com faixa etária de 20 a 68 anos.

Os alunos desenvolvem atividades profissionais como: diarista, pedreiro, babá, serviços gerais, acompanhante de idosos. Demonstram interesse em começar ou retomar os estudos para melhorar sua autoestima, ajudar os filhos ou netos nos estudos e para melhorar suas oportunidades de trabalho e qualidade de vida.

A turma da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Araucária é participativa, gosta de ser desafiada e demonstra persistência e criatividade para a resolução de situações problema.

O interesse pelo tema Educação Financeira surgiu quando os estudantes mostraram preocupações com os gastos em situações de datas comemorativas. A professora

aproveitou a ocasião para abordar o tema da educação financeira.

A partir disso, percebeu-se a oportunidade de inserir uma oficina como forma de construir conhecimento sobre o tema a partir da ação, sem perder de vista, porém, a base teórica. [Vieira e Volquind \(2002, p. 11\)](#) conceituam oficina como “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto”.

Uma oficina é, então, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina atende o que é previsto por Freire e esperado pela Educação de Jovens e Adultos, uma vez que muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva ([PAVIANI; FONTANA, 2009](#)).

Assim, a educação financeira foi iniciada a partir da mostra de um vídeo sobre a história do dinheiro ([BOVESPA, 2013](#)), seguida pela instigação aos estudantes para refletir sobre os dias atuais e considerar os pós e os contras da evolução, construindo no coletivo um texto sobre o novo conhecimento da turma.

Além disso, oralmente, os estudantes comentaram sobre o aumento no preço das verduras. Partindo dessa situação-problema, a proposta da educadora foi de realizar uma pesquisa de preços, onde o planejamento era fazer uma sopa, a partir da pesquisa da quantidade e dos ingredientes necessários, foi feito o levantamento de preços.

O planejamento foi realizado pelos estudantes deste o início, sendo que em alguns momentos a professora desafiava o grupo. Os estudantes fizeram uma lista de ingredientes e

cada grupo ficou responsável em comprar legumes e verduras, conforme combinado no coletivo. Vale ressaltar que planejar e orçar gastos constituem uma forma altamente eficaz de gestão financeira, pois criam:

“[...] condições de mensuração e análise de variáveis que afetam os objetivos financeiros do indivíduo antes que o mesmo tome uma decisão de consumo ou investimento, estabelecendo padrões de controle e comparação dos resultados [...]”
(WOHLENBERG; BRAUM; ROJO, 2011, p. 138).

A partir disso, os estudantes relataram que não costumavam se preocupar com planejamento, e alguns constataram que poderiam estar desperdiçando ingredientes, ao utilizar maior quantidade do que o necessário, ou não aproveitar integralmente. Dessa maneira, perceberam no planejamento não apenas a possibilidade de melhor aproveitamento financeiro, mas também de recursos naturais.

Em relação ao questionário aplicado sobre finanças pessoais com a turma, notou-se o não endividamento pela maioria, porém não conseguem sobreviver sem o salário, não tem um investimento, as compras são realizadas pelo cartão de crédito e crediário. O controle de gastos se dá de maneira informal, sem o uso de planilhas. Os estudantes descobriram, após os resultados apresentados do questionário, a necessidade de novas ações em sua vida financeira para identificação dos gastos, economias e investimentos.

É importante compreender que o questionário permite a reflexão sobre o seu processo de ensino, e a possibilidade de pensar sobre o que aprendeu (OLIVEIRA, 2009), isto para o professor e o estudante.

Por meio das atividades propostas, os estudantes demonstraram o conhecimento que já possuíam em educação financeira, bem como a organizações financeiras pessoais, e otimizaram esses conhecimentos, com grande impacto no orçamento doméstico e pessoal.

Notou-se, neste caso, que houve elaboração de um planejamento de aula significativo relacionado à problematização de questões da vida do estudante. Construir gráficos de orçamentos domésticos mensais, quinzenais, anuais, leva o discente a ampliar o seu conhecimento, com ações de melhorias sociais. Além de aprender diversas formas de obter informações a respeito deste assunto, ele constrói e manifesta suas opiniões e autonomia por meio dos questionários realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário preparar os indivíduos para o exercício de cidadania, pois os adultos precisam vivenciar, no espaço escolar, situações inovadoras que provoquem a construção de novos conceitos mediante sua vivência. Buscar a formação financeira integral do cidadão, ao mesmo tempo em que organiza o planejamento financeiro e seu controle, contribuiu na tomada de decisão em situações diárias que exigem o raciocínio rápido.

A metodologia pesquisa-ação mostrou-se adequada ao contexto do EJA, pois a participação de todos os envolvidos é fundamental para o resultado final, a partir deste conceito todos contribuem com a transformação deste processo de aprendizado.

As estratégias metodológicas e tecnológicas diferenciadas e diversificadas auxiliam no interesse e participação dos estudantes, além de apresentar diversas formas de obter informa-

ções a respeito da educação financeira, para a construção de suas opiniões e autonomia em suas pesquisas.

A Educação de Jovens e Adultos demanda o diálogo permanente entre professor e estudante, de modo que o primeiro compreenda as necessidades, os desafios e as dificuldades do segundo, e adapte sua prática pedagógica com base nisso. O profissional de educação deve buscar, especialmente, a construção de conhecimentos que sejam aplicáveis ao estudante fora de sala, pois as atividades com esse enfoque favorecem a autonomia e autoconfiança, ao mesmo tempo em que alimentam o interesse do aluno nas atividades escolares.

O planejamento que envolve o estudante o torna confiante, fazendo-o ser participativo do seu processo educativo, melhorando a autoestima, proporcionando maior interesse em seus conhecimentos. Esta prática prazerosa considera várias áreas do conhecimento inclusive a relação com atividades de matemática.

A partir dessa experiência, tornou-se possível afirmar que a prática pedagógica em Educação Financeira é significativa e está associada à realidade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, favorecendo a relação ação-reflexão-ação permitindo a construção de novos experimentos em seu contexto social.

Pesquisar, debater sobre as questões financeiras, compreendendo como direito fundamental do ser humano, relacionando às conquistas alcançadas, reconhecendo os problemas existentes e ações para as melhorias. O conhecimento torna os estudantes emancipados e dá ferramentas para que busquem uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

- BM&F BOVESPA (BOVESPA). *Educação Financeira: História do dinheiro*. São Paulo, 2013. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qh4Vn0I1R6w>>. Acesso em: 11 Jun. 2015. Citado na página 86.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (MEC/CNE). *Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006*: Diretrizes Curriculares Nacionais. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado na página 84.
- CLAUDINO, L. P.; NUNES, M. B.; SILVA, F. C. d. Finanças pessoais: um estudo de caso com servidores públicos. In: *XII SEMEAD – Seminários em Administração*. Universidade de São Paulo: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/724.pdf>>. Acesso em: 11 Jun. 2015. Citado na página 82.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987. Citado na página 80.
- FREIRE, P. *Pedagogias da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Citado 4 vezes nas páginas 82, 95, 96 e 115.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1998. Citado 2 vezes nas páginas 79 e 82.
- HAMZE, A. *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos*. 2015. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/e214>>. Acesso em: 20 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 78 e 79.

KERN, D. T. B. *Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública*. Dissertação (Mestrado) — Centro Universitário Univates. Curso de Ensino de Ciências Exatas, Lajeado, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/87>>. Citado na página 83.

OLIVEIRA, S. A. d. O lúdico no ensino de matemática: re-significando a prática pedagógica. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. *II Encontro da Rede de Professores, Pesquisadores e Licenciandos de Física e de Matemática*. São Carlos, 2009. Disponível em: <http://www.enrede.ufscar.br/participantes_arquivos/E6_OLIVEIRA_RE.doc._1_.pdf>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado na página 87.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Financial Educational Project: Economic, Environmental and Social Statistics*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 83 e 129.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *Revista Conjectura*, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado na página 86.

PINHEIRO, R. P. Fundos de pensão e mercado de capitais. In: REIS, A. O. (Ed.). São Paulo: Peixoto Neto, 2008. cap. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. Citado na página 82.

SANTOS, M. A. M. d. *Educação financeira e resolução de problemas: Contribuições para o ensino de matemática na Educação de Jovens e Adultos*. Monografia (Monografia)

— Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Matemática. Curso de Matemática: Licenciatura, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/66866>>. Citado na página 82.

SOEK, A. M.; et al. *Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências da Natureza e Matemática*. 2009. Moodle. Curitiba: CIPEAD/UFPR. Citado na página 81.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 38, p. 49–59, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2014. Citado na página 78.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* 4ª. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002. Citado na página 86.

WOHLENBERG, T. R.; BRAUM, L. M. S.; ROJO, C. A. Finanças pessoais: uma pesquisa com os acadêmicos da Unioeste Campus de Marechal Cândido Rondon. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*, n. 38, p. 133–152, 2011. Marechal Cândido Rondon. Citado 2 vezes nas páginas 87 e 315.

CAPÍTULO

5

**ORIENTAÇÃO
FINANCEIRA PARA
FAMÍLIAS COM
BENEFÍCIO DO BPC**

Almeida Maria Teresa Cerqueira

Aliriam Stangue de Lara

Ferreira Dolores de Lima

Silviane de Oliveira

Felipe do Valle

Dornelles Vissotto Junior

Camila Izis A. B. Paul

RESUMO

Este artigo teve como objetivo levar quinze famílias beneficiárias do BPC (Benefício de Prestação Continuada) de educandos do Ensino Especial da Escola Especial Helena Wladimirna Antipoff, bairro Boqueirão, município de Curitiba/Pr, que atende 300 alunos de zero a vinte e cinco anos com deficiência intelectual e múltiplas deficiências. Famílias que vivem em condição de vulnerabilidade social, possuindo somente as séries iniciais de escolarização e que recebem o BPC as quais a renda per capita deve ser no máximo um quarto do salário mínimo. Foi observado pelos professores (as) a necessidade de realizar orientações e uma reflexão sobre o melhor uso do referido valor, bem como contribuir com a melhor administração pessoal, atendendo prioritariamente as necessidades vitais do aluno deficiente (medicamentos, roupas, lazer, alimentação, etc) contribuindo assim com melhores condições de seu desenvolvimento e aprendizagens. Foram realizados dois encontros com as referidas famílias, objetivando iniciar uma proposta de reflexão, permitindo um despertar em relação ao consumo consciente, o discernimento diante da necessidade e do desejo da aquisição, compreendendo o marketing de uma sociedade consumista e capitalista. Levantou-se em conjunto estratégias das possibilidades de economia, discussão e leitura da Cartilha elaborada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, sobre Orçamento Familiar e Economia Doméstica, com planilha referente aos gastos mensais, permitindo visualizar e controlar os mesmos, agregando dicas de melhores compras (produtos da estação, feiras a preço único, armazém da família, dias de oferta, compras em quantidade adequadas, entre outras). Foi um momento de exteriorização de emoções, relato das dificuldades diárias, mas principalmente que existe ações que possibilitem o melhor

controle dos gastos pessoais domésticos e que cabe a cada um de nós a segurança de nosso futuro financeiro. Conforme nossa administração diária é que se faz necessário ter uma visão crítica da possibilidade da compra, ofertado continuamente ao público consumidor. Certamente famílias mais organizadas e ajustadas financeiramente, possibilitam condições mais adequadas para o desenvolvimento integral do nosso educando especial.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial, Orientação, Economia, Sustentabilidade, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Com a possibilidade da globalização nos dias atuais e a mídia tentando impor um padrão elevado de consumo de bens materiais, que são inovados constantemente e lançado no mercado, geralmente somos conduzidos pela apelação do consumo exagerado. As estratégias de marketing para que o indivíduo entre em um consumismo desmedido, muitas vezes leva a realizar empréstimos, financiamentos a perder de vista, gerando uma ilusão de poder.

A insuficiência de conhecimento e um padrão de consumo adotado historicamente pelas famílias comprometem o equilíbrio financeiro das mesmas Assim, há necessidade da conscientização em torno do melhor uso do dinheiro.

Tal conscientização é também papel da escola, de educadores com sua função de transformadores da sociedade. Partimos do princípio de que a matemática é elemento importante à conscientização política das massas, pois pode colaborar na “leitura do mundo” e instrumentalizar os alunos de modo que se tornem cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. [Freire](#) afirma que:

“Voltemos à questão central que venho discutindo nesta parte do

texto: a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. É preciso deixar claro que o conceito de intervenção não está sendo usado com nenhuma restrição semântica.

Quando falo em educação como intervenção, e refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas na propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto a que, pelo contrário, racionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta.” (FREIRE, 1996, p. 109).

A abordagem de conteúdos ligados à educação financeira, ofertados nas escolas, igrejas e pela sociedade em geral, pode capacitar os alunos e famílias para entenderem melhor o mundo em que vivem, torná-los cidadãos críticos, que conseguem entender as notícias veiculadas através dos meios de comunicação, orientá-los para ingressar no mundo do trabalho, consumir adequadamente, questionar, indagar sobre seus direitos e analisar quais seus deveres.

Ser um consumidor consciente é possuir uma atitude responsável diante de seus gastos pessoais e familiares, fazendo uso do dinheiro de acordo com sua real necessidade e condições do consumo.

As vivências de discussões ofertadas certamente contribuirão para a formação do cidadão atuante possibilitando o delineamento dos próprios objetivos financeiros almejados. [Farinhas](#) no capítulo “Dinheiro não Traz Felicidade” do seu livro afirma que:

“Realmente ele é apenas um condutor. Quando no Natal você compra um brinquedo e presenteia uma criança, ela fica feliz

e, ao ver no sorriso a satisfação dela, você também fica feliz. O dinheiro então contribui ou não para promover um momento de felicidade? O dinheiro não traz felicidade quando somos conduzidos por ele. Nesse caso é ele quem dita as regras, que nos diz para trabalharmos mais, investirmos mais, lucrarmos mais e mais. Quando permitimos que esta dominação ocorra, prejudicamos a família, a saúde, as amizades.” (FARINHAS, 2008, p. 15).

À medida que os gastos estejam sob controle, é possível realizar um planejamento e até projetar intenções futuras sobre projetos almejados.

Assim, podemos ressaltar que o trabalho de educação financeira, análise, discussão, ofertado aos familiares do ensino especial que recebem BPC (Benefício da Prestação Continuada) objetiva possibilitar a reflexão da realidade social que estão inseridos, e que é possível transformá-la usando os valores recebidos de forma mais adequada, comedida, priorizando as necessidades vitais do educando deficiente. Contribuindo e refletindo no seu processo ensino-aprendizagem satisfatório e melhoria de sua qualidade de vida.

DESENVOLVIMENTO

Para obter os resultados da coleta de dados realizamos a pesquisa-ação, objetivando o desenvolvimento de uma prática mais consciente em relação ao consumo financeiro das referidas famílias.

Aplicamos a pesquisa durante dois encontros nos espaço físico da escola, com os familiares de alunos deficientes da

Escola Especial Helena Wladimirna Antipoff, que atende alunos com faixa etária entre 0 a 25 anos, no município de Curitiba, envolvendo aproximadamente 15 familiares pesquisados. Pais estes com renda em torno de 01 a 02 salários mínimos provenientes de trabalho informal, com escolaridade predominando o ensino fundamental incompleto e que recebem o BPC.

Durante o percurso profissional, presenciamos inúmeras situações, onde foi possível concluir que uma melhor administração financeira familiar em muito contribuirá com o processo ensino aprendizagem do educando.

Apesar dos recursos sendo insuficientes para suprir toda a demanda do dia a dia da família é possível, fazendo uso de valores de forma mais racional e menos emocional, ou seja, comprando somente o necessário, imprescindível; à vista; em locais de vendas mais populares (sacolões, armazém da família), evitando desperdício e procurando viver dentro do salário que recebe.

É de suma importância que a família do educando deficiente tenha consciência de que o valor recebido do BPC deve atender prioritariamente as necessidades vitais dos mesmos, como alimentação adequada, medicamentos (fraldas quando fizer uso), roupas, moradia, lazer, entre outros, contribuindo assim com melhores condições de seu desenvolvimento e de aprendizagem. Criando assim hábitos de reflexão e de programação para encontrar alternativas que permitam usar melhor seus recursos e elevar a qualidade de vida dos membros de suas famílias, com um orçamento equilibrado; são alguns dos objetivos do referido trabalho.

Bem, sabemos que como cada um ganha, gasta e conserva seu dinheiro é uma combinação de valores, emoções e habilidades.

As habilidades técnicas aprendidas pela experiência ou

pelo estudo, que nos capacitam a tomar decisões, decisões estas que muitas vezes levam a uma rotina preocupante, indefinida; ou organizada, previdente e disciplinada.

Optamos por fazer coletas de dados com uso da cartilha Orçamento Familiar e Economia Doméstica elaborada pela Prefeitura Municipal de Curitiba (SMAB, 2010) e uso de materiais de fácil compreensão, linguagem simples e ilustrada. Orientação e preenchimento de tabela de controle de seus gastos pessoais, discussões sobre problemas relacionados à falta de dinheiro, carestia entre outros.

Segundo a cartilha, segue abaixo dicas de como economizar (SMAB, 2010, p. 9):

- Tenha apenas um cartão de crédito. O acúmulo de cartões estimula os gastos;
- Adote a economia como um princípio de vida. Negue-se a gastar sem necessidade;
- Anote todos os gastos, analisando-os cuidadosamente;
- Confira seus extratos de bancos e de cartões;
- Poupe antes e gaste depois;
- Compre à vista sempre que for possível esperar;
- Não se esqueça: juros são os custos da impaciência;
- A conta de telefone é paga de acordo com pulsos, fale somente o necessário;
- Use o carro o menos possível. Adote transporte solitário, use transporte coletivo ou caminhe (que é uma opção sustentável além de econômica);

- Mantenha o carro em regulado. Além de gastar menos combustível e apresentar menos problemas mecânicos;
- Não atrase os pagamentos de suas contas, pois elas sofrem acréscimos quando são pagas fora do vencimento;
- Evite entrar no cheque especial. Lembre-se que seu uso acarretará o pagamento de juros altíssimos;
- Espere as liquidações que ocorrem no final das estações. Os preços e as condições de pagamento são sempre melhores;
- Siga as recomendações das prestadoras;
- Siga as recomendações das prestadoras de serviços de água, luz, telefones para fazer economias;
- Pague a conta de cartão de crédito à vista. Os juros do parcelamento das contas são muito altos;
- Valorize seu dinheiro e pechinche ao fazer qualquer compra;
- Diante da possibilidade de compras inesperadas sempre pergunte-se “eu realmente preciso deste produto?”.

Foram proporcionados momentos para as explicações, exposições de situações cotidianas, das “artimanhas” do mercado consumista, dos “apelos familiares diante do consumo”, bem como “as dificuldades de se dizer Não” diante de pedidos de aquisições.

Este trabalho foi nos possibilitando levantar ações em conjunto com os mesmos sobre alternativas de economia financeira, locais com preços mais acessíveis e a necessidade

de avaliar conjuntamente à família a viabilidade de aquisição de um bem maior, sempre estimulando o diálogo e acordos familiares.

Em uns dos encontros onde foi levantado o valor do gasto semanal com os gastos que poderiam ser poupados: (cafezinhos, lanche etc.), as famílias mostraram-se surpresas com o montante constatado. Também se mostraram surpresas com a diferença de preços apresentado de produtos usuais em mercados diferentes, reforçando a visão da importância da pesquisa de preços.

Por fim, foram analisadas atitudes, falas e respostas, momento este de exteriorização de posturas, emoções e intenções.

Objetivamos realizar um trabalho voltado para um repensar sobre o melhor uso do dinheiro e também a percepção de que somos induzidos a consumir, muitas vezes desmedidamente, acarretando transtornos como intranquilidade, conflitos e dívidas.

Com o corre-corre do dia a dia, acabamos muitas vezes, agindo de forma automática e não conseguimos parar para pensar em mudar nossos hábitos. Mudar a rotina não é fácil, mas necessário. Se economizarmos nas pequenas coisas, teremos uma boa economia em nosso orçamento. Tente mudar sua rotina, consuma com consciência. Pequenas atitudes fazem a diferença (CAIXA, 2015, p. 51).

Ao final dos encontros, como forma de fixação e tentativa de materialização do trabalho proposto foi possibilitado aos participantes elaborar um desenho de seu próximo objetivo financeiro, onde poderão visualizá-lo continuamente em seu domicílio traçando metas de como será possível alcançá-los.

Também foram distribuídos cofrinhos aos participantes como forma de estímulo à sua economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se com a realização do referido trabalho o qual foi direcionado as famílias com filhos deficientes e que são beneficiários do BPC (benefício de prestação continuada) que realmente necessitamos de orientações sobre o melhor uso do dinheiro.

Pois somos continuamente atraídos pelo marketing impostos pela sociedade capitalista onde precisamos analisar e nos frear diante do consumo impróprio.

As consequências do mau uso do dinheiro foram levantadas, as quais trouxeram falta de tranquilidade, discórdias familiares e arrependimentos.

Foi de relevante importância para o crescimento pessoal a análise sobre a realidade da condução de nossos valores, como podemos usá-lo da melhor forma, contribuindo para uma vida financeira mais organizada e segura. Bem sabemos que uma família mais organizada financeiramente resulta em melhores condições de ensino aprendizagem para o educando. É importante ressaltar que este trabalho foi apenas uma pequena parcela no processo de tomada de consciência em relação ao consumo e seria de grande valia estender-se para a rede municipal de ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CAIXA ECONÔMICA FEDERAL (CAIXA). *Educação Financeira*.: Guia CAIXA para uma vida melhor. Brasília, 2015. Vol. II. Citado na página [101](#).

FARINHAS, A. C. *Cura! Há solução para sua vida financeira*. 1ª. ed. Curitiba: Editora inVerso, 2008. Citado 2 vezes nas páginas [96](#) e [97](#).

FREIRE, P. *Pedagogias da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Citado 4 vezes nas páginas [82](#), [95](#), [96](#) e [115](#).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. SECRETARIA MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO (SMAB). *Orçamento Familiar e Economia Doméstica*. Curitiba, 2010. Citado na página [99](#).

ANEXO

Tabela elaborada para possibilitar o controle dos gastos pessoais dos familiares beneficiários do BPC (Benefício de Prestação Continuada).

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DOS GASTOS DO BENEFÍCIO

PAIS: _____

ALUNO: _____ DATA: _____

	março	abril	maio	junho	julho	agosto	Setemb.	outu	Nov.	Dez
1- ALIMENTAÇÃO										
2 - MEDICAMENTOS										
3 - FRAILDAS										
4 - ALUGUEL/PRESTAÇÃO										
5 - GÁS										
6 - LUZ										
7 - ÁGUA										
8 - ROUPAS E CALÇADOS										
9 - OUTROS										
10 - TOTAL										

LEMBRE-SE: COMPRAS NO ARMAZÉM DA FAMÍLIA CUSTAM ATÉ 30% MAIS BARATO.

PREFIRA VERDURAS E FRUTAS DO SACOLÃO DA FAMÍLIA.

APOIO ÀS FAMÍLIAS

Figura 5.1 – Tabela de orçamento familiar do BPC

Parte II

QUALIDADE DE VIDA NAS FINANÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

CAPÍTULO

6

**A EDUCAÇÃO
FINANCEIRA E O
IMPACTO NA
QUALIDADE DO
TRABALHO**

Graziela Tatiana Jardim

Adriana Galvão Patriota Jonsson

Alcioni Dassie de Souza

Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello

RESUMO

Quando se discute educação financeira a primeira ideia que se busca é avaliar a nossa própria organização das finanças. Para compreender como as pessoas lidam com a condição financeira pessoal é preciso buscar definições que embasam as suas relações com o contexto pessoal e seu reflexo no contexto social. A presente pesquisa é um estudo de campo que pretende investigar o perfil financeiro do quadro docente e seu investimento no processo formativo para qualificação profissional. A pesquisa foi realizada através de questionário a professores da educação infantil da Prefeitura Municipal de Curitiba que atuam em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs).

PALAVRA CHAVE: Educação Financeira, Formação, Qualificação Profissional, Educação

INTRODUÇÃO

Quando se discute educação financeira a primeira ideia que se busca é avaliar a nossa própria organização, geralmente quem tem dificuldade de administrar suas finanças sente-se incomodado em discutir o assunto, pois gera desconforto, ansiedade, constrangimento e quase sempre as pessoas trazem em seu discurso justificativas como: ganho pouco; vivência de situações imprevistas ou investimentos em longo prazo, mas dificilmente admitem a dificuldade de gerenciar seus próprios recursos.

Diferente de quem consegue organizar suas finanças a partir dos seus proventos, trata o assunto com tranquilidade, apresenta formas de organizações e tem este processo como algo que ocorre naturalmente.

Situações advindas do novo modelo econômico mundial, processo de globalização, facilidade da obtenção de crédito, da busca desenfreada em manter *status quo* e principalmente da inexistência de uma educação no âmbito de educação financeira e o consumo responsável.

Segundo [Savoia, Saito e Santana \(2007\)](#), a globalização, o avanço no desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais introduzidas pelas políticas neoliberais nas últimas décadas têm produzido profundas mudanças nas relações econômicas, sociais e políticas em todo o mundo. No entanto, a eficiência com que a escola insere a difusão destas mudanças no contexto educacional não acompanha a velocidade destas transformações.

Para enfrentar a evolução crescente nestes aspectos econômicos, atrelado à dificuldade que a sociedade apresenta em lidar com o consumo responsável, foi criado um grupo de estudo para elaborar o documento “Estratégia Nacional da Educação Financeira” ([CONEF, 2013a](#)) para inserir a temática no ambiente educacional.

A formação docente e sua busca em qualificação profissional também estão à luz das condições financeiras do professor, seja no ato de ensinar ou aprender. Segundo [Bandeira \(2013\)](#), a educação se efetiva a partir da formação docente e sua prática pedagógica com qualidade o que exige qualificação, valorização profissional e políticas adequadas.

É nesta ótica que o artigo pretende realizar uma pesquisa de campo com professores de educação infantil da Rede Municipal de Curitiba, nas unidades de atuação das pesquisadoras.

O objetivo é mapear quantitativamente o perfil financeiro do grupo de profissionais e seu investimento em qualificação profissional, aprofundando qualitativamente a análise a partir dos fatores de influência na educação financeira, a escola

como espaço de educação, impacto na formação e qualificação profissional.

A pesquisa surge de dois questionamentos – O quanto à educação financeira na organização de vida dos professores é um fator que interfere na sua formação e na busca de qualificação profissional? - Qual o percentual de professores no grupo analisado que buscam outras frentes de trabalho para complementação de renda?

DESENVOLVIMENTO

Fatores de influência na Educação Financeira

Para compreender como as pessoas lidam com a condição financeira pessoal é preciso buscar definições que embasam as suas relações com o contexto pessoal e seu reflexo no contexto social.

Seguindo o disposto pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005b) no âmbito educacional a “Estratégia Nacional da Educação Financeira” (ENEF) é definida como:

“O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessárias para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então façam escolhas bem informadas, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consciente para formação e sociedade

des responsáveis, comprometidos com o futuro.” (CONEF, 2013a).

O Caderno de Educação financeira – Gestão de Finanças Pessoal (BCB, 2013a) também contribui definindo: “Educação Financeira como o meio de prover esses conhecimentos e informações sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e da comunidade.”

Ambas as definições têm a família como primeiro núcleo educacional a propiciar instruções que correspondem à eficiência da organização e cultura. Segundo [Moreira e Carvalho \(2013\)](#) a falta de conhecimento sobre finanças pessoais interfere nas decisões do indivíduo levando-o a comprometer parte de sua renda em dívidas, adquirindo hábito de gastar mais que ganha e não realizando planejamento dos seus gastos.

Compreender e apropriar-se desta concepção é um fator fundamental na busca da qualidade de vida. [Nahas \(2006 apud VISSOTTO JR.; NAVARRO, 2013\)](#), entende qualidade de vida como a percepção de bem-estar que reflete um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais, financeiros e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano.

Outro fator influente é a conjuntura econômica em que o país disponibiliza a sociedade. De acordo com [Savoia, Saito e Santana \(2007\)](#) é papel do governo promover reorganizações de provimentos em bens e serviços a partir de interferências geradas por novos modelos econômicos, globalização e políticas governamentais.

Esta atual conjuntura estimula o consumo desenfreado, a culminância de um mercado de trabalho competitivo e exigente no processo formativo das pessoas e a influência ma-

Tabela 6.1 – Percentual de endividamento familiar

Data	Síntese dos resultados (% em relação ao total de famílias)		
	Total de endividados	Dívidas ou contas em atraso	Não terão como pagar
Jan./2013	60,2%	21,2%	6,6%
Dez./2013	62,2%	20,8%	6,5%
Jan./2014	63,4%	19,5%	6,5%

Fonte: CNC (2014) <<http://www.cnc.org.br/>>

ção das estratégias de marketing. Tudo isto atrelado a pouco investimento em formação de educação financeira trás oscilações e resultados desastrosos que comprometem a economia como um todo e gera o desequilíbrio financeiro familiar.

Fator comprovado nos índices de pesquisa da Confederação Nacional do Comércio e de Bens, Serviços e Turismo, percentual que indica que mais da metade das famílias estão com seus rendimentos comprometidos, visualizado resumidamente na tabela 6.1.

A educação financeira na escola

A escola é o espaço social que tem como sua principal função promover a educação, esta é garantida por lei visando o desenvolvimento do indivíduo e a preparação para a vida em sociedade. Segundo a Constituição:

“Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988).

Na mesma perspectiva e com enfoque de aprofundamento a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) também estabelece no artigo 1º o processo formativo do indivíduo e sua relação com o mundo:

“Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida famílias, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (CARNEIRO, 2014).

Segundo [Gentili e McCowan \(2010, p. 33\)](#), “A educação é um processo permanente de apropriação do conhecimento já produzidos pela humanidade e de produção de novos conhecimentos, sendo a escola seu espaço privilegiado.”

No entanto, a educação financeira no Brasil tem sido apresentada por instituições de cunho financeiro como: Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Mobiliários, Bolsa de Valores de São Paulo, Federação Brasileira de Bancos, Serasa, Associação Nacional dos Bancos de Investimento, Instituições e eventos e Mídia.

Anterior a 2010 não havia obrigatoriedade da educação financeira no Sistema de Ensino pelo Ministério de Educação (MEC). De acordo com [Savoia, Saito e Santana \(2007\)](#), havia menção ao ensino da matemática com objetivo de levar o educando a desenvolver habilidades a cálculos financeiros e relacionar a matemática com outras áreas do conhecimento.

De acordo com a [CONEF \(2013a\)](#), a partir do ano de 2010 foi instituída a ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira pelo Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, como ação em parceria com o MEC o Programa Educação Financeira nas Escolas com o objetivo de proporcionar aos alunos de ensino fundamental e médio o desenvolvimento da

cultura de planejamento, prevenção, poupança, investimentos e consumo consciente.

O Programa dispõe material de subsídio o documento “Orientações para Educação Financeira na Escola” e material didático disponível no site do MEC para trabalhar com ensino fundamental e médio”, mas não faz referência a subsídio formativo na capacitação de docentes para o trabalho com a temática, o que torna o assunto paliativo no contexto educacional.

A formação docente e qualidade de trabalho e sua relação com educação financeira

Pertencer a uma sociedade de constantes transformações, onde a velocidade de informações supera as condições humana de acompanhar, faz a formação humana estar em busca constante. Segundo [Charlot \(2005, p. 56\)](#), “[...] um ser humano não pode apropriar-se de tudo que a espécie humana criou, em todos os tempos e em todos os lugares.”

Não é diferente no campo da educação, onde o docente precisa estar em constante busca de saberes para garantir o mínimo de qualidade na formação do educando. Por [Bandeira:](#)

“Decerto que a formação não se dá por mera acumulação de conhecimentos, mas constitui uma conquista tecida com muitas ajudas: dos livros, mestres, das aulas, das conversas entre professores, da internet, dentre outros. Além do mais depende sempre de um trabalho de teor pessoal. Parafraseando Freire, ninguém forma ninguém, cada um forma-se a si mesmo.” ([BANDEIRA, 2013, p. 2](#)).

Pensar em formação é preciso remeter-se primeiramente ao seu conceito. Segundo dicionário da língua portuguesa [Bandeira \(2013, p. 3\)](#) o vocábulo “formação” tem sentido de formar, construir, ou seja, é um processo de interação e de transformação de conhecimentos. Para [Bandeira \(2013, p. 3\)](#), “o conceito de formação é suscetível de múltiplas perspectivas, mas tem sido recorrente associar o conceito ao seu desenvolvimento pessoal e profissional”.

Outro desafio no perfil docente é a formação de um professor pesquisador que leve o aluno a reflexão e a capacidade de transposição da teoria na prática, segundo [Freire \(1996, p. 24\)](#), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Contudo, a formação é resultado da busca permanente de qualificação e isto demanda do docente dispor de interesse, tempo e investimento, que depende da condição financeira pessoal do docente e a relação que estabelece com os saberes adquiridos sobre educação financeira. Se não dispõe desta competência com certeza a qualificação ficará em segundo plano contribuindo para deficiência da qualidade da educação.

Da mesma forma se dá a relação de ensinar ao aluno o que não é domínio em minha prática. [Freire \(1996, p. 93\)](#) disse “Como professor, não é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei”, é nesta perspectiva que pretende-se, compreender a relação da formação docente com educação financeira no espaço escolar pesquisado.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é uma pesquisa de campo que pretende investigar o perfil financeiro do quadro docente e seu investimento no processo formativo para qualificação profissional. Este artigo é decorrente da investigação de quanto a educação financeira na organização de vida dos professores é um fator que interfere na sua formação e na busca de qualificação profissional, juntamente com a percepção de docentes com outras frentes de trabalho para complementação de renda pessoal.

Pode ser classificada como uma pesquisa quantitativa, pois traz dados percentuais mediante gráficos e uma pesquisa qualitativa porque busca aprofundar os respectivos dados em relação aos fatores de influência da educação financeira e a escola como espaço de educação, formação profissional e qualificação profissional.

A pesquisa foi realizada através de questionário a professores da educação infantil da Prefeitura Municipal de Curitiba que atuam em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs).

Os professores de educação infantil ingressam na função através de concurso público a nível médio com formação em magistério, podendo participar de avanços na carreira profissional à medida que investem em formação acadêmica e formação continuada (crescimentos horizontais e crescimentos verticais).

Atualmente a Prefeitura Municipal de Curitiba é mantenedora de 199 CMEIs, a pesquisa foi desenvolvida em três unidades onde atuam as autoras do artigo.

Sendo estes o Centro Municipal de Educação Infantil Hermes Macedo – Bairro – Campo do Santana com capacidade para atender 260 crianças e um quadro de profissionais de

35 professores, Centro Municipal de Educação Infantil Maria Gracita Gracia Gonçalves – Bairro – Campo do Santana com capacidade de atender 202 crianças e um quadro de profissionais de 30 professores, Centro Municipal de Educação Itacolmí Sabará – Bairro -Cidade Industrial com capacidade de atender 180 crianças e um quadro de profissionais de 30 professores.

O questionário apresenta dez questões objetivas divididas em três campos de investigação, sendo o primeiro conhecer o tempo de atuação e formação acadêmica de ingresso na profissão, o segundo para obter o perfil financeiro do docente e como ele percebe a sua condição financeira, para isto buscou-se relacionar uma questão com a outra, e o terceiro perfil de investimento em formação dos profissionais.

Após etapa de coleta de dados busca-se quantificar através de gráficos e analisar as variáveis com interpretação qualitativa relacionada ao objetivo da pesquisa.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa foi aplicada a 95 professores obtendo 71 respostas, sendo que no CMEI Hermes Macedo dos 35 professores 28 entregaram o questionário, no CMEI Maria Gracita Gracia Gonçalves dos 30 professores e 21 responderam o questionário e no CMEI Itacolmí Sabará dos 30 professores 22 responderam à pesquisa.

O questionário com os dados quantitativos está dividido em dois grupos de perguntas, Grupo 1 e Grupo 2, descritos a seguir.

Grupo 1

Este grupo abordou as perguntas referentes ao tempo de atuação na profissão, formação inicial e investimento em qualificação profissional. O resumo das respostas está nos gráficos da figuras 6.1–6.4.

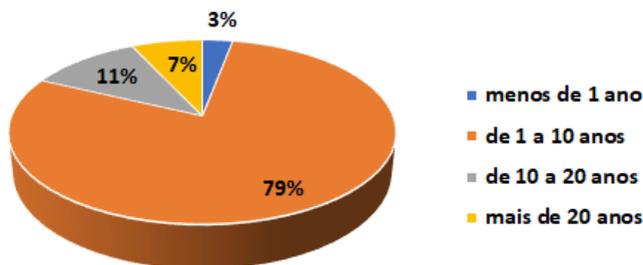


Figura 6.1 – Tempo de atuação como educador na rede municipal.

O gráfico da figura 6.1 demonstra que 97% dos professores já possuem um tempo de magistério superior a 1 ano, o que faz destas unidades terem uma composição do quadro docente maduro para busca de qualificação profissional.

Os gráficos das figuras 6.2 e 6.3 indicam que 63% dos profissionais ingressaram na carreira com formação acadêmica em nível superior, onde 11% já possuem especialização *Lato Sensu*, e 35% dos professores ingressaram na profissão com magistério em nível médio, sendo que 39% estão cursando nível superior. O que representa uma busca significativa em formação para quem ingressou em nível médio.

Em contrapartida os professores com formação superior somente 10% buscam investimentos em especialização na sua formação acadêmica. Destes 31% complementam sua

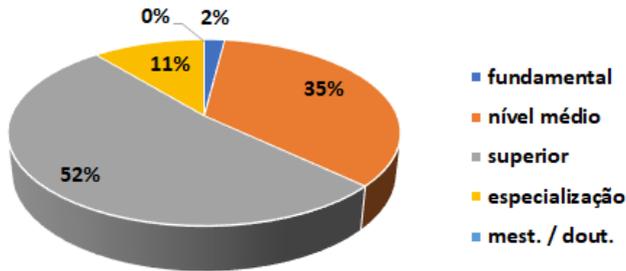


Figura 6.2 – Nível de formação.

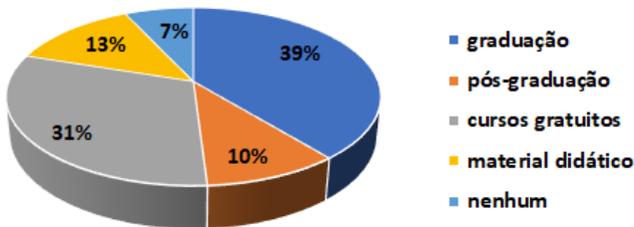


Figura 6.3 – Investimentos realizados na formação.

formação somente com cursos em formação continuada ofertados pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

Referente ao investimento em repertório cultural, (gráfico da figura 6.4) a pesquisa demonstra que 37% participam quando o evento cultural é ofertado pela mantenedora ou pela escola, ou seja, somente nas propostas de Semana de Estudos Pedagógicos (SEP) ou em reunião pedagógico administrativa quando previsto pela escola. Percebe-se que não configura busca pessoal em repertório cultural para ampliar

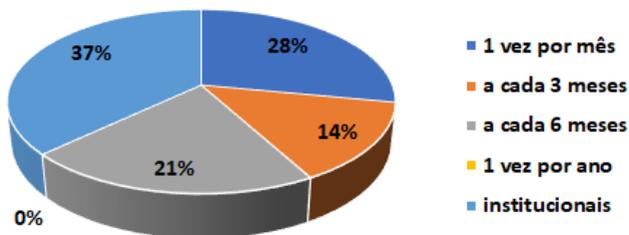


Figura 6.4 – Periodicidade com que frequentam atividades culturais.

a sua qualidade profissional, em sim o cumprimento de carga horária.

Grupo 2

Neste grupo se concentraram as perguntas referentes à vida financeira (Gráficos das figuras 6.5–6.8).

Para analisar os resultados do gráfico da figura 6.5 é importante salientar que a jornada de trabalho dos professores de educação infantil é de 40 horas semanais, ou seja, oito horas diárias.

Este gráfico pretende quantificar os profissionais que buscam outras fontes de renda para complementar o orçamento, e o resultado foi que 60% dos professores não buscam uma segunda fonte de renda, mas 40%, que é um índice significativo, buscam outras fontes de recursos, sendo elas variadas.

Ao analisar as atividades que complementam a renda dos professores, conclui-se que 29% dos professores tem ocupações que não tem relação com sua formação (vendas, garçone, manicure, telefonista, fotografo, serviços de manutenção). Apenas 11% aproveitam a sua profissão para comple-

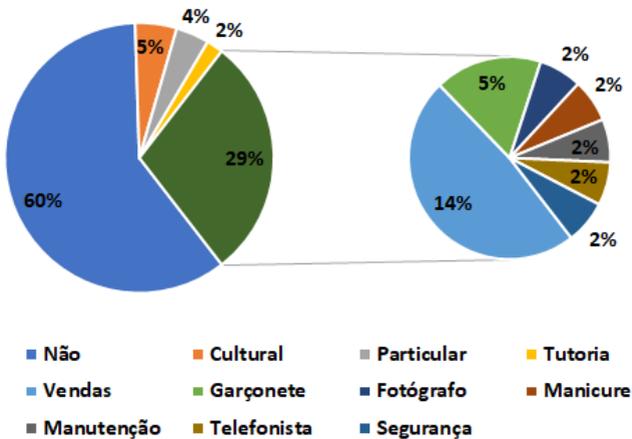


Figura 6.5 – Atividades de complementação de renda.

mentar a renda pessoal (professor particular, tutoria, agente cultural).

Este índice indica que os docentes realizam carga horária superior a 40hs semanais, o que compromete o investimento na formação a nível acadêmico e em formação continuada nos aspectos de tempo e recursos, vindo a confirmar o que indica o gráfico da figura 6.3 referente ao baixo investimento em especialização por parte dos professores com formação em nível superior, investindo somente em formação continuada ofertada pela prefeitura, já que a maioria dos cursos oferecidos nesta modalidade são durante as 40hs semanais e sem a necessidade de aporte financeiro.

No gráfico da figura 6.6 foi levantada a questão: Nos últimos anos você conseguiu pagar seus compromisso em dia e à vista? No gráfico da figura 6.7 a questão foi: Você acompanha mensalmente seu orçamento familiar? Já no gráfico da

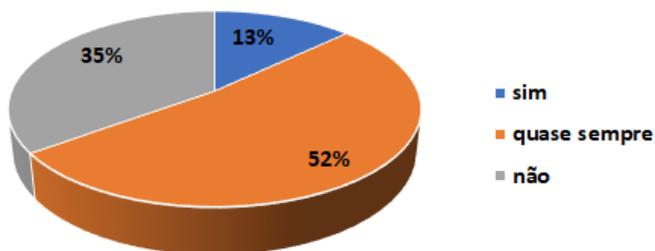


Figura 6.6 – Capacidade de manutenção das contas regularmente em dia.

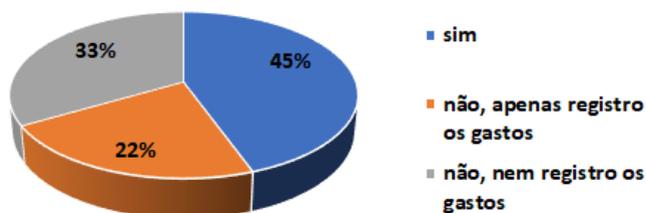


Figura 6.7 – Capacidade de acompanhamento mensal do orçamento familiar.

figura 6.8 a questão levantada: Qual a sua avaliação da sua vida financeira?

Os resultados obtidos demonstram que, nestas três questões, 50% dos professores não possuem uma condição financeira crítica, existe equilíbrio, mas com a ausência de planejamento para segurança financeira em longo prazo, pois apenas 4% têm o hábito de poupar parte de seus recursos.

Mesmo assim, um percentual significativo de 40% encontram-se com os recursos totalmente comprometidos.

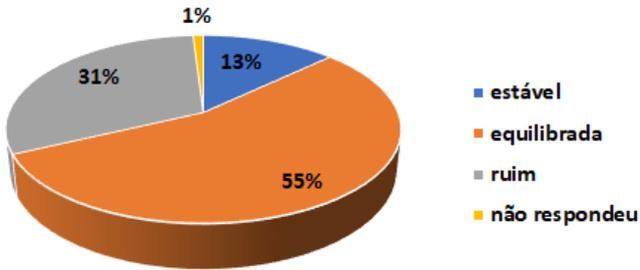


Figura 6.8 – Auto avaliação da vida financeira.

dos em dívidas, necessitando a busca de créditos para honrar com seus compromissos.

Fator que demonstra a dificuldade em gerenciar seus recursos e a deficiência da educação financeira no seu planejamento familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre educação financeira é imprescindível nos tempos atuais a todo o ser humano. Conforme [Paez e Pereira \(2011\)](#), nenhuma prática é constituída do vazio, é sim do resultado de uma construção que se articula a partir das referências de mundo e de si mesmo trazendo significado para o ambiente físico e social.

No entanto, hoje não basta ter uma boa condição financeira é preciso saber administrar com eficiência, e estas aprendizagens advêm de diferentes fatores, espaços e tempos. A escola é um deles, assim como os saberes dos sujeitos que nela atuam.

Portanto, verifica-se nesta pesquisa que apesar de 60% dos pesquisados não terem outra atividade produtiva, 86%

dos entrevistados (Gráfico 7) possuem uma situação financeira ruim ou equilibrada, ou seja, não sobra nada de recursos no fim do mês (conforme gráfico 4). A alta qualificação dos professores da rede infantil contrastado com os resultados do gráfico 4 nos dá um indicativo que qualquer esforço para administrar as finanças não será suficiente para ter uma qualidade de vida adequada, necessitando procurar outras atividades produtivas para poder manter seu orçamento.

Esta procura faz diminuir o rendimento dos professores da educação infantil nas salas de aula, causando também afastamento por tratamento de saúde.

O que nos leva a concluir que o processo formativo e a busca de qualidade profissional atrelado aos seus conhecimentos sobre educação financeira podem ser considerados um campo de considerável fragilidade.

Com isto, a pesquisa sinaliza uma lacuna importante para aprofundamento de estudos em nível do contexto dos professores da rede municipal e planejamento de futuros investimentos em políticas públicas para a qualidade da educação do município diminuindo o impacto que este fator contribui na qualificação profissional dos professores.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, H. M. M. Formação de professores e prática reflexiva. In: *IV Encontro de Pesquisa*. [S.l.: s.n.], 2013. Citado 3 vezes nas páginas 109, 114 e 115.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 35^a. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 1988. Atualizada em 2012. Citado 2 vezes nas páginas 112 e 284.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Caderno de Educação Financeira*.

Gestão de finanças pessoais. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://cidadaniafinanceira.bcb.gov.br/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 111 e 177.

CARNEIRO, M. A. *LDB fácil leitura crítico-compreensivo, artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Citado na página 113.

CHARLOT, B. *Relações com o saber, formação dos professores e globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2005. Citado na página 114.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Advancing National Strategies for Financial Education: Brasil: Implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira*. Brasília, 2013. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf>. Acesso em: 03 Mai. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 109, 111 e 113.

FREIRE, P. *Pedagogias da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Citado 4 vezes nas páginas 82, 95, 96 e 115.

GENTILLI, P.; MCCOWAN, T. *Reinventar a escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Citado na página 113.

MOREIRA, R. C.; CARVALHO, H. I. F. S. As finanças pessoais dos professores da rede municipal de ensino de campo formoso- ba: Um estudo na escola josé de anchieta. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, v. 3, Jan.–Abr. 2013. Citado na página 111.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 4ª. ed. Londrina: Midiograf, 2006. Citado na página [111](#).

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado 3 vezes nas páginas [30](#), [110](#) e [146](#).

PAEZ, F. M.; PEREIRA, A. S. A construção filosófica do perfil docente: Reflexões necessárias à prática. In: *IV Colóquio Internacional de Educação: Educação, diversidade e ação pedagógica*. Joaçaba, SC: [s.n.], 2011. v. 1, n. 1. Citado na página [123](#).

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 41, n. 6, Nov.–Dec. 2007. Citado 6 vezes nas páginas [109](#), [111](#), [113](#), [146](#), [307](#) e [313](#).

VISSOTTO JR., D.; NAVARRO, F. A. M. Educação Financeira e qualidade de vida. In: *31º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*. [S.l.: s.n.], 2013. Minicurso. Citado 4 vezes nas páginas [111](#), [308](#), [309](#) e [314](#).

CAPÍTULO

7

**A EDUCAÇÃO
FINANCEIRA DOS
PROFISSIONAIS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTUDO DE CASO**

*Luiza Bernardo da Silva Dalsasso
Elisangela Aparecida dos Santos Gziboski
Dulcinéia Martins
Kauana Yrina A. B. Vissotto*

RESUMO

A facilidade de crédito ofertada pelas redes bancárias, através do crédito consignado, é um forte atrativo para os funcionários públicos da rede Municipal de Curitiba. O acesso ao crédito fez com que as pessoas contraíssem dívidas, em sua grande maioria sem realizar um planejamento adequado. Com a falta de orientação de uma disciplina financeira, as pessoas se encontram despreparadas para enfrentar tantas facilidades e acabam se endividando e por muitas vezes sem perspectivas de sair deste endividamento. Diante do exposto, este artigo tem por objetivo averiguar a relação existente entre organização financeira e endividamento pessoal dos profissionais da educação infantil da prefeitura do município de Curitiba. Foram realizadas pesquisas com o intuito de diagnosticar a situação prescrita na vida financeira dos funcionários dos CMEIs Ana Proveller e Professora Teruko Beltrão, levantando informações de como os funcionários da rede pública tem gasto o seu salário e lidado com as facilidades de crédito. As conclusões preliminares demonstram que a situação financeira dos funcionários que contraíram dívidas em crédito consignado é alarmante e que boa parte dos entrevistados necessita de uma orientação e acompanhamento para estabilizarem sua situação financeira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira, Finanças Pessoais, Endividamento Pessoal, Facilidade de Crédito.

INTRODUÇÃO

O conceito de educação financeira adotado neste trabalho é o definido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. Segundo a instituição:

“A educação financeira é o pro-

cesso pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre conceitos e produtos financeiros e, por meio de informação, instrução e orientação objetiva, desenvolvem habilidades e adquirem confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos financeiros, para fazerem escolhas bem informadas e saberem onde procurar ajuda ao adotarem outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar e a sua proteção.” (OCDE, 2005a, p. 2).

Educação financeira nada mais é do que um conjunto de informações básicas sobre como fazer a melhor gestão do próprio dinheiro, o que requer certa organização e elaboração para acompanhar o orçamento seja, pessoal ou familiar, com vista no que comprar, investir ou economizar/poupar, visando atingir objetivos predefinidos.

Vale ressaltar que se adquirem os hábitos na educação financeira, mas que a prática é constante, a medida em que alguns objetivos vão sendo cumpridos, outros são elencados, tornando a educação um processo cíclico, pois em cada fase da vida as necessidades também se modificam.

O planejamento pode ser dividido em quatro partes: primeira parte: o orçamento, que é controle do que se gasta e quanto sobra, passível de revisão quando o que se ganha é um valor menor do que se gasta; segunda parte: dívidas, levantamentos do que se deve; terceira parte: sonhos: objetivos traçados, metas que motivam a conquista do que se ganha, exigindo muitas vezes certo sacrifício; e por fim a quarta parte: poupança e investimentos, poupar para que o futuro não esteja atrelado a meramente ao que se ganha, mas que se tenha uma certa segurança financeira.

Quando se pensa na educação financeira no âmbito pessoal, não se pode descartar os reflexos tanto da vida familiar como também da vida em sociedade, pois toda ação gera consequência.

Diante destes fatos, o objetivo principal deste trabalho é estabelecer um diagnóstico da situação financeira dos profissionais dos CMEIs Ana Proveller e Professora Teruko Beltrão através da abordagem de conversas informais e realização de pesquisa. Com este diagnóstico será possível realizar os objetivos específicos de conscientizar os profissionais sobre o uso indevido do crédito consignado, auxiliar com informações sobre a elaboração de um planejamento financeiro e assim estimulando para uma vida financeira saudável e com perspectivas futuras.

DESENVOLVIMENTO

Se a necessidade é uma educação financeira de qualidade e que possa conduzir a uma qualidade de vida torna-se necessário um planejamento aliado a disciplina e esforço contínuo buscando uma reeducação e assim conquistando o equilíbrio da vida financeira. Para tanto não existe uma receita pronta, o que se deve ter é a consciência do certo ou errado, baseando-se em noções e levantamentos sobre a temática: educação financeira. Somatizado a isto a realidade financeira pessoal e familiar relacionando necessidade, ego, prazer, satisfação e qualidade de vida.

O que torna interessante tais análises são as certezas obtidas sobre a importância de economizar, cortar alguns gastos que a grosso modo parecem pequenos ou superficiais, o gasto por impulso e a necessidade de uma saúde financeira saudável. Sendo a maneira pela qual tais necessidades serão

supridas dependerá única e exclusivamente de cada compreensão baseadas nas necessidades e o momento que se vive atualmente, exige muita confiança no se se quer para que o resultado seja proveitoso.

Itens relativamente importantes para um início de planejamento:

1. Planilha de orçamento;
2. Dados de contas bancárias e cartões (número de agência e conta, onde guarda extratos, senhas, telefones de contato);
3. Contas a pagar (onde estão guardadas, datas de pagamento, quais estão em débito automático);
4. Dívidas/pendências financeiras;
5. Contratação de serviços domésticos;
6. Seguros e planos de previdência;
7. Investimentos;
8. Documentos (passaporte, título de eleitor, certidões de nascimento e casamento, carteirinhas de vacinação das crianças etc.);
9. Contratos e escrituras;
10. Declaração de Imposto de Renda.

Neste nosso mundo globalizado e com as facilidades de crédito, torna-se necessário um uso de maneira consciente de tudo o que é proposto e ofertado, levando-se em conta o que se ganha com o que se gasta. Seu uso deve estar atrelado às necessidades e ser feito com responsabilidade.

Com tanta facilidade e com parcelas de longo prazo que de forma ilusória são pequenas, resistir se torna um exercício constante, pois o descontrole com certeza conduzirá a um endividamento muitas vezes motivado pela empolgação e não pela real necessidade.

Muitas vezes a falta de planejamento pode conduzir o tornar endividamento, sempre alegando imprevistos, gastando sem controle. Alguns imprevistos são inevitáveis e se a vida financeira se encontra descontrolada, pode fugir totalmente do controle.

Um bom começo para adequar as finanças é organizar uma planilha de registro como forma de demonstrar qual a realidade financeira, sendo que sua eficácia parte do pressuposto de informações verdadeiras e claras, com detalhamento e complexidade, levando em conta até gastos que parecem invisíveis como o cafezinho ou a sobremesa.

A necessidade de se contrapor o que se ganha com o que se gasta é essencial, com esta delimitação torna-se visível onde se está gastando sem certa necessidade. Toda realidade financeira deve estar atrelada ao que é receita, estando atento para não se gastar além do que se ganha e desta forma perceber as grandes brechas de gastos, filtrar e conseguir então fazer certa reserva de prevenção.

O consumismo exorbitante conduz para o descontrole financeiro, há sempre uma busca humana por suprir necessidades enaltecidas por tal consumismo apenas nominando com outras facetas o que estimula ou se arruma uma desculpa para a simples ação do ter, a falta de algo nos faz consumir, como a atenção, o carinho, o tempo ocioso, o excesso do trabalho, enfim a rotina diária reuni inúmeros fatores que conduzem ao descontrole.

Por causa desta rotina frenética onde se trabalha e se ganha para ter ou comprar algo, o entrelace com as dívidas

se tornam tão fortes que, algumas vezes, podem ser aceitas como normais o que dificulta a retomada das rédeas da situação financeira, prumo.

Por isso é necessário a atenção nas contas que estão sendo pagas com dias em atraso, a entrada frequente no cheque especial, pagamento de valor mínimo do cartão de crédito, compras parceladas em grande quantidade, cobranças frequentes. A base para bem utilizar as linhas de crédito é o uso consciente, tendo responsabilidade e ponderação.

O que se torna evidente é que o ganhar mais não solucionará os problemas, a busca do equilíbrio se faz necessário para melhor aproveitamento das receitas e saídas, buscando uma pratica de se gastar menos do que se ganha e não o inverso.

Esta organização permite monitorar a situação financeira, visualmente é possível detectar lacunas, evitando gastos por impulso, filtra o que se torna necessário, ficando mais próximo a possibilidade de futuros investimentos.

O exercício de planejar exige que se tenha a consciência do que se ganha e a partir disto elencar onde o dinheiro será gasto, definindo assim o poder de compra e autocontrole financeiro, trabalhando com que é real.

O que se é orçado, previsto, algumas vezes pode não ser cumprido, isto se dá pela falta de se traçar prioridades financeiras, lembrando que o essencial é manter o foco nos objetivos elencados para que sejam um a um supridos e eliminados, ou seja, alcançados com sucesso.

Faz se necessário pagar as dividas em dia, honrar os compromissos evitando refinanciá-las. Com isso, outro passo é realizar um fundo de reserva para eventual emergência, ou gastos não planejados, lembrando que isso só é possível com as dividas sanadas. Refletir e cortar gastos desnecessários.

O hábito de poupar deve fazer parte da vida da criança

até o patriarca, para que tendo uma vida financeira saudável, clara e definida seja possível usufruir com alegria da vida com qualidade.

Lembrando que em cada fase da vida se requer cuidados e gastos específicos, sendo assim o ato de educar se financeiramente não tem idade. A valorização do que se ganha agregado ao que o outro que partilha da mesma convivência também, há uma consciência financeira, metas pré-estabelecidas e necessidades elencadas para facilitar o cumprimento e satisfação, estando sempre atento ao que se ganha como ponto de partida para os gastos.

Para se ter êxito no planejamento financeiro, se faz necessário objetivos claros, traçando metas, mesmo que isso requeira certo sacrifício e negação de alguns hábitos de consumo. Elencando prioridades, os objetivos devem ser classificados a que prazo serão cumpridos, curto prazo aqueles que se pretende alcançar em menos um ano, médio prazo os que se espera concretizar dentro do prazo de um a cinco anos e em longo prazo as que se pensa em realizar no mínimo em cinco anos.

Com isso pelos levantamentos realizados, análise e estudo de campo o objetivo é sensibilizar sobre o controle e descontrole financeiro, com o intuito de ponderação sobre o que se gasta com o que se ganha, numa busca de equilíbrio financeiro e conseqüentemente melhor qualidade de vida e assim poder ser multiplicador da educação financeira.

De acordo com todas as reflexões realizadas, com base na vivência e questionamentos diários e na vida profissional, a problemática levantada foi relacionada e pautada para uma sensibilização em relação “A educação financeira dos profissionais de educação infantil: estudo de caso dos CMEIs Ana Proveller e Professora Teruko Beltrão”.

O problema está em identificar em qual momento ocor-

reu o descontrole sobre as despesas e finanças pessoais. Visto que são dois grupos com estilos de vida distintos, mesmo assim suas finanças e as queixas frequentes são as mesmas e embora também seja perceptível pelo discurso de que o que se ganha não é tão pouco assim, as dívidas geralmente são superiores aos rendimentos.

Visualmente, além do orçamento que deve ser planejado, é necessária uma reflexão pautada em dados evidentes, aqui representado por meio de comparativo financeiro:

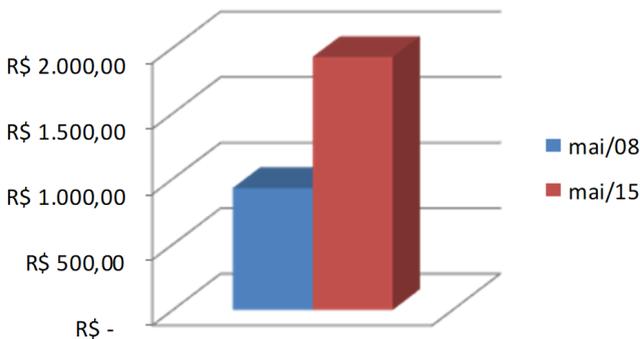


Figura 7.1 – Progressão do Salário Básico dos Profissionais de Educação da Prefeitura de Curitiba entre 2008 e 2015.

O gráfico da figura 7.1 reflete que o ganho salarial do educador, atualmente professor de educação infantil, na média foi maior que 100%, ou seja, mais que dobrou nos últimos sete anos. Enquanto isso a inflação pelo índice IGP-M, ficou em torno de 50% (BCB, 2015a). Isto significa que a renda aumentou em 50% a capacidade de compra e mesmo assim o endividamento aumentou.

Com a pesquisa e indicações de leituras através de conversas dirigidas, o objetivo é sensibilizar sobre o seu controle e descontrole, ponderando entre o que se ganha e o que se gasta, buscando um equilíbrio financeiro e assim uma melhor qualidade de vida, para que sejam verdadeiros multiplicadores.

Assim, buscar mudanças de hábitos com diminuição de futuros endividamentos e que a conversa nos momentos com o grupo sejam de perspectivas melhores e projeções futuras.

Os objetivos só surtirão resultados se a postura dos profissionais for de internalização dos levantamentos, organização pessoal e de novas práticas de educação financeira.

Pela devolutiva das pesquisas e pelas observações sobre o tema, relatados na tabela 7.1, os profissionais se tornaram meros expectadores, constatado na tabela pelo número de devolutivas do questionário, que reflete o grau de interesse dos procurados em tratar do assunto finanças pessoais.

Pelas conversas informais, através de reflexões, levantamento do que se ganhava há sete anos e o que se ganha nos dias atuais, notou-se que os ganhos salariais foram significativos, porém com facilidades de crédito por meio de descontos em folha (empréstimos), abertura de conta com disponibilidades de inúmeros cartões de crédito, cheque especial, cartão qualidade, aliado a uma falta de educação financeira, muitos dos profissionais se endividaram, havendo um descontrole de gastos de forma exorbitante sem até então um olhar reflexivo sobre a questão.

Com a realização da pesquisa, através de um bate papo rotineiro sobre a temática, percebeu-se que a maioria dos profissionais não conseguem identificar em que momento se perdeu neste controle financeiro e nem qual foi o real motivo dos gastos. Muitos estão sem perspectivas de uma construção prospera financeira, como sair das dívidas que com o tempo

Tabela 7.1 – Levantamentos das pesquisas realizadas

	ANA PROVELLER	TERUKO BELTRÃO
Pesquisas distribuídas (respondidas)	19 (12)	24 (21)
Faixa etária média	24 a 48 anos	24 a 48 anos
Renda mensal média	> R\$ 1500,00	> R\$ 1500,00
Compra por	Necessidade	Necessidade
Compras parceladas (como)	Sim (cartão de crédito)	Sim (cartão de crédito)
Comprometimento médio com dívidas	61 a 90%	30 a 60%
Prestações em atraso	Não	Não
Renegociou dívidas	Sim	Sim
Controle mensal	Sim (Anotações)	Sim (Anotações)
Investimentos	Sim	Sim
Empréstimos	Sim	Sim
Definição de Dinheiro	Segurança	Estabilidade

foram contraídas e trabalhando nos dias atuais somente para pagar contas.

Com esta pausa para reflexão sobre o que se ganha e o que gasta, muitos profissionais relatam da necessidade desta educação financeira, percebendo que nunca é tarde para começar e se predispondo para tal ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso ao crédito é um fator positivo, que promove um melhoramento na qualidade de vida das pessoas, no entanto, precisa ser oferecido aos profissionais, juntamente com um programa de educação financeira, que estimule o consumo consciente e a sustentabilidade. Pelas observações com a estabilização da economia e da moeda, a liberdade para o consumo aumentou, sendo que o comércio aproveita desta sen-

sação para conduzir e envolver ao consumismo descontrolado, na busca de aquecer o mercado.

Neste estudo de caso, evidenciou-se uma crescente facilidade de acesso ao crédito para os profissionais da Prefeitura Municipal de Curitiba e com isso um aumento considerado do nível de endividamento nos últimos cinco anos descontrolando o orçamento devido a esta falta de educação financeira.

O crédito facilitado atua como um propulsor de estímulo ao consumo de bens e serviços, aqui tendo como base de estudo os profissionais dos CMEIs Ana Proveller e Professora Teruko Beltrão que encontram muitas facilidades nas taxas de juros baixas ofertadas pelos bancos, empresas conveniadas, crédito consignável e cartão qualidade (espécie de cartão de crédito, porém é debitado em folha todo mês), assim como as ofertas de supérfluos nas portas das unidades (vestuário, alimentação e acessórios). Numa falsa sensação de poder e de uma vida melhor o profissional por sua vez, termina mergulhado em dívidas que dificilmente conseguem ser liquidadas, gerando um ciclo vicioso de desequilíbrio financeiro.

Na realização dos levantamentos e pesquisas, as situações vivenciadas foram significativas, primeiro como tomada de consciência quanto ao uso indevido do que se ganha, segundo, pela constatação de que a maioria dos profissionais não tem por hábito anotar e exigir de si e dos seus o equilíbrio de suas finanças.

Com as conversas antes e depois da aplicação das pesquisas o que se tornou notório é a condução para reflexão da situação financeira individual de cada profissional, com isso cumprindo o objetivo de sensibilizar sobre a temática educação financeira. Percebeu-se também que os profissionais já estão interagindo e refletindo com mais propriedade e principalmente conscientes do quanto se ganha e com o que se gasta nivelando entre o querer e a necessidade real de

consumir, gerando assim perspectivas futuras para as suas finanças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira.*: Calculadora do cidadão. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/calculadora/calculadoracidadao.asp>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Citado na página 135.

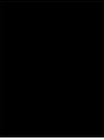
BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). *Educação Financeira: Guia CVM de Planejamento Financeiro*. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/guiafinanceiro/>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

MASSARO, A. *Money fit. O método para criar riquezas e manter a boa forma financeira*. São Paulo: Idéia e Ação, 2010. Nenhuma citação no texto.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Financial Educational Project: Economic, Environmental and Social Statistics*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 83 e 129.

CAPÍTULO

8



**O HÁBITO DE
CONSUMO E A
QUALIDADE DE VIDA
DOS PROFESSORES**

*Lorena Datsch Rodrigues
Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello*

RESUMO

O objetivo deste projeto é mostrar aos colegas professores como o hábito de consumo interfere na qualidade de vida dos mesmos, diagnosticando o que leva as pessoas a um consumo desenfreado, bem como identificar as maiores tentações e os hábitos que atrapalham ou impedem a qualidade de vida. Este trabalho também quer salientar como a educação financeira pode interferir na qualidade de vida dos mesmos, pois de acordo com o resultado da pesquisa pode-se perceber que os professores também precisam ser instruídos financeiramente. A metodologia aplicada neste projeto será uma pesquisa de campo através de um questionário que será entregue aos professores, conteúdo didático na forma de site para leituras e um gráfico com o resultado da pesquisa, abordando a principal questão problema: O que leva as pessoas gastarem tanto?

PALAVRAS-CHAVE: Consumo Consciente, Qualidade de Vida, Professores.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste projeto é mostrar aos colegas professores como o hábito de consumo interfere na qualidade de vida dos mesmos. A metodologia aplicada será uma pesquisa expositiva através de um questionário com perguntas relacionadas a finanças. Tudo isso em virtude de uma importante questão que vem sendo levada em conta na avaliação dos riscos a saúde, que é a qualidade de vida. Mas afinal, o que leva as pessoas ao consumo desenfreado?

De acordo com uma pesquisa da Accenture ([SCARPELLI; HARTLEY, 2011](#)) divulgada pelo portal Maxpress ([MAXPRESS, 2011](#)), o apetite do brasileiro por tecnologia vem se intensifi-

cando ao longo dos anos. Mais da metade (55%) dos consumidores brasileiros comprou um celular no ano de 2010, em comparação com a média internacional, que foi de 32%. Já a busca pela beleza perfeita, ainda que ninguém saiba definir, exatamente, o que isso seja está desencadeando além do crescimento da economia o surgimento de salões pelo Brasil, a ponto do número praticamente dobrar entre 2005 e 2010.

Outra pesquisa da Fecomércio (Federação do Comércio de Bens e Serviço) divulgada no livro de [Cordeiro \(2016\)](#) revela a busca pela beleza como uma importante fonte de gastos no orçamento família “A vaidade do brasileiro é tanta que ele gasta R\$ 1 bilhão com salão de beleza, que é o mesmo tanto com um bem básico que é o frango”, na análise do economista Guilherme Diteze. Algumas mulheres consultadas não se intimidaram em admitir que o gasto com salão de beleza, em sete anos, já proporcionaria a compra de um carro zero. E outras que sequer falaram em valores “para não assustar o marido”. Uma das entrevistadas admite que a família chega a gastar em média R\$ 700,00, por semana.

Diante do bombardeio de propagandas, do consumo desenfreado e da pluralidade de brinquedos que viram objetos de desejo, os pequenos também ficam cada dia mais expostos às tentações e, os pais não conseguem dizer não aos seus filhos, pois muitos substituem presença por presentes.

Para a Carla Tiozo ([GOBI, 2013](#)), o crédito facilitado possibilita o consumo de bens relacionados à “afirmação do status social” do indivíduo, é uma característica essencial da economia capitalista e que a necessidade de consumo tende a crescer com aumento da renda e com a facilidade de crédito.

Ainda na reportagem de [Gobi \(2013\)](#) a economista Luciana Alves afirma: “Facilmente um brasileiro se apresenta em um banco, abre uma conta que já sai com limite e cartão”, diz ela. Ela ressalta ainda, um fator importante para o aumento

no consumo. “As lojas ofertam produtos com o mesmo preço à vista ou parcelado”. Ainda de acordo com ela, a agressividade na oferta de crédito é excelente porque o aumento de consumo é sinal de uma economia aquecida.

As questões relacionadas às finanças são discutidas há muito tempo. Aristóteles (384-322 a.C.), pensador que criou o pensamento lógico, já mencionava sobre as formas de poupar e os problemas oriundos da falta ou da sobra do dinheiro:

“A pessoa que tende para o excesso e é vulgar excede-se, como já dissemos, por gastar além do que seria razoável. Agindo assim, ela gasta demais e demonstra um exibicionismo de mau gosto em ocasiões pouco importantes [...]. E tudo isso ela faz não por motivo nobilitante, mas exibir sua riqueza, e por pensar que é admirada em consequência dessa maneira de agir; ademais, onde deve gastar muito ela gasta pouco, e onde deva gastar pouco gasta muito.” (D’AQUINO, 2007).

Com o passar do tempo, as discussões financeiras aumentaram devido ao desenvolvimento econômico, a variedade de produtos oferecidos ao consumidor e a aos problemas ocasionados pela má gestão de recursos. Apesar de ser um tema relevante atualmente, geralmente não contamos com ninguém que nos ensine sobre como administrar nossos recursos financeiros e dessa forma aprendemos por tentativa e erro (DOMINGOS, 2008).

Acredita-se que o ambiente escolar é propício para iniciar a conscientização e aprendizagem financeira. A educação convencional e a educação financeira são igualmente importantes, no entanto, nem uma nem outra são suficientemente disseminadas no Brasil (FRANKENBERG, 1999). E

devido a pouca informação sobre planejamento financeiro, muitas pessoas acabam se endividando exageradamente.

Segundo a psicóloga Rosana Gabriel a pessoa passa a acumular objetos, muitas vezes na tentativa de preencher espaços vazios como se estivesse preenchendo algo dentro de si mesmo, mas não percebe que este espaço vazio dentro de si nunca é preenchido e precisa sempre de mais e mais. A pessoa chega a um ponto onde ela não consegue diferenciar o que pode jogar fora e o que realmente é necessário jogar fora, ela olha para o objeto como se ele tivesse vida ou sentimento e fosse sofrer caso ela o joga fora. Muitas pessoas às vezes por algum trauma constroem como se fosse um “ninho” para se proteger, ou melhor, onde se sintam protegidas de tudo e todos.

Outro importante objetivo é levar os professores a uma reflexão: É realmente necessário este gasto? Consigo viver sem isto ou aquilo para não me endividar? Afinal o endividamento é um aspecto que tem acompanhado o crescente índice de consumo.

Segundo Ricardo Loureiro, da Serasa Experian, não existem problemas econômicos hoje que expliquem essa inadimplência, como haviam no passado. É necessário que a pessoa faça uma auto-análise da sua realidade financeira observando o desenvolvimento e equilíbrio financeiro dentro de diferentes horizontes de tempo, cenários econômicos, faixas etárias e classes sociais e também da sua real necessidade de aquisição de produtos. Quando essa outra análise acontece é salutar para a vida financeira da família. A educação financeira deve fazer parte do cotidiano de todas as pessoas.

Segundo alguns autores a educação financeira deveria fazer parte do currículo escolar dos alunos. Países desenvolvidos como Estados Unidos, Reino Unido, Japão, Austrália,

Nova Zelândia e Coréia do Sul têm implantado a disciplina de Educação Financeira em seus currículos escolares.

No Brasil infelizmente essa não é a realidade, sendo que apenas algumas escolas oferecem a disciplina por meio de projetos ou inseridas em outras disciplinas obrigatórias. Em um estudo sobre a educação financeira no Brasil, [Savoia, Saito e Santana \(2007\)](#) salientam que o Ministério da Educação e Cultura não notabiliza a obrigatoriedade desta em seu sistema de ensino.

Alexandre Defendi Analista financeiro Sênior na Movile Internet Movel diz que “A educação financeira é necessária para preparar a população em como lidar com o dinheiro e deveria existir já na escola, como em outros países de economia forte.” A Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE, define Educação Financeira da seguinte forma: Educação financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes ([OCDE, 2005b](#)).

A pessoa alfabetizada financeiramente sabe aonde quer chegar, sabe lidar com situações que estão fora da sua área de autoridade e sabe lidar com o dinheiro. Daí a necessidade de ensinar Educação Financeira aos nossos filhos ([PERETTI, 2008](#)).

Segundo a psicóloga Rosana Gabriel a pessoa passa a acumular objetos, muitas vezes na tentativa de preencher espaços vazios como se estivesse preenchendo algo dentro de si mesmo, mas não percebe que este espaço vazio dentro de si nunca é preenchido e precisa sempre de mais e mais. A pessoa chega a um ponto onde ela não consegue diferenciar o que pode jogar fora e o que realmente é necessário jogar fora, ela olha para o objeto como se ele tivesse vida ou sentimento e fosse sofrer caso ela o joga fora. Muitas pessoas às vezes

por algum trauma constroem como se fosse um “ninho” para se proteger, ou melhor, onde se sintam protegidas de tudo e todos.

Na visão de [Frankenberg \(1999\)](#) os pais são os maiores exemplos para seus filhos nesse quesito. Vale destacar que não existe uma regra perfeita para educar financeiramente um filho ou uma criança, mas é certo que se busca proporcionar uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro.

Segundo Aron Belinky, o planejamento financeiro é essencial para garantir um futuro, ser previdente e evitar situações de riscos e carência. No entanto, ter mais dinheiro não significa ser mais feliz ou ter mais qualidade de vida. O importante é se planejar para ter o suficiente, sem consumir com exagero e desperdício.

Para [D’Aquino \(2013\)](#) a educação financeira proporciona uma mentalidade inteligente e saudável sobre o dinheiro. Cria a consciência dos limites. Aprende-se ganhar, gastar, poupar, investir ou doar seu dinheiro. É a capacidade de administrar seu rico dinheiro. É fazer tudo que se deseja com responsabilidade, ética e maturidade.

METODOLOGIA

Com o apoio da direção da escola fazer uma pesquisa de campo junto aos professores da Escola Municipal Francisco Derosso. Será entregue a cada professor um questionário sobre finanças os mesmos não precisarão se identificar e os dados coletados serão mantidos em sigilo. Com o resultado da pesquisa será feito um gráfico para mostrar a real situação financeira do grupo em questão. No mesmo dia será feito um debate sobre o resultado do gráfico. Em outro momento dei-

nar no mural da sala dos professores site com conteúdos e vídeos sobre Educação Financeira e Qualidade de Vida.

DESENVOLVIMENTO

Sabendo que o sucesso de qualquer processo de aprendizado depende de professores qualificados e motivados a trabalhar e a refletir de forma proativa sobre os conceitos teóricos e as ações práticas de sala de aula já que sistema monetário faz parte da grade curricular de nossos alunos. É importante também que se tenha consciência de que educação financeira nada mais é do que um conjunto de informações básicas sobre como fazer a melhor gestão do próprio dinheiro.

A educação financeira envolve providências como elaborar e acompanhar o orçamento pessoal ou familiar, como comprar, poupar e investir e, de um modo geral, como usar o dinheiro de forma eficaz visando atingir objetivos mais rapidamente. Levando-se em conta que o processo de educação financeira deve ser contínuo devido ao ritmo rápido com que as transformações ocorrem no mundo atual, pode-se afirmar que se trata de um processo interminável.

O processo de educação financeira envolve toda uma vida. Para transformar o dinheiro em um importante aliado, faz parte da educação financeira realizar um planejamento financeiro. Podemos dividir esse processo em quatro partes principais:

- **Orçamento:** Há necessidade de ter o controle do dinheiro: quanto se ganha, quanto se gasta e quanto sobra. Se por acaso não há sobra, a educação financeira recomenda que se faça revisões no orçamento e providencie cortes, ajustes e adequações até que comece a sobrar.

- Dívidas: Conhecer muito bem o que se deve a taxa de juros que foi contratada e quando a dívida se extinguirá. Fazer análise criteriosa visando diminuir as dívidas ao mínimo aceitável/desejável. O ideal é que as dívidas se refiram apenas à aquisição de bens de maior valor como carro e casa.
- Sonhos: Os sonhos são os motivadores da vida. São aqueles desejos de conquista que nos fazem levantar cedo todos os dias e nos projetam para frente: um curso técnico ou superior, um curso de idiomas visando uma promoção, aquela viagem de férias, um carro, nossa casa própria, etc. São tão importantes para nós que por eles fazemos sacrifícios.
- Poupança e investimentos: Como diz o ditado “dinheiro gera dinheiro”. Quando se trabalha em um processo acelerado por juros altos, mais dinheiro se obtém. Educação financeira significa também conhecer de forma mais detalhada os produtos financeiros disponíveis no mercado.

Portanto, é importante ficar atento a novos produtos, serviços e conceitos financeiros, pois tudo isso integra a educação financeira. Fazer escolhas mais conscientes nos faz melhores cidadãos e nos trás a possibilidade de alcançar nossos objetivos mais rapidamente e garantir um futuro mais tranquilo. Pois quanto mais esclarecidos estiverem os indivíduos em relação ao tema educação financeira, mais atuantes estarão na discussão do seu projeto econômico e, conseqüentemente podendo proporcionar uma melhor qualidade de vida para si e seus familiares.

A falta de educação financeira gera estresse, noites mal dormidas, preocupações triplicadas, entre outros problemas.

Muitas pessoas vivem preocupadas com o contracheque. Assim, o trabalhador, sua família e seus ideais se tornam reféns do salário. Se formos associar esse despreparo financeiro ao desemprego, essa situação se torna desesperadora.

Na perspectiva de contribuir para a qualidade de vida dos professores realizamos uma pesquisa e os resultados obtidos foram os seguintes:

1) A sua renda mensal é suficiente para sanar todos os seus custos (gráfico na figura 8.1)? Para a maioria dos entrevistados a renda mensal é insuficiente para sanar as contar e guardar algum dinheiro.

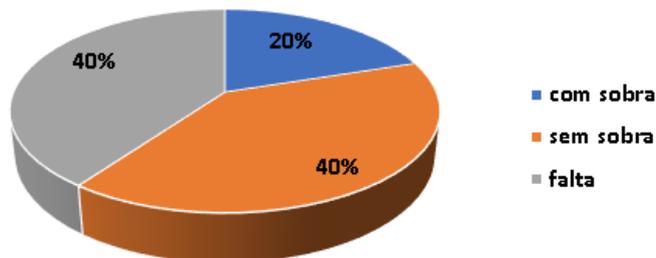


Figura 8.1 – Comprometimento da renda mensal.

- 20% pagam as contas em dia e poupam um pouco.
- 40% pagam as contas em dia, mas não consegue guardar nenhum dinheiro.
- 40% a renda não é suficiente para pagar as contas.

2) Quando você decide fazer uma compra, como ela acontece (gráfico na figura 8.2)? Uma pequena parcela poupa e faz um planejamento prévio para fazer compras.

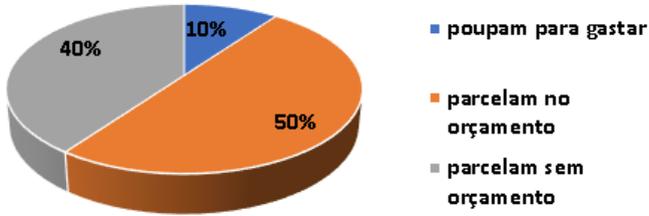


Figura 8.2 – Planejamento do consumo.

- 10% faz uma poupança ou um planejamento financeiro prévio.
- 50% compram em muitas parcelas, compatíveis com o orçamento mensal.
- 40% compram o bem que necessitam e vão pagando do jeito que dá.

3) Se acontecesse algum imprevisto e sua renda atual deixasse de existir, por quanto tempo você conseguiria manter seu atual padrão de vida (gráfico na figura 8.3)? Já no caso de acontecer um imprevisto e a renda deixar de existir os dados são alarmantes, quase ninguém sobrevive mais que 1 mês sem o salário.

- 1% Conseguiria manter seu padrão de vida atual por mais 15 anos.
- 10% Conseguiriam manter seu padrão de vida atual por mais 1 ano no máximo.
- 89% Não conseguiriam manter seu padrão de vida por mais nenhum mês.

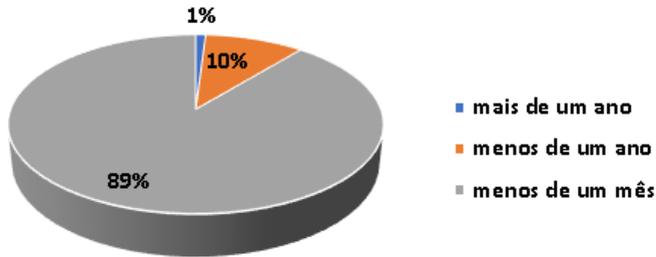


Figura 8.3 – Reservas para imprevistos.

4) Como você planeja a sua aposentadoria (gráfico na figura 8.4)? Em questão de aposentadoria todos contribuem, mas apenas com o que é descontado obrigatoriamente do salário.

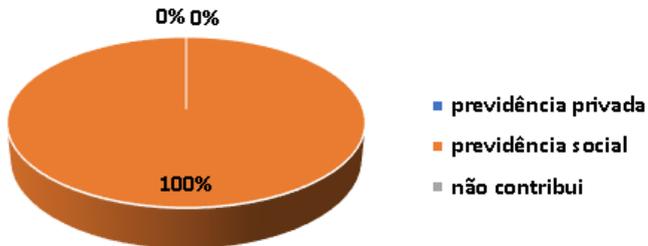


Figura 8.4 – Investimento em previdência.

- 100% não consegue poupar um valor extra, para previdência privada, mas contribui regularmente para a previdência social.

5) Você possui um controle de ganhos e gastos pessoais e familiares (gráfico na figura 8.5)? Quase todos não fazem ne-

nhum planejamento dos gastos, ou seja, iniciam um trabalho de controle de finanças, mas de forma superficial sem planejamento nas consequências e imprevistos.

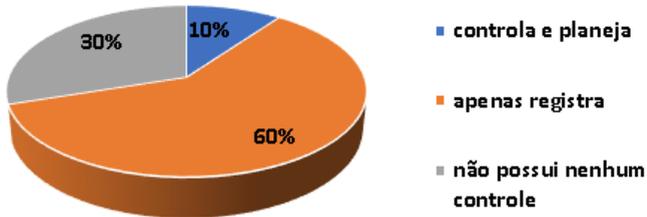


Figura 8.5 – Controle de gastos mensais.

- 10% fazem controle diariamente de gastos e frequentemente faz estudos comparativos entre o previsto e o realizado.
- 60% fazem registro de tudo o que ganha e gasta, mas não faz previsões nem análises profundas.
- 30% não possui um orçamento nem controle financeiro.

CONCLUSÃO

Através dos resultados da pesquisa podemos perceber que os professores também precisam ser instruídos financeiramente. Para assim valorizar o seu dinheiro, investir com inteligência, e dessa forma poder construir um futuro digno a seus familiares e ser bons exemplos àqueles por quais são responsáveis.

A importância, a complexidade e a necessidade deste assunto estão presentes na sociedade em geral e abre um leque de oportunidades para novas pesquisas, que apesar de carente de bases teóricas, vem apresentando avanços e no caso brasileiro denota-se uma modesta preocupação com o assunto. Pois a educação financeira nos ajuda a fazer um planejamento.

Uma pessoa financeiramente educada tem consciência de onde quer chegar, sabe lidar com situações que estão fora da sua área de controle e tem conhecimento suficiente para administrar seu dinheiro. Dessa forma, a escola pode ajudar a preparar os seus alunos a serem mais responsáveis com situações relacionadas com o dinheiro na fase adulta da sua vida, ensinando valores como gastar, poupar e doar.

A Educação Financeira não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. É muito mais que isso. É buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material necessária para aproveitar os prazeres da vida e ao mesmo tempo obter uma garantia para eventuais imprevistos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao projeto EduPesquisa pelo incentivo aos professores, sem o qual não seria possível este trabalho.

A Universidade Federal do Paraná, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, J. de A. *Mulher: A bomba atômica que explodiu o homem e implodiu a sociedade*. São Paulo: Buqui, 2016. ISBN 8583382425. Citado na página 143.

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: Como educar seu filho*. Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2007. (Coleção Expo Money). Citado 4 vezes nas páginas 144, 249, 265 e 267.

D'AQUINO, C. *A importância da educação financeira*. 2013. Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br>>. Acesso em: 17 Dez. 2014. Citado na página 147.

DOMINGOS, R. *Terapia Financeira*. São Paulo: Nossa Cultura, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 144 e 307.

FRANKENBERG, L. *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Citado 4 vezes nas páginas 144, 147, 178 e 180.

GOBI, A. *O consumismo exagerado e seus riscos*. 2013. Disponível em: <<https://oestadorj.com.br/o-consumismo-exagerado-e-seus-riscos/>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 143.

MAXPRESS. *Pesquisa da Accenture mostra que consumo de eletrônicos é maior entre os brasileiros em comparação com oito países*. 2011. Disponível em: <https://www.maxpress.com.br/Conteudo/4,408439,Pesquisa_da_Accenture_mostra_que_consumo_de_eletronicos_e_maior_entre_os_brasileiros_em_comparacao_com_oito_paises_,408439,2.htm>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 142.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 30, 110 e 146.

PERETTI, L. C. *Aprenda a cuidar do seu dinheiro*. 3ª. ed. Dois Vizinhos: Impressul, 2008. Citado na página 146.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 41, n. 6, Nov.–Dec. 2007. Citado 6 vezes nas páginas 109, 111, 113, 146, 307 e 313.

SCARPELLI, I.; HARTLEY, C. *Consumer Electronics Ownership, Spending in Brazil Ranks Highest Among 8 Countries; Tops China, Germany and the U.S.* 2011. Disponível em: <<https://newsroom.accenture.com/subjects/interactive-marketing/consumer-electronics-ownership-spending-in-brazil-ranks-highest-among-8-countries-tops-china-germany-and-us.htm>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 142.

CAPÍTULO

9



**FUNCIONÁRIO
PÚBLICO E O
EMPRÉSTIMO
CONSIGNÁVEL**

*Telma Mari Doroche
Fábio Alexandre Marcelino Navarro*

RESUMO

Na atual economia do nosso país os empréstimos oferecidos pelos bancos têm uma taxa de juro bastante elevada, e o empréstimo consignável aplica uma taxa de juros mais acessível, pois possui a garantia de seu pagamento já que vem descontado em folha. Segundo a lei 10.820/2003 o crédito consignado passou a ser um contrato mútuo onde o funcionário público autoriza o desconto das prestações na folha de pagamento, e este só pode onerar no máximo 30% do seu salário. Este artigo tem o objetivo de investigar num determinado grupo de funcionários públicos os impactos causados no orçamento por conta do empréstimo consignável. A pesquisa de dados se dará através de questionários entregues a 30 funcionários de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), administrado pela Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), e entrevista de 2 profissionais de setores diferentes. Através das informações coletadas é possível analisar qual o grau de endividamento do grupo de funcionários e qual foi a condição mais atrativa na decisão da escolha deste modelo de empréstimo.

PALAVRAS-CHAVE: Crédito Consignado, Endividamento, Funcionário Público.

INTRODUÇÃO

Um grande número de pessoas hoje em dia tem o hábito de gastar tudo que ganham sem a preocupação de ter alguma economia guardada para ser usada em caso de emergências. Também tem a cultura de que é mais fácil fazer um crediário do que economizar para pagar a vista. Assim surgem as dívidas que acabam comprometendo grande parte da renda familiar. Neste momento de endividamento algumas pessoas

recorrem a empréstimos pessoais para poderem pagar suas dívidas ou até adquirirem certo bem.

Na eterna busca pela qualidade de vida as pessoas estabelecem alguns objetivos que só podem ser alcançados através de um montante de dinheiro, porém esquecem-se de estabelecer metas de como alcançar esse montante antes de gastá-lo.

Percebe-se atualmente que em nosso país não existe preocupação em educar financeiramente a população. Ainda são raros cursos relacionados ao assunto e na maior parte da vida escolar a educação financeira é tratada apenas como um recurso para o ensino da matemática.

De acordo com [Kiyosaki e Lechter \(2000\)](#):

“[...] a falta de instrução financeira nas escolas que nossos filhos frequentam. Muitos dos jovens de hoje tem cartão de crédito antes de concluir o segundo grau e, todavia, nunca tiveram aulas sobre dinheiro e a maneira de investí-lo, para não falar da compreensão do impacto dos juros compostos sobre os cartões de crédito. Simplesmente, são analfabetos financeiros e, sem o conhecimento de como o dinheiro funciona, eles não estão preparados para enfrentar o mundo que os espera, um mundo que dá mais ênfase à despesa do que à poupança.” ([KIYOSAKI; LECHTER, 2000](#), p. 13).

Se houvesse a preocupação de educar financeiramente desde a infância talvez na vida adulta grande parte não estivesse endividada, estariam fazendo uso mais racional do dinheiro, não agindo por impulso e nem se deixando iludir por promessa de juros mais baixos. Traçando metas conscientes

determinando um controle dos gastos, e buscando alternativas de economia apontando para o futuro sem comprometer o orçamento por tanto tempo.

Para [Cerbasi \(2009\)](#) as dívidas e financiamentos ajudam os indivíduos a antecipar sonhos, porém ao fazer essa opção não se pode desprezar o fato de que, paga-se muito a mais por eles.

O tema deste artigo é o crédito consignável oferecido a funcionários públicos, onde este tem se mostrado a melhor opção neste tipo de transação por oferecer taxa de juros menores e prazos estendidos. O desconto deste tipo de empréstimo é feito diretamente na folha de pagamento e pode comprometer parte da renda por um período longo de tempo.

Segundo [Fabozzi \(2004\)](#), os riscos deste tipo de crédito estão relacionados a possíveis perdas quando um dos contratantes não honra seus compromissos, ou seja, quando os recursos não são mais recebidos, é a falta de pagamento, quando uma das partes em um contrato não pode mais honrar seus compromissos assumidos. As instituições que oferecem este tipo de crédito podem executar uma taxa de juros menores, pois o risco de inadimplência é praticamente nulo, já que as prestações já vêm debitadas no salário do funcionário. Funcionário este que possui estabilidade por ser contratado através de concurso público.

O propósito é identificar em determinado grupo de pessoas como este tipo de crédito influencia na composição da renda familiar. Para que ele é usado e o prazo de pagamento contratado. A partir da pesquisa de campo buscar informações de como este crédito é utilizado e qual seu impacto nas transações financeiras em longo prazo. Qual seria a melhor alternativa se este tipo de transação não fosse uma opção. Houve algum tipo de educação financeira no sentido de evitar ser levado ao endividamento?

Os resultados apresentados devem demonstrar que apesar das taxas de juros menores, este tipo de empréstimo ainda que seja a melhor opção do mercado, acaba comprometendo uma boa parte da renda, tornando-se oneroso quando o prazo de pagamento for muito longo ou houver refinanciamento.

Também serão abordados alguns aspectos econômicos e jurídicos dos empréstimos consignados.

O QUE REVELA A PESQUISA?

Para os servidores municipais de Curitiba, a prefeitura possui um credenciamento de instituições financeiras dispostas a oferecer o empréstimo consignável. No ano de 2011, o então prefeito Sr. Luciano Ducci regulamentou a consignação em folha de pagamento, para os servidores ativos, aposentados e pensionistas do município, através do decreto nº917. Onde se estabelece que o valor das prestações do empréstimo não pode ultrapassar os 30% da remuneração líquida do servidor. O decreto definiu também um limite máximo para a taxa de juros cobrada dos servidores que varia conforme o número de parcelas reajustáveis a cada 12 meses quando houver necessidade.

O crédito é hoje tratado como uma moeda de troca por instituições financeiras, e é comum nos locais de trabalho de servidores, que representantes destas instituições proporcionem aos funcionários momentos de descontração, onde tentam conquistar a confiança destes clientes através do oferecimento de brindes e até mesmo lanches. Algumas instituições quando ofertam o crédito consignado ao servidor propõem como requisito para a aceitação da proposta que seja adquirido alguma oferta do banco, tipo uma "venda casada", como

títulos de capitalização ou seguros. Essas práticas são ilícitas e devem ser analisadas pelo servidor como um negócio a parte e não vinculadas a ao empréstimo.

No caso da PMC no próprio site dedicado ao servidor existe um link onde o servidor pode ter acesso ao valor da sua margem consignável e até simular valores. Onde as instituições interessadas em atender o funcionário, atualizam valores de juros e taxas simulando valores e prazos.

Desde que foi popularizado este tipo de transação surgiu no mercado um profissional que cuida deste tipo de empréstimo como se fosse um corretor, onde ele analisa o pedido do servidor cotando em vários bancos diferentes e ficando responsável em indicar e agilizar todo o contrato na melhor instituição. Inclusive ficando responsável por coletar a documentação necessária no próprio local de trabalho ou residência do servidor.

A pesquisa foi realizada através de um questionário que foi aplicado num grupo de 30 pessoas concursadas na área de educação, onde 90% tem ensino superior completo. Todos afirmaram que em nenhum momento de sua vida escolar receberam aulas referentes à educação financeira e relataram que o tema só é debatido no âmbito familiar e quando o problema já existe, ou seja, não conseguem fazer um planejamento para antecipar a renda ao gasto.

Neste meio, 91% são casadas e responsáveis pela composição da renda familiar, 3% solteiras morando com os pais e familiares e 6% separadas e responsáveis sozinhas pela renda familiar.

Nos aspectos abordados pelo questionário relacionados ao empréstimo aplicado no grupo, observa-se que 100% dos que responderam conhecem este tipo de empréstimo, mas apenas 20% nunca utilizaram (gráfico da figura 9.1). Todas receberam informação sobre este tipo de transação no ambi-

ente de trabalho através de folders explicativos das instituições interessadas em atender o servidor. Destas apenas 50% resolveram pesquisar no site que a PMC disponibiliza quais as indicações para este crédito.

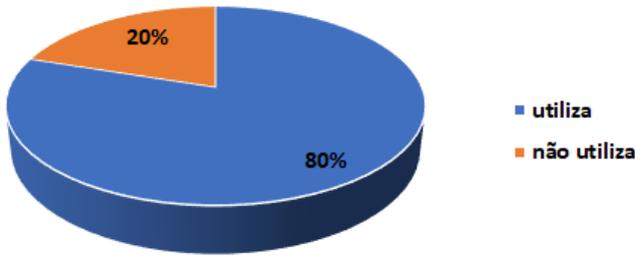


Figura 9.1 – Comprometimento da renda mensal com empréstimo consignável.

Dos 80% que já utilizaram o crédito deste empréstimo, todos estão neste momento pagando prestações. Uma questão preocupante é que 20% não soube responder quantos por cento esse empréstimo compromete do seu salário. Não sabem quantas parcelas já foram pagas, ou quando terminam de pagá-las. Demonstrando total descontrole sobre a atual posição do comprometimento da renda.

A partir das respostas ao questionário é possível citar que 54% das pessoas utilizaram o crédito do empréstimo para aquisição de bem permanente como carro, móveis, eletrodomésticos e reformas da casa. Outros 24% quitaram débitos pendentes ou promoveram algum tipo de festa como aniversário, formatura ou casamento, e 22% já não recordam mais para que usaram esse dinheiro (gráfico da figura 9.1).

Um dado preocupante quando interrogado sobre a questão de analisar outras modalidades de empréstimo, é que

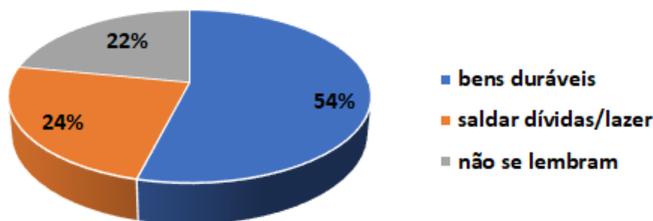


Figura 9.2 – Uso do crédito do empréstimo consignável.

66% responderam que nem sequer fizeram pesquisa em outra modalidade de empréstimo, apenas se sentiram confortáveis com o oferecido na margem consignável, mesmo sem analisar os prazos e taxas de outros tipos de empréstimo.

Perguntados sobre o que os levou a este tipo de crédito, 100% aprovam a ideia de desconto em folha como atrativo principal. Destes 80% se referiram ao maior prazo e 15% levou em conta a comodidade, pois você liga para a instituição e eles mandam um representante até o seu local de trabalho.

Uma oportunidade para aqueles que já estão sem margem consignável é a possibilidade de refinanciamento. Durante a pesquisa é possível perceber que 50% dos empréstimos que estão sendo pagos agora, são de refinanciamento. No refinanciamento o que temos é um aumento do número das parcelas a serem pagas e um valor a mais de crédito em dinheiro sendo liberado ao servidor. Neste caso o valor das parcelas permanece o mesmo.

Dos resultados obtidos pelos questionários surgiram alguns depoimentos que foram apontados no espaço aberto para críticas e opiniões. Uma observação muito preocupante que surgiu nos questionários de mais de 50% foi o fato de não procurarem outra modalidade de empréstimo por sim-

plesmente acreditar na propaganda de juro mais baixo do mercado. Outra questão é a falta de questionamento quanto ao extenso prazo de pagamento e sua relação com os juros cobrados, pois quanto maior o número de prestações mais oneroso se torna o empréstimo. E ainda foi citado em um dos questionários que a facilidade de refinanciamento nestes casos auxilia, caso seja necessário.

Numa simulação atual, utilizando o link da PMC disponibilizado ao servidor, para o momento a taxa de juros para pagamento em 10 parcelas é de 1,51% a.m. na instituição mais bem cotada. E para o mesmo valor ser pago em 72 vezes seria de 1,64% a.m., na mesma instituição. Vemos então que o prazo de pagamento influencia diretamente no valor do juro a ser cobrado.

Neste mês de maio de 2015, a revista Exame.com publicou um ranking dos bancos que oferecem este tipo de crédito e suas respectivas taxas de juros. Cito na tabela 9.1 os 6 bancos desta lista que atendem os servidores da PMC com as melhores taxas do mercado.

Para se ter uma ideia de como a linha de crédito consignável é muito mais barata do que as outras, podemos citar por exemplo, a Caixa Econômica Federal que cobra taxas de até 50,73% ao ano no empréstimo normal e reduz essa taxa de juros no consignado para até 22,93% ao ano.

Como se pode observar as taxas variam de banco pra banco e alguns chegam a cobrar a taxa de 5,89% a.m. para disponibilizar o crédito ao servidor. Todos esses bancos citados oferecem ao servidor o prazos entre 10 e 72 meses para pagar.

Tabela 9.1 – Bancos e Taxas de Juros de Empréstimos Consignado para servidores da Prefeitura Municipal de Curitiba

Instituição	Taxas de Juros	
	% a.m.	% a.a.
1 Banco Alfa S.A.	1,66	21,86
2 Caixa Econômica Federal	1,74	22,93
3 Banco Bradesco S.A.	1,78	23,57
4 Banco Santander S.A.	1,88	25,09
5 Banco Do Brasil S.A.	1,89	25,21
6 Paraná Banco S.A.	1,91	25,43
Validade: 11/05/2015 à 15/05/2015		

Fonte: Banco Central (2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode observar através da pesquisa, e nas reflexões que surgiram relativas ao tema, é que o funcionário que utiliza essa modalidade de empréstimo não tem muita preocupação em planejar esse investimento, pois fica evidente que se há margem consignável disponível então haverá como pagar, pois será automaticamente descontado do salário. Porém existe o hábito nesse grupo pesquisado de se dizer que o salário é muito baixo, que seria preciso ganhar mais. Mas ao analisar a porcentagem do salário que está empenhada pelo empréstimo consignado é possível ter a dimensão do quanto endividado a pessoa se encontra. E numa perspectiva mais otimista é possível afirmar que a grande maioria gostaria de ter maior controle sobre seus gastos, poder economizar e ter ao menos uma poupança para casos emergenciais.

A comodidade do empréstimo consignável atrai a atenção

independente da quantidade de prestações, desde que estas caibam na margem disponibilizada. Mas analisando o que alguns dos funcionários citaram, nota-se que não são gastos com necessidades básicas e sim com supérfluos, como festas e eventos.

Obviamente que o fato da taxa de juro ser menor neste tipo de transação chama a atenção principalmente em relação aos juros cobrados por lojistas, então é bem mais vantagem fazer o empréstimo e negociar o produto a vista com algum desconto. Mas no caso de realização de festas ou eventos, por exemplo, que se pode considerar como supérfluo seria bem mais atrativo economizar para então gastar.

O que algumas pessoas deixam de considerar com mais cautela está relacionado ao prazo muito extenso para pagamento, o que acaba tornando o empréstimo mais caro. Prazos em até 72 vezes são atrativos para as instituições financeiras, mas para o servidor acabam onerando por muito tempo a vida financeira, e nesse espaço de tempo podem surgir outras emergências. O que leva muitos a fazerem o refinanciamento e a pagarem juros sobre juros. Pois neste tipo de empréstimo a margem não é devolvida conforme as parcelas vão sendo pagas.

É comum também uma instituição se oferecer para comprar a dívida de outra com vantagem para o servidor. Porém o prazo de pagamento fica alterado e é como se o servidor adquirisse um novo contrato.

Uma das profissionais entrevistadas relata que espera ansiosa pela atualização do sistema ou pelo reajuste da data base da categoria para verificar se ainda tem alguma margem consignável e assim poder fazer um novo empréstimo. Que seu orçamento está sempre estourado e por isso de ano em ano faz algum tipo de empréstimo para aliviar a situação.

O que vemos nesta modalidade de empréstimo é que al-

gumas questões que podem ser consideradas atrativas acabam por tornar-se um problema ao invés de solução, quando não administrados com responsabilidade e conhecimento. A busca por maiores informações relacionada a juros e prazos de pagamentos pode ser uma boa ferramenta de comparação.

A facilidade de contratar este tipo de empréstimo é bem marcante principalmente pelo fato de não haver consulta as instituições de proteção ao crédito, como o SERASA e o SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) . Mas com tanta facilidade o servidor acaba por recorrer muitas vezes seguidas a esse recurso, acumulando vários empréstimos até que sua margem consignável esteja toda ocupada. Como a promessa são de juros mais baixos é comum que as pessoas acabem se endividando de tal maneira que chega ao ponto de fazer um empréstimo para pagar outro, ou então refinanciamentos onde juros sobre juros são cobrados.

Importante observar que o prazo longo de pagamento compromete o orçamento por muito tempo. Deste modo, como uma pessoa utilizando 100% da sua renda contrai dívidas, agora com 70% irá conseguir economizar para viabilizar o pagamento das parcelas sem contrair ainda mais dívidas? A resposta até pode parece simples, diminuir despesas para que estas caibam num orçamento agora com 30% a menos de recurso, pelo menos até que o empréstimo seja quitado.

Mas como se pode notar não há um interesse em educar financeiramente as pessoas, pois assim teriam mais informações para atingir uma melhor qualidade de vida e fugir do endividamento. O interesse das pessoas pelo assunto surge quando muitas vezes já estão atoladas em dívidas. Seria prudente que as instituições que oferecem estas facilidades fossem multiplicadoras de informações que ajudem o cliente a lidar com a situação de maneira a não cometer os mesmos

erros novamente. De repente passando a oferecer opções de investimento ao invés de empréstimos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira: FAQ – empréstimos consignados*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CONSIGNADOFAQ>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

CERBASI, G. *Como organizar sua vida financeira*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. Citado 2 vezes nas páginas 160 e 341.

CURITIBA. *Plataforma LeisMunicipais*. 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

FABOZZI, F. J. *Mercados, análise e estratégias de bônus*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004. Citado na página 160.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. *Pai Rico, Pai Pobre: : O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 66ª. ed. [S.l.]: Elsevier - Alta Books, 2000. Tradução: Maria Monteiro. Citado 4 vezes nas páginas 159, 251, 264 e 308.

ANEXO

Esta pesquisa faz parte do artigo que estou escrevendo para a conclusão do curso de Educação Financeira pelo projeto Edupesquisa. Agradeço se puder respondê-lo da maneira mais sincera possível. Não precisa se identificar.

PROJETO EDUPESQUISA - CURSO: EDUCAÇÃO FINANCEIRA

ASSUNTO ABORDADO PELO ARTIGO: O FUNCIONÁRIO PÚBLICO E O CRÉDITO CONSIGNÁVEL

1. Sobre você:
Estado civil: _____
Cargo que ocupa: _____
Nível de escolaridade: _____

2. Durante sua vida escolar recebeu algum tipo de educação financeira?
 SIM NÃO

3. Sobre sua casa/família:
 mora com filhos e/ou marido
 mora com os pais
 mora sozinho

4. Sobre sua renda:
 seu salário compõe 100% da sua renda familiar
 seu salário compõe a renda familiar juntamente com de seu esposo
 seu salário é apenas para seus gastos pessoais
 outros. _____

5. Você conhece o crédito consignado oferecido por vários bancos através de sua margem consignável?
 SIM NÃO

-
6. Se sim, você já utilizou este tipo de crédito?
() SIM () NÃO
7. O crédito utilizado foi para um bem permanente? (tipo carro, móveis, etc)
() SIM () NÃO
8. O empréstimo foi utilizado para regularização de outros débitos pendentes?
() SIM () NÃO
9. No atual momento tem algum sendo descontado?
() SIM () NÃO
10. Se sim, qual o percentual que este tipo de empréstimo compromete do seu orçamento?
-
11. Qual foi o prazo de pagamento escolhido?
-
12. Antes de decidir fazê-lo você pesquisou outra modalidade de empréstimo?
() SIM () NÃO
13. Se sim, qual o atrativo que fez você escolher o consignável:
() taxa de juros
() prazo de pagamento

- facilidade para pagar (pois já vem descontado na folha de pagamento)
- comodidade (já que um representante do banco vem até você)
- não leva em consideração a restrição de crédito

14. Você lembra quantas vezes você já utilizou este tipo de crédito?

15. Alguma vez já fez o refinanciamento?

16. Gostaria de receber informações através de palestras ou cursos, de como ter uma qualidade de vida melhor sem comprometer seu orçamento financeiro?

- SIM NÃO

17. Por gentileza, peço que nessas linhas você cite algum ponto positivo ou negativo relacionado a essa modalidade de empréstimo.

CAPÍTULO

10

**ENDIVIDAMENTO
DOS PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO
INFANTIL DE
CURITIBA**

Mirian Rodrigues Senra

Camila Izis A. B. Paul

Dornelles Vissotto Jr.

RESUMO

A educação financeira é um tema relevante para o Brasil, pois o brasileiro não está acostumado a planejar financeiramente. O presente artigo aborda o perfil financeiro de um grupo de servidores da Prefeitura Municipal de Curitiba. O método proposto para a pesquisa foi o *Survey* ou estudo de levantamento. Os dados coletados por meio de um questionário, aplicado para os 50 entrevistados, levantaram a reflexão acerca das receitas e despesas da classe pesquisada. Com base nos referenciais teóricos e no estudo de caso foi possível conhecer um pouco o perfil financeiro dos professores da educação infantil, entendendo um pouco sobre o endividamento da maioria. A partir da análise dos dados foi possível notar que, independente da faixa etária, existe o problema financeiro para a maior parte dos entrevistados. Mesmo com o auxílio de terceiros ou da própria família, agregando renda, a instabilidade das receitas é muito grande. Por isso a educação financeira é de grande valia, onde a palavra chave desse processo é a consciência ou o consumo consciente. Verificou-se a importância dos princípios básicos do gerenciamento de recursos, onde a saúde financeira pode ser um “divisor de águas” para uma vida mais estável financeiramente e emocionalmente, melhorando assim a qualidade de vida dos entrevistados. Os sonhos podem motivar a poupar, onde ter objetivos e estipular metas são ações fundamentais para o sucesso das finanças pessoais. Conclui-se que, mesmo com um nível de escolaridade elevado, a maioria dos professores do ensino fundamental não possui uma boa educação financeira, desconhecendo princípios básicos de orçamento doméstico familiar e comprometendo sua renda com gastos motivados pelo impulso consumista.

PALAVRAS-CHAVE: Professores, Educação Financeira, Endividamento, Finanças Pessoais.

INTRODUÇÃO

Discutir finanças tem sido um problema para a maioria dos brasileiros, principalmente pelo elevado grau de endividamento das famílias, por isso é um tema muito abordado atualmente, onde vários autores discutem modelos e conceitos acerca de finanças pessoais e finanças empresariais. O objetivo é a busca pela qualidade de vida, estabelecendo prioridades através do planejamento financeiro.

A educação financeira poderia ser uma solução, porém existe a falta da mesma nas escolas, juntamente com a falta de diálogos familiares, ou formações para o indivíduo saber o que fazer com o dinheiro. Segundo alguns autores é importante começar desde cedo, fazendo com que a criança entenda a dinâmica de ganhar e gastar. Bruna Guarnieri no artigo [Doutíssima \(2014\)](#) ressalta que “é muito importante ajudar seu filho a lidar com as emoções e com a frustração de não ser capaz de comprar alguma coisa”.

A partir desses pressupostos de ter e de não ter, acontece preliminarmente certa conscientização financeira. [Kiyosaki \(2011, p. 6\)](#) cita que “a chave para o novo mundo é a educação”, ou seja, a educação financeira. Porém a escola convencional não está preparada para ensinar de forma eficaz devido à falta de capacitação dos docentes.

Outro tema relevante é a crise mundial que direta e indiretamente afeta o sistema econômico financeiro nacional, aumentando impostos, juros, fazendo a inflação disparar. E é nesse cenário que o cidadão encontra-se desesperado, com contas para pagar. Segundo [Kiyosaki \(2011\)](#): “Atualmente, a

maioria das pessoas sabe que há uma crise financeira global. Infelizmente a maioria não sabe o que fazer a respeito”. Nesse contexto é importante ter conhecimento das finanças pessoais, do funcionamento da educação financeira e das causas que geram o endividamento.

O presente artigo tem como objetivo geral detectar a causa do endividamento da classe estudada, buscando fazer um levantamento acerca da vida financeira de um grupo servidores municipais, onde os objetivos específicos levam a questionar sobre como é usada suas receitas, refletindo sobre os seus gastos a curto/médio e longo prazo e como pode ser possível se reeducar financeiramente, buscando soluções viáveis e aplicações práticas para uma boa “saúde financeira”.

DESENVOLVIMENTO

Finanças Pessoais

A educação financeira é um assunto muito importante na atualidade, pois envolve diretamente o ser humano, suas atitudes, seu presente e seu futuro. Muitas pessoas começam a aplicar-se e educar-se em relação às finanças somente quando algum problema financeiro acontece, seja a perda do emprego, aumento dos impostos, crises etc. No entanto é importante refletir sobre os gastos, para não ter problemas e endividamentos futuros.

Muito tem se debatido sobre a crise nacional Brasileira, seus escândalos, corrupção, altos impostos, no entanto é possível perceber que a crise não se instala apenas em países subdesenvolvidos como o Brasil. Com as recentes crises nos países Europeus, a população e o governo precisaram tomar medidas de austeridade, o que gerou muita instabilidade. Neste sentido [Queiroga Carrilho \(2008, p. 5\)](#) pontua que “uma boa

educação financeira surge como uma ajuda para muitos dos problemas das famílias no longo prazo”. É importante ressaltar que todo esse processo é passível de paciência e planejamento, além de equilíbrio entre a razão e a emoção.

“Vivemos em uma sociedade voltada para o consumo. Somos diariamente bombardeados com propagandas e artifícios criados com a finalidade de despertar nossas emoções e criar necessidades por produtos e serviços que, por vezes, nem mesmo precisamos ou queremos para nós, mas que simplesmente passamos a desejar.” (BCB, 2013a, p. 13).

O orçamento familiar e pessoal entra nesse sentido com o intuito de contribuir com o indivíduo, prevendo receitas e despesas, organizando e formalizando os gastos de um determinado período para um determinado objetivo, seja ele quitar dívidas, fazer uma viagem, comprar uma casa ou estudar. [Silvestri \(2010\)](#) aborda a questão do “pensar antes de agir”, onde optar e entender como gastar o dinheiro seria a chave para gerenciar a renda líquida, seja ela diária, mensal ou anual.

É preciso, sobretudo desenvolver uma consciência financeira evoluída, passar a adotar bons hábitos financeiros. Aprender e assimilar hábitos financeiramente saudáveis deixará sua mente sempre alerta para as questões do dinheiro, afastando você dos tradicionais vícios financeiros que empobrecem o bolso das pessoas mal preparadas para lidar com o poder aquisitivo, seja ele qual for.

O Caderno de Educação Financeira do Banco Central Brasileiro ([BCB, 2013a](#), p. 20) reforça a importância de um bom orçamento familiar, sugerindo e definindo alguns pontos que

podem ajudar o indivíduo a organizar e administrar melhor seus recursos: conhecer a sua realidade financeira; escolher os seus projetos; fazer o seu planejamento financeiro; definir suas prioridades; identificar e entender seus hábitos de consumo; organizar sua vida financeira e patrimonial; administrar imprevistos; consumir de forma contínua (não travar o consumo). Com essas dicas é possível entender melhor o processo de planejar as finanças, estabelecendo relações com o ganhar e o gastar.

Educação Financeira

Para o indivíduo estabelecer uma relação saudável com o dinheiro, é imprescindível conhecer os fundamentos que permeiam a educação financeira. A educação financeira, segundo [Barros \(2010, p. 2\)](#), consiste em “[...] ensinamentos que serão responsáveis por nortear a administração dos recursos pessoais [...]”. Já [Vieira](#) cita em sua tese de mestrado que para termos um sistema que funcione, ou seja, a base para entendermos a gastar de maneira eficaz nossos recursos,

“[...] é preciso dispor de informações e experiências sobre as atividades financeiras. Também é preciso organizá-las e construir um sistema em que os diferentes elementos se encaixem [...]” ([VIEIRA, 2012, p. 24](#)).

É possível afirmar que a educação financeira é muito importante na vida das pessoas, e que esses conceitos podem e devem ser trabalhados com crianças, desde a educação infantil, no Ensino fundamental I e II, no ensino médio a até mesmo no ensino superior. [Frankenberg \(1999, p. 37\)](#) comenta que “[...] a escola e a universidade exercem uma fortíssima influência sobre nosso comportamento financeiro”. No entanto não é essa a realidade que enfrentamos nas escolas

brasileiras. [Barros \(2010, p. 7\)](#) ainda comenta sobre a necessidade da educação financeira na escola, onde “a não abordagem sobre o tema finanças pessoais nos bancos escolares é apontado pela literatura como sendo um fator fundamental por formar adultos incapazes em lidar com suas próprias finanças”.

A educação financeira permeia a vida de muitos brasileiros, por isso projetos políticos educacionais devem ser aplicados na escola, formando futuros cidadãos conscientes, gerando melhores benefícios para a vida da população. É importante ressaltar que, mesmo o tema sendo reforçado, um problema muito comum é a “[...] dificuldade individual em lidar com números, tabelas e conceitos básicos de matemática [...]” reforçando a importância da educação financeira nas escolas ([BARROS, 2010, p. 4](#)).

Endividamento

O endividamento do brasileiro é algo muito relevante no país, e muito se deve à desaceleração da economia nacional, forçando os consumidores a gastarem menos. Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo ([CNC, 2015](#)) o primeiro trimestre de 2015 teve 59,6% em relação ao total de famílias de endividados com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro.

Mesmo com uma porcentagem um pouco menor em relação ao mesmo período do ano anterior (62,2%) os números são alarmantes. Apesar do cenário desfavorável, dos impostos continuarem a subir e o preço dos alimentos serem empurrados devido a inflação, o povo brasileiro tende a se endividar cada vez mais. Neste contexto [Barros \(2010, p. 5\)](#) explica que “essa informação demonstra o despreparo da po-

pulação em geral em lidar com suas finanças, representando um passivo que acaba por consumir uma grande parcela de seus rendimentos”.

Esse problema recorrente, que atinge milhões de pessoas no mundo inteiro é capaz de desestabilizar muitas famílias, gerando desemprego, noites mal dormidas além de doenças e a instabilidade emocional. Todos esses problemas poderiam ser evitados se as pessoas soubessem organizar suas finanças, trabalhando de maneira consciente com seus recursos financeiros.

Mas por que existem tanto problemas com o endividamento? A resposta pode ser simples e também muito complexa. Em um primeiro momento é possível indagar: Quem não quer ter um carro novo? Ou um celular de ultima geração, ou quem sabe uma televisão de cinquenta polegadas com sistema 3D por exemplo.

Contudo verifica-se um problema com o consumo exacerbado, onde muitas vezes pode se tornar desproporcional às receitas do indivíduo, gerando problemas futuros em relação às finanças. [Vieira \(2012, p. 39\)](#) chama esse universo do consumo de gratificação imediata, onde a mesma “pode também ser definida como compra por impulso, sem planejamento podendo, no ato produzir a satisfação momentânea mas ocasionar problemas financeiros no futuro, de acordo com a forma de pagamento utilizada”. Com base nesse pressuposto, [Frankenberg \(1999, p. 39\)](#) expõe que “gastar com prudência significa saber diferenciar o que é essencial do que é supérfluo”, ou seja, ter controle das finanças é um começo promissor para quem precisa quitar dívidas ou economizar.

METODOLOGIA

O método escolhido para o artigo foi o *Survey*, que tem como objetivo mapear as questões propostas na investigação. Segundo Gil (1999, p. 70) *Survey* é uma pesquisa caracterizada pela “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer [...]”.

Como campo empírico desta investigação, foi escolhido servidores da prefeitura municipal de Curitiba. Mais específico professores da educação infantil, com carga horária de 40 horas semanais. Os educadores fazem parte dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) referente ao setor Boa Vista.

Foi utilizado um questionários com 15 questões, com alternativas fechadas. O questionário foi aplicado no período de 18 de Abril de 2015 a 5 de Maio de 2015. O Questionário sobre finanças pessoais (fragmentos e trechos integrais do questionário de Barros (2010, anexos)), foi alterado a partir da necessidade da investigação dos gastos dos funcionários públicos de centros de educação infantil de Curitiba.

RESULTADOS

A análise dos dados a seguir é referente às respostas do professores ao questionário proposto.

A primeira questão é referente a idade dos entrevistados. A maioria está entre 18 e 39 anos conforme mostra o gráfico da figura 10.1. Posteriormente o gênero de todos os entrevistados são do sexo feminino, mostrando o grande interesse feminino pela docência.

Entre os entrevistados, a grande maioria são casados ou estão em uma união estável (gráfico da figura 10.2), e muitos

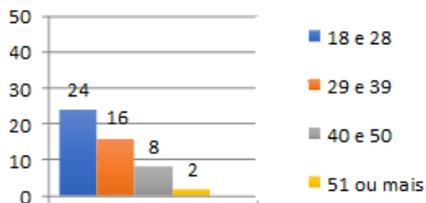


Figura 10.1 – Faixa etária dos docentes.

dos servidores moram com 4 pessoas na mesma casa (gráfico da figura 10.3).

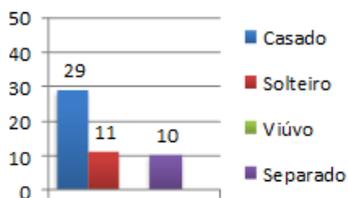


Figura 10.2 – Estado civil dos docentes.

Conforme mostra o gráfico da figura 10.4 referente à escolaridade, a maioria possui graduação, no entanto mesmo com o curso superior a renda individual não chega a R\$3100,00, mostrando que o curso superior não é o suficiente para alcançar uma boa renda individual (gráfico da figura 10.5). Surge nesse contexto uma reflexão acerca da profissão docente em relação à remuneração.

A questão da figura 10.6 mostra o valor líquido, de forma agregada, ou seja, quando alguém contribui com a renda familiar. A maioria ficou na faixa dos R\$3500,00 a R\$4500,00,

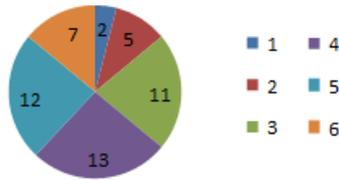


Figura 10.3 – Número de habitantes nas residências dos docentes.

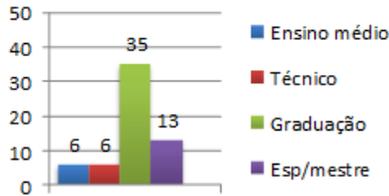


Figura 10.4 – Nível de escolaridade dos docentes.

aumentando um pouco mais a renda total em relação à individual.

A questão 8 (gráfico na figura 10.7) mostra um equilíbrio entre dois motivos pelos quais os servidores compram, no entanto é notável a importância do *status* na vida dos entrevistados. Neto diz que:

“[...] no consumo para obtenção de *status*, o objetivo do consumidor é obter reconhecimento dos grupos de certa posição na hierarquia social; as mercadorias são usadas como forma de criar e manter distinções sociais.” (NETO, 2006 apud DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p. 26).

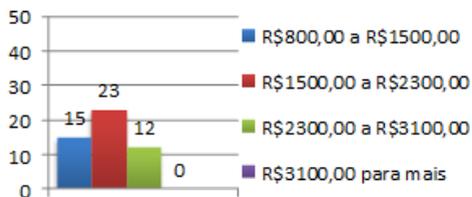


Figura 10.5 – Renda salarial individual dos docentes.

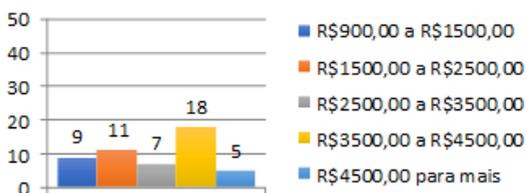


Figura 10.6 – Renda salarial familiar dos docentes.

Nesse caso, pode haver o endividamento devido ao grau de importância do indivíduo estar inserido em uma posição na sociedade baseada em seus bens de consumo.

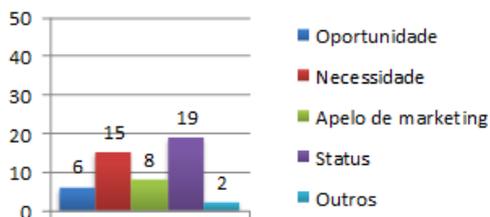


Figura 10.7 – Motivação de consumo dos docentes.

Os efeitos da necessidade aparecem na questão 9 e 10. A busca pelo status e o uso de parcelamentos sem controle pode desencadear um problema sério nas finanças. Todos os entrevistados fazem compras parceladas. Nesse contexto, a maioria dos entrevistados possui problemas financeiros, comprometendo praticamente mais de 61% de sua renda mensal (gráfico da figura 10.8).

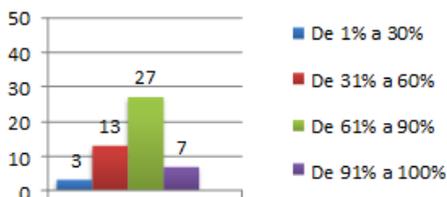


Figura 10.8 – Comprometimento da renda dos docentes com dívidas parceladas.

A questão 11 mostra que a maioria dos entrevistados se consideram endividados e apenas 3 acreditam que não. Esse endividamento é refletido na questão 12 (gráfico da figura 10.9), onde grande parte dos servidores pagam suas prestações atrasadas. Segundo [Albuquerque \(2014\)](#), repórter do site Agência Brasil EBC, em 2014 “O número de inadimplentes atingiu o recorde de 57 milhões de brasileiros”. Esse é o reflexo da falta de organização e de planejamento financeiro.

Quando indagados sobre empréstimos e dívidas com cartão de crédito e cheque especial (questão 13), a maioria dos entrevistados aponta que possui, o que contribui para os problemas financeiros de milhões de brasileiros. Segundo [Albuquerque \(2014\)](#) a inadimplência acontece devido ao “endividamento das famílias e ao descontrole do consumidor ao

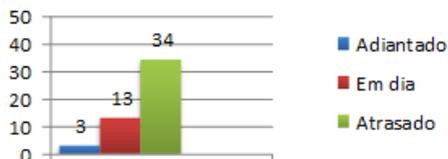


Figura 10.9 – Pontualidade dos docentes no pagamento das dívidas parceladas.

assumir novos financiamentos, sem considerar as contas fixas mensais e outras dívidas já contraídas”.

Nesse sentido é importante realizar o acompanhamento dos gastos mensais, seja por meio de caderno de anotações, planilhas, extratos bancários ou outros meios. No entanto grande parte dos entrevistados não faz esse controle, como mostra o gráfico da questão 14 na figura 10.10.

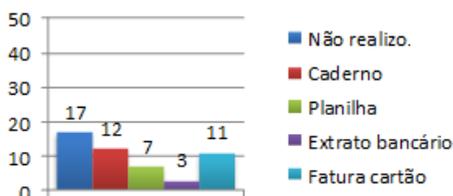


Figura 10.10 – Realização do controle orçamentário pelos docentes.

A questão 15 faz um levantamento sobre o número de entrevistados que teve algum contato com a educação financeira. Mais de 80% dos entrevistados responderam que não,

ou seja, não tiveram nenhum tipo de contato com a educação financeira.

Com base na última questão é possível observar como a falta de contato com a educação financeira pode ser prejudicial para as finanças. Em entrevista para reportagem de [Albuquerque \(2014\)](#) o superintendente de Informações sobre Consumidores da Serasa Experiam, Vander Nagata comenta que “a tendência crônica ao descontrole deve ser combatida com educação financeira” como relatado anteriormente nas revisões bibliográficas e nos comentários acerca da análise dos dados coletados. Nagata ainda propõe que se a população de modo geral transformar o conhecimento básico sobre educação financeira em comportamento consciente pode evitar a compra por impulso ou para ostentação.

ANALISE DOS RESULTADOS

Com o auxílio do referencial teórico e da análise dos dados, foi possível notar que independente da faixa etária, existe o problema financeiro para a maior parte dos entrevistados.

Mesmo com o auxílio de terceiros, ou da própria família, agregando renda, a instabilidade das receitas é muito grande. Infelizmente no caso da docência, ter maior formação ajuda pouco no quesito remuneração, o que pode ser um agravante e um desestímulo para as futuras gerações, pois os problemas financeiros podem continuar a existir. Nesse sentido a educação financeira pode ajudar nesse quesito. No entanto é válido reforçar a importância do consumo consciente.

De acordo com os referenciais teóricos e as respostas obtidas por meio do questionário, muitos problemas financeiros podem ter ocorrido, ou estar acontecendo devido ao gasto desenfreado, sem planejamento, ou pelo simples fato do sta-

tus, ou a “pseudo” condição social ser mais importante que qualquer organização financeira.

Essa condição pode gerar níveis altos de inadimplência, desencadeando um endividamento sem proporções. Neste sentido é importante reforçar os princípios básicos do gerenciamento de recursos, onde a saúde financeira pode ser um divisor de águas para uma vida mais estável financeiramente e emocionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral os objetivos foram atingidos, pois foi detectado que a maioria dos problemas de endividamento se dá por falta de planejamento e gastos desnecessários e os resultados do presente artigo criaram uma reflexão acerca da vida financeira do grupo pesquisado, onde o mesmo pode ser ampliado de forma hipotética para o grande grupo (os professores de modo geral).

As situações criadas com a aplicação do questionário e a análise dos dados sugeriram uma reflexão acerca dos gastos desnecessários, além da inversão de prioridades, o que acarreta uma vida financeira instável. A partir dos conceitos criados após a análise dos dados, pode ser possível estabelecer metas para retomar suas finanças e viver melhor.

Uma boa motivação para poupar são os sonhos. Ter objetivos claros é fundamental para o sucesso de um planejamento financeiro. Alguns sacrifícios são necessários, como abrir mão de alguns hábitos de consumo hoje para concretizar suas metas amanhã.

Recomenda-se fazer uma lista de objetivos, estipulando grau de prioridade para cada um deles, dividi-los em metas de curto, médio e longo prazo, para assim poder se organizar

melhor e definir sua estratégia para colocar tudo em prática. Funcionará de maneira simples, as metas de curto prazo são aquelas que se pretende realizar em menos de um ano.

Por exemplo: reserva de emergência, uma pequena reforma da casa, uma festa de aniversário. As metas de médio prazo são as que você espera concretizar dentro de um a cinco anos. Pode ser a troca do carro, a reforma da casa ou uma viagem ao exterior, por exemplo. E metas de longo prazo são aquelas que você imagina realizar em mais de cinco anos. Alguns exemplos: faculdade do filho, a compra de um apartamento, recursos para a aposentadoria, entre outros.

Estipuladas as metas e calculado a renda destinada ao seu cumprimento, é possível partir para um plano de ação, definindo o que deve ser cortado em termos de gastos supérfluos e que não contribuem para que as metas sejam alcançadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. *Número de consumidores inadimplentes atinge recorde de 57 milhões no país*. 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-08/numero-de-consumidores-inadimplentes-e-recorde-e-chega-57-milhoes-no-pais>>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 185 e 187.

BARROS, C. A. R. d. *Educação Financeira e Endividamento*. Dissertação (Mestrado) — Escola Superior de Administração, Direito e Economia ESADE-FADERGS, Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.fadergs.edu.br/TCC_CarlosAugustoBarros_2009.pdf>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 178, 179, 181 e 315.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Caderno de Educação Financeira*:

Gestão de finanças pessoais. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://cidadaniafinanceira.bcb.gov.br/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 111 e 177.

CERBASI, G. *Educação financeira não é prioridade*. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2106201019.htm>>. Acesso em: 10 Jan. 2015. Nenhuma citação no texto.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). *Economia: Endividamento das famílias aumentou em março de 2015, aponta Peic*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/noticias/economia/endividamento-das-familias-aumentou-em-marco-de-2015-aponta-peic>>. Acesso em: 24 Abr. 2015. Citado na página 179.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: uma antropologia do consumo*. [S.l.]: UFRJ, 2004. Citado na página 183.

DOUTÍSSIMA, R. a. *Conheça os benefícios ao abordar a educação financeira para crianças*. 2014. Disponível em: <<http://doutissima.com.br/2014/09/28/conheca-os-beneficios-ao-abordar-educacao-financeira-para-criancas-14656689/>>. Acesso em: 14 Fev. 2015. Citado na página 175.

FRANKENBERG, L. *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Citado 4 vezes nas páginas 144, 147, 178 e 180.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Citado na página 181.

KIYOSAKI, R. T. *Pai Rico: o poder da educação financeira*. [S.l.]: Elsevier, 2011. Tradução: Eliana Bussinger. Citado 3 vezes nas páginas 175, 216 e 217.

NETO, B. C. *Consumo para obtenção de status: estudo empírico entre meninas pré-adolescentes de São Luís do Maranhão*. Monografia — Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - Fundação Getúlio Vargas, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4068>>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado na página 183.

QUEIROGA CARRILHO, P. *O Seu Primeiro Milhão: Como poupar e fazer o seu dinheiro crescer*. Anticrise. São Paulo: Lua de Papel, 2008. (Coleção Guru). Citado na página 176.

SILVESTRI, M. *12 meses para enriquecer*. São Paulo: Lua de Papel, 2010. Citado na página 177.

VIEIRA, E. G. F. *Qualidade de vida e endividamento: estilos de vida associados ao descontrole financeiro e consequências na vida pessoal e profissional*. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Ciências Empresariais - Mestrado em Administração - Universidade FUMEC, Belo Horizonte - MG, 2012. Disponível em: <<http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/erasmo-geraldo-fonseca-vieira.pdf>>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 178 e 180.

Parte III

DIRETRIZES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA AS ESCOLAS

CAPÍTULO

11

**EDUCAÇÃO
FINANCEIRA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS
DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

*Mellina dos Santos Tetto
Dornelles Vissotto Jr.*

RESUMO

Este estudo apresenta uma oportunidade para melhorar a qualidade de vida da nossa futura sociedade a partir de um tratamento diferenciado dentro das Instituições de Ensino. Tem como objetivo encontrar maneiras de inserir a Educação Financeira nas Escolas Públicas. Demonstrar a atual importância da contribuição deste tema abrangido desde as Séries Iniciais do Ensino fundamental. Apresenta algumas possibilidades de trabalho da Educação financeira com as crianças. Destaca a boa e imprescindível utilização dos Temas Transversais para este aprendizado e a importância do lúdico para aprendizagens significativas com as crianças. Fala da relevância de se aprender sobre finanças e economias desde o início das atividades escolares. Nota-se que é no ambiente escolar em prol da qualidade de vida que se deve aprender sobre este tema igualmente aos outros já abordados.

PALAVRS-CHAVE: Qualidade de vida, Educação Financeira, Temas Transversais.

INTRODUÇÃO

O tema proposto traz uma reflexão sobre a importância do aprender sobre dinheiro, finanças e economia desde o início escolar nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental até sua conclusão no Ensino Médio em evidencia nas Escolas Públicas. Apresenta ideias para instigar professores a trabalhar este conteúdo como área a ser avaliada e assim aprendida. Define possibilidades de inserção deste aprendizado utilizando-se da área de Temas Transversais, possibilitando assim a interdisciplinaridade das matérias em prol deste assunto.

Sabe-se da atual dificuldade da população em conseguir utilizar seus ganhos financeiros, o dinheiro, sem que fiquem

endividados. Aumentam com grande frequência casos de endividamentos no nosso país nos últimos anos, a partir desta situação somando dificuldades relacionais sobrevivemos em meio ao caos. Sem nenhum apoio as pessoas procuram maneiras de se livrar das dívidas e conseguir melhorar sua qualidade de vida. Situações que poderiam ter sido evitadas se desde crianças tivessem aprendido a utilizar seus rendimentos financeiros.

Sabe-se que essas dificuldades podem ser atenuadas com consultores financeiros, o que seria, um gasto a mais para ter esta consulta. Percebe-se que a maioria dos endividamentos acontece por pessoas que nunca tiveram um olhar específico para esta área de suas vidas. Diante disso a importância de se aprender sobre finanças na escola assim como se aprende sobre o corpo humano, a geografia, a matemática entre outras matérias quais são garantidas por lei seus aprendizados.

Este artigo apresenta de forma breve conhecimentos de qualidade de vida, como a educação financeira pode auxiliar nesta qualidade, maneiras de se aprender sobre finanças na escola, demonstra como utilizar os Temas Transversais para abordar esse assunto. Fala da importância desta inserção em todas as Escolas Públicas, pois a maioria das Escolas particulares já oferece esse tema como disciplina. Evidencia o trabalho com o lúdico para crianças das Etapas Iniciais.

DESENVOLVIMENTO

Diante de uma visão financeiramente crítica para a maioria dos brasileiros onde todos querem a qualidade de vida, mas não sabem o que realmente é essa qualidade e nem como alcançá-la, vemos a extrema necessidade de descobrir meios

para atenuar esse crescimento de dívidas e assim as dificuldades desnecessárias na vida.

Estamos em um país onde a Educação financeira nunca fez parte do cotidiano e a maior parte da população nunca pôde estudar sobre finanças, pessoal e familiar. Mas todas essas pessoas em algum momento de suas vidas terão que administrar seus ganhos mesmo sem saber fazê-lo. Sabem que dinheiro traz felicidade sim, porque traz a comodidade, para sentir-se bem, bem vestido, sacia a fome, tira as dores, traz oportunidades de divertimento, entre tantas outras compras possíveis.

Comprar parece ser a palavra de ordem e viver, um verbo que parece ficar submetido ao consumo, ao verbo “ter”, e a rapidez dos processos nos dias de hoje. Quem não pode consumir muitas vezes sofre; as coisas parecem se tornar mais importantes do que as próprias pessoas, (BARBOSA, 2006).

Sabe-se que consumir é uma necessidade, mas quando em exagero, quando se passa a tê-lo como prazer e a comprar o supérfluo ocorre o consumismo e isso afeta muitas áreas da vida. Tudo isso faz parte do modo capitalista de produção e acumulação de bens.

A produção de qualquer bem exige que se gaste energia e ou matéria prima da natureza, no entanto, não se pode falar em produção de bens e consumo sem falar em meio ambiente. Frente ao esgotamento dos recursos naturais para a vida, água, e para a produção de bens materiais, a energia, procura-se maneiras de mudanças para manter-se dentro deste mesmo modelo de vida, porém de modo responsável. Aprender então a consumir para sobreviver com qualidade de vida, preservando o meio ambiente, a saúde corporal e mental.

Consumir é gastar, podendo inclusive chegar à destruição do bem consumido. Consumir é utilizar um bem econômico

para satisfazer as necessidades ou para manter o processo de produção.

Todos os seres vivos, com exceção dos humanos, consomem de acordo com suas necessidades de sobrevivência. No mundo humano o consumo vai além das necessidades físicas, ele atende também as necessidades simbólicas, uma vez que os seres humanos são seres culturais (MARTINS, 2007).

A propaganda nos proporciona muitos exemplos da capacidade humana de simbolizar; quando, por exemplo, um carro passa a ser um status social, um poder de sedução ou aventura, ao invés de ser somente um meio de transporte melhor e mais rápido do que o caminhar, andar de bicicleta, ou mais cômodo que o transporte público.

Acredita-se que o grande vilão disso tudo seja a mídia, que aproveita a vulnerabilidade das crianças e adolescentes para formar novos consumistas, pois seus pais já passaram por isso e a forma como se posicionam em relação ao assunto é que ajuda ou atrapalha. Então compreende-se que essa ajuda deveria estar nas formações escolares também e não só na cultura familiar, pois se sabe que a Educação financeira nunca foi ensinada nas Escolas de tempos atrás, sendo assim a cultura da maioria das famílias em relação a finanças é obviamente inexistente.

Hoje em dia é muito mais difícil ensinar um adulto a importância dessa conscientização do que uma criança. Dificilmente em meio ao caos aprenderia a programar sua situação financeira, entenderia que isso lhe traria equilíbrio de energias, capacidade de produção para estudar mais e trabalhar menos e assim ter mais energia e felicidade, porque já estará atrelado em meio a todas as suas atividades do dia a dia, em controvérsia se inserir essa temática na vida de uma criança ela aprenderá como parte de seu cotidiano e atingirá sua vida adulta com esse aprendizado concluído.

Fazer escolhas, planejar, definir prioridades, aprender a equilibrar o quanto ganho e o quanto gasto, conhecer a história do dinheiro, aprender maneiras de poupar, tudo para ser um consumidor consciente e encontrar soluções para o consumismo é o auge da busca pela tranquilidade financeira e assim a qualidade de vida.

Encontra-se na Educação Financeira a possibilidade de mudanças deste cenário do consumismo desenfreado, porém, a mesma deve ser aplicada na vida desde cedo, desde as primeiras etapas escolares vividas e fazer parte do seu cotidiano. Construir uma estrutura de vida financeira equilibrada e assim uma nova cultura humana no nosso país. As crianças aprendem com muito mais facilidades que os adultos, então criar laços de conhecimentos e introduções de saberes com elas seria a maneira mais eficaz para garantir um futuro melhor com relação ao dinheiro pessoal.

Diante do contexto compreende-se que adultos endividados foram crianças que não aprenderam sequer sobre a história do dinheiro e nem como deveriam gastá-lo ou economizá-lo com sucesso em suas vidas.

Frente a essa realidade, acredita-se que a Educação Financeira já deveria estar fazendo parte da grade curricular das escolas públicas como uma disciplina, com um professor e aulas exclusivas sobre o tema há muito tempo. Mas isso traria uma demanda grande de mudanças nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, em leis regidas pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, e também seriam necessárias mudanças nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das Escolas e dos sistemas de ensino. Elas

são concebidas e discutidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) compõem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional configura uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores.

Acredita-se que futuramente sejam alteradas algumas dessas Leis e incluídas nelas a Educação financeira como disciplina única, com um professor e material didático exclusivo, para as escolas públicas, porém seria um futuro distante porque para essa mudança ser realmente efetivada em todo nosso país seria necessárias mudanças de atitudes, valores e culturas, e isso não se tem de um dia para o outro.

Como essa mudança deve ser perante o trabalho de formiguinha, um passo de cada vez, nos vemos diante de uma necessidade emergente de incluir isso na vida de nossas crianças para que sejam adultos financeiramente tranquilos entendedores do processo, e assim com uma melhor qualidade de vida.

Os professores de Etapas Iniciais do Ensino Fundamental de Escolas públicas de Curitiba seguem as Diretrizes Curriculares do município para basearem seus planejamentos semanais. Nessas diretrizes contêm as áreas de formação (eixos) a serem trabalhados seus objetivos, conteúdos e critérios para avaliação durante o ano.

Quando se fala em Educação financeira logo se pensa em números e então no ensino da matemática. Encontra-se nessas Diretrizes do Município objetivos para serem trabalhados na área de formação matemática, porém se fala em Educa-

ção Financeira só como conhecimento do sistema monetário, como pode ser observado abaixo para o ensino fundamental do ciclo um:

- 1º Ano: no eixo “Grandezas e Medidas” encontra-se apenas um objetivo que diz: Medida de valor monetário; cédulas e moedas. Os critérios de avaliação são: Compara os valores monetários de cédulas e moedas? Identifica os valores monetários em cédulas e moedas?
- 2º Ano: também no eixo “Grandezas e medidas” encontra-se o objetivo: Medida de valor monetário; reais e centavos nas composições das demais quantidades. Para ele apenas um critério de avaliação: Identifica cédulas e moedas, compondo e decompondo valores em reais e centavos?
- 3º ano: o eixo, conteúdo e critério se repetem do ano anterior.
- 4º ano: o eixo e o conteúdo também se repetem, porém o critério de avaliação difere: Utiliza com compreensão as medidas de valor, relacionando múltiplos e submúltiplos?

Então diante desse conteúdo pesquisado pode-se ter base de que o ensino de matemática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental das Escolas Públicas de Curitiba direciona o aprendizado para o conhecimento do dinheiro, porém não ensina a utilizá-lo para uma boa qualidade de vida.

Logo se compreende que para alcançar a qualidade de vida, o financeiro é apenas um tema a ser trabalhado, é o qual rege os outros devido a sociedade capitalista na qual vivemos. Pode-se abranger inúmeras abordagens de diferentes eixos, objetivos e conclusões.

Todo esse assunto pode ser abordado também na disciplina de História com o início do consumo, as sociedades antigas, tribais como viviam e produziam somente para seus consumos e sobrevivência. Falar como e quando as sociedades foram tornando-se maiores e mais complexas, suas produções como e porque foram ficando excedentes e assim comercializadas, bem como os tipos de produtos que eram produzidos e do que dependiam para que essa produção acontecesse.

Em ciências abranger o modo de alimentação, se atualmente come-se para viver ou vive-se para comer, a saúde emocional como e porque ela é afetada. Procurar encontrar as necessidades, anseios, carências emocionais diante dos momentos em que comemos. Também o que analisar na hora de comprar o que comer diferenciar pesos, valores e se é saudável ou não para a saúde tanto mental quanto física.

As aulas de português podem incluir temas que alcancem o bombardeio de propagandas, o que influencia o consumismo nos momentos das compras.

Na disciplina de geografia desenvolver a consciência global, sobre os recursos naturais. E assim em todas as matérias escolares pode-se encontrar maneiras de proteger a qualidade de vida diante de uma economia de gastos de ganhos financeiros e bens naturais.

Pode-se então compreender que o assunto Qualidade de Vida e Educação financeira andam juntos e podem ser trabalhados em todas as matérias didáticas Escolares. Seria esta uma disciplina única como Economia, porém para Séries Iniciais e todo o Ensino Fundamental de Escolas Públicas a mais rápida e eficiente maneira de fazê-lo seria trabalhar o tema com a interdisciplinaridade das matérias.

Temas Transversais é a melhor maneira de abranger a Educação Financeira para a qualidade de vida na prática educativa, pois estabelece pontes entre o conhecimento escolar e

o social. Os temas Transversais estão nos Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) que foram criados com o foco na formação da cidadania, podendo assim ser utilizado frente aos Currículos Escolares, nos Projetos Políticos Pedagógicos de cada Instituição de Ensino e assim com mais evidência no Plano de Ação Anual de cada Instituição Escolar. Coloca-se que em evidência no Plano de Ação Anual porque seria dentre as opções de trabalho a de mais imediato, desde que o mesmo deve ser desenvolvido e atualizado nas Escolas todos os anos.

Os temas transversais são temas selecionados para discutir problemas de grande importância para o Brasil, que serão tratados junto com as disciplinas a serem trabalhadas no Ensino Fundamental de uma forma diferenciada. Fazem parte desses temas; Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação sexual, Consumo e Temas Locais. São temas que precisam ser trabalhados numa perspectiva interdisciplinar sem a possibilidade de ser uma única disciplina, tendo como característica estabelecer relações entre os conhecimentos dos fatos sociais e os sistematizados.

Embora saibamos que a escola não é a única responsável por uma mudança estrutural na vida das pessoas, sabemos que ela precisa iniciar as mudanças com aprendizados significativos de atitudes e práticas verdadeiras condizentes com a comunidade local.

Conforme [Cordioli \(1999\)](#), os Temas Transversais apontam para mudanças na cultura, nos aspectos de ver e sentir o mundo. Não se trata, portanto, de “mais conteúdos”, nem de procurar organizar os conteúdos numa perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, mas sim na formação de valores e padrões de conduta, como uma espécie de “óculos” que qualifica o olhar dos professores para certos elementos da formação dos alunos.

Incluir o Tema Transversal Educação Financeira para a Qualidade de Vida no plano de ação da escola seria o método mais emergente para iniciar a temática nas Instituições Escolares Públicas do Município. A partir daí cada professor regente utiliza sua disciplina em específico e assume seu responsável papel para desenvolver um projeto adequado para o tema. Algo que discuta o tema social e que a partir dele possa auxiliar os alunos na busca por soluções dos problemas enfrentados, muitas vezes conseguindo até mesmo estender o aprendizado para as famílias e a comunidade local.

A escola não muda a sociedade, mas pode, compartilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação.

“[...] A eleição de conteúdos, por exemplo, ao incluir questões que possibilitem a compreensão e a crítica da realidade, ao invés de tratá-los como dados abstratos a serem aprendidos apenas para “passar de ano”, oferece aos alunos a oportunidade de se apropriarem deles como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida.” (MEC/SEF, 1997, v.8).

Para trabalhar com Temas Transversais uma problemática social é preciso ir além da repetição de conteúdos, ensinar para além da prova, acreditar que o que se ensina e o que se aprende na escola é ferramenta para aperfeiçoar a qualidade de vida de todos.

Dentro dos temas que já estão estabelecidos nos Temas Transversais, para alcançar o tema “Qualidade de Vida Diante de suas Finanças”, podemos utilizar atividades referentes aos cuidados com o Meio Ambiente, a Pluralidade Cultural, cui-

dados com a Saúde, com o Consumo. Abaixo segue uma imagem com exemplos de distribuições de temáticas da “Educação Financeira para a Qualidade de Vida” utilizando os Temas Transversais como mediador (gráfico da figura 11.1).

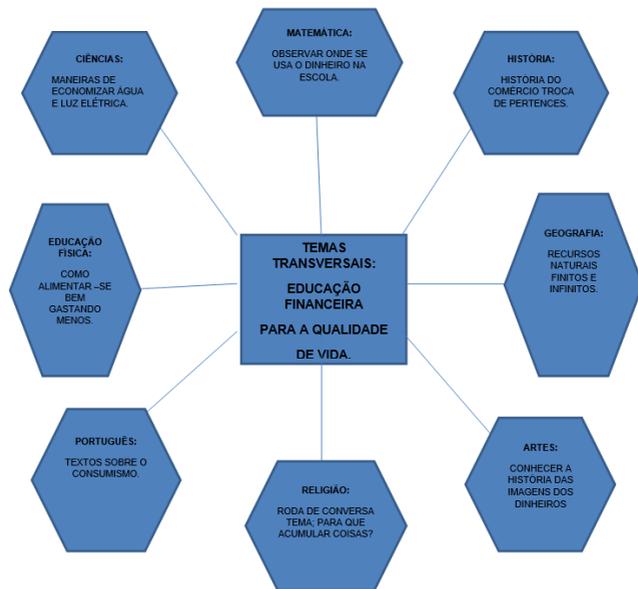


Figura 11.1 – Proposta de temas transversais em educação financeira.

Atualmente faz-se necessário uma consciência ecológica imediata que procure questões que dizem respeito à terra e todos os seres que nela habitam, a todas as suas fontes de recursos naturais finitos e infinitos. A visão ecológica permite perceber o quanto estamos interferindo no mundo, nas condições ambientais, e o a gravidade dessas mudanças provocadas pelas nossas interferências.

Para Gadotti (2002), é preciso encontrar uma forma de continuar crescendo economicamente sem que, para isso, tenhamos que destruir o ambiente, e conseqüentemente, a nós mesmos. “O que foi socialmente construído pode ser socialmente transformado. Um outro mundo é possível. Precisamos chegar lá, e sobretudo, em tempo.”

Todos precisam aprender novas abordagens, novas consciências que precisa se reproduzir rapidamente. Se o ser humano é capaz de construir barbáries também é capaz de desconstruir e modificar.

Deve-se lembrar de que os alunos de Etapa Inicial do Ensino Fundamental ainda são muito pequenos, porém têm suas capacidades incríveis de aceitação e aprendizado, também de fazer com que seus aprendizados cheguem até seus familiares e assim a toda a comunidade da Escola. Mas crianças aprendem com facilidades temas de seus interesses, costumam sentir desprazer e dificuldades com algo pronto e acabado, daí a importante tarefa do professor de promover algo que traga emoção, mistério para surgir o significado da busca pelo aprendizado. Trabalhar o lúdico com crianças dessa idade é trabalhar a motivação no aluno, provocá-lo para que fique curioso, é aprender brincando e assim ter um aprendizado significativo do qual consiga facilmente lembrar-se pela vida toda.

De acordo com Vigotsky (1984), é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

O professor deve propor diferentes atividades lúdicas para que a criança sinta a vontade de descobrir e de pensar.

Isso significa que ela pode não gostar do assunto ou da disciplina, mas desenvolver interesse por ela. É brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo o tempo todo com as experiências que pode ter. São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de todo este estudo espera-se inspirar gestores, pedagogos e professores a repensarem seus planejamentos escolares. Que a qualidade de vida financeira seja inserida no cotidiano de nossas crianças o quanto antes. Que atinja nossos sistemas de Educação Pública na elaboração de suas políticas educacionais bem como dos Projetos Políticos Pedagógicos das Instituições Escolares, com vistas a garantir o sucesso financeiro de seus alunos resultantes.

O papel dos pais na formação dos filhos e a melhoria da educação básica financeira foram citados como preponderantes para que esse ensino seja eficiente, mas acredita-se que a escola possa ser o caminho para uma nova perspectiva de vida, diante de uma educação social que contribua significativamente para uma construção de uma sociedade com uma qualidade de vida mais justa e igualitária.

Utilizar-se de temas Transversais para incluir Educação financeira nas escolas Públicas seria o método mais eficaz do momento. Utilizar as possibilidades de interdisciplinar às matérias dentro deste assunto para garantir o aprendizado, sempre lembrando que o aprendizado significativo é aquele do qual o ser humano se lembra para o resto da vida, seria este o conhecimento interessante, misterioso e prazeroso.

Inserir este aprendizado sobre finanças no Plano de ação das escolas é uma responsabilidade dos gestores e pedagogos que por finalidade trariam a participação dos professores com seus planejamentos em torno deste assunto.

Com o foco em Educação Financeira para a Qualidade de Vida pode-se abranger inúmeras atividades dentro de todas as áreas escolares. E todas essas áreas abordando todos os anos esse tema traria aos poucos uma mudança notável, seria uma mudança cultural, pois as crianças de hoje terão base para promover a qualidade de vida de seus filhos amanhã juntamente com as escolas que quem sabe até o futuro mais próximo já tenham este tema como disciplina única nas Escolas Públicas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M. S. *Temas Transversais: O que são? Como utilizá-los na prática educativa?* Curitiba: [s.n.], 2006. Citado na página 198.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 53, 205 e 233.

CORDIOLLI, M. *Para entender os PCN: os temas transversais*. Curitiba: Módulo, 1999. Citado na página 204.

GADOTTI, M. Pedagogia da terra e cultura da sustentabilidade. *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, 2002. Citado na página 207.

MARTINS, M. H. P. *O prazer das compras: O consumismo no mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 2007. Citado na página [199](#).

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Citado na página [207](#).

CAPÍTULO

12

**A ESCOLA COMO
MEDIADORA DE
GERAÇÕES
SUSTENTÁVEIS**

Melanie Bordignon Cruz

Márcia Maria da Silva Santos Lisovski

Silvana Tavares Pessoa

Camila Izis A. B. Paul

Kauana Yrina A. B. Vissotto

Fábio Alexandre Marcelino Navarro

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a escola como mediadora na construção de um futuro de gerações sustentáveis utilizando como base a educação financeira e foi realizada numa escola pública de tempo integral, no Bairro Hauer, na cidade de Curitiba, por meio de observações, entrevistas com 90 estudantes na faixa etária de 9 a 11 anos, em que se comprovou que apesar da pouca idade, já são consumidores compulsivos e ludibriados pela mídia. Mostra também a importância do trabalho com Educação Financeira na escola, por ser um local de formação, onde os estudantes têm a oportunidade de ampliar conceitos e efetivar conhecimentos, mas que para isso se efetivar é necessário também uma formação para os professores que nela atuam. Evidencia que trabalhar com Educação Financeira na infância é essencial para que no futuro estas crianças venham agir de forma responsável e conscientes em relação ao que consomem e saibam identificar propostas persuasivas da mídia, bem como se transformarem em multiplicadores, capazes de transformar a sua vida e também de seus familiares. Descreve atividades que identificam o ensino de Educação Financeira, de forma interdisciplinar e relata atividades práticas, trabalhando o tema em várias situações e permeando outras áreas do conhecimento, aproveitando melhor o ensino de conteúdos que são próprios do currículo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Interdisciplinaridade, Educação Financeira, Infância.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema Educação Financeira no que tange a Escola como mediadora na construção de um fu-

turo de gerações sustentáveis realizada numa escola pública de um bairro da cidade de Curitiba. A escola, que funciona em tempo integral, está organizada em ensino das disciplinas dos Componentes Curriculares no período regular e em oficinas nos espaços do contra turno.

É neste contexto que foram realizadas as observações e investigações com as crianças, com o objetivo de analisar e identificar atividades pedagógicas que fazem as crianças refletirem e se conscientizarem sobre Educação Financeira.

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizadas como instrumentos de investigação, a observação, entrevistas com as crianças e estudos teóricos.

Fica evidente a importância do trabalho com Educação Financeira na escola, não necessariamente como uma disciplina a mais, mas como um tema que pode ser abordado em diversas situações, de forma interdisciplinar, sem perder o foco dos objetivos e conteúdos que já são trabalhados na escola. É um tema que pode permear as demais disciplinas de forma a somar com os demais objetivos da escola e assim, dar oportunidade para que os estudantes possam ao longo de sua formação aprender a economizar, guardar e até mesmo gastar.

Os docentes, por sua vez também precisam ser equilibrados financeiramente para que possam ensinar, pois qualquer indivíduo só consegue causar a transformação se já atingiu a mudança esperada. Afinal ninguém ensina aquilo que não sabe. O Comitê Nacional de Educação Financeira elaborou um livro direcionado para a Educação Financeira nas escolas e menciona que:

“A Educação Financeira nas escolas se apresenta como uma estratégia fundamental para ajudar as pessoas a enfrentar seus desafios

cotidianos e a realizar seus sonhos individuais e coletivos. Discentes e docentes financeiramente educados são mais autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só a própria qualidade de vida como a de outras pessoas.” (CO-NEF, 2013b).

Na escola em que foi realizada esta pesquisa, é visível o trabalho que acontece de educação financeira, sendo que os educadores trabalham de forma indireta com o tema. Embora seja involuntário, ele se dá de forma muito simples, mas eficaz, conforme veremos adiante.

Vale ressaltar também, que não dá mais para pensar em educação que não seja para a vida e sabemos que questões referentes a dinheiro são extremamente relevantes para ser discutida, ensinada e praticada em qualquer espaço.

DESENVOLVIMENTO

A cultura no Brasil é voltada para o consumo, isso é fato incontroverso em qualquer sociedade capitalista, contudo não é o consumo em si que causa preocupação, mas sim o consumo desenfreado. A mídia, em geral assume o papel constante e sedutor em relação à venda. As crianças são alvo da maioria delas e como assistem muita televisão acabam assistindo também publicidades voltadas para o público adulto e com isso vão se acostumando e imaginando que o dinheiro é fácil, pois nos comerciais tudo é muito perfeito e prático.

As crianças que frequentam a escola atualmente, em curto prazo, se tornarão adultos que atuarão no mercado de

trabalho e estarão movimentando o comércio com seu dinheiro. Embora tenham pouca idade, é comum ouvir delas, suas pretensões para o futuro e seus desejos de conseguir bens materiais, bem como exibir seus objetos de conquista. Nota-se que entre elas, existe a ostentação. Mesmo involuntariamente, concorrem mostrando objetos de uso pessoal carregados de mensagens consumistas. Como exemplo: é a mochila, os materiais escolares, o tênis, os óculos. Sentem a necessidade de mostrar o que tem e com isso desperta nos colegas o mesmo desejo.

De acordo com [Maritns](#):

“a necessidade de ostentar e a vaidade excessiva são emoções que conduzem a pessoa a fazer gastos exagerados, na hora errada, de maneira impensada e abusiva, transformando-a numa máquina de destruir dinheiro.” ([MARITNS, 2004](#), p. 52).

Embora hoje a criança não saia “destruindo dinheiro” porque ainda não o possui, está formando conceitos que mais tarde utilizará inconscientemente e talvez se transformando numa consumidora compulsiva.

Ora, se a criança ainda está em formação, é necessário que aprenda desde cedo a planejar melhor sua vida para que consiga no futuro, atingir suas metas e realizar seus sonhos. [Maritns](#) coloca ainda que:

“Desejar coisas é uma emoção legítima do ser humano. Afinal, na nossa experiência de vida na terra, o ato de desejar é parte importante da realização pessoal e profissional. Ausência de desejo pode significar, muitas vezes, ausência de vida e de alegria. O problema não está no desejo em si; está no desejo que extrapola os limites do

bom senso, torna-se excessivo e passa a ser a causa de problemas.” (MARITNS, 2004, p. 52).

O desejo é inerente ao ser humano, e nesse contexto as crianças também o possuem, porém sabe-se que elas ainda não têm a noção de que para realizá-los envolve diversas questões, inclusive financeiras. Mas, em contrapartida é bom que ela tenha vontade de possuir as coisas, pois isso a ajudará a se tornar uma pessoa mais esforçada para conseguir alcançar seus objetivos.

Porém é necessário que haja, neste momento da vida da criança, um mediador que a ajude a organizar seus pensamentos e refletir sobre o que na realidade é necessário comprar. No entanto, é notório que não foi ensinado para a atual geração de pais como lidar com o dinheiro, não havia formação de educação financeira em casa e nem na escola. Ora, se a maioria dos pais atuais, que deveriam ser os responsáveis em educar financeiramente seus filhos não foram formados para isso, conclui-se que a escola tem mais este papel.

Porém, é de conhecimento, que a maioria dos docentes também não foram educados financeiramente e é comum ouvir dentro da escola, lamentações pelas dívidas adquiridas e suas dificuldades em saná-las. [Kiyosaki](#) aponta:

“Sem educação financeira, as pessoas descuidadamente, mandam seu dinheiro para o governo via impostos; para os bancos, via dívidas de empréstimos de suas casas, carros, cartão de crédito e empréstimos estudantil; para as empresas de petróleo, energia elétrica e produtores de alimentos, por meio da inflação. E aquelas que possuem uma conta da previdência privada enviam seu dinheiro para os bancos. É por isso que os ricos ficam cada vez mais ricos, os

pobres permanecem pobres e a classe média trabalha ainda mais arduamente.” (KIYOSAKI, 2011, p. 40).

Sendo assim, a de se pensar numa formação para os professores, pois se o objetivo é ajudar os estudantes a se tornarem adultos conscientes para o consumo, será necessário primeiramente que estes antes o sejam. Assim a escola poderá se transformar num espaço, onde possam trabalhar os conteúdos dos componentes curriculares, mas que permeando estes, se acrescente conhecimentos como de educação financeira, que sirvam para suas vidas. Kiyosaki lembra que:

“O verdadeiro propósito da educação é dar a uma pessoa o poder de transformar a informação em significado. O problema na era da informação é que há uma avalanche de informações financeira e falta de educação financeira.” (KIYOSAKI, 2011, p. 165).

Assim seria possível formar cidadãos preparados para o futuro, capazes de identificar o que há por trás das publicidades, o que as empresas fazem para tornar seus produtos cada vez mais agradáveis aos olhos dos consumidores e que pode consumir sim, mas de forma controlada e de acordo com as necessidades.

Resolvido o problema dos estudantes em relação a Educação Financeira, surge o desafio em atingir os familiares. Afinal, para haver o equilíbrio financeiro, é fundamental que a família toda esteja em sintonia com os mesmos desejos. Para tanto, será imprescindível que haja, também dentro de casa mudanças de hábitos e que se tomem atitudes conscientes que contribuam para o equilíbrio desejado. É uma tarefa difícil porque são gerações que vivem na cultura do consumismo e que tudo fazem para ver seus filhos felizes. Muitas vezes tentando compensar o tempo que fica ausente. Maritns afirma que:

“O ser humano é resultado mais das suas emoções do que das suas habilidades técnicas. Nenhum conhecimento levará você a um determinado objetivo; a relação com o dinheiro não é diferente. A nossa trajetória financeira se dá em três pontos: como ganhamos, como gastamos e como conservamos dinheiro.” (MARITNS, 2004, p.48).

Geralmente estes pais trabalham muito e, para recompensar, permitem que os filhos participem das decisões de compras. Se os pais estão financeiramente educados podem transformar este momento oportuno para um ensino na prática. Se decidirem ir ao supermercado, por exemplo, será uma grande chance de ensinar a economizar também. Mostrar na prática que tem coisas que além de desnecessárias não são adequadas para a saúde e que tem produtos que podem ser encontradas na concorrência a um preço bem melhor. Além disso, a criança vê o adulto pagar, receber troco, e assim vai entendendo que o gastar é uma troca e que para poder fazer o gasto é necessário ganhar o dinheiro.

É momento de mostrar que não se pode comprar tudo e que tem pessoas que podem mais e outros que podem menos. E caso haja a frustração, também esta servirá para entender que é preciso esforço pessoal para buscar os seus desejos. Que ele precisa descobrir seus talentos e que precisará trabalhar para ter o que deseja.

O assunto dinheiro tem que ser trabalhado no cotidiano, na prática e não pode eternizar a ideia de que existe dinheiro fácil, pois um dia terão que ganhar o próprio para poder gastar.

Para educar é necessário identificar primeiramente os principais pontos e perspectivas do indivíduo que será edu-

cado. Nesse sentido, foi realizada uma sondagem do público que seria atingido.

Para dar início e obter uma visão do público investigado, reuniu-se 90 estudantes de uma escola pública de ensino fundamental, do Bairro Hauer de Curitiba - Paraná, com faixa etária entre 9 e 11 anos, com diferentes características sociais, culturais e econômicas para a realização do estudo.

Estes alunos foram divididos em grupos de 30, em uma sala para que pudessem assistir alguns vídeos de comerciais de TV, de diferentes produtos: brinquedos, roupas e alimentos, onde o alvo da publicidade eram as crianças.

A princípio elas mostraram conhecer todos eles e quando questionados de onde conheciam tais produtos responderam que era através de comerciais de TV. Também se constatou que todos possuíam ao menos um produto dos mostrados.

A partir das falas das crianças, foi direcionada uma conversa onde todas podiam se expressar livremente. Optou-se em roda de conversa, pois nestes momentos a criança costuma se sentir à vontade para se manifestar espontaneamente.

Após a roda de conversa, baseando-se no que a maioria das crianças elencou e relataram, foram levantadas as seguintes conclusões:

- Assistem TV até tarde da noite.
- Prestam atenção em publicidade e acham interessantes.
- Pedem como presentes aos pais, brinquedos ou peças de vestuário que viram em algum comercial de TV.
- Vão ao supermercado com os pais e pedem para que eles comprem produtos de lançamento no mercado e sempre os vistos em comerciais.

- Os pais geralmente atendem seus pedidos ao menos uma vez, caso o produto custe caro.
- Frequentam shoppings com a família.
- Costumam fazer chantagem com os pais para conseguir o que querem comprar.
- Ganham presentes em todas as datas comemorativas, como Aniversário, Páscoa, Dia das Crianças e Natal.
- Não gostam de ganhar brinquedos de marca similar daqueles que escolhem.
- Não há negociações de datas ou de economia, para a compra de brinquedos.

Com isso, conclui-se que os pais são desafiados o tempo todo pelos filhos para a compra de um produto por vezes não necessária ou não emergencial para o momento.

Na sociedade atual, onde se estimula o consumo o tempo todo, deveria ser a educação financeira aprendida em casa. Mas existe a satisfação dos pais em ver a realização dos filhos com o que ganham. O que colabora também é o momento econômico de crédito fácil em tempos que todos possuem cartões de créditos.

Desta forma percebe-se a necessidade e urgência em trabalhar com Educação Financeira em todas as escolas de Ensino Fundamental, desde os anos iniciais. Porém, ampliar o número de disciplinas tornaria o conhecimento ainda mais fragmentado e o ensino e aprendizagem de Educação Financeira descontextualizados. Então se sugere que este ensino seja feito de forma interdisciplinar e que, paulatinamente, vá se agregando às demais disciplinas e atividades do cotidiano das crianças.

Na escola em que foi realizada esta pesquisa é possível afirmar que em quase todos os momentos é possível ensinar para a criança, a educação financeira. Como exemplo, podemos citar o momento em que os professores fazem com que as crianças organizem suas coisas. Precisam ter o cuidado com os materiais para não perder, não rasgar. Ela passa a entender que quando isso acontece, a consequência é novas compras e com isso é dinheiro gasto sem necessidade. O papel do professor é fundamental, pois de forma pedagógica e simples, num momento como este, ajudarão essas crianças a se tornarem adultos conscientes.

Não dá mais para pensar em educação que não seja para a vida. Na escola, isso já faz parte do cotidiano dos professores e em escolas de tempo integral, é praticamente obrigatório devido ao tempo e espaço privilegiado.

Nesta escola é bem visível este trabalho. Nela, constatou-se que já existe o ensino de Educação Financeira, embora não seja ainda efetivado de forma sistematizada em conteúdos, é um tema que vem sendo trabalhado de forma interdisciplinar, de forma pedagógica e com criatividade, onde professores realizam atividades repletas de intencionalidade e de forma muito significativa.

Neste contexto, iniciou-se então uma investigação para identificar em que momentos a Educação Financeira estava sendo trabalhada e segue abaixo o relato das observações realizadas.

Nos anos iniciais, as crianças conhecem a história de como surgiu o dinheiro. A atividade estava em forma de conteúdo, mas este é um momento precioso de aproveitar para ensinar sobre a necessidade do indivíduo possuir a moeda para poder gastá-la com suas necessidades e levantar questões relativas a compras feitas com cartões de crédito, justamente por não possuir a moeda em espécie. Um conteúdo

que pode vir carregado de intenção e ajudar a criança desde cedo, que o dinheiro a ser gasto é o mesmo que precisou ser ganho e que para ganha-lo é necessário o trabalho, o talento e o esforço.

Outra atividade, também observada em sala de aula, realizada sem a intenção de educar financeiramente, mas o fazendo involuntariamente foi esta: a professora distribuiu notas de dinheiro para as crianças de 5º ano (as crianças possuem em torno de 10 anos). Distribuiu também encartes de diversos supermercados e os alunos deveriam escolher os produtos que gostariam de comprar. Em seguida, deveriam listar o produto com o preço dos estabelecimentos de maior e menor preço. A tarefa seguinte era de somar o valor dos produtos dos dois estabelecimentos e verificar em qual seria mais vantajoso comprar. A partir destes levantamentos, as atividades que seguiam eram de situações-problemas envolvendo o sistema monetário, como por exemplo, o que poderia comprar com as notas que tinha em mãos e com quanto ficaria no final das supostas compras.

Observando os alunos do contra turno, foi detectado mais alguns momentos significativos de aprendizagem de Educação Financeira involuntariamente.

Na oficina de Educação Ambiental, a aprendizagem é muito rica. O tempo todo, de forma indireta a professora realiza atividades com seus alunos sobre Educação Financeira. Dentre elas estão:

- Reciclagem de papel.
- Reutilização de embalagens.
- Confecção de objetos a partir de materiais recicláveis.
- Economia de água e de energia.

Nesta oficina os alunos aprendem o que é sustentabilidade na prática. Há sinergia entre Educação Ambiental e Educação Financeira. As duas se fundem e se completam quando pensadas para o bem coletivo do futuro. Entende-se que economizando água e energia, a conta do pagamento das mensalidades, também diminuirá e com isso sobrarão dinheiro para outras ocasiões, como por exemplo o lazer. O reaproveitamento de coisas adiará novas compras, além de diminuir o impacto ambiental. O que se percebe, nesta oficina é a oferta de conceitos e ferramentas para formar cidadãos autônomos e capazes de mudar atitudes que farão a diferença na sociedade e no planeta, além de trabalhar com a prevenção, promove um diálogo articulador entre as áreas do conhecimento.

Na oficina de Tecnologias da Informação e Comunicação a professora aprovou a ideia e começou um trabalho com alguns sites como o da “Turma da Bolsa”, uma página onde as crianças têm acesso aos vídeos de “O Porco e o Magro”, uma dupla que ensina as crianças a lidarem com dinheiro de forma divertida (BOVESPA, 2014). A página Bankids (Banco da Criança) (CANALKIDS, 2014), um site onde a criança aprende sobre o valor do dinheiro e também outros valores para a vida, como a troca (o dar e receber), por exemplo. E o “Bate-Bola Financeiro” (BB, 2014), um site de jogos para todas as idades, que ensina os principais conceitos sobre poupança e gastos, orçamento e uso inteligente do crédito.

São atividades que auxiliam muito na formação dos alunos e que servirão de base para sua vida futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-se da pesquisa bibliográfica, observação na escola e entrevista com as crianças, foi possível compreender a im-

portância da Educação Financeira na infância e fica explícito que é possível um trabalho interdisciplinar com o tema na escola.

Entende-se que a tarefa de educar financeiramente a criança, primeiramente é dos pais, pois são eles, os maiores influenciadores dos filhos ao longo da vida e o que é de responsabilidade da família não devem ser transferidos para a escola, mas considerando que os pais da atualidade não foram educados financeiramente e que se trata de um tema de grande importância e de caráter emergencial, a escola pode cumprir mais este papel.

Observou-se que não é necessário acrescentar outra disciplina para se efetivar o trabalho de ensino de educação financeira, mesmo porque seria dispendioso e dependeria de projetos de lei e as implicações de uma nova disciplina para as escolas e Secretarias de Educação. Há outros fatores também que dificultariam o trabalho, como o rearranjo da grade curricular e conseqüentemente as disciplinas já existentes passariam a ter o tempo reduzido. Ficou claro que educação financeira, é um tema que pode permear áreas do conhecimento sem perder a qualidade das mesmas.

Desta forma, não há necessidade de esperar uma lei ser aprovada e fazer todo o rearranjo curricular para iniciar o trabalho. Se ganha tempo e é uma oportunidade de agregar às disciplinas, conteúdos inovadores que deixarão as aulas muito mais significativas e interessantes para as crianças. Assim a educação financeira vai ganhando espaço e com o tempo vai se tornando natural e comum dentro do ambiente escolar, atingindo o objetivo maior que é tornar as crianças de hoje em adultos que saibam lidar com o dinheiro, planejar seus gastos dentro do orçamento disponível, evitando dívidas e tendo reservas financeiras.

Com isso se espera que haja, além da aprendizagem dos

estudantes, o impacto em suas casas com a mudança de hábitos quando a família não possui uma situação financeira organizada.

Finalmente, conclui-se que haveria também a necessidade de uma capacitação para os professores, que seriam beneficiados duplamente: para sua vida pessoal, que em alguns casos precisam incorporar a educação financeira para melhorar sua qualidade de vida e para sua vida profissional, onde realizaria o trabalho com os estudantes com mais segurança, construindo um futuro de gerações sustentáveis financeiramente.

REFERÊNCIAS

BANCO DO BRASIL (BB). *Educação Financeira: Bate-bola financeiro*. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.bancodobrasil.batebolafinanceiro.com.br/>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 223.

BM&F BOVESPA (BOVESPA). *Educação Financeira: Turma da Bolsa*. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/educacional/educacao-financeira/turma-da-bolsa/apresentacao/>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 223.

CANALKIDS. *Bankids: o banco da criança*. 2014. Disponível em: <<http://www.canalkids.com.br/bankids/index2.htm>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 223.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio*: Livro do Professor. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>.

Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas [214](#), [263](#), [284](#) e [290](#).

KIYOSAKI, R. T. *Pai Rico: o poder da educação financeira*. [S.l.]: Elsevier, 2011. Tradução: Eliana Bussinger. Citado 3 vezes nas páginas [175](#), [216](#) e [217](#).

MARITNS, J. P. *Educação Financeira ao alcance de todos: adquirindo conhecimentos financeiros em linguagem simples*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004. Citado 4 vezes nas páginas [215](#), [216](#), [217](#) e [218](#).

CAPÍTULO

13

**IMPORTÂNCIA DA
EDUCAÇÃO
FINANCEIRA PARA O
ENSINO
FUNDAMENTAL**

Cristiane Sentone Pereira

Isabel Cristina Bressan

Mara Simone Moreira Silva

Kauana Yrina A. B. Vissotto

RESUMO

Este artigo é de abordagem qualitativa bibliográfica do tipo descritiva, que enfatiza a aplicação de um planejamento educativo (plano de aula) a um grupo de educandos do ensino fundamental da Escola Municipal CEI Professor Antônio Pietruza e a observação das participantes que irão averiguar o processo de aprendizagem em relação ao ensino de educação financeira para crianças, visando melhoramento da qualidade de vida das mesmas e de suas famílias. Tem por objetivo principal verificar qual é a importância de se ensinar educação financeira para uma criança no ensino fundamental. As principais referências utilizadas para o embasamento teórico exemplificam como e qual a importância de se ensinar educação financeira na escola para, assim, melhorar a qualidade de vida dos estudantes do ensino fundamental e de suas famílias. O resultado essencial desta pesquisa foi a constatação que com a estimulação da inteligência financeira realizada a partir do ensino da educação financeira nos anos iniciais do ensino fundamental, favoreceu aos educandos e suas famílias, a obtenção de conhecimento básico sobre o assunto, informando-lhes e esclarecendo possíveis dúvidas a respeito de como realizar o consumo consciente e de que maneira fazer o uso do dinheiro, beneficiando o melhoramento da qualidade de vida de todos os envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de Vida, Educação Financeira, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

No Brasil ainda há muito que se descobrir, sobre a educação financeira, pois não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas. A razão disso pode ser explicada

pelo fato de que o Brasil passou por oito mudanças de moeda em 52 anos (1942 e 1994). Saber ganhar, gastar e poupar é habilidades que todos precisam desenvolver de modo a manter a qualidade de vida. Muita coisa mudou, o Brasil vive hoje uma estabilidade econômica e falar em educação financeira é essencial. Toma-se como base uma sociedade, que não sabe lidar adequadamente com suas finanças, os transtornos que isso causa na economia e na vida de cada cidadão. Por isso, é fundamental responder a seguinte questão: Qual a importância da educação financeira na vida de uma criança?

O mundo mudou a nossa relação com o dinheiro, está ligado à vida do instante em que o indivíduo nasce e, ao passo que cresce, se apresenta cada vez mais presente no que diz respeito à qualidade de vida. A criança é apresentada a esse mundo consumista cada vez mais cedo e é necessário que se ensine a ela qual a melhor forma de se gastar e poupar o dinheiro, com isso favorecer o planejamento financeiro pessoal e familiar.

Para isso se faz necessário educar as novas gerações para aprenderem a lidar como dinheiro e a Educação Financeira é um elemento que poderá trazer equilíbrio e segurança, pois com ela o indivíduo a nossa relação com o dinheiro respeito ao dinheiro, este está ligado à vida do instante em que o indivíduo nasce e, ao passo que cresce, se apresenta cada vez mais presente no que diz respeito a qualidade de vida. A criança é apresentada a esse mundo capitalista cada vez mais cedo e é necessário que se ensine a ela qual a melhor forma de se gastar e poupar o dinheiro, com isso favorecer o planejamento financeiro familiar.

Para isso se faz necessário educar as novas gerações para aprenderem a lidar como dinheiro e a Educação Financeira é um elemento que poderá trazer equilíbrio e segurança, pois com ela o indivíduo aprenderá a administrar suas finanças

pessoais para com isso ter uma vida mais organizada visando enfrentar os problemas que possam surgir de suas responsabilidades familiares e pessoais contraídas hoje e futuramente.

Portanto, se faz necessário ensinar as crianças a valorizar o dinheiro evitando assim cometer erros no futuro. Diante deste contexto, de despreparo das famílias em relação ao seu consumo pessoal, propõe-se como objetivo desta pesquisa: apontar as necessidades da educação financeira já nos primeiros anos do ensino fundamental, o que irá ajudar a no seu cotidiano a gastar com responsabilidade e poupar suas economias de maneira mais equilibrada, mostrando assim a relação com o consumo consciente de modo a despertar a sua capacidade de transformar o ato de consumo compulsivo em consumo consciente.

Com o consumo consciente as pessoas aprenderão a estabelecer um padrão de aproveitamento compatível com a renda e que melhore progressivamente sua qualidade de vida, pensando num futuro sustentável, conceito, mudanças na estrutura familiar, influências externas. Com uma educação financeira na fase de desenvolvimento a criança terá maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange as suas finanças, aliada a educação de qualidade, formando melhores cidadãos.

O processo de educação financeira é longo, no qual a criança exercita algo essencial como fazer escolhas: gastar dinheiro é uma escolha, juntar é outra escolha. Com isso ela tende a pensar antes de agir e fazer suas escolhas, passa a planejar, olhar para o futuro, criando sentimento de segurança e confiança em si mesma. A partir das atividades propostas, incentivar as crianças a adotarem hábitos sistemáticos de planejamento financeiro e familiar.

DESENVOLVIMENTO

Neste contexto, a abordagem é dividida em três etapas: “Educação Financeira começa em casa”, na qual a abordagem será sobre como as famílias podem incentivar seus filhos, desde pequenos, a lidar com o dinheiro; “Legislação e Parâmetros Curriculares Nacionais”, na qual enfatiza as principais leis e parâmetros que subsidiam o ensino de educação financeira na sala de aula; e, “Educação Financeira na escola”, que justifica qual a importância do ensino da educação financeira na escola.

Etapa 1 – Educação Financeira começa em casa

De acordo com especialistas, a criança já está sujeita a sofrer com as apelações do mundo consumista da atualidade, provocando atitudes de querer, poder, merecer e precisar, gerando assim, um conflito de informações e sensações em sua mente. Segundo [Ligocki e Iunes](#):

“O dinheiro faz parte da nossa vida, e desenvolver a inteligência financeira das pessoas, desde a infância, permite que usufruam do dia a dia, valorizem as coisas realmente essenciais, superem desafios financeiros e aproveitem oportunidades com mais segurança e conforto ao longo da vida, possibilitando ainda independência financeira a partir de atitudes simples e conscientes.” ([LIGOCKI; IUNES, 2013](#), p. 3).

Por este fato, é significativo para a criança adquirir suas primeiras lições financeiras em casa, como orientações de fechar a torneira enquanto escova os dentes, apagar a luz dos locais vazios, comer toda a refeição para não desperdiçar alimentos, entre outros. O conjunto dessas recomendações ge-

ram conhecimentos que serão coadjuvantes nas tomadas de decisões financeiras pessoais e no ambiente familiar.

Juntamente com estas recomendações é importante que a criança tenha conhecimento de como os recursos financeiros “entram” em casa e em que situações o dinheiro deve ser gasto ou poupado. A família precisa explicar que os membros adultos só recebem o dinheiro após um período de trabalho e, este salário, servirá para pagar as despesas de casa, ir ao supermercado, comprar brinquedos, entre outros, e para eventuais despesas futuras.

Uma forma de incentivar a criança a poupar dinheiro é lhe dando mesada. De acordo com [Camargo \(2013\)](#), para cada idade é recomendado uma determinada frequência:

- Crianças de até 5 anos de idade: eventualmente;
- Crianças de 6 a 8 anos de idade: semanalmente;
- Crianças de 9 a 11 anos de idade: quinzenalmente;
- Crianças com mais de 12 anos de idade: mensalmente.

O valor da mesada depende do orçamento disponibilizado pela família ou pelo custo das despesas, que a partir deste momento, serão de responsabilidade do filho(a).

Neste contexto, é fundamental que ocorra diálogo entre pais e filhos, para que a criança possa adquirir, aos poucos, a consciência financeira e o valor do dinheiro conquistado.

É necessário que a educação financeira, ou seja, consciência financeira seja iniciada desde cedo e aos poucos, a partir dos cinco anos de idade, pois é nesse período que a criança começa a identificar as relações saudáveis com o dinheiro e o fazem por meio da observação e imitação dos adultos ao seu redor.

Etapa 2 – Legislação e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

No Brasil não é comum a escola desenvolver práticas pedagógicas sobre educação financeira, porém, muitos professores estimulam os educandos por meio de temas transversais relacionados ao trabalho e consumo consciente. Pensando neste assunto, existe um projeto de lei no Congresso Nacional, segundo [Aquino](#):

“Um projeto de lei tramita no Congresso Nacional para incluir oficialmente a educação financeira no currículo escolar nos ensinos fundamental e médio. O projeto propõe que o tema integre o currículo de matemática. Especialistas no assunto, no entanto, defendem que a educação financeira seja trabalhada de forma transversal, incluída em diversas disciplinas. Em tramitação desde 2009, o Projeto de Lei nº 171/09, apresentado na Câmara dos Deputados, está na Comissão de Educação do Senado e aguarda para entrar na pauta.” ([AQUINO, 2013](#)).

O Projeto de Lei nº 171/2009, que inclui o ensino de Educação Financeira em escolas públicas brasileiras, do ensino fundamental ao médio, visa a melhoria do currículo escolar e, desde 2012, a educação financeira foi inserida no currículo escolar das escolas públicas, pois esta proposta diminuiu a desigualdade social e a quantidade de pessoas endividadas no país. Portanto, quanto mais cedo este assunto for introduzido na rotina da criança melhor será a relação dela com as suas finanças.

Pode-se conferir nos PCNs ([MEC/SEF, 1997](#)), que são documentos elaborados por especialistas, os quais norteiam

todo o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas e possibilitam que os professores revejam objetivos, conteúdos, formas de encaminhamento das atividades, perspectivas de aprendizagem e avaliação, refletindo sobre o desempenho pedagógico e preparando um planejamento que corresponda aos objetivos propostos. Além disso, permite que os docentes possam discutir e refletir, com toda a equipe pedagógica, o motivo pelo qual cada educando tem seu ritmo de aprendizagem e, a partir disso, proporcionais materiais pedagógicos que possibilitem um ambiente mais significativo de aprendizagem.

Os PCNs (1º ao 5º ano) são divididos em diversos volumes:

- Volume 01 – Introdução aos PCNs;
- Volume 02 – Língua Portuguesa;
- Volume 03 – Matemática;
- Volume 04 – Ciências Naturais;
- Volume 05 – História e Geografia;
- Volume 06 – Arte;
- Volume 07 – Educação Física;
- Volume 08 – Apresentação dos Temas Transversais e Ética;
- Volume 09 – Meio Ambiente e Saúde;
- Volume 10 – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

O principal objetivo dos PCNs é favorecer e contribuir para que consideráveis e essenciais modificações ocorram no cenário educacional brasileiro. No volume 03 – Matemática

pode-se verificar os conteúdos e objetivos estipulados para o trabalho com temas relacionados à educação do consumidor, como medida, porcentagem, sistema monetário, consumo consciente, entre outros. E, neste sentido, desenvolver um planejamento que favoreça o aprendizado dos estudantes do ensino fundamental em relação ao tema – educação financeira.

Etapa 3 – Educação Financeira na Escola

Observa-se que a escola tem um papel muito importante com relação à educação financeira ministrada aos educandos no ensino fundamental e, neste sentido, é importante salientar que ao estimular a inteligência financeira de uma criança, ela passará a fazer melhor uso do dinheiro, bem como evitará que ela seja, posteriormente, um adulto endividado, que não saiba lidar com o dinheiro, planejar os gastos dentro do orçamento disponível e ter reservas financeiras. Durante a infância a criança aprende a ter limites e a analisar as consequências de suas escolhas, mesmo porque se a família não tem uma vida financeira sistematizada, é na escola que o educando irá aprender os conhecimentos necessários sobre educação financeira e que poderão surtir efeito satisfatório em casa.

De acordo com [Oliveira](#):

“É papel da escola dar ao aluno condições para se inserir no meio social. É preciso atentar para a evolução do mundo e orientar o estudante para a vida. Em função das necessidades financeiras da família, com pais que passam o dia todo trabalhando, e também considerando a idade precoce das crianças que chegam à escola,

torna-se mais importante o papel desta na formação do indivíduo facilitando sua inserção no meio social.” (OLIVEIRA, 2007).

A inclusão social dos educandos por meio da educação financeira ensinada na escola contribui para melhorar a qualidade de vida das famílias envolvidas.

Segundo D’Aquino:

“A educação financeira não deve ser confundida com o ensino de técnicas ou macetes de bem administrar dinheiro. Tampouco deve funcionar como um manual de regrinhas moralistas fáceis. O objetivo da educação financeira deve ser o de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro. Educação financeira exige uma perspectiva de longo prazo, muito treino e persistência.” (D’AQUINO, 2008).

A partir desse princípio, para ensinar educação financeira na escola é imprescindível que o professor desenvolva um planejamento adequado e que leve em conta o universo infantil de cada estudante da turma. Dessa forma, enumerar-se-ão alguns exemplos de atividades que poderão ser usadas para ensinar e desenvolver o conhecimento de educação financeira às crianças do ensino fundamental:

- Uso de revistas em quadrinhos que tratam do tema, por exemplo, gibis da Turma da Mônica (“Superendividados”, “Cuidando do Mundo”, “SPC”); gibis de Cássia D’Aquino (“Família Poupe” e “Dinheiro não é Brincadeira”), entre outros;
- Livros de literatura infantil:

-
- Dinheiro, dinherim moeda no cofrim: fazendo poupança, o Porquinho Dindim enche a pança;
 - O menino, o dinheiro e os três cofrinhos;
 - O pé de meia mágico;
 - O poço dos desejos;
 - A menina, o cofrinho e a vovó;
 - A formiga Emília e a economia;
 - O almanaque Maluquinho – Pra que dinheiro?
 - A bicicleta voadora;
 - Berço de ouro;
 - Pai rico, pai pobre; etc.
- Palestras acerca da educação financeira, podendo expandir o convite às famílias também;
 - Sistema monetário brasileiro: Aprender a utilizar o dinheiro: comprar, pagar, conferir o troco; observar a forma de organização de um supermercado e dos produtos; observar quem são e o que fazem as pessoas que trabalham no supermercado; identificar a profissão das pessoas que trabalham no supermercado; compreender a importância dos códigos de barra nos produtos; diferenciar e comparar os produtos do supermercado
 - Resolução de situações-problema, operações, entre outras.
 - Jogos pedagógicos: monopólio, banco imobiliário, labirinto, memória, quebra-cabeças, caça-palavras, games online, e assim por diante.

Além disso, para que o docente desenvolva um bom planejamento sobre educação financeira, é fundamental que ele participe de pós-graduações, cursos e palestras a respeito desse assunto, pois a formação continuada favorece o aprendizado do professor e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem do estudante. É a partir da formação continuada que o docente adquire novos conhecimentos de como melhor ensinar, lecionar e educar, sendo visto como agente de transformação social.

A partir das 3 etapas definidas anteriormente, foi realizada uma palestra sobre educação financeira para um grupo de educandos (séries iniciais do ensino fundamental) da Escola Municipal CEI Professor Antônio Pietruza, sito à Rua João Amadeu Pedro Bom, 135, bairro Tatuquara, em Curitiba-PR.

Iniciou-se a palestra perguntando às crianças: Para que serve o dinheiro? Se eles tinham o hábito de guardar dinheiro? Se tinham cofrinho?

A educação financeira das crianças deve começar desde cedo, sendo assim, além da escola, os pais possuem um papel fundamental nesse processo. O hábito de ter um cofrinho deve ser incentivado, quando menores, pois é um ótimo motivador para que poupem, mas sempre lembrando que o dinheiro guardado neste cofrinho deverá ter objetivo, para que a criança saiba que deverá priorizar este sonho e objetivo antes de sair gastando o dinheiro guardado.

Outras perguntas que fizeram as crianças a refletir são: Qual é o grande motivo para se ter um cofrinho? Como fazer para que o estudante consiga guardar um pouco de dinheiro, mesmo que seja uma moedinha por semana?

É de fundamental importância lembrar para as crianças que antes do dinheiro vem o sonho e que para que esse sonho se realize é preciso estipular uma data: Natal, aniversário,

dias das crianças. Estabelecido a meta e o prazo é necessário descobrir quanto aquele sonho vai custar, que o dinheiro do cofre tem que ter destino, um objetivo a longo prazo. Embora necessário deva-se enfatizar que o mais importante é o sonho, dinheiro é apenas o meio para conseguir a realização deste sonho.

Logo em seguida as questões debatidas acima as crianças assistiram ao vídeo: “HQ Educação Financeira” e depois puderam ler os gibis (historinhas) da Turma da Mônica, criadas pelo autor Maurício de Souza em parceria com SPC Brasil “Cuide bem dos seus porquinhos – Historinhas para ensinar você a tomar conta do seu dinheiro”.

Após este momento, o grupo de estudantes confeccionou um cofrinho com garrafa pet e o levou para casa juntamente com uma pesquisa (questionário), elaborada pelas participantes, autoras (em anexo), o qual deveria ser devolvido no próximo dia de aula.

Posteriormente à devolução dos questionários, realizou-se com as crianças, a construção de um gráfico, para melhor visualização das maneiras utilizadas pelas famílias para poupar dinheiro: cofrinho, poupança no banco, entre outras.

No relato dos educandos e durante a leitura dos questionários na sala de aula, verificou-se que muitas famílias não tem o costume de poupar dinheiro, apenas pagam as contas e o dinheiro que sobra no orçamento doméstico, gastam com coisas supérfluas. Outras famílias reconheceram que estão endividadas e pedem orientações para tentar colocar as contas em dia.

Neste contexto, pôde-se analisar que realmente há a necessidade de continuidade deste projeto, pois são a partir dos conceitos aprendidos em sala de aula que o estudante poderá ajudar os seus familiares no que diz respeito ao uso consciente do dinheiro e, futuramente, contribuir com a melhora

da qualidade de vida da família e de si próprio. Este projeto poderá ser estendido a toda a comunidade escolar por meio de palestras esclarecedoras sobre educação financeira. Também poderão ser realizadas outras atividades que favoreçam o conhecimento sobre educação financeira e melhora da qualidade de vida, como as citadas anteriormente no subtítulo “Educação Financeira na Escola”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que é fundamental que crianças tenham acesso ao ensino de educação financeira, pois além de estimular a inteligência e consciência de suas finanças, o estudante passará a ser um adulto menos consumista e endividado, visando poupar o dinheiro e desfrutar de momentos de lazer que intensificarão a melhora da qualidade de vida.

Portanto, é por meio do ensino do tema educação financeira na escola a partir do ensino fundamental (crianças com cinco anos) que o educando poderá adquirir conhecimentos básicos de como poupar ou economizar que, posteriormente, serão repassados para as famílias, aprendendo a lidar com o dinheiro, administrando o consumo, aprendendo o valor que cada coisa tem, evitando assim gastos exagerados, consumismo desenfreado, endividamento.

Despertar o aluno para o mundo em que vive é um dos objetivos da Educação Financeira, espera-se não só a sensibilização, mas a construção de um novo caminho ou um novo olhar para o “um real” que hoje ele ganha para comprar a sua merenda e a necessidade urgente de gastar antes mesmo de chegar à escola.

Que esta nova descoberta sobre seus gastos venha a levá-lo a um futuro mais consciente e responsável, que tenha nova

mentalidade de consumos e, assim, um futuro menos árduo financeiramente.

Neste sentido, a criança irá aprender a valorizar o que ela possui e, quando estimulada desde cedo por intervenções pedagógicas, passará a contribuir não só com seu próprio aprendizado, mas pode interferir na maneira de como e com o que os pais gastam o dinheiro – contas pessoais e orçamento doméstico – favorecendo o consumo consciente e colaborando com um planeta mais sustentável.

Mais do que uma ferramenta, os professores são a “semente” para estas realizações, e não devem falhar na hora do plantio.

O aprendizado relacionado à educação financeira pode intervir na economia do país por meio de ações educacionais que atinjam a maior parte da população e que favoreçam a mudança de atitudes quanto à elaboração de um plano financeiro, pode diminuir a inflação e, com isso, estimular o crescimento econômico, associado ao relacionamento que o consumidor tem com o dinheiro.

Enfim, com base neste artigo pode-se entender a necessidade e importância de se ensinar educação financeira para os estudantes do ensino fundamental, objetivando a estimulação da inteligência financeira, com o intuito de manter a qualidade de vida das famílias brasileiras.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Y. *Proposta em tramitação no Congresso inclui educação financeira no currículo escolar*. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/05/proposta-em-tramitacao-na-camara-inclui-educacao-financeira-no>

curriculo-escolar>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página [233](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado 3 vezes nas páginas [53](#), [205](#) e [233](#).

CAMARGO, S. *Especialista ensina como dar mesadas para os filhos, conforme a idade*. 2013. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2013/10/11/14-dicas-de-como-dar-mesada-aos-filhos-e-educa-los-financeiramente.htm>>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página [232](#).

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: 4 pontos principais*. 2008. Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/469>>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página [236](#).

LIGOCKI, C. S. o. L.; IUNES, S. M. S. *Ajude seu filho a usar, gerar e ter dinheiro*. 1ª. ed. Brasília: Omni, 2013. Citado 2 vezes nas páginas [231](#) e [250](#).

OLIVEIRA, R. S. O. *Educação Financeira em sala de aula na perspectiva da etnomatemática*. Monografia — Faculdade de Ciências UNESP - Graduação em Pedagogia, 2007. Citado 3 vezes nas páginas [235](#), [236](#) e [299](#).

ANEXO

Questionário enviado aos familiares dos estudantes:

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o tema Educação Financeira e, neste enfoque, pedimos a gentileza que o (a) senhor (a) responda às seguintes perguntas:

1. Qual é a renda familiar?

2. Desse total, quantos reais você economiza?

3. Em que local, você guarda o dinheiro que sobra do orçamento doméstico?

4. De que maneira você gasta o dinheiro do orçamento doméstico?

5. Você fala com seu (sua) filho (a) sobre dinheiro e como poupá-lo?

6. Você utiliza o método do cofrinho na sua casa?

7. Você consegue manter as contas em dia ou está endividado?

8. Dê sua opinião sobre este assunto ou sugira alguns exemplos que gostaria que seu (sua) filho (a) aprendesse em sala de aula, sobre como lidar com as finanças pessoais e familiares:

CAPÍTULO

14

**EDUCAÇÃO
FINANCEIRA NA
ESCOLA: UMA
REFLEXÃO AINDA
NECESSÁRIA**

Danieli Juliana Corrêa

Eloina Alves dos Santos Suss

Marcia Regina Gaspar Bueno Ribas

Fábio Alexandre Marcelino Navarro

Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello

RESUMO

No contexto atual se estabelece a necessidade de identificar o como se trabalha a educação financeira na escola, pois a mesma muitas vezes não faz parte da realidade do contexto dos diferentes níveis de escolaridade. Tendo por objetivo investigar os desafios da educação financeira na atualidade e auxiliando comunidade escolar para que obtenham avanço nesse processo identificado e busca sanar as dificuldades. Tendo como metodologia a pesquisa quantitativa, com fundação bibliográfica, para a qual aplica-se como ferramenta de pesquisa questionários sobre a atual conjuntura da educação financeira na visão de professores e famílias, aliando também como método de pesquisa qualitativa. A função dos pais e professores na formação de cidadãos e o progresso da educação financeira foram aludidos como preponderantes para que esse ensino seja eficiente, assim, haverá maiores chances de se constituir um adulto consciente no que se refere às suas finanças, e acompanhada a educação financeira de qualidade educaríamos melhores cidadãos autônomos e conscientes financeiramente.

PALAVRS-CHAVE: Educação financeira, Escola, Reflexão.

INTRODUÇÃO

As escolas podem contribuir de forma significativa ao educar os alunos financeiramente, pois eles, por sua vez, podem levar esse conhecimento para suas famílias em um efeito multiplicador. Como trabalhar a Educação Financeira na escola? O propósito deste trabalho é estabelecer como ajudar os alunos a resolverem suas dificuldades financeiras, planejando melhor suas vidas para que consigam ter melhores condições em alcançarem suas metas e sonhos.

A abordagem será através de pesquisa quantitativa, com revisão bibliográfica, para a qual aplica-se como ferramenta de pesquisa questionários sobre a conjuntura de educação financeira visualizada por professores e famílias, aliando também como método de pesquisa qualitativa, para desenvolver um refletir e um repensar focado na educação financeira.

Ressalta-se que o tópico educação financeira tem ganhado destaque ultimamente aliada a sustentabilidade, por serem fatores basilares no intuito de avaliar melhores condições de vida atualmente, e comodidade no futuro, com uma vida financeira proveitosa e equilibrada.

Inúmeras famílias ainda entendem que assunto financeiro não deve ser tratado com criança, privando os filhos de instruir-se corretamente com relação a utilização do dinheiro, na procura de uma existência melhor.

Conforme [Pregardier](#):

“O desenvolvimento dos hábitos e o exercício da responsabilidade desde pequenos, influencia na economia e nas finanças, e aqui vale lembrar que de forma simples podemos dizer que ECONOMIA são as regras da casa e que FINANÇAS são as soluções amigáveis para resolver uma situação ou problema. Por isso seguimos na direção onde a Educação Financeira não trata apenas de dinheiro, mas trata de educar para o pensamento crítico e responsável que solucione as situações de forma amigável.” ([PREGARDIER, 2014](#), p. 75).

Assim, ao educar uma criança a utilizar o dinheiro desde pequena, já adulta apresentará melhores oportunidades de instruir-se a conduzir o seu dinheiro, a sua vida.

Há nações desenvolvidas em que a educação financeira das crianças compete às famílias. Às escolas compete o posto de avigorar a formação iniciada com a família. Em nosso país há ainda muito que se desvendar sobre a educação financeira, que não está inserida nem no meio familiar, e infelizmente nem sempre no universo das escolas.

A impressão é de que discorrer sobre educação financeira nos dias de hoje pode ser avaliado como algo original, que precisa ser colocado o quanto antes na sociedade para dissolver o estigma de educar financeiramente imprescindível para a construção de uma sociedade consciente financeiramente e sustentável.

Compreendendo que, circunstâncias que envolvem dinheiro, a criança e o jovem experimentam temas conectados à ética, disciplina e culminante domínio, que a sociedade brasileira não está capacitada a lidar com finanças perfeitamente, e da plausível autoridade da educação financeira para mudar esta circunstância, assim, no presente artigo necessário se fez identificar a seriedade da educação financeira no ambiente escolar e familiar.

DESENVOLVIMENTO

Metodologia

O desenvolvimento metodológico do tema Educação Financeira na Escola: Uma reflexão ainda necessária, partiu de uma pesquisa quantitativa com fundamentação bibliográfica, para a qual aplicou-se como ferramenta de pesquisa questionários sobre a conjuntura da educação financeira na visão dos professores e das famílias dos alunos, aliando também como método a pesquisa qualitativa, pois para mensurar é necessário uma atitude reflexiva da observação social, onde as

situações necessitam ser abalizadas antecedendo de alguma constância ou percentagem a ser averiguada.

Os questionários tiveram um formato objetivo, onde o pesquisador soube como e para quem estava perguntado, com boas questões e embasado nas perguntas que o pesquisador buscava responder; contando com o fato de as respostas apresentadas não corresponderem a realidade quando averiguada, ou a possibilidade de falta de clareza nas respostas apresentadas e o medo do julgamento do outro.

Revisão bibliográfica

O conceito de educação financeira pode variar muito de autor para autor. Para [D'Aquino](#),

“educação financeira é a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aqueles quatro pontos que eu uso sempre como referencia. Que ela seja capaz de aprender a ganhar dinheiro, ou seja, que ela seja capaz de resolver problemas, ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar.” ([D'AQUINO, 2007](#), p. 128).

Já para [Ewald](#)

“ensinar a criança a ser capaz de poupar: Poupar é a capacidade de planejar no tempo a realização de um desejo, se há um benefício nesse adiamento. Ensinar a gastar dinheiro: Gastar dinheiro é fazer escolhas.” ([EWALD, 2003](#), p. 57).

Então, a educação financeira estimula nas crianças a percepção das consequências das suas escolhas financeiras, para que elas tenham convicção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser realizado de maneira ética.

É essa convicção que deixa aberta a possibilidade para tratar de outros assuntos relativos ao dinheiro, a de que todo ganho do dinheiro deve ocorrer de maneira ética, sem ferir os direitos e a dignidade dos outros.

Nesta conjuntura, se compreende a importância da educação financeira na formação inicial da criança. Abordando ainda outros autores, para [Cerbasi](#),

“é necessário para a coletividade que se constitua profissionais habilitados, mas sem uma educação financeira a vida particular deste profissional, por mais bem sucedido que seja profissionalmente, será frustrada.” ([CERBASI, 2004](#)).

Segundo [Pregardier](#):

“Proporcionar às crianças experiências financeiras que trazem bons resultados, é fato transformador da realidade individual e social. É cultivar um adulto financeiramente sustentável.” ([PREGARDIER, 2014](#), p. 32)

[Ligocki e Iunes \(2013, p. 81\)](#) dizem que “os pais precisam cultivar à educação financeira mesmo que as escolas instruem as crianças sobre como se deve lidar com o dinheiro e outras escolhas.” [Ligocki e Iunes](#) ainda complementam que:

“Neste contexto, ensinar financeiramente é um papel inicialmente dos pais, na construção de um futuro financeiro aos filhos, que seja consciente e que se sustente.” ([LIGOCKI; IUNES, 2013](#), p. 81)

Por isto a importância da escola trabalhar educação financeira com as famílias, e não somente como conteúdo didático nas escolas. Segundo [Kiyosaki e Lechter](#):

“Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progridem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo - o que fazer com ele depois de tê-lo ganho. E o que se chama aptidão financeira (que você faz com o dinheiro depois que o ganhou). Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro. Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente, mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas.” ([KIYOSAKI; LECHTER, 2000](#), p. 102).

Sendo assim admissível estabelecer a presunção de que a educação financeira, na etapa de desenvolvimento, pode colaborar para uma relação contrabalanceada com o dinheiro, adequando à criança maiores oportunidades de se tornar um adulto consciente no que se refere às suas finanças e coligada a educação de qualidade constituiríamos melhores cidadãos.

Resultados

Está mais do que provado que, para garantir uma sociedade mais consciente e sustentável no futuro, é imprescindível in-

vestir em Educação. Uma das maneiras de começar é inserindo Educação Financeira na grade curricular das escolas.

Podemos trabalhar educação financeira nas escolas, mas sugere-se que seja trabalhada como tema transversal, abordando temas como a lei da oferta e da procura e conceitos que demandam o mundo econômico. Uma boa educação financeira procura educar as pessoas para desenvolverem com relação a ao dinheiro, para compreender como deve ganhar dinheiro; gastar dinheiro; poupar; doar não apenas dinheiro, mas também tempo e talento.

Além disso, alguém bem-educado obtendo, Educação Financeira como um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais, age do ponto de vista que a ética deve preponderar. Essa é a diferenciação, o dinheiro não é tudo, mas também a ética no zelo com o dinheiro.

Caracterização da pesquisa

Quanto aos objetivos da pesquisa de investigar o que a comunidade escolar professores, estudantes e pais tem ou não de informação sobre educação financeira ou que conhecimentos suficientes para, criação ou formação de opiniões. Os questionários foram utilizados como fontes primárias de dados, uma vez que apresentaram pontos de vista distintos, os quais após analisados ajudam a atingir os objetivos pré-definidos. Os dados obtidos nos questionários foram analisados, possibilitando uma visão geral de pontos de vista dos alunos, pais e educadores.

Após análise dos questionários podemos concluir que há necessidade urgente de compor o currículo escolar com educação financeira para os estudantes, talvez, no formato de

projeto educacional como tema transversal, ou oficinas para que possamos colaborar na conscientização e formação de nossos estudantes, promovendo a formação do ser humano e a construção de cidadãos críticos produzindo saberes que contribuam com a sociedade.

Análise dos dados

Após a aplicação dos questionários aos pais, professores e alunos procedeu-se a análise dos dados constantes nos mesmos.

Em relação ao perfil dos respondentes do questionário com os professores, pode-se observar que a grande maioria tem especialização em sua área de atuação, exercem atividade remunerada porém muitos não tem hábito de realizar controle com seus gastos mensais em planilhas, apenas utilizam controle de extrato bancário ou fatura de cartão de crédito, observou-se que nas questões ligadas a gastos compram por necessidade ou planejaram com antecedência com compras parceladas.

Não comprometendo a sua renda líquida mensal com prestações/obrigações mensais com mais de 60% de sua renda e também se observou que poucos tem investimentos em poupança, renda fixa ou renda varável. De modo geral sentem-se capazes de administrar suas finanças, considerando o stress financeiro atualmente de médio a baixo, concordando ser importante fazer um orçamento doméstico.

No que refere-se a educação financeira na escola há um consenso entre os professores de que é necessário e muito importante (gráfico da figura 14.1), porém muitos se eximem sendo necessário a delegação desta atividade a um professor apenas, de preferência na disciplina de matemática.

Em relação ao perfil dos respondentes dos questionários com pais, pode-se observar que muitos tem atividade remu-

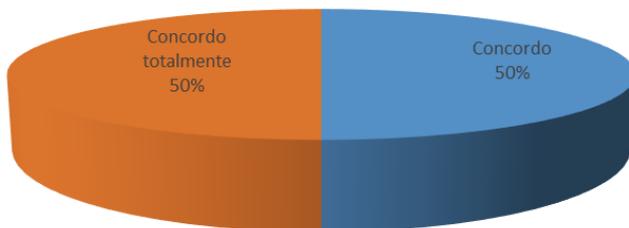


Figura 14.1 – Avaliação pelos professores da importância de se ter educação financeira na escola para os estudantes.

nerada, porém alguns. Consideram o stress financeiro de alto e muito alto e concordam sobre ter um orçamento financeiro porém, com relação ao acompanhamento de suas finanças utilizam caderno de anotações ou fatura do cartão de crédito e muitos não utilizam nenhum acompanhamento de seus gastos. Observou-se que compram para satisfazer uma necessidade ou aproveitar a oportunidade, utilizam o cartão de crédito com frequência e consideram sua renda familiar líquida mensal comprometida de 61% a 90% e não se consideram endividados.

Em todos os questionários, os pais acham que são capazes de administrar suas finanças e concordam sobre as decisões financeiras tomadas em consenso familiar. Concordam sobre a necessidade de ter educação financeira na escola para seus filhos (gráfico da figura 14.2) e dizem entender o que é educação financeira.

Em relação ao perfil dos respondentes do questionário com os alunos observou-se que muitos não recebem mesada, não sabem se a família tem controle de gastos mensais e nem se fazem investimentos de poupança. Sempre que vão

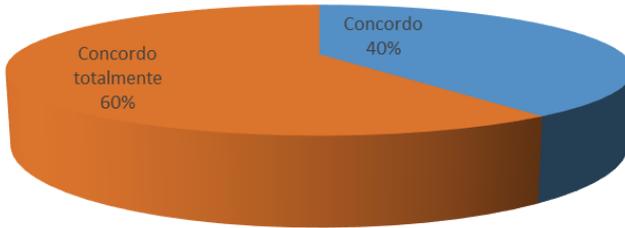


Figura 14.2 – Avaliação pelos pais da importância de se ter educação financeira na escola para os seus filhos.

as compras com seus responsáveis é por satisfazer uma necessidade e planejam com antecedência seus gastos. Todos concordam totalmente sobre a importância de se ter educação financeira na escola (gráfico da figura 14.3) e afirmam entender o que é educação financeira mesmo não tendo renda.

No questionário, na pergunta se conversam com as pessoas da família sobre as decisões financeiras, há um consenso em marcar que sim. Observou-se que compreendem o que é fazer um orçamento financeiro, porém não há como dimensionar, pois, são completamente dependentes financeiramente de seus pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber lidar com o dinheiro da forma correta passa por um processo comportamental de aprendizado, o que explica a necessidade de acrescentar o assunto como disciplina já para as crianças. Assim, elas terão muito mais chances de crescer e ter bons hábitos com relação ao uso dos recursos, sabendo realizar um planejamento financeiro.

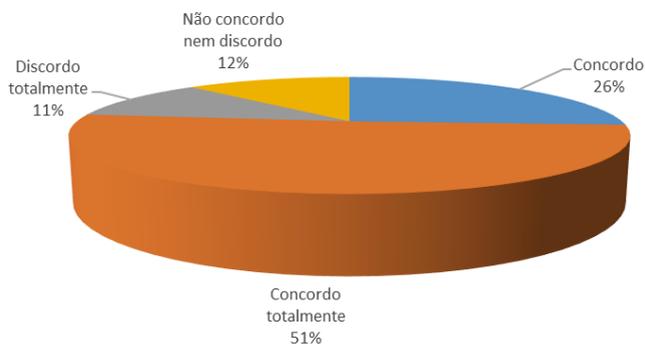


Figura 14.3 – Avaliação pelos estudantes da importância de se ter educação financeira na escola.

Esse trabalho analisou a experiência de algumas instituições de ensino municipal que possam ofertar através de algum projeto ou programa de educação financeira em seus currículos.

Buscou-se com isso responder aos seguintes problemas de pesquisa: Quais conteúdos de Educação Financeira poderiam ser repassados aos alunos do ensino fundamental? Quais os fatores deveriam ser observados para que esse ensino seja mais eficiente?

Implantar a Educação Financeira nos currículos desde o Ensino Fundamental, através de projetos sociais, apoiar e desenvolver a Educação Financeira para crianças, jovens e adultos.

Por outro lado, os especialistas recomendam que o ensino da educação financeira seja adotado no ensino fundamental para cultivar desde crianças a cultura de planejamento com seus gastos e o consumo consciente, entre outros benefícios já mencionados.

Os alunos do Ensino Fundamental têm plenas condições de aprender sobre consumo consciente, cultura de planejamento, o real valor do dinheiro, poupança, juro simples e composto, lei da oferta e da procura, ética, financiamentos e inflação.

Para que esse ensino seja eficiente, pode-se destacar o papel dos pais na formação dos filhos, visto que, esse assunto não pode ser tomado como responsabilidade das escolas, ou ainda, estabelecer uma comparação entre os que tiveram uma participação ativa dos pais neste processo e os que não contaram com essa ajuda.

Assim poderiam ser avaliados, na prática, os resultados da Educação financeira nesses estudantes no futuro.

Esse estudo não esgota o assunto, apenas sugere temas que possam subsidiar gestores educacionais e/ou professores.

REFERÊNCIAS

CERBASI, G. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente, 2004. Citado 2 vezes nas páginas 250 e 325.

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: Como educar seu filho*. Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2007. (Coleção Expo Money). Citado 4 vezes nas páginas 144, 249, 265 e 267.

EWALD, L. C. *Sobrou Dinheiro! Lições de economia doméstica*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Citado na página 249.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. *Pai Rico, Pai Pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 66ª. ed. [S.l.]: Elsevier - Alta Books, 2000. Tradução: Maria Monteiro. Citado 4 vezes nas páginas 159, 251, 264 e 308.

LIGOCKI, C. S. o. L.; IUNES, S. M. S. *Ajude seu filho a usar, gerar e ter dinheiro*. 1ª. ed. Brasília: Omni, 2013. Citado 2 vezes nas páginas 231 e 250.

PREGARDIER, A. P. *Finanças é coisa de criança: livro para pais e educadores*. Porto Alegre: [s.n.], 2014. Citado 2 vezes nas páginas 247 e 250.

CAPÍTULO

15

**EDUCAÇÃO
FINANCEIRA: UM
MOVIMENTO PARA O
CONSUMO
CONSCIENTE**

Irene Zangalli

Carla Eleonora Duarte Soares

Cirlene Maria da Costa Ruthes

Rosenilda Pereira do Nascimento

Fabio Alexandre Marcelino Navarro

RESUMO

Este trabalho busca identificar se os estudantes do 5º ano de três escolas municipais de Curitiba demonstram conhecimento e interesse sobre Educação Financeira e sustentabilidade para sua qualidade de vida, bem como a necessidade de incluir nas Diretrizes Curriculares conteúdos correlacionados. Utilizou-se, da pesquisa de campo e bibliográfica. A relevância deste estudo caracteriza-se pela constatação de que os estudantes pesquisados apresentaram desconhecimento sobre o tema. Como resultados foram detectados que na formação dos estudantes de 5º ano faltam-lhes noções básicas de consumo consciente para a sustentabilidade, o valor do dinheiro, planejamento financeiro, noções básicas sobre impostos e qualidade de vida. Estudos bibliográficos mostram que há uma preocupação maior em propiciar a Educação Financeira e Sustentabilidade para o Ensino Médio, embora não haja obrigatoriedade de se trabalhar esse conteúdo nos anos iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira, Sustentabilidade, Qualidade de Vida, Conhecimento

INTRODUÇÃO

Para que haja uma formação integral da pessoa é necessário pensar numa educação voltada para a qualidade de vida desde os primeiros anos de escolarização. E quando se fala em qualidade de vida se remete também às condições financeiras de cada um e a uma expectativa, pelo menos, de satisfação.

Contudo, ter mais dinheiro não significa necessariamente obter essa satisfação e nem ser mais feliz. O imprescindível é planejar o futuro, para que se tenha o suficiente. Não de deve

nunca se deixar consumir pelo exagero e desperdício, o que levaria conseqüentemente a uma condição de dificuldade.

O estudo em questão teve como finalidade, verificar se os estudantes demonstram conhecimento e interesse sobre Educação Financeira e sustentabilidade e também verificar a necessidade de incluir nas Diretrizes Curriculares os conteúdos que, de alguma forma, se correlacionem.

A pesquisa, porém, demonstrou que infelizmente ainda não há uma preocupação política e pedagógica em ofertar nas escolas do ensino fundamental, 1ª fase, a Educação Financeira. Tal constatação se deve lamentar, pois esse conhecimento ajudaria a criança a desde pequeno ir-se conscientizando do que pode vir a acontecer em sua vida futura.

A criança herda da família muitas coisas, entre elas, a forma de lidar com o dinheiro, em todas as experiências pelas quais ela passa, mas o trabalho em sala de aula também poderá servir como recurso positivo nesse sentido.

A escola é um espaço destinado para elaborar conceitos e valores e, assim, poder interagir com a família e com seus próprios alunos no sentido de lhes conferir meios e recursos que venham a facilitar o dia a dia das pessoas.

Grande parte das crianças já possui certo grau de entendimento sobre as situações que envolvem o dinheiro, mas, além disso, elas também gostam de consumir. O que se percebe, portanto, é que nem todos possuem a mesma forma de lidar com seu dinheiro.

Essa forma de organizar-se em relação ao dinheiro deve ser melhorada pela Escola, considerando-se que esta deve ter por objetivo a formação integral do nosso atual aluno.

Problemas de ordem financeira afetam as relações familiares e podem gerar muitas vezes conflitos, estresse, ansiedade, frustrações, dentre outros. Por esse motivo, a escola necessita trabalhar com este tema, a fim de propiciar aos estu-

dantes uma boa orientação financeira. Só assim poderá torná-los cidadãos mais conscientes. Desta forma, cria-se uma geração mais preparada para as mudanças neste mundo capitalista em que vivemos.

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) não coloca como obrigatoriedade a Educação Financeira no sistema de ensino. No entanto, a pesquisa de campo realizada com estudantes de 5º ano em três escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba– RME: Escola municipal Jornalista Arnaldo Alves da Cruz - núcleo Boqueirão; Escola Municipal Madre Antonia - núcleo Boa Vista; Escola Municipal Presidente Pedrosa - núcleo Portão, demonstrou esta necessidade.

A maioria dos estudantes não têm noções básicas sobre dinheiro, investimentos, ganhos e gastos, impostos, taxas de juros, consumo consciente sobre a sustentabilidade do meio ambiente. Além disso, a pesquisa ainda identificou também que a maioria dos estudantes convivem com pais que estão endividados, o que lhes acarreta um contínuo estresse de sobrevivência.

Dessa situação, percebe-se que há a necessidade de uma política educacional preocupada em ofertar aos estudantes uma tomada de consciência e um aprendizado eficaz, em relação ao valor do dinheiro, à sustentabilidade do meio ambiente e, conseqüentemente, à qualidade de vida. Assim se reforça que a Pesquisa identificou uma necessidade de ofertar uma educação voltada para a Saúde Financeira das famílias.

Com base nessas reflexões fundamentadas pela pesquisa bibliográfica e confirmadas pela pesquisa de campo, o artigo se propõe a discernir algumas prioridades de conteúdos necessários para os estudantes em questão.

DESENVOLVIMENTO

O MEC lançou em parceria com o CONEF - Comitê Nacional de Educação Financeira, material didático sobre Educação Financeira voltado para os estudantes do ensino médio.

Esse Comitê, criado pelo Banco Central, e que tem por objetivo coordenar programas da Estratégia, propôs que a Educação Financeira fosse disseminada não somente para os aposentados e pessoas beneficiárias do Programa Bolsa Família, mas também, e principalmente, para os estudantes do Fundamental e Médio.

Esses conteúdos deveriam ser trabalhados como temas transversais e perpassar os componentes curriculares de matemática, ciências, história e língua portuguesa.

A OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico criou um conjunto de material didático com temas relacionados à vida familiar cotidiana, vida social, bens pessoais, trabalho e empreendedorismo, grandes projetos, bens públicos, economia do país e economia do mundo. Esse material obteve a aprovação do Comitê Nacional de Educação Financeira.

O material didático voltado ao Ensino Médio está configurado da seguinte forma: Livro do Professor (CONEF, 2013b); Livro do Aluno (CONEF, 2013c); e Caderno do Aluno (CONEF, 2013d), e tem como objetivo:

“promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolhas conscientes quanto à administração de seus recursos e contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.” (CONEF, 2013c, p. i).

No Ensino Fundamental ainda não surgiu nenhum material didático relevante voltado especificamente para a Educação Financeira. Embora [Kiyosaki e Lechter \(2000\)](#) preconizem que “fundamentos financeiros deveriam ser ensinados desde os primeiros anos escolares”.

Educação financeira nos remete a uma educação que prioriza a formação integral do sujeito, formação para a criticidade, para a autonomia, e deve ocorrer desde os primeiros anos de escolaridade.

No entanto, por mais que muitas instituições escolares se digam *construtivistas* ou *sociointeracionistas*, experiências mostram que são poucas as que conseguem colocar em ação o que é defendido por tais propostas.

Felizmente, muitos avanços vêm sendo observados nas escolas da RME, cujos profissionais da educação participaram do PNAIC - Programa de Alfabetização da Idade Certa, que veio contribuir enormemente com novas metodologias no ensino dos estudantes de Ensino Fundamental, 1ª fase.

Contudo, ainda se percebe a triste realidade de muitas metodologias estarem arraigadas com exemplos do passado como escreve [Alves](#) ao falar sobre o cotidiano escolar:

“A escola com toda a sua autoridade consegue transformar seus “subordinados” (alunos) em sujeitos passivos. Ela consegue impor suas ideias sem contestações, ensinando às crianças desde o princípio a absorver e repetir suas lições, tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos de receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de dizer o diferente.” ([ALVES, 1994](#), p. 27).

É importante ressaltar que estudantes que forem bem educados poderão ser adultos mais conscientes em suas

ações. Se, além disso, receberem boa orientação financeira, eles poderão evitar problemas desta ordem em sua vida adulta. Pois, como se constata continuamente: “Milhões de pessoas em todas as sociedades capitalistas estão endividadas em seus cartões de crédito por causa desse mecanismo inconsciente” (CURY, 2001, p. 113).

Certos autores têm o trabalho docente como algo de grande complexidade devido a aspectos da globalização e pelas modificações econômicas, pois as atividades da docência não são mais “ajustáveis” aos modelos de escolas atuais. Cabe, portanto, ao professor a busca constante de metodologias e didáticas que contemplem essa nova realidade.

De acordo com D’Aquino:

“O principal objetivo de se educar os filhos em relação ao dinheiro deve ser levá-los a atingir a maturidade financeira, ou seja a capacidade de adiar os desejos de agora em função de futuros benefícios. Como é da natureza humana buscar a satisfação imediata para todos os desejos e necessidades, a maturidade financeira é muito pouco natural.” (D’AQUINO, 2007, p. 18).

Existem pontos que ainda precisam ser discutidos, como, por exemplo, o reconhecimento de que o trabalho docente vai acontecer dentro e fora da sala de aula com planejamentos, elaboração de materiais didáticos.

Há também que se demonstrar que é possível mudar o futuro por meio de decisões e atitudes eficientes. Para tanto, é necessário indicar o quanto é salutar os benefícios da educação financeira na vida escolar.

A literatura vem continuamente mostrando e, cada vez mais, a importância e a necessidade de efetivar o trabalho sobre Educação Financeira e sustentabilidade desde a infância.

Como exemplo, existe a Coleção Descobrimo o valor da coisas: o guia de educação financeira para pais e professores ensinarem as crianças brincando, de [Cerbasi e Sousa](#). Esses autores afirmam:

“Ensinar sobre dinheiro para crianças é importante, e fazer isso em casa e na sala de aula é algo de muito valor. É fundamental, para isso, a parceria entre a família e a escola. A influência do meio familiar, as experiências de vida, a classe social, a religião, seus conceitos ou preconceitos, valores ideias, crenças e atitudes são determinantes no processo de formação desses indivíduos. Por isso pais e professores precisam estar preparados.” ([CERBASI; SOUSA, 2012](#), p. 9).

O investigar sobre a Educação Financeira nas escolas da RME se deve ao fato de verificar no cotidiano escolar e na vida de muitas famílias o desgaste emocional que a falta do conhecimento vem gerando nas pessoas e influenciando as crianças.

A Educação Financeira não significa proibir o consumo ou somente ensinar a poupar, mas instiga o ensino para que haja uma organização individual, a fim de que os desejos de consumo não ultrapassem os limites de seus ganhos. Considera-se, assim, a importância de se disciplinar para o consumo, pois:

“A publicidade pode educar e informar o consumidor sobre os produtos que anuncia, mas também pode influenciar o consumo de produtos que não queremos

ou precisamos realmente. Além disso, ela pode ser desonesta e anunciar vantagem inexistente de um produto.” (D’AQUINO, 2007, p. 116)

RESULTADOS

A entrevista realizada em três escolas da RME buscou verificar a relação e o conhecimento que os estudantes têm quanto ao dinheiro, ao consumo sustentável e à qualidade de vida.

Nela, constatou-se que estudantes residentes nas periferias lidam mais com o dinheiro do que estudantes que moram próximos ou no centro da cidade e com melhores condições financeiras. Contudo, os estudantes que vivem nas periferias não possuem o hábito de realizar uma pesquisa de preço antes de efetuar uma compra.

Isso se dá pelo fato da compra ocorrer na própria vila onde eles residem. Para eles, é difícil ir até o Centro e outros locais para uma pesquisa. Às vezes, chega mesmo a não haver condições de deslocamento.

Também se verificou que estudantes da periferia gastam mais com compras de produtos alimentícios em mercado e em panificadora, principalmente em doces. Por outro lado, as crianças com melhores condições financeiras gastam mais com brinquedos e cinemas.

Em relação a gastos desnecessários verificou-se, que a maioria das crianças entrevistadas evitam gastar com o que consideram supérfluo. Optam pela economia e por guardar o dinheiro.

O gráfico da figura 15.1 a seguir nos dá uma ideia sobre a Educação Financeira e sobre a sustentabilidade, gastos conscientes com a preservação do ambiente e, conseqüentemente, com a qualidade de vida de estudantes do Ciclo II, 5º

ano, de três escolas da RME. Nesta pesquisa os estudantes foram avaliados em 6 quesitos:

1. Reciclam o lixo.
2. Reconhecem que os impostos financiam as escolas.
3. Cuidam do patrimônio público.
4. Têm poupança.
5. Recebem mesada.
6. Conversam com os pais sobre orçamento doméstico.

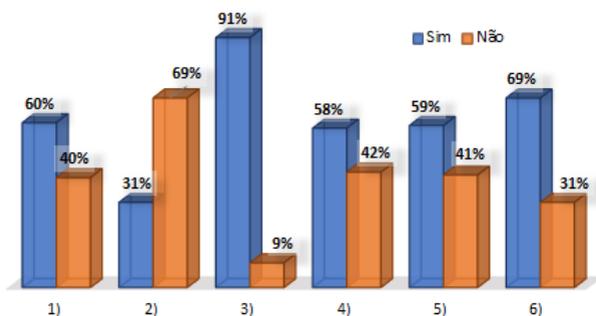


Figura 15.1 – Avaliação pelos professores da importância de se ter educação financeira na escola para os estudantes.

Como mostra o gráfico da figura 15.1, verificou-se que 69% dos pais dos estudantes entrevistados costumam debater sobre o que comprar, envolvendo as crianças com suas

sugestões, bem como esclarecendo a elas o quanto a família ganha mensalmente. Ainda informaram a eles sobre como e onde gastar. Por outro lado, 31% das crianças disseram que raramente os pais falam sobre rendas e gastos.

Em se tratando de “mesada”, 59% dos estudantes recebem mensalmente ou esporadicamente uma quantia em dinheiro para seus gastos pessoais. Mas há 41% que indicam que nunca recebem dinheiro. Esses foram unânimes em dizer que para esses gastos eles não têm nenhuma orientação. Eles gastam como querem.

Quando se trata de poupança, constatou-se que estudantes com condições financeiras melhores têm “poupança”, economizam mais. Porém, as crianças da periferia gastam com mais facilidade o que recebem de seus pais. Eles não se preocupam em economizar por não possuírem conhecimentos sobre poupança e rentabilidade.

Pela pesquisa ainda se verificou que 91% dos estudantes se preocupam em zelar pelo patrimônio da família e também percebem a necessidade de cuidar do patrimônio público, como: economizar água, luz da escola, cuidar das salas de aula, dos banheiros e demais espaços públicos. Mas 9% disseram que não cuidam de nada e não se importam com essas questões.

Aos serem questionados quanto à responsabilidade de prover o consumo das escolas com água, luz, materiais, gastos com limpezas, funcionários, professores, dentre outros, 69% dos estudantes disseram que é o prefeito da cidade, com seu próprio salário é quem banca todos esses gastos. Ou seja, esses estudantes demonstraram não terem nenhum conhecimento com referência à finalidade dos impostos. Desses, 31% disseram que são pagos com o dinheiro dos impostos.

Ao se tratar de consumo consciente e sustentável 100% dos estudantes demonstraram conhecimento com respeito

à reciclagem do lixo, o cuidado que se deve ter com a preservação do ambiente para um consumo sustentável. Contudo, 60% desses estudantes disseram que reciclam o lixo. Outros 40% declararam não terem o hábito de reciclar o lixo.

A entrevista que foi realizada nas três escolas da RME, juntamente com a literatura atual, corroboram a necessidade de efetivar nas escolas, desde os primeiros anos de escolarização, um ensino voltado para a Educação Financeira e Sustentabilidade. Isso para que os estudantes assimilem, desde cedo a necessidade de gastar de modo consciente, de acordo com suas rendas. É necessário que esses alunos venham a se preocupar mais com as questões ambientais e com a sua qualidade de vida.

Como conclusão, portanto, a pesquisa mostra que se faz necessário, e talvez urgente, que a RME, em conjunto, lancem em suas Diretrizes Curriculares conteúdos específicos de Educação Financeira e Sustentabilidade. Isso, com certeza, traria uma maior qualidade de vida dos estudantes e de suas famílias, bem como de todas as pessoas e do próprio planeta.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994. Citado na página [264](#).

CERBASI, G.; SOUSA, M. de. *Descobrendo o valor das coisas: o guia de educação financeira para pais e professores ensinarem as crianças brincando*. São Paulo: Gente, 2012. Citado na página [266](#).

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio*: Livro do Professor. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em:

<<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>.
Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 214,
263, 284 e 290.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF).
Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio: Livro
do Aluno. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em:
<<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>.
Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 263.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF).
Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio: Cadernos
do Aluno. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em:
<<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>.
Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 263.

CURY, A. *Inteligência socioemocional: a formação de mentes
brilhantes*. São Paulo: Escola da Inteligência, 2001. Citado
na página 265.

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: Como educar seu filho*.
Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2007. (Coleção Expo
Money). Citado 4 vezes nas páginas 144, 249, 265 e 267.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. *Pai Rico, Pai Pobre: : O
que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 66ª. ed.
[S.l.]: Elsevier - Alta Books, 2000. Tradução: Maria Monteiro.
Citado 4 vezes nas páginas 159, 251, 264 e 308.

Parte IV

EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

CAPÍTULO

16

**CONHECIMENTO DOS
DIREITOS DO
CONSUMIDOR PARA
RELAÇÕES SAUDÁVEIS
DE CONSUMO.**

*Rosane Terezinha Draghetti
Kauana Yrina A. B. Vissotto*

RESUMO

Um problema da atualidade é o consumismo desenfreado que resulta no endividamento desnecessário da população. Grande parte das dívidas é contraída por falta de planejamento financeiro em decorrência de uma educação financeira deficiente. Dessa forma, as pessoas ficam sem reservas de dinheiro para enfrentar as crises econômicas e os gastos emergências. A educação financeira somada ao conhecimento sobre os direitos e deveres do consumidor são fatores necessários à utilização consciente e responsável do dinheiro, auxiliam e preparam as pessoas para não se deixarem levar pelas armadilhas que desencadeiam o endividamento. No ensino da educação financeira, o Código Brasileiro de Defesa do Consumidor (CDC) precisa ser divulgado e usado como ferramenta de estudo. Uma educação financeira sólida começa dentro de casa, com os pais ensinando os filhos a se comportarem de forma adequada em relação ao dinheiro. Para um planejamento financeiro eficiente é preciso ter um controle das receitas e das despesas, devendo haver um equilíbrio entre eles. Se o consumidor conhece seus direitos e também as proibições apresentadas pela legislação dificilmente cairá em ciladas do comércio e das instituições financeiras. O CDC serve para proteger o consumidor na hora de uma compra, pois nas relações de consumo é ele a parte mais frágil. É necessário que o consumidor tenha o conhecimento que os comerciantes devem disponibilizar um exemplar do CDC, para consultas. A educação financeira é importante no auxílio ao planejamento e ao gerenciamento da renda pessoal e familiar, demonstra táticas de como poupar, como investir e garantir uma vida financeira tranquila. No CDC está previsto que a proteção e o direito do consumidor são realizados por diversos órgãos e entidades, que formam o Sistema Nacio-

nal de Defesa do Consumidor – SNDC. O SNDC é formado por: PROCON, Ministério Público, Defensoria Pública, Delegacia do Consumidor e Entidades de defesa do Consumidor e cada um tem um papel importante na vida do consumidor, servindo para proteger e orientar os cidadãos. A educação financeira aliada ao conhecimento sobre o Código Brasileiro de Defesa do Consumidor é necessária para uma vida financeira saudável e para realização de sonhos e objetivos na vida particular.

PALAVRAS-CHAVE: Educação financeira, Planejamento Financeiro, Código Brasileiro de Defesa do Consumidor.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, o consumismo é cada vez maior e está caracterizado por atitudes e comportamentos de consumo impulsivo e descontrolado.

Os fabricantes por meio da indução dos meios de comunicação social adotam estratégias para um consumo desenfreado, sem a preocupação com o desperdício e as consequências em nível social, econômico e ambiental.

A mídia indutora manipula o consumidor a renovar e a adquirir produtos novos que, na grande maioria das vezes, são desnecessários a sua vida. Assim, a falta de uma educação financeira sólida e ausência de um planejamento financeiro, aliada a pressão para o consumismo, levam as pessoas ao endividamento com cartão de crédito, limites bancários e empréstimos, sempre a custos altíssimos.

Segundo [Calhau \(2015b\)](#), a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo realizou uma pesquisa, em fevereiro de 2015, onde foi verificado que, em torno de 57% das famílias brasileiras estão endividadas com cartão de

crédito, cheque especial, empréstimo pessoal, prestações de carros, entre outros.

[Calhau](#) justifica esses dados dizendo que:

“Várias situações negativas podem ser comprovadas por essa importante pesquisa. Primeiro, mais da metade da população do Brasil está endividada. Segundo, o governo não tem feito nenhum esforço efetivo para diminuir essa situação como grandes campanhas de esclarecimento à população sobre Educação Financeira. Terceiro, as dívidas relatadas acima são as piores possíveis. Não originam de aumento de patrimônio, mas, em muitos casos, de compra de supérfluos.” ([CALHAU, 2015b](#)).

As dívidas são contraídas, grande parte, por falta de um planejamento financeiro familiar, resultante de uma frágil educação financeira, recebida pela comunidade escolar brasileira. Além dessas, existem outras causas relacionadas ao endividamento, conforme exemplifica [Cruz \(2012\)](#) "a perda de emprego, separação, aplicação financeira mal realizada, descontrole no pagamento de despesas rotineiras (como contas de luz, água e aluguel, impostos) e de receitas previstas, tais como salários e rendas".

Mas afinal, o que é educação financeira? O Banco Central do Brasil (BCB) apresenta o seguinte conceito:

“A Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros. Com informação, formação e orientação claras, as pessoas adquirem os valores e as competências necessários para se tornarem conscien-

tes das oportunidades e dos riscos a elas associados e, então, façam escolhas bem embasadas, saibam onde procurar ajuda e adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, a Educação Financeira é um processo que contribui, de modo consistente, para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.” (BCB, 2012).

De acordo com a explicação do Banco Central do Brasil, conclui-se que, para termos cidadãos que utilizem o dinheiro com responsabilidade, é necessário que a educação financeira seja bem trabalhada nas escolas e em casa, pois os conceitos aprendidos quando criança é que farão toda a diferença na vida adulta. Além disso, é importante trabalhar com as crianças sobre direitos e deveres, enfatizando àqueles relacionados ao direito do consumidor, que serão utilizados nas circunstâncias em que tiverem seus direitos lesados. Assim, o Código Brasileiro de Defesa do Consumidor deve ser usado como ferramenta de estudo e precisa ser amplamente divulgado para a sociedade como um todo.

DESENVOLVIMENTO

O Brasil passa por uma grave crise política e econômica e, o povo brasileiro não está preparado financeiramente para o enfrentamento desses problemas, pois como apresentado anteriormente, mais de 50% das famílias do país estão endividadas com cartão de crédito, cheque especial, empréstimo pessoal, prestações de carro, entre outras. Os autores que tratam sobre esse assunto, são unânimes ao afirmar que é necessária uma boa educação financeira, para que os cidadãos usem o dinheiro de forma consciente, e possuam reservas para o en-

frentamento das crises econômicas e eventualidades que necessitem de investimento financeiro fora do planejado, como perda de emprego e doenças.

Para não cair em ciladas que gerem o endividamento, é necessário responder três perguntas antes de comprar, são elas: "eu preciso?"; "tenho dinheiro?"; "tem que ser hoje?". As compras conscientes têm respostas "sim" para as três perguntas.

O sistema educacional brasileiro ainda não estabeleceu diretrizes educacionais para a implantação de uma educação financeira sólida na educação básica nas escolas do país.

O governo federal apresenta algumas ações, atingindo poucas escolas, como é o exemplo do "Programa de Educação Financeira nas Escolas", coordenado pela Associação de Educação Financeira – AEF-Brasil (AEF BRASIL, 2012). Para que esse Programa fosse implantado nas escolas, foram elaborados três livros de apoio. No primeiro livro são tratadas questões individuais, no segundo são enfatizados os projetos de vida e, por fim, o terceiro traz informações econômicas do Brasil e do mundo, onde é explorado o âmbito social. Infelizmente, o Ministério da Educação – MEC selecionou apenas 891 escolas de Ensino Médio de seis estados para a aplicação do projeto piloto, de agosto de 2010 a dezembro de 2011.

Os alunos das instituições que participaram do Programa foram avaliados durante a aplicação e ao final do programa, concluindo-se que a educação financeira resultou em melhorias significativas com relação ao conhecimento, as atitudes e ao comportamento financeiro dos alunos envolvidos. Os resultados indicaram que o programa levou a uma maior competência e autonomia financeira e aumentou a intenção de poupar e uma participação maior nas finanças da família.

Apesar do Programa não ter atingido um número significativo de escolas, esse quadro pode mudar, pois os livros com

os conteúdos trabalhados estão disponibilizados no site do Programa, para que qualquer professor, que tenha interesse, possa baixar e trabalhar com os alunos.

[Calhau \(2015a\)](#) traz sete lições para uma boa educação financeira, que não depende de idade, são elas:

- 1ª lição – Faça um balanço financeiro da sua vida.

Nessa lição, ele diz que todas as receitas e despesas devem ser anotadas, não devem fugir das anotações nem as gorjetas e cafezinhos;

- 2ª lição – Criatividade é tudo, quando tratamos de controle de despesas.

Para economizar, vale a criatividade, desde trocar de restaurante por um mais barato ou fazer a própria comida, até tomar cuidado nas propagandas de televisão, que induzem a comprar sem necessidade;

- 3ª lição – Invista tempo e energia na sua Educação Financeira.

Isso fará a diferença em poucos meses, é preciso poupar para o futuro e para construir um patrimônio ou mesmo realizar um sonho;

- 4ª lição – Educação Financeira passa por amadurecimento pessoal e pela mudança efetiva de padrões de comportamento.

Nesta lição, o autor cita três grandes segredos:

- 1) mudança de comportamento,
- 2) Formação de novos hábitos financeiros, e
- 3) Decisão de cessar definitivamente comportamentos negativos em sua vida;

- 5ª lição – Fuja de “pirâmides financeiras” e mantenha distância de agiotas.

As pirâmides são formas de arrancar dinheiro dos mais desavisados, que acham que é uma forma de ganhar dinheiro fácil, mas as duas práticas são ilegais no Brasil;

- 6ª lição – Tenha colaboradores financeiros confiáveis e técnicos.

Muita gente procura conselhos financeiros com quem está endividado, essas pessoas não são referência;

- 7ª lição – Sonhar alto dá o mesmo trabalho que sonhar pouco.

Sonhar é importante para se planejar e economizar para que esse sonho seja possível.

[Cabral \(2013\)](#) concluiu, em suas pesquisas, que as crianças são deficientes em educação financeira, por que as famílias, dificilmente se propõem a ensinar os filhos em como se comportar em relação ao dinheiro. Uma dica que ela traz é dar mesada às crianças, pois, a mesada, “faz parte do processo educativo e exemplos práticos” ([CALHAU, 2015a](#)).

Outra lição importante, para uma boa educação financeira, não listada por [Calhau](#), é fazer um controle das receitas fixas e variáveis e das despesas fixas, variáveis e eventuais ou extraordinárias, pois desta forma é possível um maior controle financeiro.

A educação financeira traz orientações sobre as atitudes adequadas de planejamento e utilização dos recursos financeiros disponíveis. Orienta os indivíduos nas relações de consumo, ensina a poupar e a investir de forma responsável e consciente resultando em uma base mais segura para o desenvolvimento do país. Assim, as escolas têm papel prepon-

derante na contribuição significativa da educação financeira, no alcance de um número cada vez maior de pessoas, pois os alunos levam esse conhecimento para casa em um efeito multiplicador.

A Educação Financeira sob perspectiva do Código Brasileiro de Defesa do Consumidor

Independente do motivo é possível observar que cada dia um maior número de pessoas estão se endividando. E ao tentar solucionar o problema, acabam se endividando ainda mais, ao buscarem o crédito, para saldar essas dívidas, em instituições financeiras que oferecem o crédito esperado “de forma abusiva, ilegal e imoral, violando claramente o Código de Defesa do Consumidor” (CRUZ, 2012). Além disso, o crédito é oferecido de maneira fácil sem avaliação ou condicionamento à capacidade econômica e a renda mensal do contratante. Cruz adverte:

“a concessão de crédito pela instituição financeira deve estar condicionada a uma prévia avaliação da capacidade de endividamento do cliente contratante, de maneira proporcional e compatível com a capacidade econômica e a renda mensal do consumidor.” (CRUZ, 2012).

Uma pessoa, quando contrai um empréstimo pessoal, dificilmente observa o Custo Efetivo Total – CET da operação (GAGGINI, 2012a). O CET é expresso na forma de taxa percentual anual, que diz quanto efetivamente custa um empréstimo ou financiamento, incluindo não só os juros, mas também tarifas, impostos e outros encargos cobrados do cliente. A vantagem do CET é que ele permite comparar o que duas ou mais instituições financeiras estão oferecendo e saber qual cobra menos pelo empréstimo.

Dependendo dos encargos cobrados por uma instituição em um empréstimo, o CET pode acabar sendo maior que o de outro banco, mesmo tendo uma taxa de juros menor (CONEF, 2013b, p. 28, v. I)

Embora o Banco Central do Brasil tenha lançado a Resolução nº 3.517 que “dispõe sobre a informação e a divulgação do custo efetivo total correspondente a todos os encargos e despesas de operações de crédito e de arrendamento mercantil financeiro, contratadas ou ofertadas a pessoas físicas” (BCB, 2007), essas taxas não eram transparentes para o contratante, então em 2013, lançou a Resolução nº 4.197, que “dispõe sobre medidas de transparência na contratação de operações de crédito, relativas à divulgação do Custo Efetivo Total (CET)” (BCB, 2013b), obrigando que as taxas sejam apresentadas previamente ao cliente.

O Código de Defesa do Consumidor – CDC (RAMALHO, 2012) foi instituído pela Lei nº 8.078 (BRASIL, 1990) e foi constituído em relação a uma obrigação constante no inciso XX-XII, do art. 5º, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o qual diz que “o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor” (BRASIL, 1988).

O artigo 4º do CDC (BRASIL, 1990) estabelece que a política nacional das relações de consumo deve atender as necessidades dos consumidores, assegurando o direito a dignidade, saúde e segurança. Ainda, elenca vários princípios, dentre eles destaca-se o do reconhecimento da vulnerabilidade do consumidor nas relações de consumo, como segue:

“Art. 4º A Política Nacional das Relações de Consumo tem por objetivo o atendimento das necessidades dos consumidores, o respeito à sua dignidade, saúde e segurança, a proteção de seus interesses econômicos, a melhoria da sua qualidade de vida, bem como a transparência e harmonia

das relações de consumo, atendidos os seguintes princípios: I - reconhecimento da vulnerabilidade do consumidor no mercado de consumo;" (BRASIL, 1990).

O CDC, por ser muito antigo, não traz a obrigatoriedade da apresentação do CET, mas existe um projeto de reforma do mesmo, em análise no Congresso Nacional, onde seria incluído um artigo para prever essa obrigatoriedade.

Os direitos básicos do consumidor estão relacionados no artigo 6º do CDC e assegura que o consumidor deva receber uma educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, além de protegê-lo sobre a publicidade enganosa e abusiva, conforme segue:

"Art. 6º São direitos básicos do consumidor: II - a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações; [...] IV - a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;" (BRASIL, 1990).

Com o intuito de proteger cada vez mais o consumidor, em 2010 foi instituída a Lei nº 12.291 que torna obrigatório que os estabelecimentos comerciais mantenham um exemplar do CDC disponível ao consumidor (BRASIL, 2010).

Além de ter controle das despesas e aprender a economizar, é importante que o consumidor não se deixe levar pelas ciladas do comércio, que o induzem a consumir e a comprar mais, por meio das ações chamadas de neuromarketing.

O neuromarketing nasceu da necessidade dos profissionais de marketing entenderem o que os consumidores que-

riam, fugindo das técnicas tradicionais de pesquisas, pois elas nem sempre revelavam a verdade sobre os interesses dos consumidores. O neuromarketing faz pesquisas científicas relacionadas à neurociência comportamental.

[Amaro \(2015\)](#) cita alguns artifícios mais comuns, que vão desde a disposição da luz nos provadores de roupas até a disposição dos pratos e bebidas nos cardápios dos restaurantes, além de citar uma prática proibida, porém muito utilizada, que é a venda casada.

A venda casada, de acordo com o CDC, é uma prática proibida:

“Art. 39. É vedado ao fornecedor de produtos ou serviços, dentre outras práticas abusivas: I - condicionar o fornecimento de produto ou de serviço ao fornecimento de outro produto ou serviço, bem como, sem justa causa, a limites quantitativos.” ([BRASIL, 1990](#)).

Em muitas lojas é possível ver a venda casada sendo chamada de “kits”. Quanto mais produtos levar, mais desconto o consumidor receberá. Porém, o que parece vantajoso num primeiro momento, se transformará em prejuízo, pois geralmente, o fornecedor empurra os kits com os produtos que estão com data de vencimento próxima e que não estão tendo boa saída nas lojas, ou por má qualidade do produto ou por ser produto classificado como supérfluo.

O consumidor, em várias situações do seu dia-a-dia, é induzido a consumir mais e das mais diferentes formas, dentre elas está a venda casada.

São exemplos dessa prática, a exigência das casas de entretenimento como bares, restaurantes, casas de shows que cobram a conhecida consumação mínima; a cobrança das escolas, no ato da matrícula, que o material escolar seja adqui-

rido no seu estabelecimento; a inflexibilidade das agências de viagens com relação aos pacotes fechados, não permitindo ao consumidor a aquisição de serviços separadamente; as chamadas "garantia estendida", quando se compra um produto e a loja vende o dobro da garantia; e talvez a mais comum, a exigência do gerente do banco, quando da solicitação de um empréstimo, a condição à aprovação mediante a aquisição de um título de capitalização ou um seguro de vida; são padrões de vendas casadas usadas, porém proibidas pela legislação brasileira.

Outra tendência do mercado consumidor é o uso da mídia indutora ao utilizar e-mails diários oferecendo ofertas tentadoras, com descontos que muitas vezes não são reais. O cidadão está exposto a uma forte pressão da mídia nas redes sociais, nos portais e nos sites, o que se torna um grande problema para pessoas consumistas.

Essas ofertas tentadoras muitas vezes não passam de arapucas da propaganda enganosa, que também é proibida pelo CDC:

“Art. 37. É proibida toda publicidade enganosa ou abusiva. § 1º É enganosa qualquer modalidade de informação ou comunicação de caráter publicitário, inteira ou parcialmente falsa, ou, por qualquer outro modo, mesmo por omissão, capaz de induzir em erro o consumidor a respeito da natureza, características, qualidade, quantidade, propriedades, origem, preço e quaisquer outros dados sobre produtos e serviços.”
(BRASIL, 1990).

Um grande exemplo de propaganda enganosa e abusiva é a Black Friday brasileira, onde várias lojas oferecem promoções com até 90% de desconto, porém se o consumidor

está acompanhando os preços dos produtos que quer ou precisa comprar, verá que muitas vezes o preço, nessa promoção, acaba sendo mais caro que nos outros dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira é importante no auxílio ao planejamento e ao gerenciamento da renda pessoal e familiar, demonstra táticas de como poupar, como investir e garantir uma vida financeira tranquila. Além disso, conscientiza os indivíduos a perceberem a importância do planejamento financeiro e a desenvolverem uma relação saudável com o dinheiro, adotando decisões de consumo de melhor qualidade, possibilitando que os indivíduos e a sociedade melhorem a compreensão dos conceitos e produtos financeiros.

O cidadão com uma boa educação financeira consegue acumular dinheiro e ficar melhor preparado para enfrentar o apelo do mercado atual, que o submete cada vez mais a gastos com o lazer, com a educação e com a saúde. A educação financeira prepara as pessoas para a defesa em relação das armadilhas que desencadeiam o endividamento. Com o conhecimento sobre o CET, sobre as vantagens e desvantagens do parcelamento, sobre a desvalorização do dinheiro, as pessoas conseguem avaliar melhor a relação do custo-benefício na aquisição de um bem a vista ou a prazo e utilizam o crédito de maneira mais consciente.

Com as informações e orientações repassadas pela educação financeira as pessoas se tornam mais conscientes sobre as oportunidades das escolhas assertivas e sustentáveis em relação à administração dos recursos para o bem-estar individual e coletivo.

Porém, apenas saber o que é correto não basta, é neces-

sário também que as pessoas desenvolvam a autodisciplina e orientem as crianças, adolescentes e jovens a desenvolverem o julgamento do juízo de urgência da necessidade a ser suprida.

A educação financeira aliada ao conhecimento básico do código de defesa do consumidor deve ser amplamente divulgada para a sociedade, pois somente desta forma, os cidadãos saberão se defender das arapucas do comércio e instituições financeiras, que disseminam o consumismo.

O Código do Consumidor foi criado com o intuito de proteger o consumidor na hora de uma compra, porém muitas pessoas não sabem de seus direitos, por não terem manuseio com a legislação estabelecida. Por exemplo, em uma compra realizada pela internet, o consumidor pode desistir da mesma em até 7 dias, e nesse caso, deve haver uma forma eficaz de contato com o fornecedor, o que na prática não acontece, pois em muitos sites é difícil encontrar o referido contato.

Os órgãos de proteção ao consumidor indicam que as pessoas, antes de comprar qualquer coisa pela internet, procurem se informar sobre a idoneidade do fornecedor, uma boa alternativa é pesquisar sobre a empresa no site “Reclame Aqui”. Nesse site é possível encontrar os fornecedores que apresentam problemas, registrados pelo próprio consumidor, quanto ao fornecimento de mercadorias, prazos de entregas, devoluções, garantia, se os problemas foram solucionados e em quanto tempo.

Gaggini (2012b) comenta que o Código de Defesa do Consumidor, por ser de 1990, não prevê uma grande preocupação com o comércio eletrônico, mas já se pensa em reformulação do mesmo, além de incluir a prática da educação financeira, no artigo 6º, que trata dos direitos básicos do consumidor, da seguinte previsão:

“XI – a garantia de práticas de crédito responsável, de educação

financeira, de prevenção e tratamento das situações de superendividamento, preservando o mínimo existencial, por meio da revisão e repactuação da dívida, entre outras medidas.” (GAGGINI, 2012b).

Com isso é possível perceber a preocupação das autoridades em relação à proteção do consumidor. Também é necessário que a sociedade em geral se conscientize e comece a praticar a educação financeira em casa e passe esses ensinamentos às crianças.

No CDC é previsto que a proteção ao direito do consumidor seja realizada por diversos órgãos e entidades, formando o Sistema Nacional de Defesa do Consumidor – SNDC.

O SNDC é formado por (CONEF, 2013b, p. 142–143, v. I):

- PROCON, “que coordena e executa a política estadual ou municipal das relações de consumo”;
- Ministério Público, “zela pela aplicação e o respeito das leis [...], defende os direitos e interesses da coletividade, inclusive da coletividade de consumidores”;
- Defensoria Pública, “presta assistência e orientação aos consumidores que não tem condições de arcar com advogado”;
- Delegacia do Consumidor, “órgão da polícia civil que investiga a existência de crimes contra as relações de consumo”;
- Entidades de defesa do Consumidor, “são Organizações Não Governamentais – ONG, que tem por objetivo a proteção e a defesa dos consumidores”.

Os órgãos e entidades que formam o SNDC servem para proteger e orientar os consumidores, além disso, uma das atividades do PROCON é a educação para o consumo.

Conclui-se que a educação financeira, o conhecimento sobre os direitos do consumidor e a quem recorrer, caso os direitos sejam desrespeitados, são fatores preponderantes para uma relação saudável de consumo e devem ser amplamente divulgados para a sociedade, por meio de políticas públicas, pois com esses conhecimentos, os cidadãos estarão melhor preparados contra as armadilhas do comércio e das instituições financeiras.

Uma sociedade consciente precisa de ações conscientes!

REFERÊNCIAS

AMARO, M. Armadilhas do comércio: Conheça as estratégias usadas por profissionais de marketing para induzir o consumidor a comprar mais e tente não se deixar levar por elas. *Especial Você S/A*, São Paulo, n. 24, p. 36–38, Jan. 2015. Edição Especial Organize suas Contas. Citado na página 286.

ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL (AEF BRASIL). *Educação Financeira nas Escolas: Ensino Fundamental e Médio*. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas/>>. Acesso em: 11 Mai. 2015. Citado na página 280.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 35ª. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 1988. Atualizada em 2012. Citado 2 vezes nas páginas 112 e 284.

BRASIL. *Lei nº 8.078*: Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências, publicada em diário oficial da

união, em 12 de setembro de 1990. Brasília, 1990. Citado 4 vezes nas páginas [284](#), [285](#), [286](#) e [287](#).

BRASIL. *Lei nº 12.291*: Torna obrigatória a manutenção de exemplar do código de defesa do consumidor nos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, publicada em diário oficial da união, em 21 de julho de 2010. Brasília, 2010. Citado na página [285](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Resolução nº 3.517*: Dispõe sobre a informação e a divulgação do custo efetivo total correspondente a todos os encargos e despesas de operações de crédito e de arrendamento mercantil financeiro, contratadas ou ofertadas a pessoas físicas. Brasília, 2007. Citado na página [284](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira: O Programa de Educação Financeira do Banco Central*. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?BCEDFIN>>. Acesso em: 01 Fev. 2015. Citado na página [279](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Resolução nº 4.197*: Dispõe sobre medidas de transparência na contratação de operações de crédito, relativas à divulgação do custo efetivo total (CET). Brasília, 2013. Citado na página [284](#).

CABRAL, B. B. Educação Financeira: O primeiro passo para consumo consciente. *Acadêmico Mundo Multidisciplinar*, Salvador, BA, Ano I, n. 2, Out. 2013. Citado 2 vezes nas páginas [282](#) e [315](#).

CALHAU, L. B. *7 Lições de Educação Financeira*. 2015. Disponível em: <<http://educacaofinanceiraparatodos.com/7->

lico/>. Acesso em: 10 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 281 e 282.

CALHAU, L. B. *Endividamento das Famílias no Brasil já é uma Epidemia Social*. 2015. Disponível em: <<http://educacaofinanceiraparatodos.com/endividamento-das-familias-2/>>. Acesso em: 10 Mai. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 277, 278 e 282.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio*: Livro do Professor. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 214, 263, 284 e 290.

CRUZ, M. S. *Está Endividado ou Superendividado? Conheça seus Direitos!* 2012. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/22628/esta-endividado-ou-superendividado-conheca-seus-direitos>>. Acesso em: 02 Abr. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 278 e 283.

GAGGINI, F. S. *Ao assumir dívidas, atenção para o CET (Custo Efetivo Total)*. 2012. Disponível em: <<http://www.blogeducacaofinanceira.com.br/2012/12/ao-assumir-dividas-atencao-para-o-cet-custo-efetivo-total>>. Acesso em: 29 Mai. 2015. Citado na página 283.

GAGGINI, F. S. *Educação Financeira na proposta de reforma do Código de Defesa do Consumidor*. 2012. Disponível em: <<http://www.blogeducacaofinanceira.com.br/2012/4/educacao-financeira-na-proposta-de-reforma-do-codigo-de-defesa-do-consumidor/>>. Acesso em: 29 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 289 e 290.

RAMALHO, R. *O que é Código de Defesa do Consumidor*. 2012. Disponível em: <<http://www.arcos.org.br/artigos/o-que-e-codigo-de-defesa-do-consumidor/>>. Acesso em: 28 Jan. 2015. Citado na página [284](#).

CAPÍTULO

17

**COMO MUDAR SEUS
HÁBITOS DE
CONSUMO DE
MANEIRA
INTELIGENTE**

*Danielle Dalke Werner
Camila Izis A. B. Paul*

RESUMO

Hoje em dia, vemos muitas pessoas endividadas e sem dinheiro. Quando estamos endividados, nunca estamos tranquilos, pois dívidas não pagas, só tendem a crescer, e devido a isso, as preocupações deixam as pessoas estressadas e com mais chances de desenvolverem problemas de saúde. Da mesma forma, quando o dinheiro falta, e as pessoas não conseguem comprar tudo o que desejam, o que precisam, muitas vezes acabam se alimentando e dormindo mal. Isso acaba interferindo negativamente na qualidade de vida. É desta forma que a educação financeira tem um papel fundamental, em nos orientar a ter tudo o que precisamos e a realizar os nossos sonhos sem correremos o risco de ficarmos endividados ou sem dinheiro. É conhecer nossos limites, de não gastarmos mais do que ganhamos e fugir do consumismo sem controle. O intuito deste artigo é atingir as pessoas envolvidas, através de uma pesquisa de campo, mostrando através dos dados coletados, como anda sua saúde financeira, e quais são as formas de poder mudar seus hábitos de consumo e conseguir assim, ter uma qualidade de vida mais simples.

Palavras-chave: Educação, Finanças, Qualidade de Vida, Hábitos de Consumo.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo onde o consumo cresce de uma forma absurda. As diversas possibilidades em conseguirmos crédito, estão espalhadas por todos os lados, e suas facilidades em adquiri-las, são um chamariz pra quem está endividado e por isso acabamos consumindo sem ter um controle de gastos.

Autores como VITT (2004), Rocha (2004), acreditam que a decisão de consumo é afetada por aspectos psicológicos, físicos e por valores sociais que estão baseados em sentimentos e emoções.

Observa-se assim, que muitas pessoas deixam de ter uma qualidade de vida saudável para se preocuparem em como vão sanar suas dívidas no final do mês, devido à falta de planejamento financeiro. Deixam de ter momentos de lazer com a família, para viverem momentos de angústia e preocupação, pois não sabem como e por onde começar a buscar informações para sair do vermelho.

Em diversas situações cotidianas, as pessoas não procuram ajuda no momento de organizar-se financeiramente, e desta forma, não se informam das diversas formas de poupar e investir o seu dinheiro.

Um dia perguntaram ao *Dalai Lama*: - O que mais te surpreende na humanidade? E ele respondeu:

“Os homens... Porque perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem o presente de tal forma, que acabam por não viverem nem o presente e nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer, e morrem como se nunca tivessem vivido.”
DALAI LAMA.

E isso acaba se tornando uma verdade, pois muitos não pensam em seu futuro financeiro, e acabam não tendo uma qualidade de vida plena e tranquila.

Os maus hábitos de consumo levam as pessoas a gastarem mais do que ganham, e com a falta de conhecimento leva parte da sociedade a optar pelo consumo imediato, aquele

que não é planejado, não pesquisado e que muitas vezes acaba ocasionando dívidas não planejadas.

Para mudar esta situação, na visão de [BRAUNSTEIN e WELCH \(2002\)](#), participantes informados ajudam a criar um mercado mais competitivo e eficiente. Consumidores conscientes demandam por produtos condizentes com suas necessidades financeiras de curto e longo prazo, exigindo que os provedores financeiros criem produtos com características que melhor correspondam a essas demandas.

Sendo assim, a educação financeira, que é um processo educativo, veem auxiliar os indivíduos, possibilidades de melhorarem sua vida financeira.

Por isso o objetivo deste artigo é proporcionar o conhecimento necessário, para que as pessoas sejam capazes de planejar sua vida financeira, e organizar seu orçamento familiar, de maneira simples e inteligente, através de pequenas mudanças de hábitos diárias. Outro objetivo importante é levar o conhecimento, através de palestras, que demonstrem as diversas formas de poupar e economizar dinheiro, para garantir uma qualidade de vida saudável no futuro.

DESENVOLVIMENTO

Diariamente ouvimos colegas de trabalho reclamando das contas a pagar, da falta de dinheiro, de como gostariam de poder sair mais com a família, de poder viajar, de poder adquirir bens e serviços, mas que por causa das dificuldades financeiras, acabam deixando os sonhos e desejos de lado.

A educação financeira tem como objetivo dar as ferramentas para que a pessoa insira- se no meio social, atentando- se para a evolução do mundo- na medida em que se observa o crescimento do setor financeiro- tendo como consequência a proliferação de serviços e produtos oferecidos.

“A Educação Financeira não deve ser confundida com o ensino de técnicas e macetes de bem administrar o dinheiro, não devendo, também, ser confundida com um manual de regras moralistas fáceis.” (OLIVEIRA, 2007, p. 09).

Muitas pessoas não conseguem se organizar financeiramente, e é isso que uma pesquisa realizada com as funcionárias do CMEI Vila Leão, em Curitiba, tem por objetivo demonstrar. Das 30 pessoas que lá trabalham 77% não tem controle sobre seus gastos (gráfico da figura 17.1) e 83% possuem empréstimos consignados e financiamentos de carro e casa.

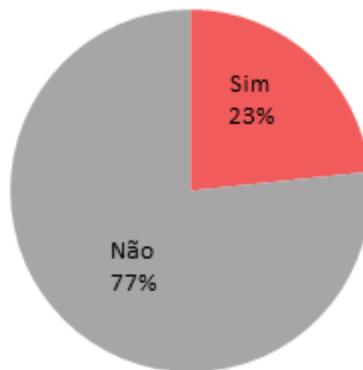


Figura 17.1 – Controle de gastos dos funcionários CMEI Vila Leão.

Por não terem um controle de seus gastos mensais e familiares, 83% das funcionárias pesquisadas não conseguem guardar dinheiro (gráfico da figura 17.2).

Percebeu-se através da entrevista, que as pessoas não sabem como começar a controlar seus gastos, como plane-

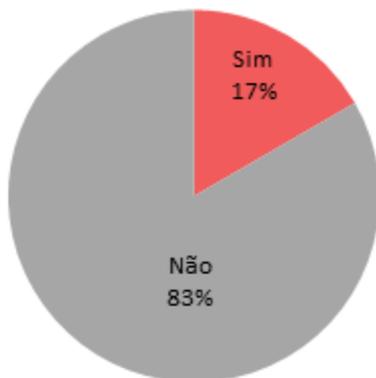


Figura 17.2 – Poupança financeira dos funcionários CMEI Vila Leão.

jar seu orçamento familiar, mas 83% das pessoas pesquisadas acham que não necessitam de orientação educacional na parte de finanças pessoais (gráfico da figura 17.3).

Muitos vendedores de roupas, sapatos e outros objetos de uso comum, visitam o CMEI semanalmente, e devido ao fato de não exigirem o pagamento no ato da compra, e de poder pagar em diversas parcelas, e de poder pagar somente quando recebe seu salário, as funcionárias adquirem os produtos, na maioria das vezes sem pesquisar o preço do produto, que na maioria das vezes, custa o dobro, do que uma loja comum. E isso acaba engordando as dívidas.

Os empréstimos consignados são os vilões da maioria dos pesquisados, pois a facilidade em conseguir crédito a juros mais baixo e a possibilidade de refinanciar contratos já adquiridos, faz com que a dívida nunca se acabe, e consequentemente acaba tornando-se uma bola de neve no orçamento familiar. No quesito lazer, 77% das entrevistadas já tiveram

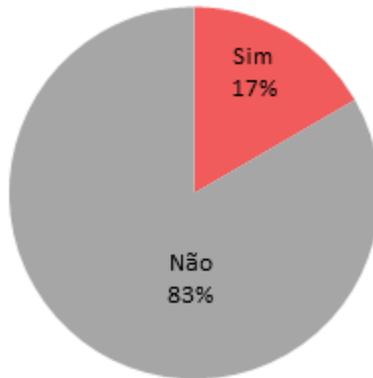


Figura 17.3 – Consciência financeira dos funcionários CMEI Vila Leão.

restrição em fazer atividades nessa área com seus familiares (gráfico da figura 17.4).

Devido a estes resultados, percebe-se a necessidade, da orientação e do esclarecimento financeiro. Para melhor entendimento da pesquisa, foi realizada uma palestra informativa sobre como cada pessoa pode economizar e guardar dinheiro, através de pequenas mudanças de hábitos.

Pequenas atitudes podem contribuir para economizarmos, simplesmente mudando a nossa forma de pensar e agir, como pesquisar o preço de mercadorias e serviços que desejamos adquirir.

Temos que usar a inteligência a nosso favor, comprar tendo a certeza que estamos pagando o preço justo, e que não vamos nos arrepender, e que isso vai contribuir para que tenhamos uma qualidade de vida melhor no futuro, e que com muita perseverança, podemos exercer o pensamento de guardar dinheiro, para termos a longo prazo, uma boa poupança

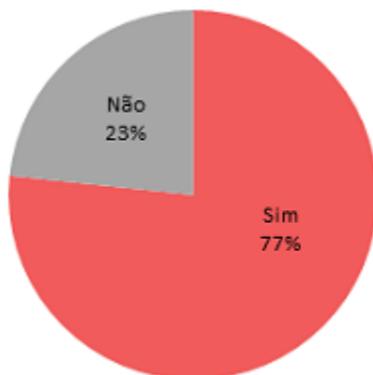


Figura 17.4 – Restrição financeira para lazer dos funcionários CMEI Vila Leão.

de saúde e bem estar, sem preocupação de termos contas acumuladas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Financeira é um assunto amplo, e que está presente em nossas decisões de consumo diário. Faz-se necessário o entendimento, de como uma boa organização financeira familiar, pode melhorar a qualidade de vida das pessoas, principalmente para quem está perdido e não sabe por onde começar.

A falta de conhecimento de muitas pessoas faz que o consumo seja imediato e não planejado, e por isso muito das decisões de compra são feitas pela ansiedade em adquirir bens, sem uma pesquisa prévia do bem ou serviço que se pretende adquirir.

Por isso a pesquisa realizada tornou-se de extrema importância para todos os envolvidos, que através da demonstração do resultado da coleta de dados, e da exposição de textos e palestras, sobre a educação financeira, os pesquisados tiveram a oportunidade de ter consciência da sua saúde financeira, e adquiriram conhecimentos simples de como podem modificar os seus hábitos diários de gastos.

Sendo assim podemos dizer que o artigo atingiu o resultado proposto, e que demonstrou que sim, podemos mudar nossos hábitos de consumo, e melhorar assim nossa qualidade de vida, e garantir assim um futuro prospero.

REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. *Financial literacy: an overview of practice, research, and policy*. [S.l.], 2002. Citado na página 298.

OLIVEIRA, R. S. O. *Educação Financeira em sala de aula na perspectiva da etnomatemática*. Monografia — Faculdade de Ciências UNESP - Graduação em Pedagogia, 2007. Citado 3 vezes nas páginas 235, 236 e 299.

ROCHA, E. *Dinheiro Inteligente*. 2004. Disponível em: <<http://www.dinheirointeligente.com.br>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Citado na página 297.

VITT, L. A. Consumer's financial decisions and the psychology of values. *Journal of Financial Service Professionals*, Nov. 2004. Citado na página 297.

ANEXO

1. VOCÊ TEM CONTROLE SOBRE SEUS GASTOS MENSALIS?
()SIM () NÃO
2. VOCÊ POSSUI FINANCIAMENTOS OU EMPRESTIMOS?
()SIM () NÃO
3. DE QUE TIPO SÃO ESTES FINANCIAMENTOS OU EMPRESTIMOS?
() EMPRÉSTIMO () FINANCIAMENTO
4. VOCÊ COSTUMA COMPRAR ALGO SEM PENSAR, E DEPOIS SE AR-
REPENDE DA AQUISIÇÃO?
()SIM () NÃO
5. VOCÊ CONSEGUE POUPAR DINHEIRO?
()SIM () NÃO
6. PAGA SUAS CONTAS EM DIA?
()SIM () NÃO
7. VOCÊ JÁ DEIXOU DE FAZER ALGUMA ATIVIDADE DE LAZER, POR
CONTA DAS DIVÍDAS?
()SIM () NÃO
8. VOCÊ SE INTERESSA EM BUSCAR INFORMAÇÕES SOBRE COMO
INVESTIR SEU DINHEIRO?
()SIM () NÃO
9. VOCÊ ACHA QUE NECESSITA DE ORIENTAÇÃO DE ALGUÉM, QUE
LHE AUXILIE A ECONOMIZAR DINHEIRO?
()SIM () NÃO
10. VOCÊ ESTABELECE PLANOS PARA SUA SEGURANÇA FINANCEIRA?
()SIM () NÃO
11. VOCÊ COSTUMA COMPRAR SEM PESQUISAR PREÇOS, SOMENTE
PELA FACILIDADE DE PAGAMENTO?
()SIM () NÃO

CAPÍTULO

18

**EDUCAÇÃO
FINANCEIRA E
PLANEJAMENTO PARA
A QUALIDADE DE
VIDA**

*Maria Quitéria Barros de Oliveira
Dornelles Vissotto Junior*

RESUMO

A educação financeira é definida como o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre produtos financeiros e recebem orientações e esclarecimentos sobre atitudes adequadas no planejamento melhorando seu bem-estar financeiro. Atualmente sabemos que a qualidade de vida está intrinsecamente ligada às condições financeiras já que o bem estar financeiro do indivíduo diminui suas preocupações e melhora a sanidade mental. Este artigo tem por objetivo identificar a importância da educação financeira e planejamento na tomada de decisões financeiras conscientes dos docentes da Escola Municipal Professor Osvaldo Arns e destacar a influência que a educação financeira tem na qualidade de vida dos educadores. A pesquisa é uma revisão bibliográfica e estudo de caso, a coleta dos dados se dará através de questionário anônimo aplicado a 38 docentes da Escola Municipal Professor Osvaldo Arns em Curitiba. Os questionamentos identificaram a percepção sobre a educação financeira dos entrevistados relacionando com a influência que esta percepção pode ter na administração financeira pessoal ou familiar e como reflete na qualidade de vida profissional. Através dos resultados obtidos foi observado que 84,2% das pessoas possuem algum tipo de insegurança quanto ao seu conhecimento financeiro; 76,3% das pessoas comprometem sua renda acima de 31% com prestações e obrigações, não possuem um planejamento efetivo total de suas compras e costumam a dividir a situação financeira com a família; 55,3% vão trabalhar preocupados com as dívidas e 44,7% não se preocupam com as dívidas durante o trabalho. Estes dados revelam a necessidade de uma educação financeira de maior qualidade e abrangência para o público e mesmo que em pequena escala, refletem a realidade da educação financeira no

cenário atual do Brasil. Considerando que a maioria declarou trabalhar preocupada com dívidas a pagar, pode-se concluir que a falta de gerenciamento da vida financeira afeta na qualidade de vida do profissional. É possível afirmar a educação financeira influencia qualidade de vida dos educadores e é de extrema importância para o planejamento na tomada de decisões financeiras conscientes e responsáveis dos docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Finanças, Planejamento Financeiro, Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO

A educação financeira pode ser definida como o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendação claras possam desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005c).

Segundo Domingos (2008), a Educação Financeira é entendida como um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros.

No Brasil a educação financeira ainda não é conhecida por todos e isso é uma realidade que vemos nas escolas em todos os níveis. Mesmo a partir das mudanças econômicas na década de 90 a educação financeira não foi agregada de maneira oficial nas grades curriculares e nas universidades, não se constatando uma ação efetiva e duradoura. Tal realidade reflete uma atuação ainda insuficiente do Ministério de Educação e Cultura (MEC), no que tange à inserção do tema em todos os níveis de ensino (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Para [Kiyosaki e Lechter \(2000\)](#), a educação financeira traz um padrão de vida desejável e proporciona a sua manutenção. O que todos querem ser é abastados e isso exige conhecimento sobre dinheiro: é o que se chama “inteligência financeira”.

O conhecimento sobre produtos financeiros auxilia no planejamento e organização da vida financeira dos cidadãos, independentemente de quanto o indivíduo possa ganhar. Considerando o fato de que vivemos em uma sociedade capitalista que apresenta hábitos de consumo não saudáveis, onde o “ter” é mais importante que o “ser”, é necessário um mínimo de conhecimentos básicos sobre finanças para se viver com saúde financeira.

Na atual situação do país, muitas famílias têm seu orçamento familiar comprometido pelo impulso de comprar imediatamente o que querem em detrimento da possibilidade de planejarem a compra ao longo do tempo. Por isso, a conscientização do orçamento familiar bem administrado deve ser objetivo, compreendido por todos os membros da família ([BUENO, 2010](#)).

Em realidade, não é quanto dinheiro se ganha, mas quanto dinheiro se guarda ou, ainda, quanto o dinheiro trabalha aumentando-o, e por quantas gerações ele se manterá. Para isso exige-se planejamento, a base de toda a educação, que deve ser iniciada na infância ([BUENO, 2010](#)).

A qualidade de vida é definida como a percepção de bem-estar que reflete um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais, financeiros e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano. É também uma percepção individual relativa às condições de saúde e a outros aspectos gerais da vida pessoal que são muito difíceis de serem mensurados ([VISSOTTO JR.; NAVARRO, 2013](#)).

Nos dias de hoje sabemos que a qualidade de vida está in-

trinsecamente ligada às condições financeiras do indivíduo, não porque o dinheiro pode comprar qualidade de vida em si, mas porque o bem estar financeiro do indivíduo diminui suas preocupações e melhora a sanidade mental através da redução do stress e outras doenças crônicas de natureza psicológica. Com isto o indivíduo aumenta a sua sensação de bem-estar, tornando-se um membro mais ativo na sociedade, com predisposição, por exemplo, para a prática de esportes (VISSOTTO JR.; NAVARRO, 2013).

Com base nessas informações o estudo tem os seguintes objetivos: identificar a importância da educação financeira e planejamento na tomada de decisões financeiras conscientes e responsáveis dos docentes da Escola Municipal Professor Osvaldo Arns; destacar a influência que a educação financeira tem na qualidade de vida dos educadores; avaliar a relação entre educação financeira e a consciência dos profissionais frente às alternativas de consumo; identificar aspectos de educação financeira que interferem na rotina de trabalho docente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por ser revisão de bibliografia e estudo de caso, pois busca o embasamento teórico de obras já publicadas. É descritiva, por ter como finalidade a análise e busca de relação com fatos e fenômenos sem que ocorra a sua respectiva manipulação (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2006).

A coleta dos dados se dará por intermédio de um questionário anônimo (conforme modelo em Anexo), com perguntas fechadas, aplicado a uma amostra de 38 docentes da Escola

Municipal Professor Osvaldo Arns em Curitiba, estado do Paraná.

A amostra da pesquisa é composta por professores, pedagogas e gestoras. A metodologia abordará questionamentos que identificarão como é a percepção sobre a educação financeira dos profissionais entrevistados relacionando com a influência que esta percepção pode ter na administração financeira pessoal ou familiar e como isto impacta na qualidade de vida profissional.

Após a coleta de dados, os questionários serão tabulados e os principais resultados e gráficos discutidos na análise de resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas as respostas coletadas a partir dos 38 questionários aplicados ao corpo docente da Escola Municipal Professor Osvaldo Arns. As perguntas consideradas mais relevantes para discussão, e suas respectivas respostas, foram quantificadas em gráficos e debatidas a seguir.

Na pergunta número 8 (gráfico da figura 18.1), 3 pessoas responderam que se sentiram “nada seguras” quanto aos seus conhecimentos para gerenciar o seu dinheiro e gostariam de possuir um nível muito melhor de educação financeira; 12 pessoas admitiram “não se sentirem muito seguras” para o gerenciamento do seu dinheiro e gostariam de saber um pouco mais sobre finanças; 17 pessoas dizem que se sentem “razoavelmente seguras” e conhecem algumas coisas sobre educação financeira; apenas 6 pessoas relatam que se sentem “seguras”, conhecendo a maioria das coisas que precisam sobre o assunto; e nenhuma escolheu a opção “muito segura”, já que não possuem amplos conhecimentos sobre o assunto.

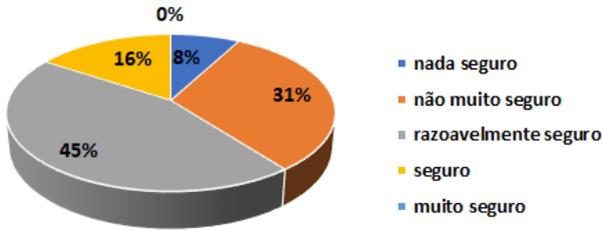


Figura 18.1 – Segurança para tomar decisões financeiras.

Em relação à questão número 12 (gráfico da figura 18.2), 9 pessoas disseram que planejam suas compras com antecedências, 23 relataram que quase sempre fazem o planejamento, 5 responderam que não o fazem, e apenas 1 disse que não planeja com antecedência.

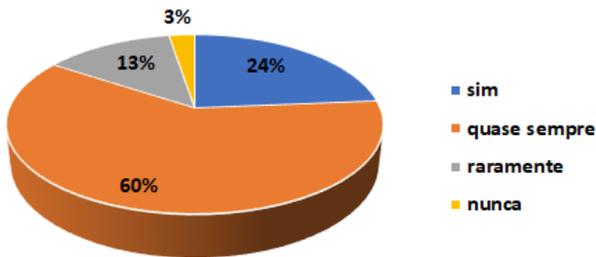


Figura 18.2 – Planejamento de consumo.

A pergunta número 16 (gráfico da figura 18.3) trata-se de qual percentual da renda líquida mensal dos arguidos está

comprometida com prestações e obrigações mensais. Os resultados foram: 9 pessoas têm de 1 a 30% sua renda comprometida com prestações e obrigações, 22 pessoas tem de 31% a 60%, 6 pessoas de 61% a 90%, e 1 pessoa de 91% a 100%.

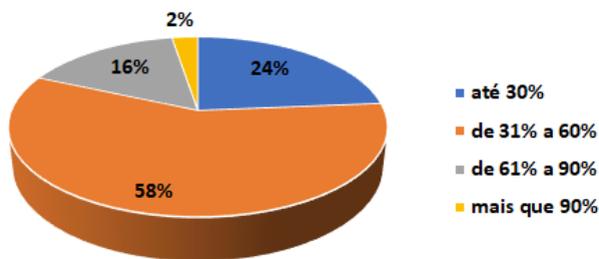


Figura 18.3 – Comprometimento da renda mensal com dívidas.

Quanto a questão número 19 (gráfico da figura 18.4), foram observados resultados bem próximos, 21 pessoas expuseram que já foram trabalhar preocupados com as dívidas que possuíam, e 17 responderam que não, nunca foram com trabalhar preocupações.

A pergunta número 25 (gráfico da figura 18.5) questiona se os pesquisados compartilham com sua família a real situação financeira que vive. A maioria, 29 pessoas, responderam que falam sobre a sua situação financeira, e 9 admitiram não compartilhar.

Ao realizar o cruzamento dos dados observou-se que 84,2% das pessoas possuem algum tipo de insegurança quanto ao seu conhecimento financeiro, 76,3% das pessoas comprometem sua renda acima de 31% com presta-

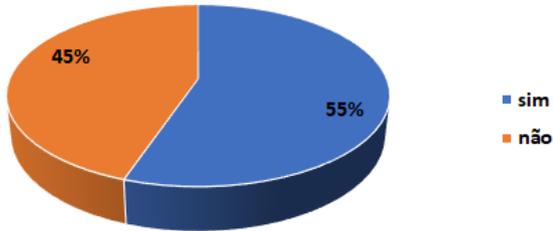


Figura 18.4 – Dificuldades no trabalho por causa das dívidas.

ções/obrigações, e outras 76,3% não possuem um planejamento efetivo total de suas compras.

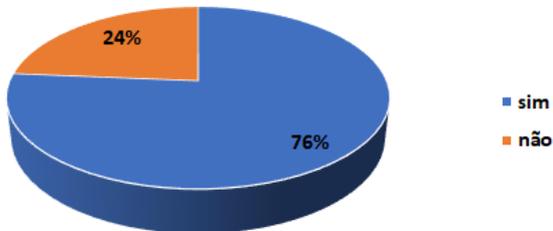


Figura 18.5 – Divide a situação financeira com a família.

Estes dados revelam a necessidade de uma educação financeira de maior qualidade e abrangência para o público, considerando que quanto mais informada a população melhor o desempenho no gerenciamento da renda.

Savoia, Saito e Santana (2007) relatam que a educação

financeira do Brasil se encontra em um estágio de desenvolvimento inferior quando comparada a outros países, pois há ausência de engajamento por parte de agentes públicos e privados responsáveis pelos programas de educação financeira. Os mesmos autores ainda destacam a importância das instituições de ensino na formação de uma cultura de poupança e na conscientização dos indivíduos para lidar com os instrumentos oferecidos pelo sistema financeiro.

Tratando do aspecto de qualidade de vida, notou-se que 55,3% vão trabalhar preocupados com as dívidas e 76,3% costumam a dividir a situação financeira com a família. Estes percentuais podem ser considerados significativamente altos, demonstrando que a maioria dos respondentes deixam os problemas financeiros como, muitas prestações e obrigações a pagar, afetar sua qualidade de vida tanto no âmbito profissional quanto no familiar. Mesmo assim, o fato de compartilhar com a família também se torna importante já que com a conhecimento de todos os envolvidos o controle das finanças torna-se mais fácil.

De acordo com [Vissotto Jr. e Navarro \(2013\)](#), qualidade de vida é a percepção de bem-estar que reflete um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais, financeiros e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano. Um indivíduo com uma boa percepção de bem-estar torna-se um membro mais ativo na sociedade, com predisposição para a prática de esportes e consequentes benefícios a sua saúde.

Quanto aos 44,7% dos respondentes que disseram não trabalhar preocupados com as dívidas demonstrando que apesar de a porcentagem de prestações e obrigações a pagar serem altas os docentes não possuem preocupações que deixam afetá-los no trabalho. Isso pode ocorrer devido convic-

ção dos mesmos em acreditar que a sua situação financeira está sob controle.

De acordo com [Barros \(2010\)](#), isso decorre da cultura brasileira de se considerar endividada somente a partir do não pagamento das suas dívidas, não percebendo que o endividamento é o somatório de todas as suas despesas, e que à medida que este atinge níveis próximos ao total da sua renda o espaço para manobras na eventualidade de emergências fica seriamente comprometido.

Os resultados obtidos nesta pesquisa, mesmo que em pequena escala, refletem a realidade da educação financeira no cenário atual do Brasil. [Lucci et al. \(2006\)](#) em sua pesquisa através de questionários, conclui que o nível de conhecimento influencia a qualidade das decisões financeiras tomadas pelas pessoas e que os respondentes não apenas dominam os conceitos mínimos, mas também os aplicam de maneira razoável. [Wohlenberg, Braum e Rojo \(2011\)](#), em sua pesquisa com os acadêmicos da Unioeste Campus de Marchal Cândido Rondon, revela que somente 27,69% deles, realizam um orçamento doméstico de forma sistematizada.

Segundo [Cabral \(2013\)](#), as facilidades do crédito e a redução da taxa de juros no Brasil aumentaram o consumo de bens e serviços por parte das classes mais baixas da sociedade e esse estímulo gerou um desequilíbrio financeiro das famílias. [Lucci et al. \(2006\)](#) diz que vivemos hoje num mundo em constante transformação em uma era de consumismo, sendo assim, é preciso estar atento à maneira como gastamos o nosso dinheiro no dia a dia para não trabalharmos apenas para pagar despesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a maioria dos respondentes declararam trabalhar preocupados com as prestações e obrigações a pagar, pode-se concluir que a falta de gerenciamento da vida financeira afeta na qualidade de vida do profissional interferindo em seu trabalho.

Isto ocorre, em maioria, devido à ausência de conhecimento sobre educação financeira, ou seja, há carência de orientações e esclarecimentos sobre produtos financeiros e seus riscos; falta de posturas e atitudes adequadas quanto as decisões que precisam ser tomadas; e falha no planejamento e organização financeira, que deveriam ocorrer de maneira mais sistematizada.

Quando um indivíduo é afetado por dificuldades na vida financeira são observados efeitos difíceis de mensurar, uma vez que isto reflete em seu bem-estar abrangendo um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais, financeiros e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano.

Analisando estes aspectos é possível afirmar a educação financeira influencia qualidade de vida dos educadores e é de extrema importância para o planejamento na tomada de decisões financeiras conscientes e responsáveis dos docentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, C. A. R. d. *Educação Financeira e Endividamento*. Dissertação (Mestrado) — Escola Superior de Administração, Direito e Economia ESADE-FADERGS, Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <[http:// biblioteca.fadergs.edu.br/TCC_CarlosAugustoBarros_2009.pdf](http://biblioteca.fadergs.edu.br/TCC_CarlosAugustoBarros_2009.pdf)>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 178, 179, 181 e 315.

BUENO, L. L. B. *Educação financeira e o processo de desenvolvimento econômico do país*. Monografia — Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, 2010. Citado na página 308.

CABRAL, B. B. Educação Financeira: O primeiro passo para consumo consciente. *Acadêmico Mundo Multidisciplinar*, Salvador, BA, Ano I, n. 2, Out. 2013. Citado 2 vezes nas páginas 282 e 315.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. Citado na página 309.

DOMINGOS, R. *Terapia Financeira*. São Paulo: Nossa Cultura, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 144 e 307.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. *Pai Rico, Pai Pobre: : O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 66ª. ed. [S.l.]: Elsevier - Alta Books, 2000. Tradução: Maria Monteiro. Citado 4 vezes nas páginas 159, 251, 264 e 308.

LUCCI, C. R. et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: IX SEMEAD - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO USP. São Paulo: USP, 2006. Citado na página 315.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *OECD Factbook 2005: Economic, Environmental and Social Statistics*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 307.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração*

Pública, v. 41, n. 6, Nov.–Dec. 2007. Citado 6 vezes nas páginas 109, 111, 113, 146, 307 e 313.

VISSOTTO JR., D.; NAVARRO, F. A. M. Educação Financeira e qualidade de vida. In: *31º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*. [S.l.: s.n.], 2013. Minicurso. Citado 4 vezes nas páginas 111, 308, 309 e 314.

WOHLENBERG, T. R.; BRAUM, L. M. S.; ROJO, C. A. Finanças pessoais: uma pesquisa com os acadêmicos da Unioeste Campus de Marechal Cândido Rondon. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*, n. 38, p. 133–152, 2011. Marechal Cândido Rondon. Citado 2 vezes nas páginas 87 e 315.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Indique a sua faixa etária:

<input type="checkbox"/> Entre 18 e 24 anos.	<input type="checkbox"/> Entre 25 e 30 anos.
<input type="checkbox"/> Entre 31 e 35 anos.	<input type="checkbox"/> Entre 36 e 41 anos.
<input type="checkbox"/> Entre 42 e 48 anos.	<input type="checkbox"/> 49 ou mais.

2. Sexo:

<input type="checkbox"/> Feminino.	<input type="checkbox"/> Masculino.
------------------------------------	-------------------------------------

3. Estado Civil:

<input type="checkbox"/> Solteiro.	<input type="checkbox"/> Casado/União Estável.
<input type="checkbox"/> Separado/Divorciado.	<input type="checkbox"/> Viúvo.

4. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?

<input type="checkbox"/> 1 pessoa.	<input type="checkbox"/> 2 pessoas.
<input type="checkbox"/> 3 pessoas.	<input type="checkbox"/> 4 pessoas.
<input type="checkbox"/> 5 pessoas.	<input type="checkbox"/> Mais de 5 pessoas.

5. Nível de Escolaridade:

<input type="checkbox"/> Técnico.	<input type="checkbox"/> Profissionalizante.
<input type="checkbox"/> Superior Incompleto.	<input type="checkbox"/> Superior Completo.
<input type="checkbox"/> Especialização.	<input type="checkbox"/> Mestrado/Doutorado.

-
6. Você já ouviu falar do termo “Educação Financeira”?
() Sim. () Não.
7. Você considera seu conhecimento sobre educação financeira suficiente para gerenciar sua renda?
() Sim. () Não.
8. Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu dinheiro?
() Nada seguro - Não sei nada sobre finanças.
() Não muito seguro – Sei muito pouco sobre finanças.
() Razoavelmente seguro – Sei algumas coisas sobre finanças.
() Seguro – Conheço bastante sobre finanças.
() Muito seguro – Possuo conhecimento amplo sobre finanças.
9. Qual a sua renda mensal líquida?
() R\$ 1.101,00 a R\$ 1.500,00. () R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00.
() R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00. () Acima de R\$ 3.000,00.
10. Você sabe gastar seu dinheiro?
() Sim. () Não.
11. Você tem algum tipo de dívida?
() Sim. Tenho. () Não.
12. Você planeja suas compras com antecedência?
() Sim. () Quase sempre.
() Quase nunca. () Nunca.
13. Quando você compra pensa em:
() Ofertas e promoções. () Satisfazer uma necessidade.
() Ficar feliz. () Status.
() Outros.
14. Como você costuma realizar suas compras a prazo?
() Nunca. Só compro à vista. () Cheque pré-datado.
() Cartão de crédito. () Crediário.
() Empréstimo bancário. () Empréstimo consignado.
() Outros.
15. Qual a forma que você utiliza com maior frequência para adquirir produtos de bens duráveis? (eletroeletrônicos, móveis, veículos, imóveis, etc)

- () À vista. () Financiamento bancário.
() Consórcio. () Cartão de crédito.
() Empréstimo consignado. () Outros.
16. Qual o percentual da sua renda líquida mensal está comprometida com prestações/obrigações mensais?
() De 1% a 30%. () De 31% a 60%.
() De 61% a 90%. () De 91% a 100%.
17. Você se considera endividado?
() Sim. () Não.
18. Você utiliza empréstimos como cheque especial, cartão de crédito ou outros para o pagamento de prestações/obrigações?
() Sim. () Não.
19. Você já veio trabalhar algum dia preocupado com as dívidas que tinha para pagar?
() Sim. () Não.
20. Você faz uso do limite de cheque especial, cartão de crédito ou outras linhas de crédito como forma de aumentar a sua renda mensal?
() Sim. () Não.
21. Alguma vez você acha ou sente que suas preocupações financeiras atrapalharam o seu desempenho em sala de aula?
() Sim. () Não.
22. Suas preocupações afetam o seu humor e o seu relacionamento com colegas de trabalho?
() Sim. () Não.
23. Você costuma manter um controle sobre os seus gastos mensais?
() Sim. () Não.
24. Como você realiza o acompanhamento dos seus gastos mensais?
() Não realizo. () Caderno de anotações.
() Planilha eletrônica. () Extrato bancário.
() Fatura cartão de crédito. () Outros.
25. Você costuma dividir a real situação financeira com a família?
() Sim. () Não.

CAPÍTULO

19

**MELHORAR AS
FINANÇAS PESSOAIS
PARA OBTER MAIOR
QUALIDADE DE VIDA**

*Jocilene Ferreira S. Moraes
Camila Izis A. B. Paul*

RESUMO

O presente estudo é sobre melhorar as finanças pessoais e a qualidade de vida. Verificaram-se a partir de conversas, observação e práticas financeiras alguns problemas relacionados pela falta de controle na área financeira de um numero significativo de pessoas, gerando assim uma má qualidade de vida e suas consequências. A partir deste problema temos como objetivo mostrar qual a ligação de fato entre as finanças pessoais e a qualidade de vida do indivíduo no presente e no futuro. Ver a relação que as pessoas têm com seus recursos financeiros e qual as consequências em sua vida. Pesquisaremos qual a relação da vida financeira e a melhoria da qualidade de vida como um todo. E dando continuidade na pesquisa usando a metodologia exploratória quantitativa identificaremos alguns autores que publicaram estudos acerca do tema. Como está a organização das finanças pessoais em um país que não tem por tradição o ensino da educação financeira. Em um segundo momento iremos colher dados em campo, aplicando um questionário em um grupo de dezesseis mulheres que trabalham em um Centro de educação, com renda fixa mensal semelhante e com idade entre 25 e 50 anos. Nosso intuito é de verificar a relação entre a vida financeira dessas e sua qualidade de vida ou não nas ações sobre seus recursos. Obteremos alguns dados para que possamos refletir qual tem sido a ação do indivíduo sobre sua renda. Pretendemos verificar uma amostra de como está a qualidade de vida das pessoas em relação as suas finanças, com o que considera um divertimento e qual a expectativa para o futuro financeiro. Procuraremos saber qual foi a orientação em finanças que as entrevistadas tiveram e se não a tiveram saber se buscaram por conta própria a melhor maneira de lidar com seus recursos. Por fim veremos qual a visão que as pessoas têm sobre

sua vida financeira. Consideramos aqui que grande parte dos brasileiros está desprovida de preparo para lidar com orçamentos de suas próprias finanças e que o Brasil não investe em educação financeira.

PALAVRAS-CHAVE: Finanças Pessoais, Controle Financeiro, Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO

O problema que temos no Brasil hoje é a falta de um controle financeiro durante a vida profissional para evitar o estresse gerado pelo endividamento e suas consequências, melhorando a qualidade de vida, independente do quanto se ganha ou de como esta a economia do país. Diante deste contexto, o equilíbrio pessoal na relação com o dinheiro é essencial.

No geral as pessoas almejam poder ter tempo livre, passear com a família, realizar sonhos, viajar, entre outras tantas coisas que o dinheiro pode patrocinar. Para a maioria das pessoas esta realização só seria possível através de muito esforço, trabalhar por alguns anos durante a vida e economizar recursos para poderem adquirir o dinheiro necessário e terem esta recompensa. Deveria ser assim, mas uma grande parte dos brasileiros não vê essa recompensa por não saber lidar com seu dinheiro. Seja a quantia que for se não houver um controle financeiro, um planejamento, sempre irá faltar no fim das contas.

É imprescindível planejar-se, organizar a vida financeira, formar reservas para os imprevistos da vida. Colocar em mente que as consequências para uma vida boa ou ruim do indivíduo são, em grande parte, causas das escolhas bem ou mal feitas nas finanças. A vida financeira das pessoas merece

atenção por parte dos estudiosos no assunto. Aprender corretamente o manejo do dinheiro em busca de uma vida saudável financeiramente é fator fundamental para garantir melhor qualidade de vida. Precisamos urgentemente de educação financeira para os brasileiros.

Nosso objetivo neste estudo é ver que para viver melhor, nossa vida financeira organizada e sob controle é de extrema importância. Nossos relacionamentos interpessoais, nossa saúde, lazer e perspectiva para o futuro, tudo melhora e temos qualidade de vida. Só que, necessitamos mais do que ter dinheiro, precisamos saber usufruir dele com sabedoria para se ter essa qualidade de vida hoje e futuramente.

Com a chegada do Real (moeda corrente brasileira), tivemos uma economia um pouco mais estável e a vida financeira do brasileiro começou a ficar melhor, afinal, o poder de compra aumentou e a inflação diminuiu consideravelmente. Porém, a educação financeira ainda não faz parte da nossa realidade deixando a população vulnerável financeiramente. Somado a isso a mídia, que se aproveita desta vulnerabilidade formando consumistas entusiasmados que se esquecem das consequências futuras se não houver um planejamento.

Sendo assim a reflexão e o planejamento antes de usar este poder de compra deveriam ser ensinados, refletindo em uma melhoria na qualidade de vida das pessoas através da utilização correta dos recursos conquistados. Infelizmente o que se viu na maioria da população foi uma falsa sensação de progresso, um consumo desordenado, as pessoas contraindo mais dívidas e cada vez mais extensas.

Se observarmos a qualidade de vida das pessoas, quando desorganizadas financeiramente e endividadas, muitas não conseguem dormir tranquilamente, preocupadas com a falta de dinheiro para as contas a pagar e para as necessidades básicas a serem supridas, ficando irritadas, nervosas e muitas

vezes afetando os seus relacionamentos pessoais e profissionais, por exemplo.

Para [Cherobim e Espejo \(2010, p. 01\)](#) “finanças pessoais é a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras”. Outra definição é de [\(MATTA, 2007, p. 59\)](#) que “entende-se a educação financeira pessoal como o conjunto de informações que auxilie as pessoas a lidarem com sua renda.” A reflexão sobre o assunto dará maiores chances das pessoas aprenderem a administrar os seus recursos e conseguir uma melhor qualidade de vida.

No Brasil finanças pessoais não são trabalhadas com a população como se deveria. Não se trata de estudar economia nas escolas, por exemplo, a pretensão seria tornar indivíduos conscientes, sabedores da melhor forma de usufruir do dinheiro, com equilíbrio entre receitas e despesas. Garantir certa estabilidade financeira pessoal para a população através da educação em finanças. Isso ajudaria no crescimento do país como um todo.

“A construção de uma nação rica depende da capacidade de seus cidadãos de enriquecer. O Brasil é, predominantemente, um país de pobres. Por que então não incluir a educação financeira no currículo básico da formação dos cidadãos?” [\(CERBASI, 2004, p. 33\)](#).

E não depende do quanto se ganha, o importante é saber usar o que se tem. Mesmo se ganhasse muito dinheiro, se não souber administrá-lo ele acabaria não sendo suficiente da mesma maneira. A formação e informação sobre como adquirir o equilíbrio financeiro são essenciais para um país em desenvolvimento.

O brasileiro já passou por maus momentos na vida financeira. Podemos citar o fato de que o Brasil tenha tido oito mudanças de moeda corrente em apenas cinquenta e dois

anos. A instabilidade financeira ainda amedronta os brasileiros. Ainda mais agora que o país passa por um ano delicado na economia. Com previsões ruins na economia as pessoas também sofrem com seus recursos perdendo o valor de mercado. Por isso a escolha consciente na hora de utilizar esse recurso é muito importante.

Para conseguir manter as finanças sob controle é necessário planejamento e disciplina. Nesse sentido a educação sobre finanças poderá contribuir para a melhora na qualidade de vida de cada pessoa.

Se pensarmos no futuro veremos que envelhecer com a garantia de que os recursos ganhos durante a vida é suficiente é a meta para quase todo mundo. Mas mesmo assim aqui no Brasil em uma pesquisa realizada e publicada pelo [HSBC](#), nos diz que:

“Mais da metade (59%) dos entrevistados brasileiros acham que seus planejamentos financeiros para uma aposentadoria confortável são inadequados: 19% nem se preparam, 41% não fazem o suficiente.” ([HSBC, 2013](#)).

Há quem diga que planejar o futuro é uma arte, e não é pra menos. Sendo assim esta afirmação é correta quando diz que “o mundo seria melhor se as pessoas fossem mais bem preparadas também financeiramente” ([TIBA, 2005](#), p. 217).

Portanto consideramos que a melhor maneira de garantir tranquilidade financeira é se planejar tanto para o presente quanto para o futuro.

DESENVOLVIMENTO

Para termos uma amostra de como estamos lidando com nossos recursos hoje elaboramos uma pesquisa de campo em

peças ativas financeiramente. Formulamos um questionário (em anexo) com um grupo de dezesseis mulheres com idade entre 25 e 50 anos. Todas trabalham em um Centro de educação e possuem renda fixa mensal semelhante.

Com o intuito de verificar a relação delas com seus recursos, que neste caso é o salário mensal, propusemos que respondessem algumas perguntas relacionadas sobre a sua vida financeira e a visão de qualidade de vida em que se encontram nas ações sobre seus recursos. Se estão otimistas ou pessimistas quanto a sua vida financeira.

A questão 1 foi se a renda mensal é suficiente para terminar o mês sem ficar no vermelho e a questão 2 foi se costumam anotar diariamente seus gastos

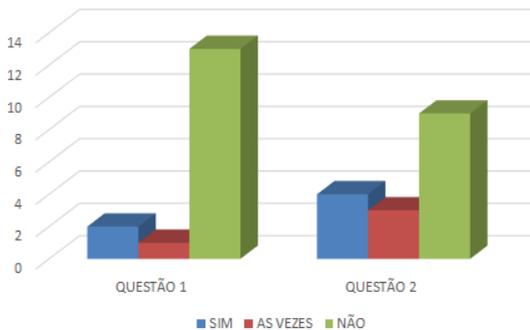


Figura 19.1 – Análise do comprometimento da renda e do planejamento financeiro.

No gráfico da figura 19.1 podemos observar que a maioria das respostas foi não para as duas perguntas. Isso demonstra que não importa o quanto ganham, poucas pessoas sabem administrar suas finanças, levando em conta que a renda de todas as entrevistadas é parecida. Este resultado in-

dica que provavelmente não há planejamento financeiro e gastam mais do que gostariam ou não percebem aonde vai o seu dinheiro.

A questão principal é, tem que haver um planejamento, separar uma parte do que se ganha para se manter, outra para reserva em caso de imprevisto. Precisa ter um plano e segui-lo. Parece simples, mas para quem não tem fundamentos financeiros e o hábito de se planejar é uma tortura, requer organização e geralmente quem esta nesta situação é desorganizada. Por isso a importância de se ensinar educação financeira antes de entrar no mercado de trabalho, na fase escolar, pois este assunto acompanhará qualquer indivíduo ao longo da sua vida inteira.

Observando agora como tem sido a qualidade de vida das entrevistadas a questão 3 foi se pelo menos uma vez por mês estas mulheres investem em diversão para elas, e dando continuidade em relação a previsão futura para se ter qualidade de vida, na questão 4 perguntamos se quando a pessoa contempla sua vida financeira consegue ver um futuro tranquilo.

Segundo o gráfico da figura 19.2 a maioria das respostas foi não, novamente, para as duas questões. Poucas pessoas conseguem ter uma vida com lazer e mesmo tendo, a perspectiva para o futuro tranquilo é muito pequena ou não há, o que é desesperador, pois vivemos hoje, mas temos que pensar no amanhã quando não saberá se teremos disposição, devido à idade, força física e saúde para produzir ou trabalhar.

Esse estudo deixa claro a falta de educação financeira do brasileiro e uma triste realidade do nosso país, que não se importa com essa situação, pois ainda em um mundo globalizado não se ensina finanças para, no mínimo, adolescentes e jovens em idade escolar.

Nas próximas perguntas investigamos sobre a educação financeira dessas pessoas perguntando se antes de entrar

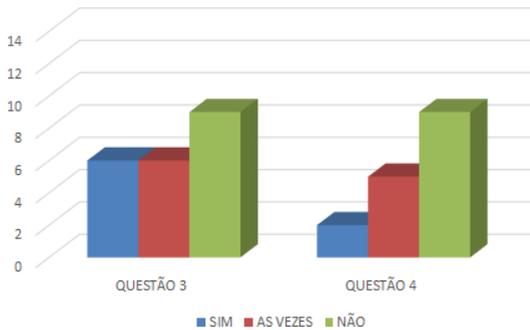


Figura 19.2 – Análise do investimento em lazer e da perspectiva futura de tranquilidade financeira.

para o mercado de trabalho já tinham algum entendimento sobre como usar seu dinheiro e se teve orientação de alguém ou se buscou entender a melhor maneira de lidar com os seus recursos.

O gráfico da figura 19.3 nos mostra, novamente, a falta de educação financeira e o interesse não só pessoal mas da família também (em sua maioria) em ensinar ou orientar, sobre como seus filhos vão saber lidar com suas finanças quando entrarem no mercado de trabalho. Percebemos também que apesar de tanta informação a disposição das pessoas hoje, elas pouco buscam por entender mais desse assunto.

Planejar não é somente para o futuro e sim para o presente. Os apelos para gastarmos sem pensar são muitos. Porém não ter limites compromete não só nossa renda, mas nosso sono, saúde, relacionamentos e até mesmo nosso trabalho que com tudo rendemos menos e não produzimos o quanto poderíamos.

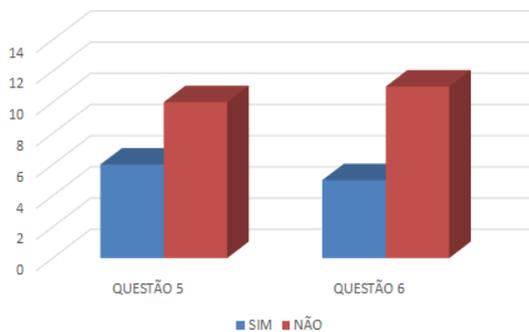


Figura 19.3 – Análise da base de educação financeira e do compromisso de mudança de hábitos.

E a questão 7 foi se a pessoa se considera saudável financeiramente.

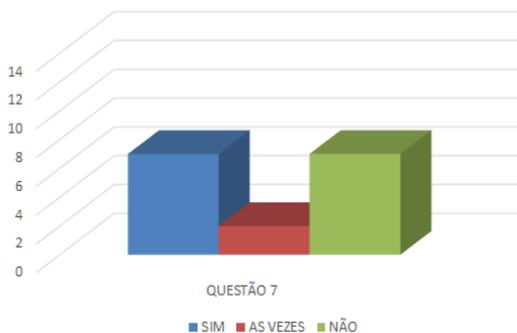


Figura 19.4 – Análise da satisfação com a atual situação financeira.

Apesar de todos os outros gráficos nos mostrarem uma

situação um tanto crítica na relação com as finanças pessoais, no gráfico da figura 19.4 os resultados demonstram um empate nas respostas sim, com apenas uma pequena parte respondendo às vezes.

Se analisarmos este gráfico veremos que de um total de dezesseis pessoas apenas sete das entrevistadas se consideram saudáveis financeiramente. Este dado é preocupante, pois a maioria respondeu não ou demonstrando dúvida, às vezes.

Percebe-se que elas precisam de educação financeira urgentemente, se pensarmos como demonstrativo de uma parte dos trabalhadores de Centros de Educação do município de Curitiba/PR o futuro é de pessoas dependentes financeiramente e sem condições de contribuir devido à idade avançada.

Viver bem é também pensar no futuro, a definição clara e acertada de como você vai desfrutar da sua vida quando se aposentar é um desafio e uma condição para dormir tranquilo hoje tendo uma perspectiva positiva do amanhã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida financeira saudável e equilibrada requer, além de economizar, um controle diário. Devemos colocar em prática um planejamento pessoal a fim de melhorar de vida sem nos dividir. Podemos ter um conforto imediato se analisar com cuidado o orçamento. Será necessário um pouco de sacrifício para começar a poupar. Desenvolver o equilíbrio aprendendo a lidar com nossos ganhos e despesas.

Finanças em ordem refletem em decisões acertadas e melhor desempenho frente às adversidades. De nada vale termos uma profissão ou um trabalho rentável se não te-

mos saúde, força física, bons relacionamentos interpessoais. A falta de um destes pode influenciar diretamente em nosso rendimento, pois são essenciais para o ser humano.

A educação Financeira tem um papel muito importante para a saúde pessoal e financeira. Independência é o que todos desejam, porém não basta só querer, mas por em prática um plano para chegar ao seu objetivo.

Diante das etapas percorridas neste artigo constatou-se através da revisão bibliográfica a pouca educação financeira dos brasileiros, constatado através da pesquisa aplicada no grupo investigado. As dificuldades de ter um controle financeiro e a falta de planejamento sobre nossos recursos mostram que não há ainda um equilíbrio na vida financeira. Ainda muitas pessoas não sabem lidar com seus recursos e administrá-lo, seja a quantia que for. E este motivo esta nos levando a um stress financeiro.

As dicas são gastar menos do que ganha a princípio, ter um caderno para anotações ou planilha de gastos para saber onde está indo seu dinheiro e começar a poupar. Evitar se meter em dívidas é muito importante também, se já tem alguma pague o quanto antes, para conseguir estabilidade. Especialistas dizem também que é preciso fazer um bom seguro saúde, os preços de tratamentos particulares são muito elevados. Quando der conta das primeiras dicas em um segundo momento pense em fazer investimentos. Comece aos poucos, por exemplo, 10% ao mês para iniciar. E assim começa a construir um futuro, quem sabe fazer um plano de previdência privada, comprar um imóvel entre tantas outras coisas que sonhamos. Procurando sempre fugir dos juros e planejando cada passo para manter o equilíbrio e a saúde financeira.

Existe uma ligação de fato entre as finanças pessoais e a qualidade de vida do indivíduo no presente e no futuro. A

relação que as pessoas têm com seus recursos financeiros tem consequências diretas em sua vida pessoal e profissional. Melhorar a relação da vida financeira vai refletir na melhoria da qualidade de vida como um todo. A partir do momento em que as pessoas conseguirem colocar isso em mente e em prática as coisas irão melhorar para todos, inclusive para o país.

REFERÊNCIAS

CERBASI, G. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente, 2004. Citado 2 vezes nas páginas 250 e 325.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. d. S. B. *Finanças pessoais conhecer para enriquecer!* São Paulo: Atlas, 2010. Citado na página 325.

HSBC INSURANCE HOLDINGS LIMITED. *O Futuro da Aposentadoria: Uma nova realidade*. London, 2013. Reproduzido com a permissão de O Futuro da Aposentadoria, publicado em 2013 por HSBC Insurance Holdings Limited, Londres. Disponível em: <http://www.hsbc.com.br/1/PA_esf-ca-app-content/content/documentos/sobre-o-hsbc/im-prensa/press-releases/pdf/futuro-da-aposentadoria-brasil.pdf>. Acesso em: 16 Mai. 2015. Citado na página 326.

MATTA, R. O. B. *Oferta e demanda de informação financeira pessoal: O Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os Universitários do Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília. Ciência da Informação, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5293>>. Citado na página 325.

TIBA, I. *Adolescentes: quem ama educa!* São Paulo: Integrare Editora, 2005. Citado na página 326.

ANEXO

Questionário

1. Sua renda mensal é suficiente para terminar o mês sem ficar no vermelho?
() Sim () As vezes () Não
2. Você costuma anotar diariamente seus gastos?
() Sim () As vezes () Não
3. Pelo menos uma vez por mês você investe em diversão para você? (Ex: passeio, viagem, compra desejada, beleza, entre outros.)
() Sim () As vezes () Não
4. Quando você observa sua vida financeira consegue ver um futuro tranquilo? (Ex: aposentadoria, habitação, saúde, entre outros.)
() Sim () As vezes () Não
5. Você aprendeu a lidar com seus recursos, com alguém ou por algum outro meio, antes de entrar no mercado de trabalho ou durante o início dessa fase?
() Sim () As vezes () Não
6. Você já pediu orientação para alguém, consultou profissionais no assunto ou procurou dicas em informativos para saber a melhor maneira de utilizar seus recursos?
() Sim () As vezes () Não
7. Pensando em Qualidade de Vida em relação a sua vida financeira você se considera saudável?
() Sim () As vezes () Não

CAPÍTULO **20**

**O PAPEL DA
EDUCAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO
PERFIL DO ALUNO
CONSUMIDOR**

Ana Lúcia Avelleda Chornobay

Márcia Aparecida Linartevis

Gabriela Rosales Schemmer

Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello

RESUMO

As relações humanas estão em constantes transformações, e dessas transformações o relacionamento com o dinheiro se faz presente. Entender o real valor do dinheiro, em meio a tantos estímulos para o consumo, torna-se algo difícil. O poupar, gastar com parcimônia e chegar ao passo de investir de fato, transforma-se em uma atitude que requer um gigantesco passo, fazendo com que a investigação nesse campo, não se aplique apenas à fase adulta, mas as crianças, já que estas ainda pequenas, já lidam com o dinheiro de forma saudável ou não. Conforme pesquisa realizada, tanto bibliográfica quanto de campo, observou-se que a criança tem algo a dizer sobre o dinheiro e tudo que o envolve, percebe em alguns momentos o que é um gasto extra e diferencia-o do gasto necessário, porém como envolvida também pelo fascínio do ter, quer para si tudo aquilo que se apresenta como novidade, principalmente a tecnológica. Sendo assim, é necessário entender esse comportamento do estudante frente ao dinheiro, e o que isso pode gerar para sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Consumidor, Dinheiro, Relações Humanas, Educação.

INTRODUÇÃO

O mundo foi criado e recriado pelos fascínios de opções existentes de lazer, compras diversas, onde quase tudo ao redor gera o consumismo do ter. A palavra ter soa como sendo algo necessário para ser recebido e aceito nos diferentes grupos sociais. A necessidade de estar inserido em determinado grupo traz consigo o sentimento do ter, onde este está intimamente ligado à construção da identidade; e numa linha tênue, o ter

tem a ver com o ser. Adquirir algo “de marca” por exemplo, permite o sentir-se interessante aos olhos dos outros.

Além disso, historicamente falando, não tivemos desde a época do Brasil Colônia, uma construção econômica com o olhar atento ao planejamento voltado à população, mas sim, à necessidade de servir à coroa, servir ao império, servir aos governantes em detrimento do povo. Junta-se a isso, o mundo globalizado em que vivemos, no qual não existem barreiras que impeçam pessoas de diferentes níveis econômicos de adquirirem bens cada vez mais ostensivos em relação ao seu momento econômico, alimentado constantemente pelos avanços tecnológicos, que ocasionam um grande consumismo.

Apesar de toda esta carga cultural tendendo ao consumo com vistas cada vez maiores ao consumismo, é necessário buscar soluções, e a escola como construção social, apresenta-se como um local possível para esta observação, análise, discussão e entendimento de como podemos agir frente ao dinheiro. É na escola que encontramos espaço para o aprender.

Um aprender formal que possibilita um crescimento planejado, onde o objetivo é o desenvolvimento do ser humano, e deste desenvolvimento faz parte o saber lidar com seu ganho, planejar, ter o poder da escolha. O papel do professor torna-se assim, de fundamental importância, pois:

“Enquanto o cientista está interessado em fazer avançar a sua área de conhecimento, [...], o professor está mais interessado em fazer progredir o aluno. O professor vê o conhecimento como um meio para o crescimento do aluno.” (SAVIANI, 1991, p.79).

Dessa maneira, no dia a dia do ambiente escolar, devem ser oportunizados aos estudantes momentos de interação

e experimentação com vistas à educação financeira, pois o objetivo da escola é formar cidadãos, proporcionando qualidade de vida aos mesmos.

É pensando nessa qualidade de vida, que este trabalho objetiva não apenas identificar o estudante como ser consumidor, mas entender as dinâmicas que o levam à isso dentro dos vários grupos sociais à que pertence, em destaque, a escola, à qual tem poder de intervenção socialmente construído e por construir.

DESENVOLVIMENTO

A educação dá ao homem a oportunidade de escolha permitindo no seu ideal, um compromisso com a vida através da reflexão deste frente quem é e a qual sociedade pertence. “A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir.” (FREIRE, 1979, p. 7).

Para Freire, a educação deveria permitir a reflexão crítica do homem sobre sua vida, tirando-o da ação passiva.

Ao pensarmos na educação financeira como parte da educação possível ao ser humano, elevamos sua importância, no sentido de que esta faz parte da conexão do homem com o mundo, como sujeito e transformador deste. É através de conceitos básicos relacionados à educação financeira que o homem forma e hipotetiza suas primeiras noções do que é o dinheiro, o que este representa, como funciona em determinada sociedade e a faz funcionar. Para Tamer o dinheiro é como um dos conceitos óbvios que todo mundo pensa que entende, porém apresenta significados complexos. “[...] é tudo aquilo que permite que se compre ou se venda alguma coisa” (TAMER, 1988, p. 13).

Para conceber o que é o dinheiro, o sujeito ainda criança entra em contato com o produto, o qual traz em si muitos significados culturais. Dentre os produtos ambicionados pela criança, destaca-se o brinquedo (chamamos de brinquedo qualquer objeto utilizado pela criança para imaginar, imitar, experimentar e interagir).

O brinquedo pode proporcionar a criança o brincar que “[...] conduz naturalmente à experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento.” (WINNICOTT, 1975, p. 147); esta experiência muitas vezes leva a segmentação de grupos, possibilitando pensamentos como: - Eu tenho, você não tem!, - O meu é mais novo!, - ... é importado!, - ... é de marca!, etc.

Este pensamento faz parte da sociedade em questão, consumista globalizada, onde o discernimento entre o necessário para a vida e o luxo se confundem gerando dificuldades desde a vida infantil no entendimento do que realmente é básico e o que começa a tornar-se supérfluo, e ainda, o poder que um brinquedo tem de tornar esta ou aquela pessoa mais especial que as outras.

Para exemplificar, pensemos nos desenhos animados atuais. Eles vem tomando grande parte do tempo do brincar saudável, este que para Winnicott, “[...] facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais” (WINNICOTT, 1975, p. 63).

Estes filmes, que hoje são longas-metragens de sucesso no mundo inteiro, vem substituindo o brincar, e não apenas isso, mas ditando regras de consumo: qual é o brinquedo do momento e como a criança deve brincar; quem pode ou não fazer parte do grupo. Além disso, muitos trazem a mensagem entre linhas de como é fácil adquirir qualquer coisa, onde, não importando o enredo, os personagens sempre tem a seu alcance muito do que necessitam materialmente sem muitos ou nenhum percalço.

Frente a isso, observamos o desenvolvimento do pequeno consumidor, participante de muitos ambientes sociais, dentre os quais, destacamos a escola, aonde deve ser possível e consciente um trabalho com o estudante de hoje, a saber, um ser que está em processo de humanização, e desta humanização participa o *ser consumista*. Costa, levanta a questão da possibilidade ou não de se educar esse novo perfil de estudante. “enfrentar o consumismo e educar o consumidor-cidadão. Será isso possível?” (COSTA, 2009, p. 78).

Logo, não se pode desconsiderar a criança e o adolescente em seu ser consumidor; a escola deve adequar-se aos novos tempos, levando em consideração a educação financeira como necessária para o crescimento de seus estudantes,

“[...] pode-se dizer que a educação financeira, é uma forma de estar aberto ao processo constante de aprendizagem, desenvolvendo a capacidade integral do ser humano, com o objetivo de tomar decisões e tornar-se responsável pelos próprios atos oriundos do dinheiro, para viver bem e equilibradamente.” (ABUD, 2010, p. 33).

Permitir questionamentos, proporcionar temas e vivências para se ter uma vida financeira saudável, abrem portas e sensibilizam atitudes relacionadas a gastos diários, necessidades reais e importantes a curto e longo prazo.

Com projetos nas escolas, a criança e o adolescente podem aprender que o ter, requer planejamento e responsabilidade. Um projeto bem elaborado pela equipe de professores, de forma democrática, não imposto, mas gerado na própria necessidade percebida pelos professores, no qual sabem aonde querem chegar, oportuniza questionamentos como: - Qual a importância de determinado produto para mim?, - Ne-

cessito dele?, - Ele é de qualidade, ou seja, durará?, - Vai gerar desperdício?. Para tanto, o professor deve planejar.

Não apenas implantar determinado projeto de educação financeira que deu certo nesta ou naquela escola, neste ou naquele município, mas de acordo com [Piletti](#), o professor deve considerar sua clientela, ter clareza de seus objetivos e métodos utilizados, ter consciência do número de aulas disponíveis e de que forma avaliará os estudantes. “Através de uma variedade de métodos, recursos e procedimentos, o professor procurará criar uma situação favorável a aprendizagem.” ([PILETTI, 1997](#), p. 45).

Desse processo dinâmico de ensino, faz parte a compreensão do real significado do dinheiro. Ele tem haver com a mais valia da qual Marx já falava, participe de um processo econômico social, que ao longo do tempo continua submetido as relações da qual faz parte, ao mesmo tempo em que submetemos à suas regras. Segundo [Tamer \(1988, p. 18\)](#), o dinheiro tem um valor intrínseco, “[...] não vale o que é fisicamente”, logo, tem haver com cultura, produção social.

Sendo a escola, uma instituição social, necessita trabalhar frente a esse assunto, pois participando da formação de cidadãos, pode proporcionar um crescimento saudável do estudante em relação à sua futura, e desde já iniciada saúde financeira; isso não quer dizer que a família está isenta desta responsabilidade, ao contrário, é esta a primeira responsável, onde a criança e o adolescente podem ter uma boa ou má impressão do que é o dinheiro e como relacionar-se com este.

[Cerbasi](#) defende que os filhos sejam encorajados por seus pais à participarem da construção e controle do orçamento doméstico. “Essa é uma forma bastante eficiente de praticar a educação financeira em casa, pois estimula os filhos a adotarem decisões financeiras mais maduras” ([CERBASI, 2009](#), p. 43–44).

Na família, desde pequeno, uma forma de ensino que passa por gerações é o cofre de brinquedo, onde a cada moeda guardada, um novo sonho se idealiza. A criança aprende a poupar, valorizando o bem adquirido, porém isso não é o suficiente.

Educar financeiramente requer constante dedicação, não termina quando esta enche seu pote de moedas, nem quando separa roupas e brinquedos para um bazar beneficente, o qual, muito em voga, demonstra outra faceta do consumismo: a isenção da culpa do gasto extra (“doei meus brinquedos velhos, agora posso comprar novos”). Educar é uma constante da qual o diálogo é um poderoso aliado. “O diálogo desenvolverá o bom senso e, com o tempo, o filho mesmo fará opções mais bem pensadas economicamente.” (DE NUCCIO; DANA, 2014, p. 141).

Mesmo sendo participantes de um momento tecnológico em que cada vez mais o diálogo se resume a fotos compartilhadas e recados eletrônicos, o “olho no olho” é imprescindível para o relacionamento familiar; é imprescindível para termos real percepção do meio em que estamos, como nos relacionamos com este e o transformamos.

A vida moderna nesse século não tira as obrigações de cuidados com o meio ambiente e vida saudáveis, requer planejamento das famílias, atribuições e atos responsáveis. Pequenas atitudes se tornam relevantes no dia a dia: uma simples horta no quintal de casa, economia da água, o reuso de materiais, permite a práxis tão necessária para de fato ocorrer educação financeira.

Quando a família gasta o que não tem, na necessidade de fazer parte do mundo, onde atitudes como lembrancinha do nascimento do filho, álbum de casamento, televisão de no mínimo 30 polegadas, material para os filhos de determinada marca, tornam-se assuntos inquestionáveis, mesmo quando

o poder econômico da família não o permita, a probabilidade é grande para o endividamento.

A conclusão a que muitas famílias chegam com o passar dos anos, é que nunca se tem nada, gasta-se tudo; muitos não conseguem poupar, não conseguem adquirir bens à vista, apenas através do parcelamento, o que arrisca a família contrair mais dívidas. Nesse ponto, percebe-se a importância da educação financeira como forma de prevenção às futuras gerações.

Não é comum em nossa cultura, um número significativo da população brasileira que se prepare para a aposentadoria, para o tempo da universidade, para eventuais circunstâncias de dificuldade econômica. A criança crescendo nesse meio, sem planejamento financeiro, (isso porque tudo que ela pede de algum jeito lhe é concedido, diante da correria dos pais, falta de tempo), permite um relacionamento conturbado com o dinheiro, onde muitas vezes o sentido da vida acaba repousando em atividades permeadas pelo gasto: compras e passeios em shoppings. De acordo com [ARENDT](#):

“as horas vagas do *animal laborans*¹ jamais são gastas em outra coisa senão em consumir; e, quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são os seus apetites. O fato de que estes apetites se tornam mais refinados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida, não altera o caráter desta sociedade.” ([ARENDT](#), 2003, p. 146).

¹ A autora assim se refere ao homem atual que produz não apenas para garantir seu sustento, mas para ter abundância e poder consumir rapidamente, dando lugar a novos produtos que também serão consumidos na mesma intensidade, onde é necessário a alienação de todo um processo da produção humana, transformando a sua ação em fragmento de um trabalho.

Por que não alteraria seu caráter? Ora, porque esta, já é uma sociedade consumista. Apenas o seu foco de consumo muda.

Somando a isso, temos um crescente número de escolas, particulares ou públicas que oferecem período integral, aumentando assim, a responsabilidade da escola frente à saúde financeira de seus estudantes, já que estes passam mais tempo sob seus cuidados. Mas dizer que a educação financeira dessas crianças depende unicamente da escola ou de seus pais, é um erro. A responsabilidade é da família e também pertence à escola, e para haver sucesso é necessário um trabalho em parceria. Sobre o sistema educacional e a participação dos pais, assinala [SCHÄFER](#):

“Nosso sistema educacional não é capaz de nos oferecer respostas a questões essenciais, como “Como posso levar uma vida feliz?” e “Como posso ficar rico?”. Na escola ninguém nos ensina como ganhar nosso primeiro milhão. De quem deve ser essa tarefa? Dos nossos pais? A maioria de nós não tem pais ricos, portanto qualquer conselho deles sobre riqueza provavelmente será inadequado. Como se não bastasse, a nossa sociedade estimula o consumismo e nossos amigos e colegas não são de grande ajuda nesse sentido.” ([SCHÄFER, 2015](#), p. 17).

Refletindo sobre o questionamento levantado “de quem deve ser essa tarefa?”, reafirmamos que deve ser da escola com a família, em colaboração, porém não perdendo-se de vista o objetivo central de cada uma, e neste, seu papel.

Para entendermos melhor uma clientela específica, é preciso conhecê-la em seu espaço físico, dinâmicas em que está inserida e, neste caso, a renda média familiar. Para compreender melhor esse contexto, o presente trabalho se propôs em

buscar a realidade por meio de pesquisa de campo e consubs-tâncias a pesquisa e análise expostas até esse ponto.

A escola, em que 89 estudantes de turmas do 5º ano do ensino fundamental, foram analisados através de pesquisa de campo, está localizada na divisa entre Curitiba, Almirante Tamandaré e Colombo. Essa posição geográfica propicia um grande número de alunos que atravessam municípios para estudar. Um fator importante para a escolha dessa escola pelos pais, está nesta ser integral, oferecendo atividades de classe e extraclasse, bem como alimentação.

A pesquisa aplicada baseou-se em como os alunos gastam e entendem seus gastos, através de perguntas diretas.

De acordo com esta, a maioria dos estudantes entrevistados desejam ter um tênis novo, entre as escolhas de um celular, brinquedo ou tênis. Analisando os resultados, a maioria marcou saber do produto desejado através da televisão, o que constata a influência dos meios de comunicação na vida da criança. Nesse sentido, faz-se presente a necessidade de um trabalho educativo, vindo de encontro ao que a mídia define como o certo, para que a criança possa de fato, começar a entender seu desejo.

Continuando a análise da pesquisa, apesar da influência constante dos meios de comunicação percebida, a maioria não ficaria triste ao não ter o que desejou. Sabendo que a clientela entrevistada é composta de crianças de classe média baixa, o não ficar triste compreende apenas, o não ter algo a mais, não vinculado às necessidades básicas.

Todos os entrevistados são crianças que, ora mais, ora menos, apresentam *cuidadores* (a(s) pessoa(s) responsável(eis) pela criança e ou adolescente), tendo em vista a grande variedade de constituições familiares e situações em que o responsável legal pode não ser aquele que no momento esteja cuidando da criança por motivos variados tais como: doença,

viagem a trabalho, constituição de nova família, aonde a criança permanece por certo tempo com outros membros da família. Todas as crianças celebram datas comemorativas como aniversário, Páscoa e Natal, nas quais recebem dinheiro e ou presentes de boa qualidade.

Quando mais de 50% das crianças revelaram ter ganhos, fica claro o contato desta faixa etária com o dinheiro, e nas conversas em sala isso se confirma, ao percebermos em suas falas o uso de palavras como parcelar e à vista.

A mesma quantidade, ou seja, mais de 50% afirmaram guardar dinheiro, o que aconteceu também com o entendimento do que é poupar, quando a maioria disse tratar-se de gastar o necessário, seguido de menos de 20% que acredita que poupar é guardar todo o dinheiro.

Apenas 2% dos entrevistados marcaram que poupar significa não gastar. Observando as respostas dadas no geral, percebemos que já ocorre um trabalho junto a essas crianças no que diz respeito ao dinheiro.

Diretamente constatamos que esse trabalho ocorre de maneira constante quando estão estudando em Matemática, valores monetários, onde os professores em sua maioria, sempre abordam assuntos ligados ao cotidiano dos alunos. Esporadicamente, ocorrem projetos ligados ao dinheiro, onde utiliza-se muito a colaboração para juntar-se determinada quantia de moedas que será futuramente utilizada pela turma.

Apesar dessas frentes relacionadas à educação financeira, esse trabalho não deve ter fim; o que tem fim é este ou aquele projeto, possibilitando a criação de novos projetos onde o acerto e o erro devem ser percebidos, para possibilitar de fato um desenvolvimento nesse sentido.

Entendemos que a questão da educação financeira, pode estar presente em todos os componentes curriculares, para

além do componente Matemática. Quando estudamos em História, fatos que apresentam o lucro como fator decisivo para um acontecimento histórico, como é o caso da mão de obra negra escravizada, ou recorremos a uma notícia de jornal que aponta os gastos do governo, com a intenção de trabalharmos esse gênero textual, ou ainda, estudando sobre os povos indígenas, entendemos que a arte marajoara, hoje gera lucro, pois a cultura que se encerra ali é valorizada, temos a possibilidade de entender o valor do dinheiro e como esse valor é culturalmente construído.

Além disso, quando propomos ao aluno pensar em Língua Portuguesa, na questão do crescente consumismo no mundo através de um infográfico, interdisciplinar ao conteúdo: história do dinheiro, que está estudando em Matemática, por exemplo, estamos nos valendo da interdisciplinaridade para favorecer uma aprendizagem mais contextualizada, o que gera maior aproveitamento e interesse por parte do aluno.

CONCLUSÃO

Na busca de um breve diagnóstico da realidade do perfil do aluno consumidor, foi aplicado um questionário a um grupo específico e delimitado por questões sociais, econômicas e culturais.

Ressalta-se que antes mesmo do presente trabalho ser desenvolvido, já concluía-se da importância da educação financeira na formação educacional, contudo, faz-se necessário, constantemente, avaliar o momento e perspectivas atuais, para a sociedade formadora investir seus esforços na melhoria constante do perfil dos consumidores, que aqui ganharam atenção.

O entendimento que os alunos apresentaram frente ao tema, estimula o professor a ir mais longe ao aprofundar o trabalho, com análise de dados, ampliação vocabular, cálculos, interpretação do gênero propaganda e seus apelos, público-alvo, desenvolvendo assim, um olhar mais atento e opinativo, que possibilite ao estudante a argumentação, necessária ao desenvolvimento do senso crítico, base para o cidadão tornar-se pleno.

A educação financeira é algo possível e necessário, para além das fronteiras de qualquer país, porque ser saudável financeiramente é uma necessidade global, que possibilita ao homem, crescimento.

Os resultados apresentados demonstram que o estudante sabe algo sobre o dinheiro, não está alienado em relação a este, faz uso e pensa em algumas questões ligadas ao gasto, porém é necessário um trabalho que possibilite a este aluno, não apenas saber falar superficialmente, mas ter algo contundente a dizer, sentir-se parte da dinâmica que envolve o dinheiro e que é envolvida por este.

Com este trabalho alcançamos um olhar mais atento à educação financeira dentro da escola, atentando para o comportamento do estudante como consumidor e possível consumista. Ao reafirmarmos que o estudante é um ser consumista, estamos sedimentando o pensamento de que novas práticas podem e devem ser pensadas para um novo ser que se desenvolve no atual momento global.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, Criador da vida e do livre-arbítrio, este que nos possibilita querer ser melhores não apenas nas finanças, mas em toda extensão de nossas vidas.

Um obrigado sincero à Prefeitura Municipal da Educação, que visiona profissionais capacitados e nos oportunizou participar do Projeto EduPesquisa (2014/2015).

Reconhecendo seu valor profissional em nossa trajetória, somos agradecidas ao professor-orientador Dornelles Visotto Junior, que insistiu na necessidade de sermos saudáveis financeiramente.

Agradecemos nossa orientadora Gislaine Cunha Vasconcelos de Mello, pelo carinho e atenção recebidas. Sua orientação nos trilhou na conclusão da nossa pesquisa.

Ainda agradecemos à instituição UFPR, que nos acolheu tanto em seu espaço físico, quanto em seu espaço intelectual.

E por fim, um muito obrigada à nossos esposos, cedentes de um tempo em que estaríamos juntos.

REFERÊNCIAS

ABUD, F. *Como lidar com dinheiro: dicas para uma educação financeira*. São Paulo: Idea Editora, 2010. Citado na página [340](#).

ARENDT, H. *A condição humana*. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Citado na página [343](#).

CERBASI, G. *Como organizar sua vida financeira*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. Citado 2 vezes nas páginas [160](#) e [341](#).

COSTA, M. V. *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Citado na página [340](#).

DE NUCCIO, D.; DANA, S. *Seu bolso: como organizar sua vida financeira, evitar armadilhas e juntar mais dinheiro*. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. Citado na página [342](#).

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979. Citado na página 338.

ISOTON, I. A. *Educar para a independência financeira*. Francisco Beltrão – PR: [s.n.], 2008. (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1954-6.pdf>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

OLIVEIRA, I. B. Docência na educação básica: saberes, desafios e perspectivas. *Contrapontos*, v. 9, n. 3, p. 18–31, Set.–Dez. 2009. Nenhuma citação no texto.

PILETTI, C. *Didática Geral*. 21^a. ed. São Paulo: [s.n.], 1997. (Educação). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1954-6.pdf>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Citado na página 341.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 2^a. ed. São Paulo: [s.n.], 1991. v. 40. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 40). Citado na página 337.

SCHÄFER, B. *O caminho para a liberdade financeira*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015. Citado na página 344.

TAMER, A. *Os caminhos do dinheiro*. São Paulo: [s.n.], 1988. Citado 2 vezes nas páginas 338 e 341.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1975. Citado na página 339.

Parte V

Referências
Consolidadas

REFERÊNCIAS CONSOLIDADAS

ABUD, F. *Como lidar com dinheiro: dicas para uma educação financeira*. São Paulo: Idea Editora, 2010. Citado na página [340](#).

AKATU. *O que é consumo consciente*. 2015. Disponível em: <<http://www.akatu.org.br/>>. Acesso em: 15 Fev. 2015. Citado na página [62](#).

ALBUQUERQUE, F. *Número de consumidores inadimplentes atinge recorde de 57 milhões no país*. 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-08/numero-de-consumidores-inadimplentes-e-recorde-e-chega-57-milhoes-no-pais>>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas [185](#) e [187](#).

ALMEIDA, M. d. Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Ed.). [S.l.]: EDIPUCRS, 2004. cap. Seguindo pressupostos da pesquisa na aula expositiva. Nenhuma citação no texto.

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994. Citado na página [264](#).

AMARA, G. P.; ROSSETI, H. J. Educação matemática financeira: construção do conceito de moeda nos últimos anos do ensino fundamental público. In: UEL. *Anais do XVI EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática*. Londrina, 2012. ISSN 2237–8448. Citado na página [66](#).

AMARO, M. Armadilhas do comércio: Conheça as estratégias usadas por profissionais de marketing para induzir o consumidor a comprar mais e tente não se deixar levar por

elas. *Especial Você S/A*, São Paulo, n. 24, p. 36–38, Jan. 2015. Edição Especial Organize suas Contas. Citado na página 286.

AQUINO, Y. *Proposta em tramitação no Congresso inclui educação financeira no currículo escolar*. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/05/proposta-em-tramitacao-na-camara-inclui-educacao-financeira-no-curriculo-escolar>>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página 233.

ARENDT, H. *A condição humana*. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Citado na página 343.

ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL (AEF BRASIL). *Educação Financeira nas Escolas: Ensino Fundamental e Médio*. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas/>>. Acesso em: 11 Mai. 2015. Citado na página 280.

BALLEJO, C. C.; KROETZ, K. Imposto de importação: uma proposta de educação financeira no ensino fundamental. In: *Anais do XIX EREMATSUL – Encontro Regional de Matemática da Região Sul*. Santa Maria: [s.n.], 2013. Citado na página 61.

BANCO DO BRASIL (BB). *Educação Financeira: Bate-bola financeiro*. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.bancodobrasil.batebolafinanceiro.com.br/>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 223.

BANDEIRA, H. M. M. Formação de professores e prática reflexiva. In: *IV Encontro de Pesquisa*. [S.l.: s.n.], 2013. Citado 3 vezes nas páginas 109, 114 e 115.

BARBOSA, L. M. S. *Temas Transversais: O que são? Como utilizá-los na prática educativa?* Curitiba: [s.n.], 2006. Citado na página 198.

BARROS, C. A. R. d. *Educação Financeira e Endividamento*. Dissertação (Mestrado) — Escola Superior de Administração, Direito e Economia ESADE-FADERGS, Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <[http:// biblioteka.fadergs.edu.br/TCC_CarlosAugustoBarros_2009.pdf](http://biblioteca.fadergs.edu.br/TCC_CarlosAugustoBarros_2009.pdf)>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 178, 179, 181 e 315.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. Citado na página 28.

BIANCHINI, E. *Matemática*. 7ª. ed. São Paulo: ONU, 2011. Citado na página 65.

BIGODE, A. J. L. *Matemática hoje é feita assim - 8ª série*. São Paulo, SP: FTD, 2000. Nenhuma citação no texto.

BM&F BOVESPA (BOVESPA). *Educação Financeira: História do dinheiro*. São Paulo, 2013. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qh4Vn0I1R6w>>. Acesso em: 11 Jun. 2015. Citado na página 86.

BM&F BOVESPA (BOVESPA). *Educação Financeira: Turma da Bolsa*. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/educacional/educacao-financeira/turma-da-bolsa/apresentacao/>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 223.

BONJORNO, J. R.; BONJORNO, R. A.; OLIVARES, A. *Matemática fazendo a diferença*. 1ª. ed. São Paulo, SP: FTD, 2006. Coleção: livro da 5ª série. Nenhuma citação no texto.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 35ª. ed. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 1988. Atualizada em 2012. Citado 2 vezes nas páginas [112](#) e [284](#).

BRASIL. *Lei nº 8.078*: Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências, publicada em diário oficial da união, em 12 de setembro de 1990. Brasília, 1990. Citado 4 vezes nas páginas [284](#), [285](#), [286](#) e [287](#).

BRASIL. *Lei nº 12.291*: Torna obrigatória a manutenção de exemplar do código de defesa do consumidor nos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, publicada em diário oficial da união, em 21 de julho de 2010. Brasília, 2010. Citado na página [285](#).

BRASIL. CAIXA ECONÔMICA FEDERAL (CAIXA). *Educação Financeira*.: Guia CAIXA para uma vida melhor. Brasília, 2015. Vol. II. Citado na página [101](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (MEC/CNE). *Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006*.: Diretrizes Curriculares Nacionais. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado na página [84](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado 3 vezes nas páginas [53](#), [205](#) e [233](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (MEC/SEF). *Diretrizes*

Curriculares Nacionais: Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998. Vol. I, II e III. Citado na página 61.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Resolução nº 3.517*: Dispõe sobre a informação e a divulgação do custo efetivo total correspondente a todos os encargos e despesas de operações de crédito e de arrendamento mercantil financeiro, contratadas ou ofertadas a pessoas físicas. Brasília, 2007. Citado na página 284.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira*: O Programa de Educação Financeira do Banco Central. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?BCEDFIN>>. Acesso em: 01 Fev. 2015. Citado na página 279.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Caderno de Educação Financeira*: Gestão de finanças pessoais. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://cidadaniafinanceira.bcb.gov.br/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 111 e 177.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Resolução nº 4.197*: Dispõe sobre medidas de transparência na contratação de operações de crédito, relativas à divulgação do custo efetivo total (CET). Brasília, 2013. Citado na página 284.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira*.: Calculadora do cidadão. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/calculadora/calculadoracidadao.asp>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Citado na página 135.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Educação Financeira: FAQ – empréstimos consignados*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CONSIGNADOFAQ>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

BRASIL. MINISTÉRIO DA FAZENDA. COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). *Educação Financeira: Guia CVM de Planejamento Financeiro*. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/guiafinanceiro/>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). *Lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981.*: Política nacional do meio ambiente. Brasília, 1981. Citado na página [62](#).

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). *Responsabilidade Socioambiental: Consumo Sustentável*. Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/ conceitos/consumo-sustentavel](http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/conceitos/consumo-sustentavel)>. Acesso em: 05 Fev. 2015. Citado na página [62](#).

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. *Financial literacy: an overview of practice, research, and policy*. [S.l.], 2002. Citado na página [298](#).

BUENO, L. L. B. *Educação financeira e o processo de desenvolvimento econômico do país*. Monografia — Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, 2010. Citado na página [308](#).

CABRAL, B. B. *Educação Financeira: O primeiro passo para consumo consciente*. *Acadêmico Mundo Multidisciplinar*,

Salvador, BA, Ano I, n. 2, Out. 2013. Citado 2 vezes nas páginas [282](#) e [315](#).

CALDAS, S. *Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no Dia das Crianças*. 2011. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/posts/2011/outubro/pais-e-maes-enfrentam-o-consumismo-infantil-no-dia>>. Acesso em: 25 Jan. 2015. Nenhuma citação no texto.

CALHAU, L. B. *7 Lições de Educação Financeira*. 2015. Disponível em: <<http://educacaofinanceiraparatodos.com/7-licoes/>>. Acesso em: 10 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas [281](#) e [282](#).

CALHAU, L. B. *Endividamento das Famílias no Brasil já é uma Epidemia Social*. 2015. Disponível em: <<http://educacaofinanceiraparatodos.com/endividamento-das-familias-2/>>. Acesso em: 10 Mai. 2015. Citado 3 vezes nas páginas [277](#), [278](#) e [282](#).

CAMARGO, S. *Especialista ensina como dar mesadas para os filhos, conforme a idade*. 2013. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2013/10/11/14-dicas-de-como-dar-mesada-aos-filhos-e-educa-los-financeiramente.htm>>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página [232](#).

CANALKIDS. *Bankkids: o banco da criança*. 2014. Disponível em: <<http://www.canalkids.com.br/bankkids/index2.htm>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página [223](#).

CARNEIRO, M. A. *LDB fácil leitura crítico-compreensivo, artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Citado na página [113](#).

CENTRO DE CIÊNCIA DO SISTEMA TERRESTRE (INPE); REDE CLIMA (MCTI); INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA MUDANÇAS CLIMÁTICAS (INCT). *Teste Sua Pegada Ecológica*. São José dos Campos, 2012. Disponível em: <<http://www.suapegadaecologica.com.br/>>. Acesso em: 15 Abr. 2015. Citado na página 65.

CERBASI, G. *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente, 2004. Citado 2 vezes nas páginas 250 e 325.

CERBASI, G. *Como organizar sua vida financeira*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. Citado 2 vezes nas páginas 160 e 341.

CERBASI, G. *Educação financeira não é prioridade*. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2106201019.htm>>. Acesso em: 10 Jan. 2015. Nenhuma citação no texto.

CERBASI, G.; SOUSA, M. de. *Descobrimo o valor das coisas: o guia de educação financeira para pais e professores ensinarem as crianças brincando*. São Paulo: Gente, 2012. Citado na página 266.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. Citado na página 309.

CHARLOT, B. *Relações com o saber, formação dos professores e globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2005. Citado na página 114.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. d. S. B. *Finanças pessoais conhecer para enriquecer!* São Paulo: Atlas, 2010. Citado na página 325.

CLAUDINO, L. P.; NUNES, M. B.; SILVA, F. C. d. Finanças pessoais: um estudo de caso com servidores públicos. In: *XII SEMEAD – Seminários em Administração*. Universidade de São Paulo: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/724.pdf>>. Acesso em: 11 Jun. 2015. Citado na página 82.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Advancing National Strategies for Financial Education: Brasil: Implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira*. Brasília, 2013. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educao_Financeira_ENEF.pdf>. Acesso em: 03 Mai. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 109, 111 e 113.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio: Livro do Professor*. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado 4 vezes nas páginas 214, 263, 284 e 290.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio: Livro do Aluno*. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 263.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). *Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio: Cadernos do Aluno*. 1ª. ed. Brasília, 2013. I, II e III. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 263.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). *Economia: Endividamento das famílias aumentou em março de 2015, aponta Peic*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/noticias/economia/endividamento-das-familias-aumentou-em-marco-de-2015-aponta-peic>>. Acesso em: 24 Abr. 2015. Citado na página 179.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (ONU). *Agenda 21: Mudança dos Padrões de Consumo*. [S.l.], 1992. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado na página 62.

CORDEIRO, J. de A. *Mulher: A bomba atômica que explodiu o homem e implodiu a sociedade*. São Paulo: Buqui, 2016. ISBN 8583382425. Citado na página 143.

CORDIOLLI, M. *Para entender os PCN: os temas transversais*. Curitiba: Módulo, 1999. Citado na página 204.

COSTA, M. V. *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Citado na página 340.

CRUZ, M. S. *Está Endividado ou Superendividado? Conheça seus Direitos!* 2012. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/22628/esta-endividado-ou-superendividado-conheca-seus-direitos>>. Acesso em: 02 Abr. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 278 e 283.

CURITIBA. *Plataforma Leis Municipais*. 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/>>. Acesso em: 30 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

CURY, A. *Inteligência socioemocional: a formação de mentes brilhantes*. São Paulo: Escola da Inteligência, 2001. Citado na página 265.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação matemática: da teoria à prática*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. Citado na página 50.

D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1998. Citado 3 vezes nas páginas 54, 55 e 56.

D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática - elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009. Citado 3 vezes nas páginas 51, 54 e 55.

D'AQUINO, C. *O que é educação financeira*. 1996. Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/513>>. Acesso em: 11 Mar. 2015. Citado na página 61.

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: Como educar seu filho*. Rio de Janeiro: Elsevier – Campus, 2007. (Coleção Expo Money). Citado 4 vezes nas páginas 144, 249, 265 e 267.

D'AQUINO, C. *Educação Financeira: 4 pontos principais*. 2008. Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/469>>. Acesso em: 14 Abr. 2015. Citado na página 236.

D'AQUINO, C. *A importância da educação financeira*. 2013. Disponível em: <<http://www.educacaofinanceira.com.br>>. Acesso em: 17 Dez. 2014. Citado na página 147.

DE NUCCIO, D.; DANA, S. *Seu bolso: como organizar sua vida financeira, evitar armadilhas e juntar mais dinheiro*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. Citado na página 342.

DEPRESBITERIS, L. A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. (Ed.). [S.l.]: RiMa, 2006. cap. Avaliação da Aprendizagem na Educação Ambiental – uma Relação Muito Delicada, p. 1–12. Citado na página 70.

DOMINGOS, R. *Terapia Financeira*. São Paulo: Nossa Cultura, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 144 e 307.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: uma antropologia do consumo*. [S.l.]: UFRJ, 2004. Citado na página 183.

DOUTÍSSIMA, R. a. *Conheça os benefícios ao abordar a educação financeira para crianças*. 2014. Disponível em: <<http://doutissima.com.br/2014/09/28/conheca-os-beneficios-ao-abordar-educacao-financeira-para-criancas-14656689/>>. Acesso em: 14 Fev. 2015. Citado na página 175.

EWALD, L. C. *Sobrou Dinheiro! Lições de economia doméstica*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Citado na página 249.

FABOZZI, F. J. *Mercados, análise e estratégias de bônus*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004. Citado na página 160.

FARINHAS, A. C. *Cura! Há solução para sua vida financeira*. 1ª. ed. Curitiba: Editora inVerso, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 96 e 97.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ (FIEP). *Sombra do Imposto*: Cartilha. Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.fiepr.org.br/sombradoimposto/cartilhas-1-14466-135007.shtml>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

FRANKENBERG, L. *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Citado 4 vezes nas páginas 144, 147, 178 e 180.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979. Citado na página 338.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987. Citado na página 80.

FREIRE, P. *Pedagogias da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Citado 4 vezes nas páginas 82, 95, 96 e 115.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1998. Citado 2 vezes nas páginas 79 e 82.

GADOTTI, M. Pedagogia da terra e cultura da sustentabilidade. *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, 2002. Citado na página 207.

GAGGINI, F. S. *Ao assumir dívidas, atenção para o CET (Custo Efetivo Total)*. 2012. Disponível em: <<http://www.blogeducacaofinanceira.com.br/2012/12/ao-assumir-dividas-atencao-para-o-cet-custo-efetivo-total>>. Acesso em: 29 Mai. 2015. Citado na página 283.

GAGGINI, F. S. *Educação Financeira na proposta de reforma do Código de Defesa do Consumidor*. 2012. Disponível em: <<http://www.blogeducacaofinanceira.com.br/2012/4/educacao-financeira-na-proposta-de-reforma-do-codigo-de-defesa-do-consumidor/>>. Acesso em: 29 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 289 e 290.

GENTILLI, P.; MCCOWAN, T. *Reinventar a escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Citado na página 113.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Citado na página 181.

GIOVANNI JR., J. R. *A Conquista da Matemática*. São Paulo: Editora FTD, 2012. (8º ano). Citado na página 65.

GOBI, A. *O consumismo exagerado e seus riscos*. 2013. Disponível em: <<https://oestadorj.com.br/o-consumismo-exagerado-e-seus-riscos/>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 143.

HAMZE, A. *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos*. 2015. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/e214>>. Acesso em: 20 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 78 e 79.

HSBC INSURANCE HOLDINGS LIMITED. *O Futuro da Aposentadoria: Uma nova realidade*. London, 2013. Reproduzido com a permissão de O Futuro da Aposentadoria, publicado em 2013 por HSBC Insurance Holdings Limited, Londres. Disponível em: <http://www.hsbc.com.br/1/PA_esf-ca-app-content/content/documentos/sobre-o-hsbc/im-prensa/press-releases/pdf/futuro-da-aposentadoria-brasil.pdf>. Acesso em: 16 Mai. 2015. Citado na página 326.

ISOTON, I. A. *Educar para a independência financeira*. Francisco Beltrão – PR: [s.n.], 2008. (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1954-6.pdf>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Nenhuma citação no texto.

KARSAKLIAN, E. *Comportamento do consumidor*. São Paulo: Atlas, 2000. Citado na página 32.

KERN, D. T. B. *Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública*. Dissertação

(Mestrado) — Centro Universitário Univates. Curso de Ensino de Ciências Exatas, Lajeado, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/87>>. Citado na página 83.

KIYOSAKI, R. T. *Pai Rico: o poder da educação financeira*. [S.l.]: Elsevier, 2011. Tradução: Eliana Bussinger. Citado 3 vezes nas páginas 175, 216 e 217.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. *Pai Rico, Pai Pobre: : O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 66ª. ed. [S.l.]: Elsevier - Alta Books, 2000. Tradução: Maria Monteiro. Citado 4 vezes nas páginas 159, 251, 264 e 308.

LIGOCKI, C. S. o. L.; IUNES, S. M. S. *Ajude seu filho a usar, gerar e ter dinheiro*. 1ª. ed. Brasília: Omni, 2013. Citado 2 vezes nas páginas 231 e 250.

LIMEIRA, T. M. V. *Comportamento do consumidor brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2008. Citado na página 32.

LINN, S. *Crianças do consumo: a infância roubada*. São Paulo: Instituto Alana, 2006. Tradução: Cristina Tognelli. Citado na página 33.

LUCCI, C. R. et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: IX SEMEAD - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO USP. São Paulo: USP, 2006. Citado na página 315.

MAIA, E. *A reforma do ensino médio em questão*. São Paulo: Editora Biruta, 2000. Citado na página 52.

MARITNS, J. P. *Educação Financeira ao alcance de todos: adquirindo conhecimentos financeiros em linguagem simples*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004. Citado 4 vezes nas páginas 215, 216, 217 e 218.

MARTINS, M. H. P. *O prazer das compras: O consumismo no mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 2007. Citado na página 199.

MASSARO, A. *Money fit. O método para criar riquezas e manter a boa forma financeira*. São Paulo: Idéia e Ação, 2010. Nenhuma citação no texto.

MATTA, R. O. B. *Oferta e demanda de informação financeira pessoal: O Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os Universitários do Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília. Ciência da Informação, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5293>>. Citado na página 325.

MAXPRESS. *Pesquisa da Accenture mostra que consumo de eletrônicos é maior entre os brasileiros em comparação com oito países*. 2011. Disponível em: <https://www.maxpress.com.br/Conteudo/4,408439,Pesquisa_da_Accenture_mostra_que_consumo_de_eletronicos_e_maior_entre_os_brasileiros_em_comparacao_com_oito_paises_,408439,2.htm>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 142.

MODERNELL, A. *Por que educação financeira para crianças*. 2011. Disponível em: <<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em: 18 Mai. 2015. Citado na página 69.

MOREIRA, R. C.; CARVALHO, H. I. F. S. As finanças pessoais dos professores da rede municipal de ensino de campo formoso- ba: Um estudo na escola josé de anchieta. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, v. 3, Jan.–Abr. 2013. Citado na página 111.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 4ª. ed. Londrina: Midiograf, 2006. Citado na página 111.

NETO, B. C. *Consumo para obtenção de status: estudo empírico entre meninas pré-adolescentes de São Luís do Maranhão*. Monografia — Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - Fundação Getúlio Vargas, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4068>>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado na página 183.

NICÁRIO, A. *Educação financeira para crianças e adolescentes*. 2011. Disponível em: <http://istoe.com.br/156745_EDUCACAO+FINANCEIRA+PARA+CRIANCAS+E+ADOLESCENTES/>. Acesso em: 17 Dez. 2014. Nenhuma citação no texto.

OLIVEIRA, I. B. Docência na educação básica: saberes, desafios e perspectivas. *Contrapontos*, v. 9, n. 3, p. 18–31, Set.–Dez. 2009. Nenhuma citação no texto.

OLIVEIRA, R. S. O. *Educação Financeira em sala de aula na perspectiva da etnomatemática*. Monografia — Faculdade de Ciências UNESP - Graduação em Pedagogia, 2007. Citado 3 vezes nas páginas 235, 236 e 299.

OLIVEIRA, S. A. d. O lúdico no ensino de matemática: re-significando a prática pedagógica. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. *II Encontro da Rede de Professores, Pesquisadores e Licenciandos de Física e de Matemática*. São Carlos, 2009. Disponível em: <http://www.enrede.ufscar.br/participantes_arquivos/E6_OLIVEIRA_RE.doc_1_.pdf>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado na página 87.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Financial Educational*

Project: Economic, Environmental and Social Statistics. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado 2 vezes nas páginas 83 e 129.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 02 Jan. 2015. Citado 3 vezes nas páginas 30, 110 e 146.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *OECD Factbook 2005: Economic, Environmental and Social Statistics*. Paris, 2005. Tradução: Própria. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 04 Jun. 2015. Citado na página 307.

PAEZ, F. M.; PEREIRA, A. S. A construção filosófica do perfil docente: Reflexões necessárias à prática. In: *IV Colóquio Internacional de Educação: Educação, diversidade e ação pedagógica*. Joaçaba, SC: [s.n.], 2011. v. 1, n. 1. Citado na página 123.

PASCHOAL, J.; MACHADO, M. C. História da educação infantil no Brasil: Avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 33, p. 78–95, 2009. ISSN 1676-2584. Citado na página 29.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. *Revista Conjectura*, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>>. Acesso em: 09 Jun. 2015. Citado na página 86.

PEREIRA, D. H. et al. *A educação financeira infantil e seu impacto no consumo consciente*. Monografia — Curso de Administração, 2009. Nenhuma citação no texto.

PERETTI, L. C. *Aprenda a cuidar do seu dinheiro*. 3ª. ed. Dois Vizinhos: Impressul, 2008. Citado na página 146.

PILETTI, C. *Didática Geral*. 21ª. ed. São Paulo: [s.n.], 1997. (Educação). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1954-6.pdf>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Citado na página 341.

PINHEIRO, R. P. Fundos de pensão e mercado de capitais. In: REIS, A. O. (Ed.). São Paulo: Peixoto Neto, 2008. cap. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. Citado na página 82.

PIVA, A. L.; BORGES, P. R. S. Educação Financeira e seus benefícios. In: *VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica*. Campo Mourão. Paraná: [s.n.], 2012. Citado na página 62.

PONTE, J. P. et al. *Didáctica da matemática: Ensino secundário*. Lisboa: ME/DES, 1997. Citado 2 vezes nas páginas 50 e 51.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. SECRETARIA MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO (SMAB). *Orçamento Familiar e Economia Doméstica*. Curitiba, 2010. Citado na página 99.

PREGARDIER, A. P. *Finanças é coisa de criança: livro para pais e educadores*. Porto Alegre: [s.n.], 2014. Citado 2 vezes nas páginas 247 e 250.

QUEIROGA CARRILHO, P. *O Seu Primeiro Milhão: Como poupar e fazer o seu dinheiro crescer*. Anticrise. São Paulo: Lua de Papel, 2008. (Coleção Guru). Citado na página 176.

RAMALHO, R. *O que é Código de Defesa do Consumidor*. 2012. Disponível em: <<http://www.arcos.org.br/artigos/o-que-e-codigo-de-defesa-do-consumidor/>>. Acesso em: 28 Jan. 2015. Citado na página 284.

ROCHA, E. *Dinheiro Inteligente*. 2004. Disponível em: <<http://www.dinheirointeligente.com.br>>. Acesso em: 28 Mai. 2015. Citado na página 297.

ROSA, M.; OREY, D. C. Raízes históricas do programa etnomatemática. *Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática*, Ano 12, n. 18–19, p. 5–13, 2005. Citado na página 54.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: [s.n.], 1998. Tradução: Cláudia Schilling. Citado na página 62.

SANTOS, M. A. M. d. *Educação financeira e resolução de problemas: Contribuições para o ensino de matemática na Educação de Jovens e Adultos*. Monografia (Monografia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Matemática. Curso de Matemática: Licenciatura, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/66866>>. Citado na página 82.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 2ª. ed. São Paulo: [s.n.], 1991. v. 40. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 40). Citado na página 337.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração*

Pública, v. 41, n. 6, Nov.–Dec. 2007. Citado 6 vezes nas páginas 109, 111, 113, 146, 307 e 313.

SCARPELLI, I.; HARTLEY, C. *Consumer Electronics Ownership, Spending in Brazil Ranks Highest Among 8 Countries; Tops China, Germany and the U.S.* 2011. Disponível em: <<https://newsroom.accenture.com/subjects/interactive-marketing/consumer-electronics-ownership-spending-in-brazil-ranks-highest-among-8-countries-tops-china-germany-and-us.htm>>. Acesso em: 02 Mai. 2015. Citado na página 142.

SCHÄFER, B. *O caminho para a liberdade financeira*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015. Citado na página 344.

SILVESTRI, M. *12 meses para enriquecer*. São Paulo: Lua de Papel, 2010. Citado na página 177.

SOEK, A. M.; et al. *Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências da Natureza e Matemática*. 2009. Moodle. Curitiba: CIPEAD/UFPR. Citado na página 81.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 38, p. 49–59, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2014. Citado na página 78.

TAMER, A. *Os caminhos do dinheiro*. São Paulo: [s.n.], 1988. Citado 2 vezes nas páginas 338 e 341.

THE STORY OF STUFF PROJECT (STUFF). *The Story of Stuff with Annie Leonard: A História das Coisas com Annie Leonard* (dublado). [S.l.], 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xBCoc842FV8>>. Acesso em: 14 Abr. 2014. Citado na página 65.

TIBA, I. *Adolescentes: quem ama educa!* São Paulo: Integrare Editora, 2005. Citado na página 326.

TOLEDO, J. C. *Tendências em Educação Matemática*. São João del Rei, MG: UFSJ, 2009. Notas de aula. Nenhuma citação no texto.

TOMAZELO, M. G. C.; FERREIRA, T. R. C. Educação ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos? *Ciência & Educação*, v. 7, n. 2, p. 199–207, 2001. Citado na página 70.

VENTURA, R. *Mudanças no perfil do consumo no Brasil: Principais Tendências nos Próximos 20 anos*. 2009. Disponível em: <<http://macroplan.com.br/documentos/artigomacroplan2010817182941.pdf>>. Acesso em: 0 Mai. 2015. Citado na página 69.

VERGANI, T. *Educação etnomatemática: o que é?* Natal, RN: Flecha do Tempo, 2007. Nenhuma citação no texto.

VIANNA, C. R. História da matemática na educação matemática. In: UEL. *Anais do IV Encontro Paranaense de Educação Matemática*. Londrina, 2000. p. 15–19. Nenhuma citação no texto.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* 4ª. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002. Citado na página 86.

VIEIRA, E. G. F. *Qualidade de vida e endividamento: estilos de vida associados ao descontrole financeiro e consequências na vida pessoal e profissional*. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Ciências Empresariais - Mestrado em Administração - Universidade FUMEC, Belo Horizonte - MG, 2012. Disponível em: <<http://www.fumec.br/anexos/>

cursos/mestrado/dissertacoes/completa/ erasmo-geraldo-fonseca-vieira.pdf>. Acesso em: 05 Mai. 2015. Citado 2 vezes nas páginas [178](#) e [180](#).

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Citado na página [207](#).

VISSOTTO JR., D.; NAVARRO, F. A. M. Educação Financeira e qualidade de vida. In: *31º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*. [S.l.: s.n.], 2013. Minicurso. Citado 4 vezes nas páginas [111](#), [308](#), [309](#) e [314](#).

VITT, L. A. Consumer's financial decisions and the psychology of values. *Journal of Financial Service Professionals*, Nov. 2004. Citado na página [297](#).

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1975. Citado na página [339](#).

WOHLENBERG, T. R.; BRAUM, L. M. S.; ROJO, C. A. Finanças pessoais: uma pesquisa com os acadêmicos da Unioeste Campus de Marechal Cândido Rondon. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*, n. 38, p. 133–152, 2011. Marechal Cândido Rondon. Citado 2 vezes nas páginas [87](#) e [315](#).

Sinta-se convidado a participar do projeto Educação Financeira! Também fique livre para conhecer, estudar, alterar e redistribuir o trabalho **EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS: Uma abordagem participativa**, desde que os arquivos modificados tenham seus nomes alterados e que os créditos sejam dados aos autores originais, nos termos da licença Creative Commons².

Encorajamos que sejam realizadas customizações específicas deste documento. Porém, recomendamos que ao invés de se alterar diretamente distribua-se arquivos com as respectivas customizações.

Este texto foi composto sob a licença Creative Commons  em conformidade com Recursos Educacionais Abertos³ e o Programa Paranaense de Práticas e Recursos Educacionais Abertos (REA PARANÁ)⁴.

² <<https://br.creativecommons.org/licencas/>>

³ <<http://aberta.org.br/>>

⁴ <<http://reaparana.com.br/portal/>>